

**0 DIA
SEGUINTE**

RHIDIAN BROOK

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

RHIDIAN BROOK

O dia seguinte

Tradução de Alexandre Martins



Copyright © Rhidian Brook, 2013

TÍTULO ORIGINAL
The Aftermath

PREPARAÇÃO
Natalia Klussmann

REVISÃO
Marcela Lima

DESIGN DE CAPA
Kelly Blair

FOTOGRAFIA DE CAPA
© Fritz Cohen/Corbis

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

E-ISBN
978-85-8057-594-1

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Setembro de 1946](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Títulos relacionados](#)

Este livro é dedicado a Walter, Anthea, Colin, Sheila e Kim Brook

“E serás chamado reparador de brechas.”

Isaías 58:12

“Não parece fazer qualquer sentido — uma família em um lugar
deste tamanho.”

Memórias de Brideshead, Evelyn Waugh

SETEMBRO DE 1946

— A Fera está aqui. Eu vi. Berti viu. Dietmar viu. Com seu pelo negro como o casaco requintado de uma dama. E aqueles dentes como teclas de piano. Precisamos matá-la. Se não fizermos isso, quem fará? Os ingleses? Os ianques? Os russos? Os franceses? Nenhum deles o fará, porque estão ocupados demais procurando outras coisas. Eles querem isso e aquilo. São como cachorros brigando por um osso sem carne. Temos de agir por conta própria. Pegar a Fera antes que ela nos pegue. Então tudo será melhor.

O garoto Ozi reajustou a proteção de cabeça e liderou os outros pela paisagem pulverizada da cidade bombardeada pelos ingleses. Ele usava o capacete rígido inglês que roubara da traseira de um caminhão perto de Alster. Embora não fosse tão legal quanto o capacete americano ou mesmo o russo que tinha em sua coleção, era o que melhor se ajustava e ajudava-o a xingar em inglês quando o usava, como o sargento inglês que ele vira gritando com os prisioneiros na estação Dammtor de Hamburgo. “Ei! Levantem a porra das mãos. Eu disse levantem, porra! Coloquem onde eu possa ver. Malditos boches da porra!” Por alguns segundos, aqueles homens tinham deixado de levantar as mãos; não porque não entendessem, mas porque estavam fracos demais por falta de comida. Malditos-Boches-Da-Porra! Abaixo do pescoço as roupas de Ozi eram uma forma híbrida de necessidade inventiva em que trapos e peças finas se amontoavam: o robe de um dândi; o cardigã de uma velha empregada; a camisa sem colarinho de um avô; as calças enroladas de um miliciano amarradas com a gravata de um escrivão;

e os sapatos, gastos na ponta, de um chefe de estação ferroviária havia muito desaparecido.

Os selvagens — os brancos cujos olhos arregalados de medo eram acentuados pelos rostos sujos — seguiam seu líder por entre as pilhas de entulho. Contornando os montes de tijolos de pedra, eles chegaram a uma clareira onde a flecha cônica da torre de uma igreja estava caída de lado. Ozi ergueu a mão para deter os outros e enfiou-a dentro do robe para pegar sua Luger. Farejou o ar.

— Está lá. Posso sentir o cheiro. Conseguem sentir o cheiro?

Os selvagens farejaram como coelhos inquietos. Ozi apertou o corpo sobre a flecha decepada e esgueirou-se para a frente, na direção da ponta, a arma sacada guiando-o como uma vara de um rbdomante. Parou e bateu com ela no cone, indicando que a Fera provavelmente estava lá dentro. E então: um vislumbre de algo preto enquanto a tal coisa disparava de dentro em direção à clareira. Os selvagens se encolheram, mas Ozi avançou, assumiu posição, fechou um olho, apontou e disparou.

— Morra, Fera!

O disparo foi abafado na atmosfera pesada e sufocante, e o tilintar de um ricochete metálico enviou a mensagem de que errara o alvo.

— Você acertou?

Ozi baixou a arma e enfiou-a na cintura.

— Nós a pegaremos outro dia — disse. — Vamos procurar comida.

* * *

— Encontramos uma casa para o senhor.

O capitão Wilkins apagou o cigarro e pousou o dedo amarelado no mapa de Hamburgo preso na parede atrás de sua escrivaninha. Traçou uma linha desde o alfinete indicando seu quartel-general temporário, longe dos bairros arrasados de Hammerbrook e St. Georg, passando sobre St. Pauli e Altona, na direção do velho

subúrbio pesqueiro de Blankenese, onde o Elba desviava e desembocava no Mar do Norte. O mapa — tirado de um guia alemão anterior à guerra — não mostrava que aquelas áreas metropolitanas eram agora uma cidade fantasma feita apenas de cinzas e entulho.

— É um baita palácio junto ao rio. Aqui — disse Wilkins, seu dedo circulando a curva no final de Elbchaussee, a estrada que corre paralelamente ao grande rio. — Acho que será de seu agrado, senhor.

A palavra pertencia a outro mundo: um mundo de excedentes e conforto civil. Nos últimos meses os agrados de Lewis haviam se reduzido a uma relação simples de necessidades imediatas e básicas: duas mil e quinhentas calorias por dia, tabaco, calor. “Um baita palácio junto ao rio” de repente lhe soou como a exigência de um rei frívolo.

— Senhor?

Lewis “partira” novamente; para aquele parlamento selvagem em sua cabeça, um lugar onde, cada vez mais, ele se via em debates acalorados com colegas.

— Já não há alguém morando nele?

Wilkins não estava certo sobre como deveria responder. Seu comandante era um homem de excelente reputação com um histórico de guerra impecável, mas tinha aquelas peculiaridades, um jeito de ver as coisas de forma diferente. O jovem capitão resolveu recitar o que lera no manual:

— Essas pessoas têm parâmetros morais limitados, senhor. São um perigo para nós e para elas mesmas. Precisam saber quem está no comando. Precisam de liderança. Uma mão firme, porém justa.

Lewis anuiu e fez um gesto para que o capitão prosseguisse, economizando palavras. O frio e as calorias o haviam ensinado a racioná-las.

— A casa pertence a uma família chamada Lubert. Lu-ber-t. Com o “t” pronunciado. A esposa morreu nos bombardeios. A família dela era de figurões no comércio de alimentos. Ligações com Blohm e Voss. Também eram donos de uma série de moinhos de trigo. Herr

Lubert era arquiteto. Ainda não foi liberado, mas achamos que provavelmente é branco, ou pelo menos um tom de cinza aceitável; sem ligações diretas óbvias com os nazistas.

— Pão.

— Senhor?

Lewis não comera nada naquele dia e fizera a associação direta entre “moinho de trigo” e pão sem pensar; o pão que imaginava era mais presente, mais real que o capitão de pé junto ao mapa do outro lado da escrivaninha.

— Continue... A família — disse Lewis, fazendo um esforço para parecer estar prestando atenção, anuindo e inclinando o maxilar em uma posição inquisidora.

Wilkins continuou:

— A esposa de Lubert morreu em 1943. Na tempestade de fogo. Uma filha. Frieda, quinze anos. Eles têm uma pequena equipe: empregada, cozinheira e jardineiro. O jardineiro é um quebra-galho de primeira linha: ex-Wehrmacht. A família tem parentes com os quais pode morar. Se preferir, demitimos os empregados, ou o senhor pode ficar com eles. São bastante limpos.

O processo pelo qual os investigadores de almas da Divisão de Informações da Comissão de Controle avaliavam limpeza era o *Fragebogen*, ou questionário: cento e trinta e três perguntas para determinar o grau em que um cidadão alemão colaborou com o regime. A partir disso, eram classificados em três grupos de cores — negro, cinza e branco, com tons intermediários para aumentar a precisão — e tratados de acordo com essa classificação.

— Eles estão esperando a requisição. É só uma questão de o senhor ver o lugar e depois despejá-los. Acho que não ficará desapontado, senhor.

— Acha que eles ficarão desapontados, capitão?

— Eles?

— Os Lubert, quando eu os despejar?

— Eles não podem se dar ao luxo do desapontamento, senhor. São alemães.

— Claro. Que tolíce a minha.

Lewis deixou para lá. Mais perguntas assim e aquele jovem oficial eficiente, com seu cinto Sam Browne reluzente cruzando o peito e perneiras perfeitas, o denunciaria à psiquiatria.

Ele saiu do demasiadamente aquecido quartel-general do Destacamento Militar Britânico para o frio prematuro de um dia de final de setembro. Soprou vapor e calçou as luvas de criança que o capitão McLeod, o oficial de cavalaria americano, dera-lhe na prefeitura de Bremen no dia em que os aliados haviam anunciado as linhas divisórias da nova Alemanha. “Parece que vocês se deram mal”, dissera ele, lendo as ordens. “Os franceses ficam com o vinho, nós ficamos com a vista e vocês ficam com as ruínas.”

Lewis estava vivendo entre as ruínas havia tanto tempo que parara de notar. Seu uniforme era uma vestimenta adequada a um governador naquela nova Alemanha quadripartida — uma espécie de traje à paisana internacionalizado que, no meio da desorientação e da re-regulamentação do pós-guerra, passava despercebido.

As luvas americanas eram valorizadas, mas era seu casaco de pele de ovelha da frente russa que lhe dava mais orgulho, sua origem remontando por intermédio do americano a um tenente da Luftwaffe que, por sua vez, o tomara de um coronel capturado do Exército Vermelho. Ele muito em breve o estaria vestindo, caso o clima se mantivesse frio.

Foi um alívio se afastar de Wilkins. O jovem oficial integrava a nova brigada de funcionários públicos que fazia da Comissão de Controle, uma força inchada de homens de pranchetas que se consideravam os arquitetos da reconstrução. Poucas dessas pessoas haviam visto ação — nem ao menos um alemão — e isso lhes permitia fazer declarações e teorizar suas decisões com confiança. Wilkins seria promovido a major em pouco tempo.

Lewis tirou do casaco uma cigarreira folheada a prata e a abriu, vendo o reflexo da luz do sol em sua superfície lisa e brilhante. Ele a lustrava regularmente. A cigarreira era o único tesouro material que tinha consigo, um presente de despedida que Rachael lhe dera junto

ao portão da última casa de verdade em que haviam morado — em Amersham, três anos antes. “Pense em mim quando fumar”, fora sua instrução, e ele tentara fazer isso cinquenta, sessenta vezes por dia durante três anos; um pequeno ritual para manter viva a chama do amor. Ele acendia um cigarro e pensava nessa chama. Com a distância e o tempo, fora mais fácil fazer com que parecesse mais ardente do que era. A lembrança do amor que faziam e da carne sinuosa e macia de sua esposa o sustentara ao longo de meses frios e solitários (a pele dela parecendo ficar mais macia e curvilínea à medida que a guerra avançava). Mas ele ficara tão confortável com essa versão imaginada de sua esposa que a perspectiva iminente de realmente tocá-la e cheirá-la o perturbava.

Um esguio Mercedes 540K com uma flâmula britânica no capô parou diante dos degraus do quartel-general. A bandeira da Grã-Bretanha no espelho lateral era a única coisa que parecia deslocada. Apesar de suas associações, Lewis gostava daquele veículo, de suas linhas e do ronronar sedoso de seu motor. Era equipado como um transatlântico, e o estilo de direção ultracuidadoso de seu motorista — Herr Schroeder — fazia com que o veículo se parecesse ainda mais com um navio. Mas nenhuma insígnia britânica conseguiria degermanizar aquele carro. Os militares britânicos eram feitos para os desajeitados e bulbosos Austin 16, não para aquelas máquinas brutais e belas de conquista do mundo.

Lewis desceu os degraus e fez uma meia continência ao motorista.

Schroeder, um homem magro não barbeado usando quepe preto e capa, saltou do banco do motorista e deu a volta rapidamente para a porta do passageiro na parte de trás. Curvou-se uma vez na direção de Lewis e, com um floreio de capa, abriu a porta.

— O banco da frente está bem, Herr Schroeder.

Schroeder pareceu perturbado com o rebaixamento de Lewis.

— *Nein*, Herr Kommandant.

— Realmente. *Sehr gut* — repetiu Lewis.

— *Bitte*, Herr Oberst.

Schroeder bateu a porta de trás e levantou uma das mãos, ainda não querendo que Lewis erguesse um dedo.

Lewis recuou, fazendo o jogo, mas a deferência do alemão o deprimia: aqueles eram os movimentos de um homem derrotado agarrando-se a alguma proteção. Do lado de dentro, Lewis entregou a Schroeder o pedaço de papel no qual Wilkins rabiscara o endereço da casa que provavelmente seria seu lar em um futuro próximo. O motorista estreitou os olhos e anuiu, aprovando o destino.

Schroeder foi obrigado a fazer um caminho sinuoso entre as crateras de bombas que perfuravam a rua de paralelepípedos e os rios de pessoas caminhando de modo estupefato e lento, não indo a nenhum lugar específico, carregando os objetos remanescentes de suas antigas vidas em pacotes, sacolas, caixotes e caixas, e uma inquietação pesada, quase visível. Eram como um povo lançado de volta ao estágio evolucionário de coletores nômades.

O fantasma de um imenso barulho pairava sobre a cena. Algo fora deste mundo desfizera aquele lugar e deixara um quebra-cabeça a partir do qual seria impossível reconstruir o antigo quadro. Não havia como montá-lo novamente, e não haveria como voltar ao velho quadro. Era *Stunde Null*. A Hora Zero. Aquelas pessoas estavam começando do nada e tentando ganhar a vida do nada. Duas mulheres empurravam e puxavam uma carroça de cavalo cheia de móveis, enquanto um homem carregando uma valise as acompanhava, como se buscasse o escritório onde um dia trabalhara, sem sequer olhar para a incrível destruição que o cercava, como se aquela arquitetura apocalíptica fosse o estado natural das coisas.

Uma cidade esmagada se estendia até onde a vista alcançava, o entulho chegava à altura do primeiro andar de qualquer prédio ainda de pé. Difícil acreditar que um dia aquele fora um lugar onde as pessoas liam jornais, faziam bolos e pensavam em quais quadros pendurar nas paredes das salas de visita. A fachada de uma igreja se erguia de um lado da rua, tendo apenas o céu como vitral e o vento como congregação. Do outro lado, prédios — intactos a não

ser pelas fachadas, que haviam sido totalmente explodidas, revelando os quartos e móveis do lado de dentro — pareciam gigantescas casas de boneca. Em um desses quartos, ignorando os elementos e a exposição a olhares atentos, uma mulher escovava amorosamente os cabelos de uma menina diante de uma penteadeira.

Mais adiante, ao longo da rua, havia mulheres e crianças ao redor de pilhas de entulho, buscando sustento ou procurando salvar fragmentos de seu passado. Cruzes negras marcavam os lugares onde corpos esperavam para ser enterrados. E por toda parte as estranhas chaminés de uma cidade subterrânea projetavam-se do chão, lançando fumaça negra no céu.

— Coelhos? — perguntou Lewis ao ver criaturas surgindo de buracos invisíveis no chão.

— *Trümmerkinder!* — disse Schroeder com uma raiva repentina.

E Lewis viu que as criaturas que apareceram de repente eram “filhos do entulho” e que o carro os expulsava de seus buracos.

— *Ungeziefer!* — rosnou Schroeder com uma veemência desnecessária quando três das crianças, era difícil dizer se meninos ou meninas, correram diretamente para a frente do carro.

Ele deu uma buzina de alerta, mas a forma negra do Mercedes se aproximando não os deteve. Eles fincaram pé e obrigaram o carro a parar.

— *Weg! Schnell!* — berrou Schroeder, as veias do pescoço latejando com uma raiva densa.

Ele apertou a buzina novamente, mas uma das crianças, um garoto de robe e capacete inglês, marchou destemidamente para o lado do carro onde Lewis estava, pulou no estribo e começou a bater na janela.

— O que focê tem, inglês? Porra de sandviche? Choco?

— *Steig aus! Sofort!* — disse Schroeder, lançando perdigotos sobre o rosto de Lewis ao se inclinar sobre o coronel e erguer um punho para o garoto.

Enquanto isso, as duas outras crianças haviam subido no capô do carro e tentavam arrancar o emblema triangular cromado do Mercedes.

Schroeder se virou e saltou do carro. Avançou sobre as crianças, que tentavam fugir por sobre o capô para ficar em segurança, e conseguiu pegar a barra de uma camisola. Schroeder puxou a criança de rua em sua direção; segurou-a pelo pescoço com uma das mãos e começou a bater nela com a outra.

— Schroeder!

Era a primeira vez que Lewis erguia a voz em meses e, na surpresa, ela falseou.

Schroeder pareceu não ouvir e continuou a espancar a criança com uma força violenta.

— *Halt!*

Lewis saltou do carro para intervir, as outras crianças recuando com medo de receberem o mesmo tratamento. Desta vez o motorista ouviu e parou, uma expressão curiosa de vergonha e correção no rosto. Soltou a criança e retornou ao carro, murmurando e ofegando com o esforço.

Lewis chamou as crianças:

— *Hierbleiben!*

O garoto mais velho voltou ao carro, e seus companheiros seguiram-no cautelosamente até o inglês. Outros selvagens vinham recolher migalhas, crianças camufladas pela imundície. De perto exalavam o fedor tumefato dos famintos. Todos estenderam as mãos suplicantes para aquele gentil deus inglês que passava em sua carruagem preta. Lewis pegou sua bolsa no carro. Dentro dela havia uma barra de chocolate e uma laranja. Ofereceu o chocolate ao garoto mais velho.

— *Verteil!* — instruiu.

Depois deu a laranja à criança menor, uma garota de talvez cinco ou seis anos, que só conhecia a guerra, e repetiu a ordem de dividir. Mas a menina imediatamente mordeu a laranja como se fosse uma maçã, mastigando casca, polpa e tudo o mais. Lewis tentou indicar

que a fruta precisava ser descascada; a garota, porém, protegeu o presente, com medo de ter de devolvê-lo.

Mais crianças faziam pressão agora, mãos estendidas, incluindo um garoto com uma só perna que se apoiava em um taco de golfe.

— Choco, inglês! Choco, inglês! — pediam.

Lewis não tinha mais comida para dar, mas carregava consigo algo mais valioso. Sacou sua cigareira e tirou dez Player's. Deu os cigarros ao garoto mais velho, cujos olhos já projetados se arregalaram com a visão e a sensação do ouro em suas mãos. Lewis sabia que aquela transação era ilegal — ele havia tanto confraternizado com alemães quanto permitido o mercado negro —, mas não ligava: aqueles dez Player's comprariam comida de um fazendeiro em algum lugar. As leis e os regulamentos que a nova ordem impusera tinham sido concebidos em um clima de medo e vingança por homens sentados às escrivadinhas, e por enquanto — e até algum momento desconhecido no futuro — ele era a lei naquele trecho específico de terra.

* * *

Stefan Lubert se colocou diante do que restava de sua equipe — o jardineiro manco, Richard, a empregada sem fôlego, Heike, e a calejada cozinheira de trinta anos, Greta — e lhes deu as orientações finais. Heike chorava.

— Sejam respeitosos e sirvam a ele como serviriam a mim. E, Heike? Todos vocês, se ele lhes oferecer trabalho, sintam-se livres para aceitar. Não ficarei ofendido. Estarei feliz de tê-los aqui, de olho nas coisas.

Ele se inclinou para a frente e enxugou uma lágrima na bochecha roliça de Heike.

— Vamos. Chega de lágrimas. Fiquem contentes por não termos os russos. Os ingleses podem ser incultos, mas não são cruéis.

— Quer que sirva refrescos, Herr Lubert? — Heike conseguiu perguntar.

— Claro. Devemos ser educados.
— Não temos biscoitos — alertou Greta. — Só o bolo.
— Está bom. Faça chá, não café. Embora não tenhamos café. Então ficará bem. E sirva na biblioteca. É claro demais aqui.

Lubert esperara que o oficial aparecesse em um dia nublado e cinzento, mas o sol de começo de outono lançava sua melhor luz através do vitral *art déco* que decorava a janela alta em frente ao balcão voltado para o interior da casa, tornando tudo ainda mais convidativo.

— Onde está Frieda?

— Está no quarto, senhor — respondeu Heike.

Lubert enrijeceu. A guerra acabara havia mais de um ano, mas sua filha ainda não se rendera. Ele precisava reprimir aquele pequeno golpe de estado imediatamente. Cansado, subiu a escadaria. À porta do quarto de Frieda, ele bateu e chamou seu nome. Esperou por uma resposta que sabia que não chegaria, então entrou. Ela estava deitada na cama, pernas erguidas alguns centímetros acima do colchão. Um livro — um exemplar autografado de *A montanha mágica* de Thomas Mann, que sua esposa, Claudia, lhe dera por seu aniversário de trinta anos — estava equilibrado sobre os pés. Frieda não reagiu à presença do pai e continuou a concentrar seus esforços em manter no ar as pernas pesadas. Elas começavam a tremer com o esforço. Há quanto tempo estaria naquela posição? Um, dois, cinco minutos? Ela começou a respirar furiosamente pelo nariz, tentando disfarçar o esforço, recusando-se a demonstrar fraqueza. Sua força era impressionante, mas era sem alegria, outro daqueles exercícios da Liga das Moças Alemãs que ela fazia religiosamente desde a guerra.

Tudo força, nenhuma alegria.

O rosto de Frieda começou a ficar vermelho, e uma tiara de suor se formou em sua testa. Quando as pernas passaram a oscilar de um lado para outro, ela se recusou a deixá-las cair; em vez disso baixou-as de forma controlada, como se por vontade própria.

— Você deveria tentar Shakespeare; ou talvez o Atlas — disse Lubert. — Isso testaria mais a sua força.

Embora suas brincadeiras tendessem a ricochetear de volta com velocidade redobrada, a leveza ainda era sua arma preferida contra o ânimo selvagem e mal-humorado dela.

— Os livros não são importantes — respondeu.

— O oficial inglês está vindo.

Frieda sentou-se de repente, sem usar os braços. Lançou as pernas para o chão de maneira atlética e enxugou o suor sob os cabelos trançados. O olhar feio e desafiador que adotara nos anos anteriores causava dor em seu pai. Ela o encarou.

— Gostaria que o recebesse — disse ele.

— Por quê?

— Porque...

— Porque você vai entregar a casa de mamãe sem lutar.

— Freddie. Por favor, não fale assim. Por favor, venha. Pela mamãe?

— Ela nunca sairia. Nunca deixaria isso acontecer.

— Venha.

— Não. Suplique.

— Gostaria que viesse agora.

— Seu suplicante!

Incapaz de vencer a filha, Lubert se virou e foi embora, o coração acelerado. Ao pé da escada, ele se viu no espelho. Parecia magro e doente, e seu nariz perdera alguma definição, mas ele esperava que isso ajudasse. Vestira seu terno mais comido por traças. Sabia que estaria abrindo mão de sua casa — uma das melhores de Elbchaussee e mais que qualquer oficial da Inglaterra de patente média com fome de luxo seria capaz de resistir —, mas era importante transmitir a impressão certa. Ouvira histórias sobre os Aliados roubando todo tipo de tesouros desde a rendição, e os ingleses imperialistas e filisteus eram conhecidos agressores das culturas dos povos — ele estava particularmente nervoso com as pinturas de Fernand Léger e as xilogravuras de Emil Nolde

penduradas nos principais aposentos —, mas imaginara que, se conseguisse se comportar da forma certa, o oficial inglês poderia ter uma boa opinião a respeito dele e ficar menos inclinado a danificar seus bens. Atiçou as cinzas do fogo da noite anterior e reorganizou-as ligeiramente para mostrar que haviam queimado móveis. Depois tirou o paletó, afrouxou a gravata e assumiu uma pose entre digno e respeitoso: mãos ao lado do corpo, uma perna ligeiramente na diagonal. Aquilo parecia relaxado demais, informal demais, confiante demais, perto demais de quem ele realmente era. Recolocou o paletó, apertou a gravata, alisou os cabelos para trás e ficou mais empertigado, as mãos cruzadas humildemente diante das calças. Assim era melhor: a postura de um homem pronto para entregar sua casa sem rancor.

* * *

Lewis e Schroeder não conversaram pelo restante da viagem. Lewis podia ver os lábios de Schroeder se movendo enquanto ele repassava o encontro com os selvagens e recitava expressões silenciosas de desgosto e irritação, mas escolheu não dizer mais nada sobre o assunto. O carro logo chegou ao limite da cidade e à beirada de tudo o que britânicos e americanos haviam bombardeado de maneira tão abrangente três anos antes. A estrada agora era lisa, com plátanos às margens e casas inteiras atrás de sebes altas e portões. Era Elbchaussee, e aquelas eram as casas dos banqueiros e comerciantes que haviam tornado Hamburgo rica e transformado seu porto e bairros operários em um alvo tão desejável para o Comando de Bombardeiros. Eram mais grandiosas, mais modernas e mais impressionantes que qualquer residência que Lewis vira fora de Londres ou que qualquer outra casa em que poderia ter desejado morar.

A Villa Lubert era a última casa da rua antes que esta se afastasse do rio Elba, e quando ele a viu pela primeira vez ficou pensando se o capitão Wilkins teria cometido um engano. Localizava-se no final de

um longo acesso limitado por choupos: uma grande estrutura branca de bolo de casamento construída em grande estilo, com pórticos e uma ampla varanda semicircular em colunata. O térreo da casa se erguia bastante do chão e era dividido por uma imponente escadaria de pedra que levava à varanda inferior. Pilares envoltos em glicínias sustentavam uma varanda superior de onde os moradores podiam ver o Elba correr a cerca de cem metros. Lewis ficou chocado com a brilhante elegância e o tamanho daquela casa. Não era exatamente um palácio, mas ainda assim tratava-se de uma residência mais adequada a um general ou chanceler do que a um coronel de carreira que nunca tivera casa própria.

Quando o Mercedes entrou no acesso circular, Lewis pode ver três figuras — duas mulheres e um homem, que imaginou ser o jardineiro — formando uma guarda de honra. Outra figura — um cavalheiro alto de terno largo — desceu a escadaria e se juntou a eles. Schroeder manobrou o carro cuidadosamente e parou bem diante do comitê de boas-vindas. Lewis não esperou que o motorista abrisse sua porta; saiu de uma vez e foi na direção do homem que imaginou ser Lubert. Lewis estava a meio caminho de uma continência quando, no último instante, redirecionou a mão para apertar a do anfitrião.

— *Guten Abend* — disse ele. — Coronel Lewis Morgan.

— Seja bem-vindo, Herr Oberst. Por favor. Podemos falar inglês.

Lubert apertou a mão de Lewis com uma força amigável. Mesmo através das luvas, a mão de Lubert parecia mais quente que a sua. Lewis acenou com a cabeça para as mulheres e o jardineiro. As empregadas se curvaram, e a mais jovem delas lançou um olhar curioso, como se ele fosse membro de uma tribo perdida. Parecia se divertir com ele — seu sotaque ou talvez o uniforme estranho —, e Lewis sorriu de volta.

— E este é Richard.

O jardineiro bateu calcanhares e estendeu um braço.

Lewis apertou a mão nua e calosa do homem e deixou que aquele braço de alavanca subisse e descesse o seu como um pistão.

— Por favor, entre — disse Lubert.

Lewis deixou Schroeder sentado no banco do motorista com as pernas pousadas no estribo do Mercedes, ainda ressentido por ter sido censurado, e seguiu Lubert subindo os degraus para a casa.

A casa revelou sua verdadeira personalidade do lado de dentro. Lewis não se importava muito com o estilo — a mobília angulosa e futurista e as obras de arte deselegantes e de difícil compreensão eram modernas demais, anticonvencionais demais para seu gosto —, mas a qualidade da construção e a habilidade do projeto eram de um padrão superior a qualquer coisa que ele já vira em uma casa inglesa, incluindo a dos Bayliss-Hillier, que viviam na mansão de Amersham e cuja casa Rachael cobiçava e considerava o ápice de todas as residências. Enquanto Lubert mostrava a casa, elegantemente explicando a função dos vários aposentos e a história do lugar, Lewis começou a antecipar o momento em que Rachael entraria naquela casa pela primeira vez, e pôde ver a esposa notando as linhas leves e simples daqueles aposentos, e seus olhos se arregalando com a grandiosidade de tudo — os bancos de mármore abaixo das janelas, o piano de cauda, o monta-cargas, os quartos de empregada, a biblioteca, a sala de fumar, a arte requintada —, e, enquanto imaginava isso, teve uma repentina e inesperada esperança de que aquela casa pudesse de algum modo compensar os anos magros e distantes que a guerra colocara entre eles.

— O senhor tem filhos? — perguntou Lubert enquanto subiam as escadas para os quartos.

— Sim. Um filho. Edmund — disse o nome, como se lembrando a si mesmo.

— Então talvez Edmund goste deste quarto.

Lubert levou Lewis a um quarto cheio de brinquedos de criança — principalmente de menina. Um cavalo de balanço com olhos negros saltados e uma boneca de porcelana colocada de lado na sela se destacavam na extremidade mais distante. Uma casa de bonecas grande como uma casa de cachorro que imitava uma construção

georgiana fora colocada aos pés de uma pequena cama com dossel. Várias bonecas de tamanho médio estavam sentadas no teto da casa de brinquedo, as pernas balançando sobre os quartos, uma fila de gigantes de porcelana agachados sobre a casa de alguém.

— Seu filho não se incomodará com as coisas de menina? — perguntou Lubert.

Lewis não sabia ao certo do que Edmund gostava — o filho tinha dez anos quando Lewis o vira pela última vez —, mas poucas crianças poderiam fazer objeções a tanto espaço e tais tesouros.

— Claro que não — respondeu ele.

A cada belo aposento e a cada informação íntima — “Aqui é de onde gostávamos de ver os barcos”; “Aqui é onde jogávamos cartas” — Lewis se sentia mais desconfortável, como se Lubert estivesse empilhando carvões quentes em sua cabeça. Ele teria preferido alguma hostilidade, ou pelo menos uma fria resistência silenciosa — alguma coisa, qualquer coisa que pudesse endurecê-lo o suficiente para tornar mais fácil sua tarefa —, mas aquela excursão educada, quase charmosa, estava tornando tudo pior. Quando chegaram ao quarto principal — o oitavo naquele andar, com sua alta e estreita cama embutida ao estilo francês e pintura a óleo retratando as agulhas verdes de uma cidade medieval pendurada logo acima da cabeceira —, ele se sentiu péssimo.

— Minha cidade alemã preferida — disse Lubert ao ver Lewis olhando para as setas, tentando descobrir qual era. — Lübeck. Deveria tentar conhecer, se puder.

Lewis olhou, mas não se deteve. Foi na direção das portas francesas e observou o jardim e o rio Elba além.

— Claudia, minha esposa, gostava de se sentar aqui no verão — disse Lubert, indo até as portas e abrindo-as para uma varanda. — O Elba — declarou, recuando e movendo o braço em um arco de cento e oitenta graus de uma ponta à outra da vista.

Era um verdadeiro grande rio europeu, mais largo e lento que qualquer um na Inglaterra, e ali, na curva, estava quase em seu ponto mais largo — talvez quatrocentos metros. Aquele rio e a carga

que ele transportava haviam construído aquela casa e a maioria das que havia na margem norte.

— Ele segue para nosso Nordsee. Seu Mar do Norte? — perguntou Lubert.

— No final é o mesmo mar — respondeu Lewis.

Lubert pareceu gostar disso e repetiu:

— O mesmo mar. Sim.

Outros poderiam ter considerado a atuação de Lubert uma tentativa de fazer Lewis se sentir mal, ou teriam detectado em sua postura empertigada todo o orgulho e a arrogância de uma raça que havia buscado destruir o mundo e agora tinha de enfrentar as consequências, mas Lewis não via as coisas dessa forma. Ele via em Lubert um homem culto e privilegiado se humilhando e aferrando-se ao último resquício de educação para reduzir os danos de uma vida já arruinada. Lewis sabia que todo aquele espetáculo era uma tentativa de conquistá-lo, para de algum modo reduzir o golpe, talvez até mesmo persuadi-lo a mudar de ideia, mas ele não podia condenar Lubert por tentar, nem conseguia reunir a falsa raiva com a qual poderia fingir ser o superior e decidido homem com recursos.

— Sua casa é maravilhosa, Herr Lubert — disse ele.

Lubert se curvou, grato.

— É mais do que preciso, mais do que minha família precisa — continuou Lewis. — E... certamente muito mais do que a que estamos acostumados.

Lubert esperou que Lewis terminasse, os olhos brilhando, sentindo um recuo inesperado.

Lewis olhou para o grande rio que seguia para seu “mar partilhado” — o mar que estava trazendo até ele sua própria família distante naquele momento.

— Gostaria de propor um arranjo diferente — disse.

— Você está prestes a conhecer estrangeiros em um país estrangeiro inimigo. Deve ficar longe dos alemães. Não deve caminhar com eles, apertar suas mãos ou visitar suas casas. Não deve participar de jogos com eles ou partilhar qualquer acontecimento social. Não tente ser gentil, isso é visto como fraqueza. Mantenha os alemães em seu lugar. Não demonstre ódio: os alemães ficarão encantados. Demonstre secura e altivez frias, corretas e dignas o tempo todo. Você não deve con... fraternizar...

Edmund repetiu a palavra:

— Confraternizar? O que isso significa? Mãe?

Rachael começara a divagar na parte do "frias, corretas e dignas" e via a si mesma demonstrando tais características para alemães desconhecidos. Edmund estava lendo "Você está indo para a Alemanha", o livreto de informações oficial que toda família inglesa que partia rumo à Alemanha recebia como parte do pacote de viagem, juntamente com grandes fardos de doces e revistas. Fazer o filho ler em voz alta se tornara a tática de Rachael, uma forma simples de encorajá-lo a aprender sobre o mundo exterior, ao mesmo tempo dando a ela espaço para pensar.

— Ahnnn?

— Aqui diz que não devemos confraternizar com os alemães. O que isso significa?

— Significa... ser amistoso. Significa que não devemos ter relações com eles.

Edmund pensou um pouco e comentou:

— Nem mesmo se gostarmos de alguém?

— Não teremos nada a fazer com eles, Ed. Você não precisará estabelecer amizade com eles.

Mas a curiosidade de Edmund era uma Hidra: assim que Rachael cortava a cabeça da última pergunta, outras três surgiam para substituí-la.

— A Alemanha será como uma nova colônia?

— Um pouco, sim.

Como ela precisara de Lewis nos três anos anteriores para retrucar as perguntas constantes de Ed. A mente brilhante e curiosa de Edmund precisava de um exemplo. Com Lewis fora e seu velho eu atento temporariamente desertado, as perguntas do menino haviam sido, em grande medida, recebidas com anuências distantes e preocupadas. De fato, Edmund se acostumara tanto às reações atrasadas da mãe que repetia tudo duas vezes, como se ela fosse uma tia velha e surda que precisasse ser animada.

— Eles terão de aprender a falar inglês?

— Imagino que sim, Ed. Leia um pouco mais.

Edmund continuou:

— Quando você encontrar os alemães, provavelmente pensará que são em grande parte como nós. Eles se parecem conosco, com a exceção de que não são tanto do tipo magro, sendo homens e mulheres maiores, mais corpulentos e de cabelos claros, especialmente ao norte. Mas, na verdade, eles não são tanto como nós quanto parecem — disse Edmund, anuindo, aliviado de ouvir. No entanto, a parte seguinte o perturbou. — Os alemães gostam muito de música. Beethoven, Wagner e Bach eram todos alemães. — Ele parou de ler, confuso, e perguntou: — Isso é verdade? Bach era alemão?

Bach era alemão, mas Rachael quase não conseguia admitir isso. Coisas bonitas certamente pertenciam ao lado dos anjos.

— A Alemanha era diferente naquela época — respondeu. — Continue. Está interessante...

O livreto despertava em Rachael uma emoção primitiva e tranquilizadora. Ela podia se sentir afirmando a mensagem essencial: no final das contas, os alemães são maus. Essa ideia servira ao propósito geral de sustentá-los durante a guerra, produzindo um consenso que os impedira de culpar mais alguém. A Alemanha podia ser culpada de quase tudo que dera errado no mundo: as colheitas ruins, o custo do pão, a falta de moralidade dos jovens, a queda no comparecimento à Igreja. Por algum tempo Rachael se valera disso, deixando que servisse como uma explicação geral para suas várias pequenas insatisfações internas.

Então, certo dia, na primavera de 1942, o descarte aleatório de uma bomba não lançada por um Heinkel He 111 retornando de um ataque às refinarias de Milford Haven matara seu filho de quatorze anos, Michael, destruíra a casa de sua irmã e a arremessara pela sala de estar como uma boneca de pano. Embora ela mesma tivesse saído ilesa dos destroços, algum fragmento fantasma se alojara fundo nela, além do alcance dos cirurgiões, envenenando seus pensamentos e fazendo com que mancasse ao pensar naquilo. Aquela bomba absurda estilhaçara sua fé na bondade inata da vida e a soprara para o éter como poeira, deixando em sua cabeça um ruído que ficou mais alto com o fim da guerra.

Embora em seu círculo limitado de conhecidos ela tivesse sido superada em perdas estatísticas — os Blake tiveram dois filhos mortos nos desembarques do Dia D; George Davies retornara de um campo de prisioneiros de guerra para descobrir que toda a sua família havia morrido em um bombardeio a Cardiff —, Rachael não conseguia se consolar com as histórias de sofrimento alheias. A dor era unicamente sua, e não mitigada por uma democracia de sofrimento.

Contudo, culpar os alemães só lhe dava alívio temporário. Depois da explosão, ela olhara para o céu através das vigas sem teto ainda fumegantes e imaginara os aviadores rindo ao voar de volta à Alemanha, mas soara vazio condenar homens que estavam

cumprindo seu dever. Por um segundo, ela pensara na culpa do líder deles, mas fazê-lo parecia degradante à memória do filho.

Após algumas semanas, quando recuperou os sentidos, Rachael se viu incapaz de rezar, como sempre fizera, e com isso veio a sensação inesperada de pensar em se haveria algum Deus. Esse Deus, que ela sempre imaginara a seu lado, de repente pareceu tão distante e vago quanto um Führer. Sua reação não foi a angústia participativa de alguém que acreditava (gritar com Deus exigia fé); foi mais o silêncio de alguém refletindo se um dia realmente havia acreditado. As palavras do reverendo Pring de que “o que aprendemos com a tristeza nos engrandece” serviram apenas para aumentar a estranha sensação de ausência divina. Quando o padre tentou consolá-la dizendo que acreditavam em um Deus que também havia perdido um filho, ela retrucou com inesperada secura que “Ele pelo menos conseguiu o Seu de volta após três dias”. O padre, chocado, deixou que isso pairasse no ar por algum tempo antes de lhe dizer, com a cadência mais tranquilizadora que conseguiu invocar, que todos os que acreditavam *naquela* ressurreição partilhavam a mesma esperança. Rachael balançara a cabeça. Ela vira o corpo partido de seu filho, tirado de sob as vigas, seu rosto inocente branco de poeira e morte. Não haveria ressurreição para Michael.

Em tempos de austeridade, a autopiedade era uma mercadoria muito racionada, algo que ninguém podia ser visto desfrutando em público. Ainda assim, a sensação de Rachael de ter tido uma guerra ruim, de ser mais alvo de pecado que pecadora, não diminuiu. Sem um Deus a quem culpar, ela se voltou para a terra em busca de um culpado e encontrou. Não era quem ela esperara, e inicialmente tentou reprimir a ideia, considerando-a mais uma prova de seus “nervos frágeis”, como o dr. Mayfield dissera. Lewis — que tivera uma guerra boa, uma guerra heroica — estava a quilômetros de distância, treinando recrutas em Wiltshire quando aquilo acontecera e, embora tivesse sido ideia dele que trocassem Amersham pela segurança do oeste, “bem além do alcance e do interesse da

Luftwaffe”, e quem insistira em que os meninos fossem com ela, ele não poderia ter previsto aquele descarte preguiçoso de bombas por uma tripulação alemã que tentava apenas chegar mais depressa em casa. Mas a dor, misturada a seus outros ressentimentos não explicitados, pode deflagrar uma revoada de pensamentos estridentes que, uma vez fora da gaiola, são difíceis de trancar novamente. Era o rosto de Lewis que se destacava quando ela gritava mais alto, e sua ausência servia apenas para aumentar a culpa. Se ela culpava alguém, era a ele.

— Mãe? Com quem está falando agora? — perguntou Edmund.

O pensamento a levava para longe outra vez, e novamente fora o pobre Edmund, seu filho mais novo e único sobrevivente, que tivera de chamá-la de volta. O tabu de seu sofrimento empurrara tudo para dentro, para o reino íntimo, afastando-a tanto do mundo que algumas vezes ela perdia qualquer noção de tempo e espaço. Rachael tentou se encontrar.

— Com ninguém, Ed. Eu só estava pensando... — respondeu. — Estava pensando... que tenho outro cartão para você.

Ela procurou na bolsa o maço de Wills e acendeu o cigarro que o dr. Mayfield sugerira que seria “bom para os nervos”. Deu o cartão do cigarro a Edmund, que o pegou entusiasmado e depois o rejeitou.

— Já tenho esse — disse o menino.

Rachael olhou para ele. Era uma ilustração de como proteger uma janela contra uma explosão.

— Esses ainda têm todos os maçantes cartões de informações de guerra — explicou Edmund. — Você não poderia fumar outros?

— Seu pai deve ter os novos. Acho que ele ainda fuma Player’s.

Rachael bateu a cinza no cinzeiro e espanou um pouco de sujeira de sua saia de tweed. Era a primeira vez em mais de um ano que se vestia tendo Lewis em mente; de fato, a primeira vez desde que o vira naqueles três rápidos dias peculiares depois do Dia da Vitória na Europa, quando se sentira como se fosse a única pessoa em toda a Grã-Bretanha incapaz de relaxar. Usava o tweed no qual ele,

estranhamente, dissera que ela parecia “exuberante”, bem como o perfume Je Reviens Worth (“uma bomba”) que ele levava da França. Após anos de cortinas servindo de casacos e sumo de beterraba no lugar de batom, sua roupa parecia quase uma ostentação.

Ao observar seu reflexo na janela do vagão do trem, Rachael notou a mulher e a criança — uma garota de uns dez anos — sentadas em frente a ela, lendo respectivamente livreto e revista em quadrinhos. A mulher parecia expressar censura com os olhos.

— Acho que isso é importante, Lucy — disse ela à garota. — É uma mensagem do primeiro-ministro Attlee.

A mulher então leu do livreto:

— “Esposas britânicas serão vistas pelos alemães como representantes do Império Britânico, e será através de seu comportamento, e do de seus filhos, muito mais do que pelo das forças armadas, que os alemães irão julgar os britânicos e o estilo de vida britânico”. Precisamos nos lembrar disso — comentou e, embora olhasse para a filha ao falar, Rachael sentiu que as palavras eram dirigidas a ela.

Sem dúvida, aquela exemplar esposa britânica chegara à conclusão de que a dama exageradamente vestida, mergulhada em si mesma e distraída à sua frente, que mal parecia registrar a presença do filho e murmurava coisas para si, devia ser uma esposa egoísta, uma mãe muito ruim e o pior tipo de pessoa para representar seu país.

* * *

— Depois que a bomba caiu, houve uma espécie de suspensão em que tudo ficou imóvel... — disse Edmund, fazendo uma pausa para criar efeito. — E então todo som e ar foram sugados, e minha mãe foi arremessada... nove metros para o outro lado da casa.

Edmund era um menino de onze anos que vivia em uma época excitante: cruzava o Mar do Norte em um navio de transporte de tropas alemão convertido para se juntar ao pai que era um herói de

guerra vivo e morar em uma terra que antes tivera o mais poderoso e malvado regime da história; melhor ainda, ele era um menino com histórias de guerra que eram páreo para as de qualquer um.

A bomba que matara o irmão de Edmund também arremessara sua mãe — três, seis metros (nove, caso tivesse a plateia certa) — pelo piso da sala de estar da tia. O incidente poderia tê-la deixado com um leve tremor e lágrimas fáceis (chorava por qualquer coisa — uma peça de música clássica, um pássaro mancando no jardim), mas ele sabia perdoar esses tiques. Obviamente tinham origem na morte de Michael e em sua própria salvação por um triz. O fato de sua mãe ter driblado a morte dera a Edmund uma espécie de orgulho e uma boa história para aumentar.

E ele a estava aumentando para o que julgava ser uma “plateia de nove metros”, composta de uma garota de uns treze anos com uma marca de nascença no rosto, um garoto ruivo que parecia ter onze e um mais velho, talvez de dezesseis, com um paletó esportivo de xadrez *pied-de-poule*. Embora as distinções de classe tivessem sido temporariamente neutralizadas pela excitação da mudança, era impossível não cogitar a posição relativa de alguém naquela nova sociedade e, mesmo antes da revelação das patentes dos pais, Edmund supusera ser pelo menos da mesma classe de Ruivo e Marca de Nascença, e quase certamente superior à de Paletó, que estava sentado separado, fingindo desinteresse na história de sobrevivência da mãe de Edmund, batendo a ponta de um cigarro e penteando para trás o cabelo sedoso emplastrado de Brylcreem.

Apesar da estudada indiferença do garoto, Edmund podia sentir que sua história o atraía. Ele acabara de descrever o momento em que a bomba atingira a casa, com direito ao barulho “de esmagamento” do impacto, a estranha sensação de “empurra e puxa” da explosão que a mãe tentara lhe explicar. Era precisa em muitos sentidos, a não ser pelo “Pou! Pou! Pou!” do fogo antiaéreo que, na verdade, não existia na cidade rural galesa de Narberth. Nem sentiu necessidade de mencionar que estava em uma fazenda vizinha no dia em que a bomba caía.

— Nove metros? Isso é quase... Três vezes mais comprido que esta cabine — disse Ruivo, traçando o arco imaginário da Mãe Voadora com um giro de cabeça e marcando o pouso em algum lugar além do convés com um “Meu Deus” de confirmação.

Edmund, como se querendo eliminar qualquer dúvida, concluiu sua história com o fato indiscutível da morte de Michael, cujos detalhes não demandavam exagero.

— Meu irmão não teve tanta sorte.

Tendo conquistado o respeito com *Como Sua Mãe Desafiou a Morte*, Edmund conquistou a simpatia com *E Seu Irmão Morreu*.

Dizia-se que todo mundo tinha uma “história de bomba”, mas Edmund ainda não encontrara ninguém com uma história no nível da sua. Ele esperou para ver se algum dos três fazia algo. Ruivo pigarreou e mencionou, hesitante, um primo que morrera assistindo a *E o vento levou...* no Cinema Alhambra, em Brombley, com dez outras pessoas, mas ele não o conhecia muito bem. Paletó ficou calado, mas Edmund imaginou que seu olhar de desprezo indicava que superaria sua história com uma sobre si mesmo: Morte por V-1? Piloto Alemão Preso na Árvore? Não importava. Ele tinha outra história na manga caso precisasse.

Edmund pegou o baralho.

— Sabem construir um castelo de cartas? — perguntou.

Espalhou as cartas e criou a pirâmide de base na mesa retrátil. O balanço do navio seria um desafio extra.

— Temos de dividir a cabine com outra família — disse Marca de Nascimento. — Meu pai é só capitão.

Ela já notara a disposição dos aposentos de Edmund, um espaço correspondente à patente do pai.

— Mas minha mãe espera que ele logo se torne major, então teremos uma casa melhor na Alemanha. Qual a patente do seu pai?

Edmund olhou rapidamente para Paletó, a fim de ter certeza de que escutava. Era uma forma fácil e modesta de usar sua melhor carta. Se *Como Sua Mãe Desafiou a Morte* era um *full house*, *Como Seu Pai Ganhou Uma Medalha* era seu *royal flush*.

— No começo da guerra, ele era só capitão. Foi logo promovido a major, ganhou uma medalha e foi promovido novamente. Passando de major para coronel, pulando tenente-coronel.

— O que ele fez para receber a medalha?

Paletó fora fisgado, e Edmund notou o sotaque: aspirante à escola secundária particular. Nenhuma aula de elocução conseguia disfarçar isso.

Sem precisar de mais incentivo, Edmund contou a eles como seu pai saltara no rio Ems para salvar dois soldados presos em um caminhão e como teve de desviar a atenção de um atirador de elite alemão para fazer isso. Não era a primeira vez que contava a história, e aprendera a fazer uma pausa pouco antes de chegar à parte em que seu pai, tendo mergulhado abaixo da superfície e libertado os homens presos, conseguia subir à tona e abater o atirador com uma granada. Depois fez-se um silêncio assombrado, até Paletó perguntar:

— Que medalha ele recebeu?

— A OSD. Ordem de Serviços Distintos.

— Você quer dizer Ordem dos Sem Distinção — disse Paletó, dando uma risada, e com isso a dúvida se espalhou, como água enchendo um caminhão em um rio.

Edmund sentiu sua história afundar. Marca de Nascimento restaurou alguma unidade dando uma declaração com que todos podiam concordar:

— Alemão bom é alemão morto.

Edmund e Ruivo anuíram, enquanto Marca de Nascimento oferecia mais vislumbres da verdadeira natureza dos alemães, como aprendera no colo da avó.

— Minha avó disse que se você olhar nos olhos deles conseguirá ver o diabo...

Ruivo também fizera sua pesquisa:

— Não podemos falar com eles ou mesmo sorrir para eles. E eles nos devem bater continência e fazer o que mandamos.

— E não podemos confraternizar — acrescentou Edmund, contente por usar a palavra nova.

Paletó acendeu o cigarro e balançou a cabeça. Edmund secretamente admirou o modo como ele soprava a fumaça pelas narinas e não acreditava em nada do que qualquer um tinha dito.

— Ouçam o que estão falando. Vocês não têm a menor ideia, têm? Só há uma coisa que precisam saber sobre a Alemanha... — disse, erguendo seu cigarro. — Um só destes compra um pão. Cem lhe dão uma bicicleta. Tenha o suficiente disto e viverá como um rei.

E, com isso, deu uma tragada exagerada e soprou fumaça neles, forçando todos a piscar, com exceção de Edmund, que manteve os olhos arregalados tempo suficiente para ver seu castelo de cartas desmoronar.

* * *

As Esposas dos Homens Já na Alemanha haviam se reunido no saguão do navio. Muito esforço fora feito para disfarçar a origem da embarcação; qualquer sinal de que um dia levara Waffen SS para os portos recém-conquistados de Oslo e Bergen havia sido apagado com tinta verde e cor de creme e bandeirolas alegres. Apenas os passageiros mais atentos perceberiam uma velha pichação ainda na amurada do convés dizendo ao mundo que o soldado Tobias Messer havia permanecido ali tempo o bastante para gravar seu nome para a posteridade com uma faca.

O SS *Empire Halladale* era o espetáculo da Operação Reunião, e sua carga representava uma potência mundial ainda grande, uma nação que, mesmo em tempos difíceis, era capaz de deixar seus cidadãos orgulhosos. No que dizia respeito à “carga”, era um bom momento para navegar para longe da Inglaterra, longe de personagens como Potato Pete e Dr. Carrot, meias pintadas com caldo de carne e uma parcimônia interminável. Aquele pequeno canto flutuante do império parecia debochar de tudo isso e sugeria uma vida de fartura à frente.

Rachael se sentou com três esposas de oficiais, comparando inventários domésticos. Como ela era esposa de um coronel, sua relação ocupava três páginas; a da sra. Burnham (esposa de major), duas e meia; as das sras. Eliot e Thompson (de capitães), duas. Era uma prova do milagre da burocracia britânica que, mesmo naquela época falida, ela pudesse encontrar, em seu âmago partido e explodido, os recursos necessários para decidir que uma esposa de capitão não precisava de um jogo de chá de quatro peças, que a de um major precisava de um serviço de jantar completo e que apenas esposas de oficiais comandantes deveriam ter um decantador de vinho do porto.

Rachael era a “esposa de patente mais alta” naquele grupo, mas a sra. Burnham era a líder natural, e Rachael ficava contente em se submeter a ela. Aquela mulher confiante e glamourosa era uma espécie de sabe-tudo; era vivaz e grosseira, mas dava ao grupo um tom conspiratório que fazia com que todas sentissem que ir para a Alemanha era uma aventura, uma oportunidade a ser agarrada com as duas mãos. A sra. Thompson, uma esnobe de sotaque impecável, prestava atenção em todas as suas palavras. Apenas a sra. Eliot parecia desconfortável. Ela estava enjoada desde que o navio zarpara de Tilbury, e sua palidez combinava com o cinza e verde das xícaras e dos pires.

— Está se sentindo melhor? — perguntou Rachael.

— Este chá está ajudando.

— Aproveite ao máximo — disse a sra. Burnham. — Os alemães podem ser especialistas em café, mas não sabem nada sobre fazer chá.

A sra. Burnham já havia examinado sua lista, notado a falta de condimentos, guardanapos e taças, e agora voltava as atenções para a de Rachael.

— Tudo aí?

Rachael tinha pouco do que reclamar, mas a dupla promoção de Lewis a elevara a novos e desconhecidos patamares de direitos, e havia uma pressão para que ela demonstrasse ter berço.

— Teria sido bom taças de xerez.

A sra. Burnham iniciou uma queixa ao mesmo tempo séria e debochada:

— Bem, não sei o que dizer! A esposa do governador certamente precisa de taças de xerez, ou haverá problemas na Câmara!

Todas riram, e Rachael ficou grata por ter alguém que a fizesse rir. A sra. Burnham articulava o que Rachael sentia, mas não conseguia exprimir. Tudo que era pobre, limitado e rígido deveria ser deixado para trás, na Inglaterra cinzenta e queimada. Lá a sra. Burnham poderia muito bem ter sido classificada de impertinente e vulgar, mas ali, livre do protocolo e em território desconhecido, ela podia falar com a total confiança de um explorador do Novo Mundo.

A inteligente pergunta da sra. Eliot contradisse o clima.

— É verdade que há uma carência de moradias familiares adequadas por causa do bombardeio? George não estava certo de onde iríamos morar quando escreveu pela última vez.

A sra. Burnham eliminou as dúvidas.

— Eles começaram a requisitar casas. Haverá muito espaço.

— Ovi dizer que as casas são bem-feitas — comentou a sra. Thompson. — Especialmente as cozinhas.

— Não é com a cozinha que estou preocupada, mas com o quarto — disse a sra. Burnham. — E estou contando com uma cama grande e confortável.

Enquanto ela ria, Rachael notou uma vermelhidão em seu pescoço, como se fosse um broche exagerado.

Contudo, a sra. Eliot ainda estava preocupada com os desdobramentos da carência de habitações.

— Mas onde irão *colocá-las*?

— Quem?

— As famílias alemãs... Aquelas cujas casas estamos requisitando.

— Alojamentos — respondeu a sra. Burnham, lançando a palavra como uma bala.

— Alojamentos?

— Alojamentos — repetiu.

A sra. Eliot tentou imaginar alojamentos e famílias alemãs morando neles.

— Que horror — disse.

— Não acho que devêssemos sentir pena deles — rebateu Rachael com força surpreendente.

— Bastante certo — aplaudiu a sra. Burnham. — Eles podem muito bem se mudar e abrir espaço. É o mínimo que podem fazer.

— Também acho — concordou a sra. Thompson.

E, com a decisão tomada pela maioria, o desagradável assunto de famílias alemãs e seus alojamentos foi deixado de lado. Com as mulheres começando a conversar entre elas, a sra. Burnham se virou para Rachael, baixando a voz em tom de segredo.

— Então? Quando viu seu marido pela última vez? — perguntou ela, sua vermelhidão parecendo brilhar, e Rachael pôde sentir o cheiro da pele sob o disfarce nauseante do perfume; tinha um cheiro adocicado, quase picante.

— Dia da Vitória na Europa. Durante três dias.

— Bem, então terão de tirar o atraso.

— Temo que tenha me acostumado demais a ter a cama toda para mim nos últimos anos. — Rachael surpreendeu a si mesma com a confissão, mas aquela mulher farta e animada parecia exigir tal franqueza.

Na verdade, Lewis se tornara uma quimera para Rachael: meio homem, meio ideia. Claro que eles haviam sido íntimos. Mas isso nunca fora uma questão; apenas acontecera. Sempre fora direto e descomplicado e — Rachael tinha certeza disso —, agradável e igualitário em dar e receber. Apesar disso, ela não conseguia se lembrar da intimidade — nem mesmo imaginar —, e isso tornava a pergunta da sra. Burnham ainda mais perturbadora. Rachael estava indo a uma terra hostil para começar uma vida nova e incerta, mas a maior incerteza não era a respeito do inimigo, e sim de seu marido. Já se passara um ano desde que haviam “tido um momento” (como ele gostava de chamar quando eram recém-casados) ou “feito amor” (como ela arriscava, desfrutando da discreta profundidade da frase),

no entanto, o momento era agora vago e crepuscular, um corpo a corpo perdido no desapontamento do fim da guerra.

— Bem, não sei quanto a você, mas eu pretendo compensar os anos roubados — disse a sra. Burnham, e com isso deu uma tragada profunda e sugestiva em seu cigarro, inclinou-se para a frente e jogou outro cubo de açúcar em seu chá. Embora Rachael não colocasse açúcar no chá havia cinco anos, pegou dois cubos e jogou-os na xícara.

Lewis observou os militares britânicos se reunindo na plataforma da estação Dammtor de Hamburgo. Quase todos estavam ali para receber a esposa, e para alguns o trem de Cuxhaven estava prestes a dar fim a uma separação que durara meses, ou mesmo anos.

Para ele haviam sido dezessete meses desde aqueles três dias estranhamente desanimadores de celebração da vitória em Londres; dezessete meses desde que olhara para Rachael, sentira seu hálito com aroma de planta e a ouvira tocar piano. Ele não teria mais de depender da foto dela — tirada em um lindo dia de julho na praia em Pembrokeshire — que mantivera enfiada atrás da faixa elástica de sua cigareira. Ela parecia estar em seu próprio auge do verão naquela foto: o vestido florido soltinho; a inclinação despreocupada de cabeça— mesmo em preto e branco, suas bochechas pareciam rosadas. Ele não era um homem visual, mas se surpreendera com as imagens e as lembranças que conseguira evocar durante o tempo em que ficaram distantes. Eram menos a perfeição estilizada e posada do cinema romântico e mais os momentos íntimos improvisados que o filme era incapaz ou proibido de mostrar. Com maior frequência, ele retornava à vez em que apresentara Rachael à sua família — sua irmã, Kate, chocada com a qualidade da pretendente e aprovando de imediato — e o mergulho espontâneo e nu que eles deram à meia-noite na baía de Carmarthen, com algas viscosas grudando em seus braços e pernas.

A iminente encarnação dela ameaçava tudo isso e, enquanto ele ficava ali, fumando, começou a pensar na pessoa que saltaria do

trem. Como a Rachael real se compararia à Rachael da fotografia, que podia facilmente ser embolsada e admirada e que sorrisa para ele durante toda a guerra, em todos os climas e circunstâncias?

Lewis enfiou a imagem atrás do elástico de novo, sobre a foto menor de Michael, e fechou a cigareira. Deu uma última tragada em seu cigarro e jogou-o nos trilhos. Acima dele, na moldura sem vidro do teto da estação, pássaros faziam ninhos onde conseguiam. Uma repentina exclamação de prazer fez Lewis olhar para baixo e, de pé nos trilhos, um homem emaciado, de talvez sessenta anos, pegava a guimba ainda acesa do cigarro de Lewis, conferia quanto tinha de fumo e murmurava repetidamente "*Danke, danke, danke*". Em tempos normais, o agradecimento entusiasmado do homem pela benesse mínima teria soado sarcástica; em Stunde Null, uma guimba jogada fora era um maná caído de um céu esquecido por Deus. Pena e asco lutaram nas entranhas de Lewis e, mais uma vez, a pena venceu. Ele pegou três cigarros de sua cigareira de prata, curvou-se e os ofereceu ao homem. Por um momento o sujeito olhou para os cigarros inteiros, mal ousando pegá-los, como se fossem se revelar uma miragem.

— *Nimm Sie! Schnell!* — disse Lewis, consciente de que a maioria dos militares reunidos desaprovava sua benevolência.

O homem pegou os cigarros e segurou-os na palma da mão antes de escondê-los no casaco.

Enquanto Lewis se empertigava, viu dois homens percorrendo a plataforma na sua direção. Um era o capitão Wilkins, claramente animado pela expectativa de ver a esposa à qual de forma constante e despuorada se referia como "minha pétala". Lewis, que achava difícil expressar em palavras o afeto que sentia por Rachael até para ela mesma, quanto mais para os outros, secretamente admirava a tendência passional de seu número dois. Wilkins era totalmente infantil nesse sentido, partilhando intimidades como um jovem amante incapaz de se conter, incluindo, certa vez, um poema que escrevera, "À sua pétala", que continha o verso "Eu a regarei, minha flor, e a inundarei com meu amor".

O homem com Wilkins tinha a coroa de major na dragona. Era exótico, de aparência nada inglesa, com cabelos pretos sedosos, olhos bonitos e alertas, e Lewis imediatamente sentiu a necessidade de aumentar a aposta na presença dele.

— Senhor, este é o major Burnham — disse Wilkins. — Divisão de Inteligência. Está aqui para separar os pretos dos brancos e cinza e tudo o mais.

Em vez de bater continência, Burnham apertou a mão de Lewis. A Inteligência tinha sua própria hierarquia e era rápida em não demonstrar qualquer deferência com relação aos militares de carreira, os quais considerava despreparados para a tarefa de reconstruir um Estado esfacelado. Lewis não se importou com a falta de continência, mas identificou de imediato, nos movimentos eficientes e nas declarações precisas de Burnham, um homem com uma missão.

Enquanto Burnham olhava feio para o catador emaciado, Wilkins preencheu o silêncio.

— Só encontramos uma casa para o major ontem. Não longe do senhor. Em Elbchaussee. — O número dois de Lewis estava ficando sensível às heterodoxias do superior, seus gostos e desgostos, sua tendência a falar o que pensava. Ele já sentia um choque. — São quase vizinhos — acrescentou ele.

Burnham ainda estava distraído com o homem, que naquele momento subira na plataforma e estendera a mão, sem dúvida esperançoso de que os amigos do coronel fossem igualmente benévolos. O major falou com ele em um alemão impecável:

— Se não for embora, mandarei prendê-lo.

O homem ergueu as mãos e recuou, curvando-se e arrastando-se, o mais depressa que suas pernas fracas conseguiam levá-lo.

Burnham fez uma careta.

— O cheiro dessas pessoas.

— É o que uma dieta de novecentas calorias por dia faz com você — retrucou Lewis.

— Pelo menos eles criam poucos problemas quando estão com fome — disse Burnham, oferecendo um sorriso sem humor.

— Tem razão — disse Wilkins, tentando amenizar o clima.

Burnham anuiu, enquanto encarava Lewis com um olhar questionador bem praticado. O apito alto do trem que chegava salvou Lewis de ter de explicar a Burnham que estava errado sobre aquilo. Bastante errado.

* * *

— Por que todas aquelas crianças estão correndo atrás de nós?

Edmund estava inclinado sobre a janela parcialmente aberta do vagão. Do lado de fora, hordas de crianças alemãs corriam com as mãos estendidas junto ao trem que chegava e que não desacelerara o suficiente para que o acompanhassem. As crianças gritavam os nomes da santíssima trindade — “Chocos, cigars, sandviche” — mas os passageiros no trem não conheciam o esperado e aceito ritual de jogar rações, e nada foi arremessado.

— Talvez queiram ver como nós somos. — Foi tudo o que Rachael conseguiu dizer. — Estamos quase lá.

— Eles são alemães?

— Sim. Agora vamos. Coloque seu casaco.

— Não parecem muito alemães.

Rachael ajeitou a gravata de Edmund, lambeu o dedo, limpando com ele uma marca na bochecha do filho e alisou seus cabelos.

— Olhe o seu estado. O que seu pai irá pensar?

Carregadores, em número superior ao de passageiros, estavam a postos para pegar bagagens e liberar os recém-chegados para procurar maridos e pais. Tendo passado sua valise para um velho ansioso de aparência cinzenta, Rachael saltou do trem em direção a um rio agitado de tweeds, chapéus, pós compactos e batons que fluía rumo aos homens à espera. Ela já podia ver casais reunidos se abraçando em meio ao vapor. Conforme prometera, a esposa do major estava recuperando o tempo perdido. A sra. Burnham

caminhou até o marido, segurou seu queixo e beijou-o de boca aberta. Era atrevido, e Rachael estremeceu de inveja. Ela nunca beijaria Lewis dessa forma em público; mesmo quando jovens, isso teria sido ousado.

Antes que ele a visse, Rachael viu Lewis — recuando da multidão e isolando-se, a expressão naquele momento um pouco temerosa, vulnerável —, e seu coração fez exatamente o que diziam as histórias na revista *Woman's Own*: deu um pulo, acelerando a pulsação em sua garganta e sua respiração. Por um segundo, sentiu um intenso afeto, mas isso murchou assim que ele a viu, oferecendo apenas uma rápida abertura dos olhos e depois um sorriso para Edmund, que correra à frente para saudar o pai. Lewis recebeu o filho bagunçando seus cabelos recém-arrumados e reconhecendo nervosamente o passar do tempo:

— Olhe só você. Comprido como uma vagem.

— Olá, pai.

Lewis continuou a olhar para Edmund, emudecido diante das mudanças que sempre parecem tão surpreendentes para os adultos e tão prosaicas para as crianças, até que, não mais conseguindo usar o filho como disfarce, olhou para Rachael e lhe deu um beijo rápido que pousou metade nos lábios, metade na bochecha.

— Boa viagem? — perguntou.

— A travessia foi um pouco agitada.

— Vamos tomar um chá. Com sorte conseguimos um *strudel*.

— Os alemães não sabem fazer chá — Edmund intrometeu-se na conversa, tentando agradar.

Lewis riu. Era um dos poucos clichês verdadeiros sobre os alemães.

— Eles estão melhorando.

Edmund estava de olhos arregalados, captando cada detalhe ao redor. De repente, ficou animado com algo acontecendo do outro lado dos trilhos.

— O que eles estão fazendo?

— Ai, meu Deus — murmurou Rachael.

Duas crianças estavam segurando um garoto de cabeça para baixo sobre uma ponte na frente de um trem que chegava. O garoto agarrava um taco de golfe, e por um momento pareceu que a locomotiva iria atingi-lo, mas o trem passou por baixo, com espaço sobrando, e na passagem derrubou um pouco de carvão do alto do depósito na direção de mulheres que esperavam embaixo para apanhá-lo nas saias.

— Eles podem fazer aquilo? — perguntou Edmund, cheio de admiração.

— Não oficialmente — respondeu Lewis.

— Não vai impedi-los?

Lewis piscou conspiratoriamente para o filho.

— Não estou vendo nada — respondeu, e com isso levou a família na direção da saída antes que surgissem perguntas mais difíceis.

* * *

O hotel mais grandioso de Hamburgo, o Atlantic, sobrevivera à guerra e era um oásis de extravagância em um deserto de frugalidade. Essa impressão era ampliada pelo grande salão no hall principal, onde músicos se apresentavam entre palmeiras em vasos para britânicos bebedores de chá que por algumas horas conseguiam esquecer os anos cinzentos e imaginar que aquele era o posto mais animado. Lewis estava confiante de que a grandiosidade esmorecida, o serviço de chá, os sons antifonais de talheres batendo e o tapete grosso criavam o ambiente de conforto e tranquilidade de que precisava para seu difícil anúncio. Mas não estava contente com a música. Os músicos ali normalmente tocavam as melodias populares animadas preferidas dos ingleses; os daquele dia — um pianista e uma cantora — estavam se entregando por inteiro a uma canção melancólica em alemão, que era o oposto ao clima que Lewis esperava. Notícias difíceis exigiam uma trilha sonora alegre; o que quer estivessem tocando, tinha de mudar.

Rachael reconheceu a peça imediatamente como uma das *Lieder* de Schubert e entregou-se a seu fluxo profundo. O *strudel* permaneceu intocado à sua frente, enquanto ela, em vez de alimentar-se dele, nutria-se da música, escutando-a com uma concentração intensa e, naquele salão, única. Ao lado de Rachael, Edmund engolia seu *strudel* e disparava uma pergunta depois da outra sobre o pai. Ele tinha uma guerra inteira estocada e precisava de respostas imediatas. Lewis fumava e esforçava-se ao máximo para dar respostas, enquanto aguardava o momento oportuno de pedir uma mudança de clima.

— A Alemanha agora é uma colônia?

— Não exatamente. Na hora certa a devolveremos; quando a tivermos consertado.

— Qual é a melhor zona?

— Dizem que os americanos ficaram com a vista, os franceses ganharam o vinho e nós, as ruínas.

— Isso não parece justo.

— Bem, nós criamos as ruínas.

— E quanto aos russos?

— Os russos? Bem, eles ficaram com as fazendas. Mas essa é outra história. Como está seu *strudel*, querida?

Lewis notou Rachael enxugando rapidamente uma lágrima. Pegou um pouco do *strudel* para desviar atenção, mas era tarde demais:

— Mamãe está chorando de novo.

Era como se Edmund tivesse lançado um sinalizador na mesa e acendido os últimos dezessete meses para que seu pai visse. O brilho mostrou a Lewis mais do que queria saber ou estava pronto para encarar. Aquele resumo sucinto da história recente de Rachael era a ponta de algo que ele esperara que os médicos, o tempo e a distância tivessem curado.

— Não seja bobo, Ed — disse Rachael. — É apenas a música. Você sabe que música triste sempre me faz chorar.

Quando a cantora terminou sem aplausos do salão, Lewis viu sua chance de melhorar o clima. Enquanto ele se levantava para fazer o

pedido, Rachael adivinhou sua intenção.

— Por favor, não...

— Precisamos de algo um pouco mais alegre, não acha?

Rachael concordou com um dar de ombros desapontado e, depois que ele saiu, virou-se para Edmund:

— Por favor, não diga a seu pai essas coisas sobre mim. Só irão aborrecê-lo.

— Desculpe — disse Edmund.

Enquanto Lewis sussurrava seu pedido à cantora, Rachael notou o sorriso trincado de dor dela; talvez fosse uma artista internacional, o que restara de uma orquestra dizimada obrigada a se curvar às necessidades de clientes vulgares. Enquanto Lewis retornava, o pianista tocou os acordes iniciais de "Run, Rabbit, Run", e a cantora passou das profundezas da melancolia existencial alemã para a superficialidade da frivolidade inglesa sem perder o compasso.

— Melhor assim — comentou Lewis. — Este país precisa de uma nova trilha sonora.

Com o clima ajustado a uma melodia agitada e incapaz de esperar mais um cigarro, Lewis decidiu acabar logo com aquilo. Ele não era um vendedor nato, e suas tentativas normalmente revelavam um abuso dos superlativos "mais maravilhoso" e "mais fantástico" e os advérbios de ênfase "realmente" e "verdadeiramente".

— Tenho notícias sobre nossa nova casa. É realmente o lugar mais fantástico. Muito maior do que Amersham. Ainda maior que a casa de tia Clara. Tem uma sala de bilhar. Um piano de cauda — disse, fazendo uma pausa para que Rachael imaginasse. — Vistas maravilhosas do rio Elba. A casa está cheia de pinturas interessantes; de artistas bem famosos, acho. O que mais? Ah, sim. Um monta-cargas.

— Temos um criado? — perguntou Edmund.

— Temos uma equipe. Três: uma empregada, uma cozinheira e um jardineiro.

— Mas eles montam cargas?

Era um alívio rir. Até mesmo Rachael riu disso.

— Você logo verá...

— Eles falam inglês? — perguntou Rachael, agora participando da conversa.

— A maioria dos alemães fala algumas palavras. E você aprenderá.

Lewis fez uma pausa. Ele ensaiara aquele momento várias vezes na cabeça. Deveria apelar ao elemento humano, fazer com que lamentassem, como ele lamentava, pelos Lubert? Fazer com que vissem que eram pessoas como eles? Ou deveria se agarrar às questões materiais, especificamente que era uma casa grande o bastante para receber vinte pessoas e que não passava de ganância expulsar os donos? De qualquer forma, ele estava tentando embulhar uma bomba em algodão.

— O dono da casa é um tal de Herr Lubert. Arquiteto. Homem educado. A esposa morreu na guerra. Tem uma filha, não muito mais velha que você, Ed. Seu nome é Frieda, eu acho. De todo modo, a casa deles é... bem, é enorme. Grande o suficiente para que vinte pessoas morem lá. E tem um apartamento totalmente separado no andar de cima...

Rachael respirou fundo e acomodou-se.

— O fato é que a casa é grande o bastante para todos nós. Eles irão morar no apartamento do último andar e teremos o restante da casa para nós.

Rachael não estava certa de ter ouvido direito.

— Nós iremos morar com eles? — perguntou.

— Nem perceberemos que estão lá. São apenas dois. Podem usar uma entrada diferente, ficar totalmente isolados. Têm tudo de que precisam lá em cima.

— Iremos morar com alemães? — perguntou Edmund.

— Não exatamente. Mas, sim. Iremos partilhar uma casa. Pense nisso como um prédio com eles no último andar.

Rachael precisava fazer algo, então serviu-se de um pouco de chá mesmo sem querer ou prestar atenção ao que estava fazendo.

Derrubou o jarro de leite, e Lewis, contente por ter algo prático para realizar, colocou um guardanapo por cima e chamou um garçom.

— Mas não entendo — disse Rachael. — As outras famílias estão fazendo isso?

— Nenhuma delas requisitou uma casa como esta. Não é exatamente a mesma coisa.

Rachael não tinha espaço para aquilo. Não importava quão grandiosa, quão repleta de aposentos, quão refinados a arte e o som do piano; fosse o lugar um palácio com alas separadas e casas distintas, ainda não haveria espaço para um alemão nele. Ela procurou um cigarro na bolsa. Estava determinada a não deixar que Lewis o acendesse, como era seu hábito; mas ele já abrira seu isqueiro ao estilo americano e, enquanto ela se inclinava para a frente, ele cobriu sua mão trêmula com a dele e acendeu-o para ela.

— Espere para ver. É uma casa maravilhosa.

* * *

Lewis sempre tivera em mente atacar em duas frentes. Se a abordagem suave não convencesse, então daria a eles um choque de disparidade passeando pelo que Hamburgo tinha a oferecer de pior. Ele instruíra Schroeder a segui-lo no Austin 16 carregado de bagagens em um pequeno desvio pelas ruínas para que "Frau e Sohn pudessem entender melhor a situação".

Lewis desviou com cuidado exagerado das crateras de bombas na rua, mas nos primeiros minutos a reação excitada de Edmund ao Mercedes o impediu de dar sua lição. Sentado entre a mãe e o pai, o menino exclamava sem fôlego e empolgava-se desavergonhadamente com o supremo feito de engenharia que o carro representava. Assim como ele ficara chocado por Bach ser alemão, a pura beleza daquela fera desmontava a noção de superioridade de Edmund.

— Ele chega a duzentos.

— Está em quilômetros por hora.

— Podemos tentar?

— Acho que estas estradas não permitirão, Ed — respondeu Lewis, dando com isso a primeira de suas estatísticas definitivas. — Sabe que jogamos mais bombas em Hamburgo em um fim de semana que os alemães jogaram em Londres durante toda a guerra?

Ele disse isso a Edmund, mas queria que Rachael escutasse, queria que sentisse todo o peso; eliminasse o preconceito e a autocomiseração. Quase que seguindo a deixa, as ruínas de Hamburgo se abriram ao redor deles e, se de início não parecia diferente dos retratos mentais que tinham de Londres, Coventry, Bristol, a escala se acumulava a cada metro. Não havia estruturas de pé à frente, atrás ou ao lado deles, apenas entulho e rios de pessoas se deslocando ao lado da rua.

— Mas eles começaram isso, não foi, pai?

Lewis anuiu. Claro. Eles começaram. Eles começaram quando seus ressentimentos foram fervidos em uma panela por um feiticeiro; começaram isso com todos os braços erguidos e braçadeiras colocadas, a cada manifestação engrossada e estrada construída, a cada declaração aplaudida; começaram com cada loja depredada, cada avião lançado e bomba jogada. Eles começaram isso. Mas onde eles estavam? Onde estava agora a raça superior que engolia continentes? Certamente não eram aqueles trogloditas de membros fracos pateticamente vestidos que caminhavam pela lateral da estrada.

— Eles não parecem alemães, pai.

— Não.

Ainda nenhuma reação de Rachael.

— Vê aquelas cruzes negras? Indicam corpos soterrados no entulho. Ainda há mais de um milhão de civis alemães desaparecidos.

Lewis olhou na direção de Rachael para ver se ela estava acompanhando a explicação, mas seu rosto era um vazio determinado.

Então vire o rosto para lá, pensou Lewis. Logo verá.

Passaram por várias famílias arrastando os restos de uma vida na traseira de uma carroça.

— Para onde todas essas pessoas estão indo? — perguntou Edmund.

— São PD. Pessoas desalojadas voltando para a cidade. Ou pessoas que foram expulsas de suas casas a fim de abrir espaço para gente como nós.

— Mamãe diz que elas moram em alojamentos.

— Moram. Mas não há o suficiente para elas. Estamos construindo um acampamento novo a cada mês.

Em algum momento Lewis teria de mostrar a eles como era um acampamento para pessoas desalojadas.

— São como aqueles campos que vimos na *Illustrated News*?

— Não. Não como aqueles.

— Mas eles merecem isso, não? Pelo que fizeram? Naqueles campos?

Lewis teve de conter sua irritação. Respirar. Ele não sabia.

— Pai?

Do lado de fora, as pessoas seguiam pela estrada com rostos interessados em nada além do imediato, o pão diário e o mal de que poderiam ser poupadas. Lewis, no entanto, não podia se curvar mais para apoiá-los. Ele também tinha de dizer algo justo...

— Alguns merecem, Ed. Sim.

E com isso Rachael ofereceu suas únicas palavras durante a curta viagem:

— Claro que merecem.

* * *

À medida que o estranho comboio — o corcunda e massudo Austin britânico seguindo o esguio e conquistador Mercedes alemão — subia o acesso de cascalho, Stefan Lubert conferiu o relógio e desceu os degraus para cumprimentar os novos moradores. Alisou o paletó e fez um esforço para parecer digno, humilde e grato ao

mesmo tempo — uma combinação difícil para um homem com seu temperamento. Ao lado dele, Heike e Greta faziam fila, prontas para oferecer seus préstimos à família. Ele podia sentir o nervosismo das duas e ouvir os comentários sussurrados.

- Não são tão feios quanto os outros ingleses.
- Gosto da roupa deles.
- Pobre senhor, está fazendo uma expressão corajosa.
- A dama é bonita...
- Não tão bonita quanto nossa senhora.

Greta estava sendo leal à memória de sua senhora, claro, mas Claudia não fora bonita. Bela, elegante, graciosa, aquilina, mas não bonita. Ao passo que Frau Morgan, como Heike espontaneamente observara, certamente era, e seu rosto pétreo e sem sorriso não conseguia disfarçar isso. Cabelos castanho-escuros; grandes olhos cor de amêndoa, pequenos lábios grossos, corpo miúdos mas cheio, pele olivácea. De onde ela era? Não da Inglaterra, certamente. Devia ser celta. Ou mesmo espanhola.

- Ela não parece feliz.
- Talvez estivesse acostumada a viver em um castelo.

O coronel se aproximou e apertou a mão de Lubert calorosamente.

— Frieda queria cumprimentá-los, mas não se sente bem — disse Lubert. — Espero que perdoem sua ausência.

— Claro — respondeu Lewis, e chamou Rachael para a frente. — Esta é minha esposa: Frau Morgan.

Lubert estendeu a mão, mas Rachael não retribuiu.

— Como vai? — saudou Lubert, recolhendo a mão e transformando-a em um gesto de apresentação. — Minha equipe. Heike. Greta. Richard vocês encontraram ao portão. Eu os recomendo a vocês.

Heike fez uma mesura enfática, Greta, uma mínima.

Ainda nenhuma palavra de Rachael, notou Lubert. Talvez alguma catatonia a tivesse afetado ao passar pelas ruínas.

— E Edmund — disse Lewis, virando-se e chamando o filho. — Ed!

Em sua empolgação, Edmund fora na direção do gramado, onde agora corria com os braços esticados como um avião, fazendo ruídos de guerra. O garoto não estava pensando e, como se para mostrar que não se incomodava, Lubert riu. Mas Rachael estava constrangida.

— Ed! Pare com isso! Venha dizer olá.

Lubert ficou surpreso de ouvir sua voz. Ela fala!

Edmund correu para cumprimentar Lubert e a equipe. Heike deu um risinho do comportamento engraçado do menino.

— Como está? — disse Edmund a Lubert.

— Bem-vindo à sua nova casa — retrucou ele. — Espero que goste daqui.

* * *

Lewis não havia exagerado, pensou Rachael. A casa *era* maravilhosa. Na verdade, ele a subestimara, talvez por ignorar o que realmente a tornava especial, mas também por não se sentir totalmente à vontade com sua grandiosidade. Ele era despido da presunção social e das aspirações materiais que moviam seus colegas, uma característica que a mais socialmente alerta Rachael sempre admirara, mas que agora, por alguma razão, irritava-a. Enquanto Herr Lubert fazia a visita guiada, ela se sentiu pressionada entre a necessidade de mostrar ao alemão que reconhecia excelência e apreciava cultura tanto quanto qualquer um e de deixar clara sua apreensão geral. A cada cômodo que descrevia, Lubert parecia aumentar sua sensação de inferioridade e desajuste. O que quer que estivesse de fato dizendo, tudo o que ela ouvia era: "Você é bem-vinda, mas esta ainda é minha casa." Ao chegarem à varanda debruçada para o rio, Rachael estava farta. Quando Lubert se ofereceu para mostrar a eles seus próprios aposentos — no alto da casa — ela encerrou a excursão, dizendo estar cansada da viagem.

O choque de enfrentar sua nova situação na realidade expulsara sua fadiga; mas Rachael não conseguia mais tolerar a presença daquele alemão civilizado e — estaria inventando? — levemente impertinente que falava inglês com cadência perfeita e sem as tolices de uma pronúncia corretíssima. Rachael meio que esperara que a falta de uma linguagem comum pudesse manter as coisas simples e separadas, porém, a facilidade daquele homem complicaria as coisas, a não ser que limites fossem estabelecidos firme e claramente.

* * *

Mais tarde, quando Lewis foi colocar Edmund na cama, encontrou o filho deitado no chão. Ele empurrava a casa de bonecas para o centro do quarto, e Lewis podia ver que o menino já recriara a casa como um simulacro da Villa Lubert, colocando móveis no teto onde a família alemã agora morava e bonecos do tamanho de dedos em seus respectivos espaços: dois bonecos — um masculino, outro feminino — representando Lubert e sua filha; bonecos representando ele, Lewis e Rachael.

— Hora de dormir, Ed.

Edmund levantou-se do chão e subiu na cama com dossel.

Lewis não botava o filho para dormir havia muito tempo e não estava certo da rotina. Deveria ler uma história? Dizer algumas palavras? Fazer uma prece? Em vez disso, puxou o cobertor sobre o peito de Edmund e sobre seu soldado de pano, Cuthbert. Lewis queria tocar no rosto do filho e afastar um cacho de cabelos dos olhos, mas faltava-lhe confiança, então em lugar disso deu um tapinha no soldado de pano.

— O que achou daqui? — perguntou.

— É grande — respondeu Edmund.

— Acha que irá gostar?

Ed confirmou com um gesto de cabeça.

— Por que a menina não desceu para dizer olá?

— Acho que ela não está se sentindo bem. Você logo a conhecerá. Talvez possam brincar juntos.

— Isso será permitido?

— Claro. Assim que estivermos instalados.

Edmund parou, como se prestes a dizer algo, mas seu pai já apagara a luz de cabeceira.

— Boa noite, Ed.

— Boa noite, pai.

E, com isso, Lewis saiu do quarto, Edmund pensando que talvez fosse melhor não mencionar o encontro que tivera cerca de uma hora antes, quando andara até o pé da escada que levava ao último andar, onde ficavam os Lubert.

Ele só quisera dar uma olhada lá, nada mais. Subira o primeiro lance e, quando fizera a curva na escada, deparara com a garota de tranças louras, seus braços esticados, as mãos pressionando as paredes e as pernas suspensas no ar à frente dela, como se estivesse em uma apresentação de ginástica.

— Olá — disse ele.

Ficou ali olhando para ela, intrigado, pensando se aquela pessoa seria Frieda. Parecia absolutamente forte e saudável, nada doente.

— Você é Frieda? — perguntou.

Mas a garota apenas olhou para ele, mantendo as pernas em uma horizontal perfeita, e então, muito lentamente, começou a abrir as pernas para revelar a calcinha. Edmund ficou hipnotizado, incapaz de desviar os olhos. Não sabia dizer por quanto tempo olhou — pareciam vários minutos —, mas foi rudemente despertado de seu transe quando a garota sibilou para ele — sibilou como um gato —, e ele recuou escada abaixo, mantendo os olhos nela o tempo todo, para que não desse um bote de repente.

* * *

Lubert despertou de um pesadelo para se ver em um quarto diferente e uma casa que não era mais sua. Nos primeiros segundos

do despertar, ele não teve certeza de onde estava, e sua consciência, buscando pistas sensoriais, armou uma confusão de memória, localização e tempo que o colocava na cama de solteiro da casa de verão de sua avó, na ilha de Sylt, a mesma cama onde ele uma vez fizera amor com Claudia enquanto no andar de baixo, na cozinha, suas irmãs preparavam lagosta e caranguejo para o jantar. Os jovens amantes haviam usado as marteladas de cascas para disfarçar os rangidos da cabeceira e seus gritos de êxtase.

Ele abriu os olhos, e a luz, penetrando pela cortina entreaberta, rompeu a ilusão: não estava na própria cama (outro homem e outra esposa se deitavam lá agora), estava no quarto que seu velho motorista, Friedrich, usara antes que a guerra o obrigasse a reduzir a equipe, o mesmo quarto que Claudia usara como anexo de seu quarto de vestir sempre transbordando. Estava em sua casa, mas já não era senhor dela, e a senhora da casa partira para nunca mais ser cheirada ou acariciada. E ainda assim ele *podia* sentir seu cheiro — ou a lembrança de um tempo com ela. O edredom de seda, sob o qual estava naquele momento, um dia pertencera àquela casa de veraneio em Sylt, antes que as construções da ilha fossem requisitadas pela Luftwaffe para servir de base de hidroaviões; havia retido um cheiro do mar e fora isso que evocara a forte associação.

Lubert puxou o cobertor até o nariz, inalou seu aroma e foi novamente transportado ao dia em que desceu a escada com sua noiva afogueada para o banquete preparado por suas irmãs, o cheiro de ervas e peixe salgado de Claudia em seus nós dos dedos se fundindo ao da *bouillabaisse*, e Claudia sorrindo para ele do outro lado da mesa enquanto ele discretamente cheirava a mão como prova de sua paixão. Enquanto Lubert se entregava à lembrança, o cheiro de sua própria excitação subiu de sob a coberta, convidando-o a recriar aquela cena.

Depois não sentiu culpa, apenas uma pequena humilhação por aquilo ser tudo o que tinha no momento: reminiscências editadas e remontadas para produzir um rápido efeito mecânico. Ele se sentou e sentiu o bolo morno de sêmen em sua barriga já esfriando.

Desperdiçado. Desprovido de sentido. Era nesse legado — mais do que nas ruínas, na destruição material ou nas atrocidades — em que Lubert mais pensava: a ruptura e a reorganização de relacionamentos que um dia haviam parecido inquebráveis, um milhão de amantes perdendo os amores de suas vidas e tendo de recomeçar. Claro que para alguns — aqueles com casamentos infelizes, os unidos de forma desigual —, a interrupção era uma oportunidade. Segundo as brincadeiras dos homens na fábrica, a carência de homens alemães era algo bom para todos eles. Simplesmente havia mais mulheres entre as quais escolher, e mais mulheres escolhendo. Era a “nova” economia de oferta e demanda. Mas Lubert não queria escolher ou ser escolhido; aquela que ele escolhera — e que o escolhera — ainda era, mesmo tendo partido, mais presente para ele que qualquer possível relacionamento.

Limou a mão no pijama e levantou-se da cama para abrir totalmente a cortina. O quarto ainda estava atravancado com pertences transportados apressadamente do quarto principal e do escritório após a inesperada suspensão do despejo concedida pelo coronel. Eram as coisas que Lubert sempre imaginara que pegaria em primeiro lugar no caso de incêndio: sua prancheta de arquitetura e seus utensílios; as flores secas de seu casamento e dois dos objetos mais valiosos e valorizados da casa: o autorretrato de Léger e a dama nua de Von Carolsfeld. Mas, em vez da sensação de perder coisas, Lubert experimentara uma empolgação inesperada de reduzir seus bens — uma sensação de estar quase despido, leve o bastante para ir a qualquer parte.

Pela janela, olhou para o gramado iluminado. A lua crescente era visível no céu frio, claro e roxo, mas a luz projetada sobre o jardim emanava do quarto principal onde, sem dúvida, o gentil e honrado oficial britânico e sua bela porém furiosa esposa se reaproximavam após uma longa separação. Lubert tentou não pensar nisso, mas não pensar nisso apenas fez a cena surgir mais claramente em sua cabeça: eles estavam em sua cama; talvez mantivessem a luz acesa para ver melhor o que perderam; talvez conversassem antes de

fazer amor; ou fizessem amor primeiro, conversassem e então fizessem amor de novo. Será que os dois, como ele mesmo e Claudia sempre tinham preferido, estavam deitados na cama sem cobertas, ou eram amantes silenciosos e furtivos se escondendo sob os lençóis? A luz do quarto abaixo se apagou, a varanda, os jardins e as árvores mergulharam na escuridão, e um dossel mais repleto de estrelas se revelou. Supondo que os ocupantes de sua antiga cama haviam concluído seus rituais de reunião, Lubert deixou a janela e voltou para debaixo do edredom salgado de sua cama de solteiro.

* * *

Rachael sentou-se à sua nova penteadeira em seu novo quarto, escovando os cabelos. Em algum lugar, bem acima dela no apartamento do alto, imaginou Herr Lubert se preparando para dormir e rindo da grosseria *daquela mulher* e de sua incapacidade de reconhecer o artista de uma das pinturas que apontara na sala de bilhar — quem era ele? Léger? Nunca ouvira falar.

Ela não queria se mover do banco em forma de rim. Se tivesse a condescendência do homem acima dela, teria a aprovação (e a expectativa) do homem atrás dela. Podia ver pela lateral do espelho Lewis de pijama, sentado na cama alta e estreita observando-a, e podia sentir sua mistura de aborrecimento e excitação. Lewis reprovava todas as formas de grosseria, e o fato de ainda não lhe ter dito nada talvez se devesse a ele esperar “ter um momento”. Rachael parou de escovar os cabelos; não queria dar os sinais errados. O aguardado momento de sua reunião física chegara, mas ela não estava pronta para se entregar ao marido.

— Não gosta da casa? — perguntou Lewis.

A pergunta fora bastante gentil, mas, para os padrões dele, quase um confronto.

— Preferiria que o dono não morasse nela.

Rachael viu Lewis pegar a cigareira, tirar um cigarro e acendê-lo. Reflexo de combate: munição para batalha; terreno difícil a cruzar:

acender.

— Poderia ter sido um pouco mais amistosa com ele — falou.

Novamente razoável, ela fora inamistosa; mas Rachael não precisava de um pretexto para atacá-lo. Seu riso soou mais histérico do que sentia, mas a escolha de palavras foi calculada. Uma discussão postergaria o sexo para outra ocasião.

— O quê? E fingir que somos amiguinhos? Que estamos todos do mesmo lado?

— Nós estamos. Do mesmo lado — disse Lewis.

Rachael se levantou e atravessou o quarto até aquela cama estreita, afastando a camisola dos seios. Arrumou os travesseiros para poder ficar sentada. Seu livro — *Encontro marcado com a morte*, de Agatha Christie — já estava na mesinha de cabeceira: sua rota de fuga caso ele insistisse.

Talvez sentindo a chance escapar, ele perguntou:

— Vamos... ter um momento?

— Precisamos? Agora?

— Não precisamos.

— Quero dizer, parece um pouco estranho. Com eles lá em cima. Foram três longos dias.

— Tudo bem. Você está cansada. Tudo bem.

Talvez se ele simplesmente a arrebatasse sem falar, surpreendendo-a, poderia ter aceitado; poderia ter sido como costumava ser.

Estendeu a mão para o livro.

— Você realmente tem chorado todo dia?

Rachael ficou tensa. Ele queria conversar.

— Ed é um bobo por dizer isso.

— Mas... tem?

— Mayfield diz que meus nervos ainda estão frágeis.

— E quanto a Pring? Vocês têm conversado?

— Parei de ir à igreja.

Era bom — estranhamente prazeroso — admitir aquilo. Mas não iria se explicar. Para Lewis, que tinha pouca ansiedade (a curiosa

palavra nova usada por Mayfield), era uma questão prática. O que ele realmente queria saber era: você passou tempo com pessoas ou ficou isolada? Ele certamente não deduziria por sua resposta que não havia nenhum Deus porque Ele deixara uma bomba perdida pousar precisamente no lugar certo no momento exato em que Michael descera as escadas em resposta a seu chamado.

Rachael podia sentir uma pressão nas comportas. Ela segurara por vários dias, mas estava vindo.

— Para você está tudo bem — disse ela. — Você não estava lá. Não parece sentir isso do modo como sinto.

— Não tive muito tempo para sentimentos — respondeu Lewis. Franco, mas inadequado.

— Mas por que não sente? — reagiu ela, poupando-o de tentar colocar em palavras. — Está tudo certo. Você tem seu trabalho. Tem um país a reconstruir... — E com isso as malditas águas começaram a correr. — O país que matou meu... menino lindo!

O soluço que brotou quando ela se lembrou de Michael era similar ao modo como teria chorado quando menina; sacudiu todo o seu diafragma e forçou-a a respirar entre tremores. Lewis colocou uma das mãos em suas costas e acariciou-a, mas não conseguiu entrar em sua câmara de dor.

— E agora você me obriga a viver aqui com essas pessoas.

— Todos aqui, todos nesta casa, experimentaram perdas.

— Não ligo. Não me importo se todos no mundo perderam um filho. A dor seria a mesma. Eu não concordo com isso...

— Nenhum de nós concorda com isso. Mas precisamos tirar o melhor das coisas...

— O melhor das coisas. Sempre o melhor das coisas! Você parece mais preocupado com as necessidades do nosso inimigo.

— Rach. Por favor. Eles não são mais nossos inimigos. Foram totalmente esmagados. Tudo precisa ser reconstruído.

Rachael bateu no peito e parou para recuperar o fôlego entre soluços.

— Você pode reconstruir isto? — perguntou a ele, meio querendo que aceitasse o desafio e, ao mesmo tempo, desejando que ele simplesmente fosse embora e deixasse-a no conforto de sua ruína.

Frieda terminou seus exercícios matinais com a bola e começou a se vestir para a escola. Ela não tinha uniforme (tinha havido poucas aulas desde A Catástrofe), e escolheu colocar sua saia de parada da Liga das Moças, blusa branca e calçados colegiais também da Liga — uma pequena provocação às autoridades e uma bandeira vermelha agitada para o pai, que mandara que ela jogasse fora as roupas do antigo regime. Desde sua humilhante retirada para os aposentos superiores da casa, ela ficara ainda mais inclinada a desafiá-lo. Ele a encorajara a deixar seu novo quarto um pouco mais confortável, dizendo que tudo parecia “um tanto espartano” e sugerindo que pendurasse os novos quadros e levasse o cavalo de balanço do antigo aposento, mas ela gostava daquele modo. Ela imaginava a si mesma como uma criança espartana, tirada do conforto de sua família e jogada no entulho de uma terra arruinada onde tinha de aprender a sobreviver. A única decoração que se permitira fora um bordado emoldurado que a mãe fizera; mostrava três figuras — um homem segurando uma régua-tê, uma mulher com um buquê de flores e uma menina segurando a mão da mulher — diante de uma casa junto ao rio com um barco à vela vermelho no horizonte. A mãe lhe dera como presente de décimo primeiro aniversário. Fora em julho de 1942, no dia em que os britânicos haviam começado a bombardear Hamburgo e um ano antes da tempestade de fogo.

Pelo menos a mudança para cima lhe dera a oportunidade de se livrar dos velhos brinquedos e daqueles livros ingleses que o pai insistira em ler para ela durante os ataques — *Alice no País das*

Maravilhas, O príncipe feliz, Robinson Crusóe —, quando tentava desviar sua atenção do zumbido dos bombardeiros e do *ratatata* dos canhões Heimwehr reagindo. “A imaginação será nossa defesa”, ele gostava de dizer. Mas as histórias não podiam trazer a mãe de volta.

Frieda colocou a bola no meio do arco de exercício e acorrou-se acima do urinol. Quando terminou, ergueu o urinol e levou-o para o patamar. Desceu as escadas até seu velho quarto na “zona britânica”, onde encontrou seu alvo escolhido brincando com a casa de bonecas. Espiou pela porta aberta enquanto Edmund interpretava uma cena entre um boneco masculino e um feminino no sótão da casa e, embora não entendesse totalmente o diálogo, era evidente, pelo modo como colocara os bonecos, quem representavam.

— O garotinho brinca de boneca — disse Frieda em inglês, e riu dele.

Edmund ergueu os olhos e viu Frieda de pé no umbral com o urinol e ficou pensando se a menina queria iniciar alguma espécie de intercâmbio cultural.

— Olá — disse ele, depois tentou seu cumprimento recém-aprendido. — *Guten Tag, Fräulein Lubert.*

Frieda levantou o urinol, como se dizendo “para você”, e pousou-o no chão no meio do quarto. Depois deu um sorriso estranho e recuou, fechando a porta atrás de si, deixando seu presente dourado e quente aos pés daquele Príncipe Feliz.

A caminho da escola, Frieda passou por várias *Trümmerfrauen*, usando jalecos pesados e cachecóis, que estavam entrando na cidade, onde trabalhariam nas montanhas de entulho e empilhariam alvenaria e tijolos em amontoados de algo que pudesse ser salvo para ser trocado por uma tigela de sopa, um pão e alguns cupons de comida, caso tivessem sorte. Muitas delas levavam pás, e uma ou duas brincavam, felizes por ter o trabalho. Frieda preferiria estar com elas. Não ia à escola regularmente desde o verão de 1943, quando os bombardeiros britânicos haviam destruído quase todos os colégios da cidade. Mas agora os britânicos haviam reaberto a velha prefeitura e dividido um salão enorme — usando paredes de

compensado — em “salas de aula”. Como o bairro estava abarrotado de refugiados, havia crianças demais para o espaço, e muitas tinham de ficar de cócoras no chão frio. Apesar dessas dificuldades e de uma carência de materiais básicos — canetas, papel e livros didáticos —, os britânicos haviam feito da educação das crianças alemãs uma alta prioridade. Estavam obcecados por isso. Tendo eliminado os piolhos de suas cabeças, começaram a reorganizar suas mentes: ensinando a elas que o Führer (que desrespeitosamente chamavam pelo prenome) e o nacional-socialismo eram males que precisavam ser totalmente erradicados da face da Terra. Falavam sobre democracia, faziam perguntas para determinar o que as crianças sabiam e não sabiam, e ficavam chocados com sua ignorância. Embora o professor, o sr. Grovers, chamasse todos pelo prenome e tentasse ser amigável, preferindo se sentar no meio da turma em vez de na frente, Frieda achava as aulas humilhantes. Decidira não responder a nenhuma das perguntas feitas, mesmo quando sabia a resposta.

Quando se aproximou da prefeitura, Frieda viu que os portões estavam fechados e que várias crianças haviam se reunido abaixo de um aviso colocado na parede de tijolos. Em alemão, o aviso dizia: “Escola fechada por ordem da Comissão de Controle na Alemanha, CCA”. Alguns policiais militares ingleses estavam ali, e três caminhões do exército com tetos de lona haviam estacionado ao longo das grades. Um capitão se dirigiu às crianças em alemão:

— Aqueles de vocês com menos de treze anos estão livres para voltar para casa; aqueles que têm mais de treze e são fortes o bastante podem ajudar na limpeza de entulho. Serão pagos pelo trabalho com vales de comida, receberão uma refeição e serão trazidos de volta para cá antes de escurecer.

Houve uma comemoração, e todas as crianças daquela idade — e muitas claramente mais novas — começaram a ir na direção dos caminhões rumo às ruínas. A perspectiva de uma refeição no dia, e talvez no dia seguinte, era demais para resistir. Embora Frieda tivesse tomado um jejum relativamente grande e fosse se

alimentar novamente ao voltar, preferia estar na rua do que em casa; seguiu o rebanho faminto e subiu na traseira de um dos caminhões. O garoto sentado ao seu lado tinha uns quatorze e era um veterano da "brigada de entulho". Enquanto sacudiam e pulavam juntos na direção do subúrbio de Altona, a oeste, ele se vangloriou de suas conquistas:

— Não é ruim, sabe? Encontrei um colar que troquei por uma galinha. E eles dão uma boa refeição. No último turno, ganhamos pão e sopa com salsicha.

— Era salsicha de verdade? — perguntou outro garoto. — Normalmente é carne de cachorro. Ou pior.

— Salsicha de verdade! — confirmou o garoto. — Bierwurst, Bratwurst, Rindswurst, Jagdwurst, Knipp, Pinkel, Landjäger... — Ele recitou o nome de cada salsicha lentamente, com reverência e desejo, construindo toda uma mercearia no ar diante deles, e os olhos já saltados das crianças se arregalaram em antecipação àquele banquete.

Vinte minutos depois, eles saltaram de sob a cobertura e viram-se nas ruínas de Altona, algumas tão arrasadas que era possível ver através de St. Pauli, até os velhos depósitos e canais miraculosamente intactos de Kehrwieder e Wandrahm. Um exército de mulheres formava uma corrente humana, repassando entulho, e algumas delas pareceram insatisfeitas com a visão de crianças indo ajudar: "Vejam aqueles pequenos ratos vindo roubar nossas rações."

Frieda assumiu sua posição na corrente. A pessoa que lhe passava tijolos era um jovem, de talvez vinte anos, que de algum modo parecia superior à agitação de todos ao redor. Tinha uma energia preguiçosa e uma força fácil e estava bem-vestido com um paletó azul com todos os botões. Enquanto passava os pedaços de alvenaria, ela se viu distraidamente cantando uma antiga canção da Liga das Moças ("Continuaremos a marchar, mesmo se tudo se partir, porque hoje a Alemanha nos ouve, e amanhã, o mundo todo. E por causa da Grande Guerra o mundo está em ruínas, mas e daí, nós o construiremos de novo!").

Ao chegar ao terceiro verso, ela sentiu a mão quente dele em seu pulso.

— Cuidado, jovem! — interrompeu ele, de olho nos guardas ingleses. — Alguns podem reconhecer o que você está cantando.

— Não ligo — respondeu ela. E sentiu o poder e a liberdade ao dizer aquilo ao belo jovem com botões.

Ele a olhou, analisando-a.

— Você sabe que não é jovem demais para ser fuzilada. Quantos anos tem?

— Dezesesseis — mentiu.

A poucos metros, dois soldados britânicos brincavam e fumavam, supervisionando o trabalho de modo desatento.

— Eles são tão idiotas — afirmou ela. — O modo como agem, como se fossem donos do lugar.

Ele riu.

— Somos nós que estamos trabalhando. Eles só estão por perto se divertindo. Isso faz de nós os idiotas.

Frieda corou: ele notara sua imaturidade. Voltou a passar tijolos e mordeu a língua. A proximidade do jovem era algo agradável. Podia sentir seu suor faminto e admirar seus antebraços vigorosos e sem pelos. Cada vez que ele lhe passava um tijolo, Frieda tinha um vislumbre de uma cicatriz ou marca de nascença na parte de baixo do braço. Tinha a forma do número 88. Quando ele percebeu que ela olhava, parou para baixar a manga.

— Ei! Louro! — gritou de repente um dos soldados, fazendo Frieda dar um pulo. — Continue se mexendo! *Schnell!*

O jovem abotoou a manga e voltou a trabalhar. Após um tempo encarou-a com um olhar hesitante, mas inquisitivo.

— Meu nome é Albert — disse. — E o seu?

— Frieda.

— Frieda — repetiu ele.

Ela nunca gostara de seu nome ou do seu diminutivo, Freddie, mas nos lábios dele o nome soava novo, bastante grandioso.

— Gosto desse nome. Um bom nome alemão — continuou ele.

A admiração do jovem envolveu-a como um cobertor.

— Significa... dama — acrescentou Frieda.

E com isso ele tomou sua mão e apertou-a educadamente.

— E é o que você é — disse ele. — Uma respeitável dama alemã.

Veio um chamado mais à frente na fila — “Corpo!” — e todos pararam e olharam para a mulher que gritara e estava então recuando, afastando-se do que havia descoberto. Outras mulheres se juntaram a ela e começaram a tirar mais tijolos, revelando um braço esquelético saindo das ruínas, a mão inclinada para um lado em um ângulo suplicante. As mulheres começaram a tirar os tijolos com mais urgência, como se em uma corrida contra o tempo para salvar um possível sobrevivente; e alguns segundos depois haviam conseguido expor o resto de esqueleto, e depois outro, deitado sobre ele entre as pernas do corpo menor em uma posição de cópula. A descoberta arqueológica íntima teve um efeito silenciador sobre as mulheres que olhavam.

Frieda saiu da linha e foi olhar mais de perto. Observou os amantes mortos em seu abraço final, sentindo uma atração peculiar em vez da repulsa que os outros demonstravam.

— Certo, todos. Recuem. Vamos lá. Não é cinema!

Dois ingleses apareceram, afastaram os espectadores e depois foram olhar eles mesmos. Um deles ficou de pernas abertas acima do pequeno espaço que servira de túmulo para o casal e olhou para baixo.

— Não é um modo ruim de acabar — disse ao colega. — Uma foda final antes que as luzes se apaguem.

— Parece que ainda estão se divertindo — retrucou o colega, e ambos riram antes de se dar conta de que ainda havia uma plateia encarando-os. — Vamos lá, bando. De volta ao trabalho!

Frieda não se moveu. Os olhos estavam fixos nas alianças de ouro nos dedos do casal morto. Pelo menos haviam morrido juntos, ao mesmo tempo. Não como seus pais. O inglês com as pernas ainda abertas acima do buraco também havia visto as alianças. Ele se

curvou e pegou-as, partindo um dos ossos na prensa; depois ergueu-as para avaliar o quilate antes de dar uma ao colega.

— Não vão poder levar com vocês — disse, antes de embolsar a aliança. — Ensaquem esses ossos! — gritou em alemão para as mulheres.

Frieda retornou a seu lugar na corrente junto a Albert, os olhos brilhando de lágrimas. As lágrimas eram fruto menos de compaixão pelo casal morto e mais de um transbordante desprezo pelas pessoas que haviam causado seu fim; e pela perda de sua própria mãe, cujo corpo nunca fora encontrado.

* * *

— Preciso de mais luz aqui. Gostaria de mover estas. Heike? As plantas?

Rachael indicou a folhagem escandalosa que enchia uma das grandes janelas e, a seus olhos, bloqueava a luz pela qual tanto ansiava após meses de escuridão ao ficar dentro da casa de teto baixo. Exceto por estufas e pelas onipresentes aspidistras, Rachael nunca antes vira tantas plantas no espaço principal de uma casa. Talvez na Alemanha fosse o máximo do bom gosto encher uma sala de arbustos, mas não conseguia viver com eles.

Heike foi até a primeira planta escandalosa, um agave encerado — quase plástico — e curvou-se para erguê-lo. Pouco antes hesitou e olhou para Rachael, apontando um dedo oscilante na direção da porta, confirmando que era o que a senhora queria.

— Sim, coloque na outra sala. Obrigada você.

Rachael compensava sua falta de alemão exagerando na pronúncia e inadvertidamente reforçou a palavra “você”, o que pareceu fazer a empregada sorrir. Enquanto carregava a planta para fora da casa, Heike deu um risinho, depois corou por seu próprio riso. Provavelmente era mais nervosismo do que subversão, mas Rachael ficou irritada com seu divertimento, como se seu pedido fosse prova de alguma peculiaridade estrangeira.

Rachael estava fazendo as primeiras afirmações territoriais na nova casa, enunciando-as com uma clareza seca que o primeiro-ministro Attlee certamente teria aprovado. E se a falta de linguagem e uma inexperiência com empregados faziam com que soasse mais seca do que pretendia, era importante se afirmar desde o início e definir os limites pelos quais poderiam levar a vida sob o mesmo teto. No entanto, nenhum volume de louças e cristais militares britânicos ou ato de reorganizar os móveis poderia mudar o fato de que estava vivendo na propriedade de outra pessoa, dormindo na cama de outra pessoa, andando pelo espaço de outra pessoa. No mínimo, as alterações que produzira — a remoção das plantas, a escultura de nu no hall que foi tornada mais pudica com um pano, as cadeiras da sala de jantar trocadas pelas de vime, mais confortáveis, da cozinha — serviam apenas para fortalecer o caráter da casa. Enquanto caminhava pelos cômodos, Rachael fantasiava poder ouvir a superioridade debochada sussurrando das paredes: *Você não pertence a este lugar e nunca pertencerá.*

Essa qualidade da autoconfiança parecia entranhada na equipe que, a despeito de sua deferência aparente, as medidas e anuências mecânicas, viam Rachael — ela estava certa disso — como uma impostora. Ela era ao mesmo tempo ingênua e emergente — especialmente para a seca e calada Greta, que servira por mais tempo à família Lubert e cujas lealdades se estendiam mais. Os olhares devastadores e desapontados que lançava a Rachael eram como os de um servo real que assistira à chegada e à partida de várias rainhas, embora nenhuma delas conseguisse alcançar a primeira. Rachael sentia que o lugar ainda estava sob a égide, o feitiço, de sua antiga senhora, e que sua presença se manifestava com mais força nos olhares e na postura dos empregados, cujas hesitações e respostas incertas a instruções mal disfarçavam a verdadeira postura: *Nossa senhora nunca teria feito isso assim.*

Ao dar a primeira caminhada pela casa, ela flagrou a si mesma travando uma pequena batalha. Não eram apenas as plantas: os móveis e a maioria dos objetos e acessórios eram um anátema.

Sabia estar na presença de certo tipo de excelência, mas não era um estilo que fosse capaz de amar ou mesmo ao qual pudesse aspirar; e embora conseguisse apreciar o espaço e a proporção dos cômodos, sentia-se intimidada pelo mobiliário mínimo. Ela queria luz e espaço, mas precisava de conforto e familiaridade. Se tivesse sido convidada a descrever aquilo, ela teria usado a palavra “moderno”, no sentido pejorativo. As cadeiras, por exemplo, pareciam ter sido reduzidas a sua função mais pura, não tendo maciez, conforto ou encanto — qualidades que Rachael considerava necessárias em uma cadeira. O mesmo valia para aparadores, luminárias, mesas. Não havia nada bonito, frívolo ou doméstico em nenhum deles. Tudo na casa parecia um pouco inteligente, um pouco clínico e sem alma. Muitas coisas pareciam ofensivas aos olhos de uma mulher galesa de classe média, criada com móveis vitorianos de madeira escura, braseiros a carvão, pianos de armário, gravuras sensíveis e inofensivas de castelos e desenhos botânicos. Apenas a sala de estar, com seu piano Bösendorfer de ébano e sua banquetta, chegavam remotamente perto de lembrar uma sala onde realmente poderia se querer se sentar; se ela pelo menos conseguisse retirar a estranha cadeira do canto — talvez substituí-la pelo simples, embora pesado, sofá de dois lugares do quarto principal —, então poderia começar a se sentir mais em casa.

Rachael olhou mais atentamente para a espreguiçadeira de couro e estrutura cromada. Será que era feita para sentar? Parecia uma cadeira onde aconteceria uma operação dolorosa. Talvez não fosse uma cadeira; talvez fosse um artefato. Talvez fosse ambos. Talvez esse fosse o objetivo. Qualquer que fosse a ideia implícita, ela não se interessava.

— Deveria experimentar.

Ela se virou e encontrou Herr Lubert, inexplicavelmente vestindo o macacão azul-marinho de um mecânico de automóveis e segurando um grande chaveiro em uma das mãos. Ele parecia descomposto, os cabelos despenteados e projetando-se para cima e para os lados, como se tivesse dormido com eles molhados. Lewis

sempre penteava os cabelos para trás com gel e mantinha-os brilhantes e imaculados, como se fizessem parte do uniforme; o estilo livre e juvenil de Lubert parecia o de um desertor ou artista esforçando-se para não se ajustar.

— É uma Mies van der Rohe. Casa da Construção?

Rachael ficou tão perturbada com sua aparência — as roupas, os cabelos, a descontração — que não ouviu as palavras.

— A cadeira — explicou Lubert. — Vale a pena experimentar. Foi projetada para ser uma das cadeiras mais confortáveis já inventadas.

— Não parece — disse Rachael. — Parece... exatamente o oposto.

Lubert sorriu, um pouco confiante demais, um pouco familiar demais.

— Bem, é uma observação interessante. Foi projetada por alguém que tentava rejeitar "adornos desnecessários"? É essa a expressão?

Rachael ainda estava pensando em como se comportar naquela situação. Qual era a postura apropriada? O que ela pensava dessa resposta? Por que ele vestia um macacão azul? E seu inglês... O inglês do homem era tão natural que ela precisava lembrar a si mesma que o homem era alemão e alguém com quem ela não deveria confraternizar, a não ser para comunicar questões práticas essenciais. Ele, porém, continuava a falar.

— Ele era da escola Bauhaus. Eles queriam simplificar as coisas — continuou Lubert. — Levá-las de volta ao essencial. Essa era a filosofia.

— É preciso uma filosofia para fazer uma cadeira confortável? — perguntou Rachael, surpreendendo-se e sentindo que aquilo era seco o bastante para marcar aquela conversa já desconfortavelmente longa com um ponto final.

O rosto de Lubert se iluminou.

— Mas é exatamente isso! Por trás de cada artefato, por trás de cada objeto, há uma filosofia!

Ela precisava dar um fim àquele diálogo. Estava estabelecendo um precedente muito ruim para futuras interações. Os limites

cuidadosos que planejara estabelecer — que começara a estabelecer — já estavam sendo ultrapassados.

Herr Lubert estendeu o molho de chaves.

— Como senhora da casa, deve ficar com isso. As chaves de cada aposento, com uma etiqueta identificando cada um.

Rachael pegou as chaves. “Senhora da casa”. Ela não se sentia assim nem acreditava que poderia desempenhar tal papel de modo convincente.

— Espero que tenha dormido bem, Frau Morgan — acrescentou ele.

Escolhendo ouvir naquela inocente banalidade uma familiaridade indevida, Rachael decidiu marcar território.

— Herr Lubert, quero ser muito clara com o senhor desde o início. Não estou à vontade com o acordo aqui, dividir uma casa com o senhor, e considero certo e adequado que nos comuniquemos apenas em função do essencial. Devemos ser educados, claro, mas não é adequado que nós... finjamos ser amistosos quando isso não... ajuda... nossa situação aqui. Precisamos ter linhas divisórias claras.

Lubert anuiu diante de seu corte peremptório, mas não pareceu nem de longe convencido e — de forma chocante para ela — continuou a sorrir do modo mais relaxado.

— Farei o máximo para não ser muito amistoso, Frau Morgan — disse ele.

E, com isso, fez uma mesura e deixou a sala.

* * *

— *Gutten Morgen, alle.*

— *Gutten Morgen*, Herr Governador. *Gutten Morgen*, Herr Oberst.

— *Est ist... kalt* — disse Lewis, abraçando-se e dando tapinhas nos braços com as mãos enluvadas.

Todos concordaram. Estava muito *kalt*.

Lewis começara a fazer questão de parar para dizer olá a qualquer alemão que pudesse estar junto ao portão do quartel-general — uma antiga biblioteca requisitada — do bairro de Pinneberg. Naquele dia havia mais pessoas nos portões que de hábito. A aproximação do inverno podia ser vista no hálito condensado, e o grupo normalmente submisso e dócil parecia irritado; com a mudança de estação chegando, a necessidade de encontrar um leito em um dos campos de desalojados tornava-se urgente.

Ele dera bom-dia, curvando-se a mulheres, sorrindo para crianças, batendo continência para os homens. As crianças davam risinhos, as mulheres faziam mesuras, enquanto os homens devolviam a continência e agitavam os papéis que, esperavam, iriam lhes dar acesso a cama e teto. Com aquele envolvimento, Lewis tentava tranquilizá-los, demonstrar que todos ficariam bem, que a normalidade estava sendo restaurada, embora o fedor de hálito faminto que o major Burnham identificara de modo tão insensível, e diante do qual Lewis havia se condicionado a não recuar, fosse uma lembrança pungente de que eles — com mais de um ano de ocupação — ainda não conseguiam atender às necessidades mais fundamentais do povo.

Uma vez dentro do perímetro, Lewis fez uma nota mental de mandar retirar o arame farpado que cercava seus escritórios. Ele não sabia quem ou o que aquilo mantinha do lado de fora, mas a CCA parecia achar que precisava ser protegida de uma panóplia de feras: o lobisomem, mítico militante da resistência à vitória aliada; as crianças selvagens vasculhando o entulho; mulheres alemãs predadoras e infecciosas caçando homens. E havia o boato de que animais tinham fugido do bombardeado Tiergarten Hagenbeck e continuavam soltos nos subúrbios de Hamburgo. Na verdade, o feio metal com que as autoridades haviam se enrolado tornava os britânicos os animais de zoológico e o povo local, os visitantes assombrados, fazendo caretas para as criaturas exóticas e nervosas atrás do arame.

O capitão Wilkins estava instalado em sua escrivaninha, lendo um livreto.

— Bom dia, Wilkins.

— Bom dia, senhor.

— O que está lendo?

— Chama-se “O caráter alemão” e é do brigadeiro W.E. van Cutsem. A CCA está insistindo em que o leiamos novamente. Querem muito que compreendamos os elementos perigosos na personalidade alemã antes de colocarmos as coisas em funcionamento. Ele fala uma coisa boa. Aqui: “Pode não haver uma demonstração externa de ódio, mas está lá, fermentando logo abaixo da superfície, pronto para ser invocado com toda ferocidade e amargura. Estejam alertas: esse é um povo que não sabe quando foi derrotado.”

Lewis ainda estava de pé, evitando o que sentia ser a emasculação que ocorria quando sentado atrás de uma escrivaninha. Olhou para seu jovem segundo em comando com uma exasperação mal disfarçada.

— Wilkins. Há quanto tempo está aqui?

— Quatro meses agora, senhor.

— E com quantos alemães conversou?

— Na verdade, não somos autorizados a falar com eles, senhor...

— Mas você deve ter trocado ideias com alguns. Observado alguns. Quero dizer, encontrado alguns.

— Um ou dois, senhor.

— E o que sente quando os encontra?

— Senhor?

— Sente medo? Sente seu ódio? Olha para eles e pensa que as pessoas estão a apenas um tiro de pistola da insurreição? Um povo que só espera o sinal para nos derrubar?

— Difícil dizer, senhor.

— Mas tente, tente dizer. Viu as pessoas junto aos portões? Você olha para aqueles miseráveis, aquelas pessoas esqueléticas, amarelas, fedorentas e sem teto se curvando, bajulando,

mendigando comida e abrigo e pensa: por Deus, sim, eu preciso lembrar a essas pessoas que elas foram derrotadas?

Wilkins tentou murmurar algo, mas Lewis não esperava uma resposta.

— Não encontrei nenhum alemão que tenha dificuldade de acreditar que foi derrotado, Wilkins. Acho que eles, sem exceção, aceitaram isso alegremente e com algum alívio. A verdadeira diferença entre eles e nós é que eles foram absoluta e totalmente fodidos — e sabem disso. Nós é que estamos demorando demais a nos ajustar a esse fato.

— Senhor.

Wilkins pousou o livro ofensivo e pegou uma papelada menos polêmica. Parecia quase ferido. Havia, naquele dia, uma dureza incomum no tom do chefe.

Lewis imediatamente ergueu a mão em um pedido de desculpas. Acreditava em cada palavra, mas elas haviam saído com demasiada ênfase, marcadas pela suscetibilidade e pelo desapontamento acumulados que sentia desde a chegada de Rachael a Hamburgo. Ele não dormira nada bem e, embora tivesse dito a si mesmo — dito a Rachael — que era só por ter de partilhar uma cama após meses esticando os pés pela amplidão fria de camas de hotéis requisitados, na verdade sua reunião não era a completude pela qual havia esperado. Esperara que ela se apegasse ao novo ambiente com o mesmo entusiasmo que demonstrara na primeira casa deles, o triste espaço sem cor alugado em Shrivensham. Ela um dia fora flexível diante de circunstâncias que mudavam, mas ali parecia muito desmotivada, achava tudo repugnante. Inclusive ele. Michael a sobrecarregava mais do que imaginara, e ele não apenas avaliara mal como tornara as coisas piores com as palavras erradas e, a seguir, com palavra alguma. Ali, no trabalho, ele tinha eloquência, emoção e convicção; com Rachael ele experimentava uma estranha incompetência. E, em duas semanas, ainda não haviam tido “um momento”.

Claro que nada daquilo era culpa ou problema de Wilkins.

— Sugiro que saia mais, Wilkins. Encontre as pessoas. É o melhor antídoto para essa baboseira teórica. Não ajuda ter nosso quartel-general aqui, mas você precisa ver a realidade das condições alguns quilômetros a oeste. Confraternize. É uma ordem.

— Senhor...

Houve uma batida na porta, e a cabeça rotunda e vermelha do capitão Barker surgiu à porta. Ele examinou a cena, sentiu um clima e escolheu manter o resto do corpo no corredor.

— Senhor, as mulheres estão prontas para vê-lo.

— Certo, Barker. Obrigado. Quantas são?

— Reduzi a escolha a três, senhor.

— Como conseguiu isso?

— Escolhi as mais bonitas, senhor.

Lewis se permitiu um sorriso. A zona britânica podia ter se tornado uma meca para os desajustados — colonialistas desempregados da Índia, aproveitadores, funcionários públicos fracassados e policiais preguiçosos —, mas joias casuais se destacavam. E Barker era uma joia, trabalhando duro em tudo que fazia e mantendo a leveza; não estava ali para pequenos ganhos ou fugindo do fracasso em outros setores; dissera ter ido à Alemanha para fazer diferença, e parecia livre da arrogância e da afetação de tantos da nova geração de oficiais que haviam chegado. Tal probidade brilhando no estrume dava a Lewis a esperança de ter algo com que trabalhar.

— Elas falam inglês bem?

Barker olhou para o corredor, indicando que as mulheres podiam ouvi-los.

— Todas são fluentes — respondeu. — Para selecionar, pedi que citassem o maior número possível de times de futebol ingleses. Uma delas citou o Crewe Alexandra.

— Acha que a Inteligência usa métodos de recrutamento tão sofisticados?

— Claro que não, senhor. A Inteligência teria escolhido as feias.

Crewe Alexandra foi a primeira. Lewis se levantou quando ela entrou e conduziu-a à cadeira diante da escrivaninha. Empurrou para o lado as pastas que bloqueavam sua visão. De chapéu com abas e roupa de veludo, ela parecia uma *suffragette* aristocrática, uma aparência um tanto acentuada por suas botas militares grandes demais. Tinha um rosto anguloso, com sobrancelhas pesadas e lupinas, olhos sobrenaturais que olhavam simultaneamente para e através de Lewis. Ele nutria a sensação peculiar de tê-la conhecido antes em algum lugar e, embora esse não fosse o caso, corou, como se o pensamento provasse alguma emoção inadequada mais profunda. Ele se recompôs e passou os olhos pelo relatório apressadamente datilografado por Barker.

— Ursula Paulus. Nascida em 12 de março de 1918. Wismar?

— Sim. Está certo.

Desde a guerra era muito mais difícil adivinhar a idade das pessoas. Perda, separação, privação e uma dieta ruim haviam envelhecido todos, especialmente as mulheres. Rugas faciais vincaram antigas dobras de gordura, e os cabelos ficaram grisalhos e ralos, tendo perdido — ou sido privados de — cor e vigor. Lewis identificava mais vida vivida, mais sabedoria, mais dor na expressão dela que na maioria das pessoas de vinte e oito anos.

— Veio da Ilha Rügen?

— Vim.

— Como chegou a Hamburgo?

— Caminhei — disse, e baixou os olhos para as botas. — Desculpe. Ainda não consegui encontrar calçados melhores.

— Não tomarei minha decisão com base em vestuário, Frau Paulus. Onde aprendeu inglês?

— Eu ensinava a língua em uma escola de ensino fundamental da ilha.

— Não quis permanecer em Rügen?

Ela balançou a cabeça, e Lewis decifrou:

— Os russos?

— Eles não tratam as mulheres alemãs com gentileza.

— Isso é dizer pouco.

— É um... eufemismo? — perguntou, conferindo para ver se era a palavra certa.

Lewis anuiu. Esperta, como os americanos gostavam de dizer.

— Fala russo?

— Um pouco.

— Poderia ser útil. Se os soviéticos levarem a melhor, poderemos todos acabar falando russo.

Lewis baixou os olhos novamente para as anotações de Barker.

— Serviu na base naval de Rostock durante a guerra. O que fazia?

— Eu era... vocês chamam de estenógrafa.

— E quanto ao seu marido? Ele tem trabalho?

— Morreu no começo da guerra.

— Desculpe... aqui diz que é casada...

— Bem. Eu sou... Até me casar novamente.

Lewis ergueu a mão em um pedido de desculpas.

— Compreendo. Seu falecido marido serviu na Luftwaffe.

— Falecido... você quer dizer morto?

— Sim.

— Sim. Morreu na França. Nas primeiras semanas da guerra.

— Lamento — disse Lewis, levantando a mão e sacudindo a perna nervosamente. — Então, Frau Paulus. Há centenas de mulheres alemãs candidatas ao trabalho de intérprete. Por que eu deveria escolhê-la?

Ursula deu um sorriso curioso e disse:

— Uma garota tem de se manter aquecida.

Lewis sorriu com a resposta honesta. Fez um movimento desatento para verificar algo nas fichas das duas outras mulheres, mas era um gesto vão. Ele já chegara a uma conclusão. Teria de entrevistar as outras candidatas, mas nenhuma delas mudaria a decisão que havia tomado. Isso se devia, em parte, à grande necessidade de avançar e à sua reação alérgica a ficar sentado atrás de uma escrivaninha, mas Frau Paulus o havia conquistado antes mesmo que ele avaliasse a qualidade do seu inglês ou sua

adequação ao cargo. Ele precisava estar perto de gente que transpirava aquela graça conformada. E queria saber sobre aquelas botas — sua origem, as estradas que haviam percorrido, as experiências nelas. Ele se viu — mais tarde, talvez no carro — perguntando isso à moça, e ela contando a história de como caminhara da ilha Rügen a Hamburgo para escapar dos russos. Esticou a mão na direção de uma das caixas recém-entregues contendo questionários, pegou um deles e deu-o a ela.

— É obrigatório que preencha um destes. Eu me desculpo pela tolice de algumas das perguntas.

Depois tirou outra coisa de uma gaveta da escrivaninha: um livreto de vales das Forças Armadas Britânicas. Arrancou dois e entregou-os a ela.

— Use para comprar sapatos novos.

Ela os pegou, insegura, como se não compreendesse sua intenção; talvez fosse um teste.

— Por favor — estimulou Lewis. — Uma intérprete do governador deve se vestir como tal.

E com isso Ursula perdeu a pose; suspirou, como se soltando a respiração presa havia muito, e depois, estendendo as mãos, tomou as de Lewis, prendeu-as nas suas e agradeceu a ele espontaneamente em alemão e, a seguir, lembrando-se, em inglês.

— Obrigada, coronel. Obrigada.

Inglês, russo, ianque, francês. Inglês, russo, ianque, francês.

Todo dia eles pegam nossas coisas,

E todo dia sentimos o fedor

D'inglês, russo, ianque, francês.

Inglês, russo, ianque, francês!

Os selvagens cantaram o versinho, começando em voz baixa, depois em um crescendo até um “francês!” quase cuspidado, vomitado. Cantaram menos por desafio do que pela necessidade de se distraírem do frio terrível. Daquela vez a canção parou após duas repetições.

Ozi se sentou em uma maleta e jogou um hinário na fogueira. Enquanto queimava, passando de verde para azul e então laranja, os selvagens se aproximaram mais da beirada do fogo na cratera para receber seu fraco calor. Ozi estava pensando no que dizer. Estavam cansados de se mover, mover, mover, mas era o que teriam de fazer.

A igreja abandonada havia sido sua casa desde que deixaram o Tierpark Hagenbeck, onde haviam vivido, sem serem descobertos, por três meses na caverna abaixo da montanha artificial dos macacos. As casas de Deus quebradas eram lugares mais seguros para se esconder, mas possuíam suas limitações. A Christuskirche tinha um buraco no teto por onde uma bomba entrara e uma cratera do tamanho de um carro no lugar onde ficava o coro. O grande buraco era um lugar natural para fazer uma fogueira, e eles haviam sido pródigos com os bancos de madeira de lei e, desde que o frio começara, tinham passado a queimar livros, começando com os textos sagrados ao redor. Livros eram bons para dar início ao fogo, mas um combustível ruim, queimando rápido e com brilho, mas produzindo pouco calor. Dietmar voltara da velha biblioteca da universidade com *As obras completas de Walter Scott* em um carrinho de mão, mas eles as haviam consumido em poucas horas. Um milhão de palavras para manter cinco crianças aquecidas por apenas uma noite! Naquele momento, não havia mais nada a queimar. Ozi olhou as últimas páginas de louvor enegrecerem e flutuarem para a abóbada acima, e decidiu agir. Bateu palmas.

— Escutem. Amanhã iremos para Elbchaussee. Há casas junto ao rio lá, onde os ingleses de alta patente moram. Casas com gramados indo até o rio; casas com um banheiro para cada pessoa. O inglês pega todas as casas boas, mas não está ocupando todas. Algumas vezes coloca do lado de fora da casa um cartaz dizendo “Requisitado”, mas ela fica vazia até a família do inglês chegar. E outras vezes ela não vem, a casa fica vazia, e eles se esquecem de que não tem ninguém lá. Berti achou uma casa e diz que podemos nos mudar logo.

— Eu gosto daqui, da casa de Deus — afirmou Otto. — Estamos seguros aqui. E ninguém nos diz o que fazer.

— Não podemos mais ficar aqui — insistiu Ozi. — Não consigo dormir com sua tremedeira. Precisamos encontrar a casa vazia de um banqueiro gordo com cadeiras, camas e torneiras de ouro. Vamos ter uma banheira para cada um. Banheiras grandes o bastante para que a água cubra seus joelhos. Não como Hammerbrook, onde costumávamos ouvir o velho Langermaid peidando ao lado, em sua banheira. Então, quando encontrarmos uma casa, vamos enganar todos aqueles refugiados da Polônia e da Prússia nos campos de desalojados. Aqueles cretinos estão tão desesperados que vão fazer qualquer coisa. Estão todos procurando papéis, trabalho e comida. Podemos fazer bons negócios com eles. Logo seremos milionários e compraremos nossa própria mansão junto ao rio.

— E se não encontrarmos uma casa vazia? — perguntou Otto.

— Então pegaremos as migalhas da mesa do inglês — disse Ozi, dando um suspiro impaciente. — Ernst? Está nessa?

Ernst confirmou com um gesto de cabeça.

— Siegfried?

Siegfried levantou a mão.

— Dietmar, está dentro?

Dietmar não estava escutando. Passava os dedos sobre a filigrana de um retábulo caído e quebrado que retratava a sequência da vida de Jesus em quatro cenas: natividade, batismo, crucifixão e ressurreição. Ele acariciou o granito branco esculpido, tentando decifrar a história contada na pedra fria. Vestia um colete salva-vidas inflado, com apito e uma lanterna balançando, que usava para examinar melhor a obra. A peça fora separada do altar pela explosão e caíra no chão, partindo-se. Ozi precisava da aprovação de Dietmar. Apesar de ser gravemente “perturbado” e dado a falatórios repetitivos e delirantes, Dietmar era útil. Parecia mais velho que os demais e sabia andar pela cidade.

— Didi?

Dietmar ainda estava preocupado com o objeto religioso.

— O que isso deveria ser? — perguntou, passando o dedo sobre a figura de Jesus.

— Esse é Jesus Cristo — respondeu Otto. — O salvador do mundo.

Houve um silêncio em parte reverencial, em parte incerto.

Dietmar lançou a luz fraca sobre a cena do batismo.

— Por que ele tem um pássaro na cabeça? — perguntou, começando a balançar os quadris. — Por que a ave está lá?

Dietmar precisava de uma resposta e, como seu líder, era importante que Ozi lhe desse uma. Ozi olhou para a pomba pairando acima do salvador semissubmerso. Fragmentos confusos de histórias relacionadas, plantadas em sua mente pela mãe, juntaram-se para formar uma resposta.

— Jesus vivia em um barco com muitos animais. Mas ele realmente gostava de pássaros. Especialmente pardais.

Dietmar havia passado para Jesus na cruz e ficara muito agitado com aquilo.

— Por que eles estão matando o homem? — perguntou Dietmar.
— Por que estão matando o homem?

— Calma, Didi. Não é de verdade.

— Por que estão matando o homem? Por quê?

— Ele era judeu — disse Siegfried.

— Ele era judeu. Ele era judeu — repetiu Dietmar, e isso pareceu acalmá-lo durante algum tempo. — Ele era judeu. Ele falava com animais. Ele vivia em um barco.

— Meu pai me deu um nome alemão, não um nome cristão — falou Siegfried. — Ele disse que os cristãos são fracos.

— Inglês é cristão? — perguntou Ernst.

— Inglês acredita em democracia. E no rei de Vindsor — afirmou Ozi com determinação, querendo avançar.

— Como podemos confiar em inglês? — objetou Siegfried. — Num momento está nos matando; no seguinte, está dando chocolates.

— Chega desse falatório! — disse Ozi, a voz falhando de frustração.

A fumaça e a poeira que inalara durante a tempestade de fogo o haviam deixado com pulmões fracos e uma voz que era um estranho sussurro rouco. O inglês havia arrasado sua casa e incinerado seus vizinhos, mas respirar a poeira dos mortos vaporizados o deixara com um bem inesperado: um rosnado rascante que parecia assustar garotos, forçando-os a obedecê-lo ou fazer adultos chocados lhe darem coisas. Ele então se ergueu em cima da maleta.

— Eu sei, melhor do que qualquer um de vocês, o que os Anjos Pesados do inglês fizeram quando produziram a grande bola de fogo. Eu vi, e meus olhos quase ferveram na minha cabeça por ter visto isso. Há um filme na minha cabeça que nem sequer preciso ir a Einplatz e pagar. Posso ver paredes de casas caindo com quadros ainda pendurados nelas, posso ver um piano voando e se quebrando com uma barulheira, páginas de livros. Está tudo na minha mente. Algumas vezes as imagens simplesmente surgem no melhor momento do meu dia, quando não são bem-vindas. Mas não quero esse filme. Há outros filmes agora. Como Henrique Quinto e Mágico de Oz. E inglês não é tão mau. Sei que ele dirige carros gordos inúteis. Mas tem algumas coisas boas para dividir. Não temos de fingir estar felizes, como antes. Levantar, sentar e bater continência a cada quatro segundos. Agora você pode dizer o que quer, sem que um amigo exploda sua cabeça ou o denuncie. Isso é democracia. E inglês faz piada de qualquer coisa. Até das bolas do Führer.

Ernst riu alto, mas os outros se entreolharam. Mesmo naquele momento parecia uma blasfêmia grande demais.

Ozi pulou de sua maleta e empertigou-se.

— Não vou ficar aqui. Vamos embora.

— Não quero ir — disse Otto. — Gosto da casa de Deus.

— Olhe, Otto — argumentou Ozi. — Você pode ficar se quiser, mas vamos arrumar uma mansão com uma porra de uma banheira e uma porra de uma cama tão macia que você vai achar que está no

céu. Cansei de buracos no chão. Cansei de zoológicos. E de igrejas. Logo estaremos vivendo como o próprio kaiser.

Otto estava prestes a ser carregado pelas profecias de Ozi.

Ozi pulou nas últimas brasas da fogueira e pisoteou-as para apagá-las.

— Quem vem comigo?

Ernst foi o primeiro a ficar de pé.

Siegfried colocou o chapéu e disse:

— Vamos lá tomar uma porra de um banho de banheira.

Dietmar finalmente ergueu os olhos do retábulo e completou a nova liturgia:

— Vamos lá tomar uma porra de um banho de banheira.

À medida que o outono se tornava inverno, Rachael sentia que os dias mais curtos se arrastavam. Com Lewis trabalhando muito o tempo todo e empregados para realizar as tarefas que normalmente ela mesma cumpriria, havia pouco a fazer e muito tempo para cada coisa. Como se esperasse isso, Lewis estimulara a esposa a voltar ao piano. "Sinto falta de ouvi-la tocar", ele dissera, acrescentando que "lhe faria bem". Ele sempre demonstrara verdadeiro entusiasmo por sua execução e, de uma forma cegamente leal, achava a esposa melhor do que era; mas sabia que o que ele realmente desejava era que ela afastasse da mente "coisas que não fazem bem". E assim, toda manhã, enquanto Edmund tinha aulas com Herr Koenig, o professor que Lewis encontrara em um dos campos de refugiados, ela tocava no Bösendorfer de meia cauda.

Ter um instrumento tão adorável à disposição deveria ser uma bênção, mas não era tão simples assim. Ela não tocara piano desde a morte de Michael. Seu filho havia sido um aluno muito habilidoso, e ela associava o piano a ele mais que a qualquer outra pessoa. Ele sempre ficava por perto do velho Norbeck (comprado com grande esforço por Lewis com seu salário magro de subalterno), pedindo repetidamente a ela para tocar e cantar a fantasmagórica "Erlkönig", de Schubert, com sua nota ameaçadora e insistente e a curva trágica, a história do garoto doente que pede ao pai para cavalgar mais rápido por estar convencido de que o rei dos elfos está vindo tirar sua vida.

Ela começara com algo leve que sabia de cor: “La fille aux cheveux de lin”, de Debussy. Conseguiu chegar à metade, então parou. As sugestões eram demais. Apoiou a testa na beirada da tampa e tentou se recompor. Precisava de música nova. Como Lewis dissera naquele primeiro dia, no Atlantic Hotel? “Este país precisa de uma nova canção.” Ela procurou na banquetta do piano canções sem quaisquer associações. O assento duplo estava cheio de partituras soltas: um prelúdio de Bach (familiar demais), um noturno de Chopin traiçoeiramente difícil (melancólico demais) e mesmo sua sonata favorita de Beethoven — a última (difícil demais). O alto de cada partitura era marcado com uma assinatura a tinta: “C. Lubert”. Se a senhora da casa anterior tocava tudo o que havia marcado, deveria ser mais do que uma pianista amadora, pois ninguém com menos que uma técnica formidável pegaria aquelas peças por diversão. A ideia produziu em Rachael ao mesmo tempo curiosidade e sentimento de competição; ela construiu uma rápida imagem mental de Claudia Lubert sentada ali, ao piano, tocando (claro) a etérea e complexa 32ª Sonata de Beethoven para uma sala cheia do que Rachael imaginava ser a alta sociedade alemã: boêmios, artistas, poetas e arquitetos, além de militares de botas de cano alto. Claro que nessa imagem idealizada sua rival era perfeita: Claudia Lubert como uma pianista brilhante e refinada, toda equilíbrio, paixão e contenção, além de absolutamente modesta no modo como recebia os aplausos entusiasmados. A cena era detalhada em todos os aspectos, a não ser pelo rosto da heroína.

Rachael optou por uma breve composição de Schumann intitulada “*Warum?*”. Não conhecia a peça, mas lia bem, aprendia rápido. O frágil piano de armário de seus pais oferecera viagens rápidas e gratuitas para longe do mundo provinciano. Poderia ter feito do piano sua vocação, mas casamento, filhos e guerra haviam limitado sua evolução a canções natalinas e de aniversário e eventuais apresentações em salas de estar durante coquetéis. Aquela peça parecia interessante. Era suficientemente lenta e leve para começar, e assim que foi além de apenas descobrir a melodia, encontrou uma

composição com profundidade nas pausas e uma ânsia em sua melodia. Era como deparar com um lago pequeno, porém profundo, e ela mergulhou nele, tocando repetidamente, como uma aluna dedicada preparando-se para uma prova, determinada a dominá-la e, no final, perdendo-se nela. Pela primeira vez em meses, ela percebeu o sentido das coisas correndo por suas veias. Descobrira um remédio inesperado em tocar; isso não apenas afastava sua mente de coisas que não faziam bem; ela também conseguia se esquecer de si.

* * *

Certa tarde, na primeira semana de novembro, Rachael foi para sua hora de prática antes de Lewis chegar em casa. Ao se aproximar da sala de estar, pôde ouvir alguém tocando sua “nova canção” — mal. Entrou na sala e encontrou Herr Lubert, vestindo macacão azul, curvado sobre as teclas, tocando a peça de Schumann com a intensa concentração de alguém cuja determinação precisava compensar a falta de talento. Ele tocava com dificuldade, usando demais o pedal de sustentação, e seu rosto, normalmente bonito, estava embotado pelo esforço.

— Herr Lubert?

Ele se esforçava tanto para não errar que inicialmente não a escutou.

Rachael deslocou-se para o espaço entre a tampa erguida onde ele não poderia deixar de vê-la e repetiu o nome, mais alto.

— Herr Lubert!

Lubert deu um pulo, surpreso, ergueu as mãos ofendidas em pedido de desculpas. Raspou a banquetta do piano no piso de carvalho ao se levantar abruptamente, fechando a tampa sobre as teclas.

— *Bitte verzeihen Sie mir*, Frau Morgan — disse, e era a primeira vez que ela o ouvia falar alemão. — Eu deveria ter pedido. Perdoe-me, Frau Morgan.

Rachael não sabia ao certo o que dizer e, no silêncio de um segundo que se seguiu, ela quase inconscientemente ajeitou os cabelos.

— Eu costumava praticar meia hora — disse ele. — É um velho hábito... difícil de abandonar.

Ela pensou em corrigir o erro, mas não queria encorajá-lo. Lubert, contudo, prosseguiu, em seu tom familiar.

— Eu toco muito mal. Não importa quanto treine. Terrível, eu sei. Mas me ajuda... Eu não toco para melhorar. Apenas para... me lembrar e me esquecer. Ouvi dizer que toca muito bem. Seu filho me diz que é uma excelente pianista.

Mesmo em seus poucos diálogos secos, ela sentira Herr Lubert baixando anzóis e atraindo-a com perguntas, e embora quisesse responder, recuou para sua posição de origem: logo atrás das linhas de seu tratado original.

— Achei que havíamos concordado com certos limites, Herr Lubert.

— Sim. Lamento. Eu pretendia vir e pedir antes. No entanto, hoje voltei mais cedo da fábrica para casa. Havia um protesto. Precisava esquecer o dia, só que acabei me esquecendo de mim mesmo. Lamento, Frau Morgan — disse, e olhou para ela com uma testa franzida que ficava entre impertinente e inquisitiva. Ela não conseguia decidir.

Mais uma vez, ele ocupou seu silêncio incerto.

— “Morgan”. Estava pensando: esse é um nome comum na Inglaterra?

— É galês — respondeu ela, mordendo a isca.

— Gales — refletiu ele. — Ouvi dizer que é um país pequeno, porém bonito.

— Era grande o bastante para ser bombardeado.

Como era incômodo se ver interpretando aquele papel — um entre os muitos que se via relutantemente interpretando com as pessoas: a Mãe Sofredora, a Esposa Distante e agora a Ocupante Rude. Este último papel era o que tinha de se esforçar mais para

assumir, e Lubert não parecia se deixar convencer por ele — nem mesmo percebê-lo. Simplesmente descartou seu sarcasmo com uma anuência de compreensão, deixando que corasse com a própria grosseria e a graça com que a recebeu.

— Conversarei com o coronel Morgan sobre permitir que use o piano — anunciou ela, no tom mais conciliador que conseguiu assumir.

— Agradecido, Frau Morgan... ficaria muito grato — disse Lubert, e sorriu com o que parecia ser gratidão sincera.

— Sua esposa tocava? — perguntou Rachael, indicando as assinaturas no alto das partituras.

— Claudia tinha muitos talentos... Ela... — Lubert interrompeu-se. A referência à esposa o abalara. Ele baixou a guarda, e a arrogância confiante evaporou. — Ela não tinha ouvido musical. A mãe era a pianista.

A notícia foi um alívio para Rachael, mas, ao explodir a ilusão sobre a esposa completamente brilhante de Lubert, sua curiosidade foi atiçada ainda mais. O modo como ele falara dela e a expressão em seus olhos ao fazê-lo, a hesitação entre as palavras...

— Estava pensando no que significa o nome da peça. "Var-um"? Seria "Por quê?", por acaso?

A pronúncia, assim como a pergunta, era uma concessão. Até o momento ela se recusara a fazer seu "W" nativo soar como "V".

— Não há uma tradução perfeita. É "Por quê?". Mas é mais "Por que isso aconteceu? Por qual motivo?". Algo assim, creio.

— É... adorável.

— É... sublime.

Rachael anuiu, concordando. Era celestial. De alguma forma, "absoluta". Mas, como um viajante de repente se dando conta de que seguira demais por uma estrada fora do mapa até um território desconhecido, Rachael conferiu sua bússola interna e verificou a posição.

— Conversarei com o coronel Morgan — disse.

Com isso, fez uma pequena medida e deixou a sala.

* * *

Edmund correu a mão pelas lombadas dos livros na biblioteca, mundos inteiros na ponta dos dedos. Ele não procurava um livro para ler — por ora, tocar era suficiente —, estava apenas conhecendo o novo parque de diversões. Com suas salas espaçosas e misteriosas, mobília de ficção científica e encontros imprevisíveis, a casa lhe dava todas as histórias e incidentes de que precisava. De fato, era menos uma casa e mais um palco orgânico vivo para um drama no qual ele era o ator principal; enquanto sua mãe se atrapalhava como um substituto nervoso, Edmund, com seu camarada Cuthbert, ia de um cômodo a outro como o protagonista em um mistério que estava destinado a solucionar.

Frieda era a antagonista óbvia naquele palco, e seus atos, em vez de afastá-lo, apenas aumentavam seu fascínio. A imagem daquele encontro inicial nas escadas — o vislumbre de algo que ele não compreendia, mas que gostaria de ver mais — arrastara-o para a base da escadaria dos Lubert na esperança de conseguir. O presente do urinol cheio parecera um alerta, mas também um convite. Deveria tê-lo enojado, alertado para um perigo (pensara em se deveria relatar o comportamento dela a seus pais), contudo, ele sabia que aquilo o conduzia a algum lugar interessante, como uma ponte frágil sobre uma ravina levando a uma floresta densa e exótica cheia de cheiros e sons secretos. Mesmo o mijo dela, enchendo a tigela de porcelana Delft, tivera um cheiro misterioso; fizera um som intrigante quando ele o jogara no toailete.

— Tem algum livro específico que esteja procurando?

Herr Lubert entrara no aposento a caminho da sala de estar, ainda vestindo o macacão azul. Se Frieda era adversária de Edmund, então o rápido Herr Lubert era seu improvável aliado. Ele não parecia ter qualquer das características alemãs apresentadas com tanta firmeza no guia. Não era arrogante ou orgulhoso, apenas confiante e amigável; não era sério ou melancólico, tinha uma leveza; e sua expressão — olhos brilhantes, narinas dilatadas e boca

voltada para cima — estava sempre prestes a rir. De fato, nas semanas anteriores, Edmund descobrira que gostava daquele alemão; ele parecia genuinamente interessado, querendo saber tudo sobre Gales (“Como é seu país?”), a vida durante a guerra (“Seu pai ficou muito tempo longe?”), até mesmo perguntando se sua mãe estava se acostumando (“Espero que consiga se sentir em casa aqui”). E conhecia coisas. Na última vez em que o encontrara no salão, Herr Lubert destacara que os soldadinhos de chumbo vermelhos com os quais estava brincando na escadaria eram miniaturas das tropas enviadas pelo rei anglo-germânico Jorge III para combater os rebeldes americanos.

— Estava apenas olhando — disse Edmund. — São todos em alemão?

— A maioria. Mas alguns são em inglês. Especialmente os livros infantis. Sinta-se à vontade para ler qualquer livro aqui. E se procurar com cuidado, encontrará uma câmara secreta.

Herr Lubert adotou um ar conspiratório, olhou por sobre os ombros procurando empregada ou mãe, depois correu um dedo pela segunda prateleira, parando em um livro puxado pela metade para fora da prateleira. Tirou e mostrou a capa a Edmund. Tinha um desenho a carvão de quatro figuras em uma carroça frágil fugindo de algum problema não visível e chamava-se *Vom Winde verweht*.

— *E o vento levou* — disse ele. — Era o livro preferido de minha esposa.

Ele parou e ficou triste por um momento. Lembrou a Edmund sua mãe divagando, mas Herr Lubert se recuperou rapidamente e continuou:

— Vimos este filme nos primeiros anos da guerra. Ela não gostou tanto quanto do livro. Tivemos uma discussão. Mas eu adorei. Clark Gable. “I don’t give a damn!”

Edmund não conhecia a fala, mas gostou do fato de Lubert conseguir fazer um sotaque americano e dizer “damn” com tanto prazer e estilo.

— Viu o filme?

— Minha mãe viu — respondeu Edmund. — Viu com minha tia.
— É um filme muito emocionante. Sua mãe me lembra um pouco a atriz Vivien Leigh. Seja como for. Veja o buraco aqui — disse, apontando para o espaço aberto na prateleira, enfiando a mão nele e tirando uma caixa colorida de charutos cubanos. Depois empurrou-a de volta e recolocou o livro no lugar. — Não conte a ninguém. Nem mesmo minha esposa sabia desse espaço. Os homens precisam ter seus segredos.

* * *

Mais tarde, Edmund estava ajudando a mãe a conferir as louças, que finalmente haviam chegado, com um mês de atraso, e encontravam-se espalhadas sobre a mesa de jantar como a maquete de uma cidade futurista. Ele acabara de contar o serviço de jantar verde-sálvia, impressionando a mãe ao chegar até doze em um alemão confiante e correto. Ela estava na metade da contagem dos talheres, aliviada por terem chegado e ela não precisar aceitar a oferta de Herr Lubert de no meio-tempo usar seu faqueiro de prata pura reconhecidamente elegante.

- Mãe. Como é a Vivien Leigh?
- Vivien Leigh?
- Ela é bonita?
- Por que está perguntando?
- Porque Herr Lubert disse que você se parece com ela.

Edmund partilhou isso na esperança de que suavizasse a postura da mãe para com o antigo senhor da casa, mas por alguma razão isso a fez corar e retrair-se. Talvez Vivien Leigh fosse feia.

- Quando você esteve, ou melhor, *por que* esteve falando com Herr Lubert?
- Ele estava só... me mostrando umas coisas.
- Que coisas?
- Alguns... brinquedos e alguns livros.

— Você não deve encorajá-lo, Edmund. As coisas ficam desconfortáveis se você se aproxima demais.

— Mas ele parece muito bacana... Ele...

— Só porque alguém parece bacana não significa que seja — interrompeu Rachael. — Deve tomar o cuidado de não conversar demais com ele, ou com a filha. Isso irá criar ressentimento.

Edmund anuiu. Ele certamente não mencionaria seus encontros viscerais com Frieda. Se sua mãe ficava perturbada com a afabilidade de Herr Lubert, certamente explodiria com as estripulias da filha, que mostrava roupa de baixo e oferecia urinol.

— Posso brincar no jardim?

— Tudo bem. Mas não se afaste muito. E coloque seu pulôver. Está frio lá fora.

* * *

Ao sair, Edmund se deparou com Heike, que estava tentando passar de um andar a outro sem ser notada, caminhando com pés leves.

— *Gutten Morgen, kleine Mädchen* — disse ele ao passar, tentando uma combinação de palavras recém-aprendidas. Edmund gostava daquelas palavras alemãs: eram honestas, precisas e, quando reunidas, tinham uma melodia percussiva.

Heike fez uma mesura antes de voltar a subir as escadas, divertindo-se muito com algo.

Edmund entrou na estufa e saiu pelas portas francesas. Correu pelo gramado até o exuberante rododendro perene que era o limite natural do terreno. A planta tinha três vezes a sua altura e era grande o suficiente para conter um mundo em seu interior, um emaranhado maduro de caminhos cruzados. Suas últimas flores haviam acabado de superar o auge e encaminhavam-se para a morte anual, porém ainda eram vistosas o suficiente para evocar uma floresta crível, e Edmund enfiou-se nela como um Pizarro ou um Cortés, vencendo os galhos com um facão imaginário, perdendo-

se em sua fantasia até se deparar com uma tela de arame — o limite da propriedade estabelecido pelo homem.

Uma campina acidentada se estendia diante dele com o rio de um dos lados, uma lembrança de sua distância e de sua proximidade em relação às consequências brutais da guerra. O campo estava marcado por tufo de capim e áreas de terra nua. Alguns estábulos e galinheiros haviam sido transformados em barracos no ponto mais distante. Junto aos barracos ele podia ver figuras — pareciam crianças — de pé ao redor de uma pequena fogueira. E, no meio da campina, havia um asno esquelético com a barriga inchada.

Edmund saltou a cerca e atravessou o campo para dar uma olhada melhor no animal. Mesmo enquanto o menino se aproximava o animal permaneceu imóvel, sem mexer um músculo, rabo caído. Seu pescoço estava marcado por feridas, e ele parecia não ter forças para sustentar a cabeça; os ossos muito pronunciados pareciam querer atravessar o couro cansado. “Pobre asno”, disse Edmund, e seus olhos se encheram de lágrimas pelo estado desalentador do animal e a expressão equivalente. Ficou surpreso com as lágrimas. Não as derramara sequer pelo irmão, e ali estava ele chorando pelo mais inferior dos animais, além de tudo alemão — embora não estivesse certo se animais tinham nacionalidade. Enfiou a mão no bolso e tirou um cubo de açúcar que pegara na cozinha quando Greta estava em algum lugar no andar de cima. Ele o segurou sob a boca do asno, mas nem mesmo açúcar conseguiu produzir uma reação.

— *Mein Mittagessen!*

Edmund se virou na direção do grito e foi confrontado pelo espectro louco de um garoto usando chapéu de cossaco russo e roupão, que marchava até ele e falava alemão com voz rouca. Outras crianças o seguiam alguns metros atrás.

— *Finger weg!* — gritou o garoto. Ele tinha um tom agressivo, mas Edmund não se sentiu ameaçado; havia algo de comicidade e afetação nos modos dele: era tudo meio que uma encenação para o

grupo. — *Das ist mein Mittagessen!* — repetiu, e Edmund tirou a mão de sob a boca do asno.

As outras crianças chegaram e posicionaram-se junto ao líder de chapéu engraçado, que agora dava voltas ao redor de Edmund, farejando o ar. As crianças vestiam uma variedade de roupas que pareciam tiradas às pressas do vestiário de uma trupe teatral. Edmund de repente se sentiu chamando atenção em suas roupas totalmente normais — sapatos marrons de cadarço, meias de lã até os joelhos, short cinza, camisa mista de lã e algodão e pulôver de gola em V —, e o bando começou a circundá-lo e cutucá-lo. Um deles, um garoto com um colete salva-vidas inflado, curvou-se e tocou a ponta brilhante do sapato de Edmund, depois o cutucou na costela, como o grupo destacado de uma antiga civilização enviado para fazer contato com um ser do futuro e testar se ele era real.

— *Englisch?* — perguntou o líder.

— Sim — respondeu Edmund, e todos pararam ao som da resposta de uma só palavra.

— Sim! — repetiu o líder de chapéu engraçado, tentando reproduzir a enunciação clara de Edmund.

— Sim! — repetiram as crianças selvagens.

— Foda meu traseiro, capitão! — disse de repente o garoto.

Edmund ficou estupefato com a utilização insolente pelo garoto de palavras que sabia serem proibidas. Quis rir, mas se conteve.

— Maldito filho da puta desgraçado da porra! Você é um maldito idiota da porra boche lixo fodido! — O garoto continuou a lançar obscenidades inglesas como se fossem granadas. Então apontou para Edmund para que avaliasse, até mesmo corrigisse, sua pronúncia. — Você. Inglês... Você diz "maldito da porra", você.

— Maldito da porra — repetiu Edmund, deliciando-se ao dizer aquilo e com a reação que causou.

Um coro de "maldito da porra" veio do bando, e houve uma tentativa concentrada do líder de fazer direito:

— Mal-dito... da porra! Mal-dito da porra. Mais "mal-dito da porra", *bitte!*

— Maldito da porra — disse Edmund. Maldito da porra e... mijo... e... merda e puto!

— Mijo *und* merda! Mijo *und* merda! *Und* puto!

Edmund anuiu, aprovando a pronúncia. O intercâmbio cultural parecia estar indo bem, e todos relaxaram. O líder dava um largo sorriso, mas o garoto de colete salva-vidas queria mais que xingar e continuou a rodear Edmund, cutucando o pulôver de lã de Shetland com um olhar cobiçoso e murmurando palavras que Edmund não conseguia ouvir. O líder gritou com Salva-vidas:

— *Didi! Lass ihn in Ruhe!*

Apontou para ele e mandou-o embora. Mas Salva-vidas ou não conseguia parar, ou não ouviu, porque começou a puxar o pulôver, e embora Edmund tentasse desvencilhar-se da mão, o garoto mantinha a pressão magrela e desesperada, deformando o pulôver enquanto Edmund tentava se afastar. Então, não muito seguro de seu gesto, Edmund agarrou os ombros do garoto e as costas do colete salva-vidas inflado e levantou-o do chão com uma facilidade que tanto o chocou quanto inspirou. Manteve o garoto no alto por alguns segundos, girando-o no ar, antes de soltá-lo e empurrá-lo em um só movimento. No instante em que Salva-vidas aterrissou, lançou-se sobre Edmund, rosnou baixo, curvou os dedos na forma de garras e lançou-se contra o rosto de Edmund com as unhas sujas e quebradas. As outras crianças formaram um semicírculo ao redor deles e incentivavam, gritavam e até rosnavam. Salva-vidas agarrou Edmund pelo pescoço e tentou prender sua cabeça, mas não tinha força, apenas uma energia nervosa que se dissipava rapidamente, e Edmund montou nele com facilidade, prendendo-o ao chão, o joelho sobre o peito. Salva-vidas revirou-se, retorceu-se e cuspiu, mas não conseguiu pegar Edmund. Em volta deles, os gritos se tornaram frenéticos, com berros de "*Bring ihn um!*". E Edmund viu que aquelas crianças não torciam por um deles, torciam por ele, exigindo com gritos e gestos de apunhalar que ele acabasse com o outro. Salva-vidas parou de se contorcer. Esgotado ou resignado, ficou deitado ali, pronto para aceitar o que Edmund quisesse fazer. As crianças

gritavam “*Bring ihn um!*”, e Edmund sabia o que as palavras significavam sem precisar que fossem traduzidas. O líder se adiantou e deu a Edmund uma vara com a qual desferir o último golpe. Edmund a pegou por educação, mas não a usaria. Em vez disso, levantou o joelho do garoto derrotado e recuou enquanto ele engatinhava sob vaias de seus supostos amigos.

O líder olhou para Edmund com uma admiração divertida enquanto ele espanava a poeira do short.

— Bom inglês — disse. — Bom inglês para cacete. *Ich heisse Ozi* — falou.

Edmund estendeu a mão:

— O meu é Edmund.

Ozi olhou para a mão de Edmund, mas não a apertou; simplesmente olhou para ela e começou a conversar com outra pessoa.

— *Mutti. Er ist in Ordnung. Er ist ein guter Tommy. Er wird mir helfen.*

Ele pareceu esperar uma resposta, alguma autorização de um espírito-guia, virando o ouvido para ele, e então, aparentemente tendo recebido o que esperava, anuiu. Falou com Edmund.

— Bom inglês, consegue cigars. — Ele deu um trago em um cigarro imaginário e apontou para o próprio peito. — Cigars — repetiu, e esfregou a barriga em expectativa, apontando para os estábulos onde a fogueira queimava e mais figuras andavam. — Você traz. *Das ist mein Haus.* — A seguir, olhando através do campo para o limite marcado pela sebe da Villa Lubert, perguntou: — *Ist das dein Haus?*

Edmund, que não tinha a sutileza para explicar as minúcias de sua propriedade, anuiu e respondeu em seu próprio idioma:

— *Das ist* minha casa.

* * *

Lewis só estava parcialmente escutando quando Rachael lhe apresentou no jantar a questão de Lubert tocar piano.

— Acha que devemos deixá-lo tocar? Eu apenas não estou tão certa. Temo que isso complique as coisas.

— Por que seria assim? — perguntou Lewis.

— Não sei. Poderia transmitir uma mensagem errada. Não quero ser cruel em relação a isso. Mas, se permitirmos uma coisa, acabaremos permitindo tudo. Talvez seja mais saudável para nós mantermos os espaços separados. Tudo em seu devido lugar. Não sei.

Não sei. Era início e fim de todos os pensamentos dela. Essa indecisão estava se tornando sua assinatura. Lewis, contudo, não ajudava. Ele pelo menos escutava? Ela podia ver que ele estava preocupado. Preocupado com os ocupados. A mente dele estava dividida em duas zonas; a maior, e de longe mais interessante, era a zona de trabalho, com suas subdivisões indigentes. Ele ficava bem desde que a outra zona — a zona doméstica, habitada por ela e Edmund, os Lubert, os empregados — pudesse cuidar de si mesma com ajuda mínima dele. Ela deveria lhe perguntar sobre seu dia, sabia que era mais importante que aquilo, mas por ora só queria que se envolvesse com seu espaço, por menor que fosse.

— E?

— Você é quem sabe, querida. Não vejo que mal isso pode causar — respondeu.

Rachael olhou para ele. Estaria apenas sendo o conciliador de sempre? Detectando uma manobra evasiva, ela continuou:

— Quando acha que seria um bom momento? De manhã, antes que vá trabalhar? Ou de tarde? À noite provavelmente não é adequado.

Lewis pousou garfo e faca para mostrar que estava pensando.

— Deixe-o tocar por meia hora no momento mais adequado para você.

Rachael sabia o que ele estava fazendo. Estava jogando tênis com alguém que precisava mais de treinamento do que de ser esmagado.

Ele poderia ter devolvido com toda força, mas queria que ela permanecesse no jogo, então continuou a devolver bolas suaves e gentis no lado certo da quadra, permitindo que acertasse. Era o jeito dele de não jogar.

Rachael ficou pensando por que era tão difícil. Ela deixara Lubert com a impressão de que estava contente por ele tocar. Ela *estava* contente por ele tocar, não? E sabia perfeitamente bem que Lewis não se importaria. Poderia ter concordado com aquilo ali mesmo, ao piano, sem sequer incomodar seu marido, então por que esse ritual emperrado de incomodá-lo? Por que esperar que ele solucionasse questões banais sobre pianos e plantas quando ele estava lidando com pessoas que precisavam de comida e roupas? Sabia que não era razoável, mas não conseguia evitar.

— Muito bem. Então direi a Herr Lubert que ele pode tocar... todas as tardes. Às quatro. Por meia hora. Uma hora.

Apenas dizer aquilo parecia uma conquista grandiosa.

— Bom — concluiu Lewis, com algum alívio. — Então está resolvido.

Os três comeram em silêncio por algum tempo. Lewis terminou primeiro, juntando faca e garfo, depois limpando a boca com um guardanapo adamascado. Deu um tapinha nos braços da cadeira.

— Bom ver você arrumando o lugar do seu jeito. Essas cadeiras são melhores que aquelas coisas de couro. — Ele fez a cadeira de vime da cozinha ranger e estalar para mostrar que apreciava. Na verdade, ela fizera poucas mudanças, mas deixou para lá. — O que está achando dos empregados? — continuou ele, naquela forma compensatória óbvia demais.

— Eles ainda me olham como se não entendessem uma palavra do que digo.

— Por que não se senta com o tutor de Ed? Aprende alguns rudimentos?

— Ah, acho que eles me entendem perfeitamente bem. Apenas escolhem não fazer isso. Às vezes sinto que estão todos rindo de mim.

Lewis não comentou. Virou-se para Edmund, que empurrava as ervilhas pelo prato.

— E como estão indo as coisas com Herr Koenig? *Sehr gut?*

Rachael serviu-se de um copo de água para aplacar a irritação, depois começou a empilhar os pratos antes de se lembrar de que isso agora era trabalho de outra pessoa.

Edmund, que terminara a refeição, estava encenando suas batalhas: as ervilhas desembarcavam no molho, formando uma cabeça de ponte ali, antes de avançar para o interior de purê.

— *Sehr gut, Vater.*

Lewis riu.

— Você está aqui há um mês e já tem uma pronúncia melhor que a minha.

— Por que estou aprendendo alemão se não podemos falar com eles? — perguntou Edmund.

— Você pode falar com eles, Ed. Na verdade quero que faça isso. Quanto melhor entendermos uns aos outros, mais rapidamente consertaremos as coisas aqui.

— Quanto tempo levará para consertar as coisas?

Lewis desta vez olhou para Rachael. Ele precisava dosar sua resposta cuidadosamente.

— Os otimistas pensam em dez anos. Os pessimistas acham que em cinquenta.

— Então, sem dúvida, você acha que levará cinco — provocou a mulher.

Lewis deu um sorriso condescendente: ela o conhecia bem demais.

— E então, Ed, já conseguiu falar com Frieda?

Edmund fez que não com a cabeça.

— Ela é um pouco mais velha que eu.

— Talvez devêssemos jogar canastra ou *cribbage* juntos uma noite. Ou ver um filme no Ace.

Heike entrou na sala, levando uma bandeja para empilhar os pratos. A empregada se movia com o capricho habitual, tentando

entrar e sair no menor tempo possível, como uma andorinha roubando sementes à vista do fazendeiro.

— Delicioso, Fräulein Heike — disse Lewis em alemão.

— Você é deliciosa, Fräulein Heike — imitou Edmund, também em alemão, sem se dar conta do erro.

Heike abafou o riso, fez uma mesura e recolheu os pratos, parando diante de Rachael, que não comera nem metade do que havia no seu prato.

— *Sind Sie fertig*, Frau Morgan?

Rachael acenou para que ela levasse o prato.

Edmund observou a empregada levar os pratos para o elevador e colocá-los na plataforma. Heike então puxou a corda, e eles foram baixados para a cozinha por uma mão invisível.

Rachael esperou que Heike deixasse a sala antes de falar:

— Viu? Ela estava fazendo isso. Debochando.

— Ela está apenas nervosa. Quase aterrorizada com a possibilidade de cometer um erro e perder o emprego. Qualquer alemão empregado está ansioso.

— Por que insiste em defendê-los o tempo todo?

Lewis deu de ombros. De acordo com seus padrões, era quase uma expressão de desespero. Pegou a cigarreira, abriu-a e ofereceu um a Rachael.

Ela queria, mas recusou.

— Vou fumar o meu depois.

Lewis bateu a ponta do cigarro, levou-o aos lábios, acendeu-o e deu uma grande tragada, soltando a fumaça pelo nariz de modo relaxado.

O rangido das polias do elevador anunciou a chegada do pudim.

— Ele vai até o andar dos Lubert? — perguntou Edmund.

— Não quero você brincando com isso, Ed — disse Rachael. — Não é brinquedo.

Ele anuiu.

— Teremos empregados quando voltarmos à Inglaterra, como a tia Clara? — perguntou o menino.

— Agora apenas os muito ricos conseguirão ter empregados — respondeu Lewis.

— Mas Herr Lubert tem empregados, e ele trabalha em uma fábrica.

— Isso apenas até ele ser liberado. Assim que for liberado, poderá voltar a ser arquiteto.

— Liberado? — perguntou Rachael.

— De... qualquer ligação com os nazistas.

— Ele já não foi liberado?

— Tenho certeza de que é uma formalidade.

— Bem, achei que você teria pelo menos verificado isso.

— Lubert está limpo. Não se preocupe.

— Mas você não sabe.

— Barker fez a verificação adicional de histórico. Eu nunca o deixaria ficar aqui se houvesse o menor indício de algo repulsivo. Rachael... Por favor.

Edmund decidiu aproveitar o momento para dar boa-noite. Era uma daquelas conversas nas quais Adultos precisavam que as Crianças saíssem de perto.

— Posso descer agora? — perguntou o menino.

— Sim. Claro — respondeu Rachael.

Edmund a beijou; seu pai bagunçou seus cabelos.

— Não faça nada que eu não faria — disse ele.

* * *

Enquanto deixava a sala, Edmund pôde ouvir os pais retomando o conflito não resolvido, as vozes subindo e descendo com aqueles sons tensos de apelos e justificativas que algumas vezes usavam. Uma discussão dos pais era o disfarce perfeito. Ele subiu até seu quarto para pegar Cuthbert, encontrou lápis e papel em sua escrivaninha e levou-os para a abertura do elevador no primeiro andar, em frente ao quarto dos pais. Levantou a porta deslizante para revelar a corda balançando no fundo do túnel que corria entre

os três andares da casa. Puxou-a e, alguns instantes depois, o elevador subiu da cozinha. Edmund colocou Cuthbert na plataforma, rabiscou um bilhete e enfiou-o sob o granadeiro.

— Encontre todo o açúcar que puder e leve-o de volta à base.

— Tem certeza de que isso é permitido, senhor?

— Faça como mandei, Cuthbert, seja um bom camarada. Nós nos encontraremos às oito da noite no porão. Fique de olho em Adultos no caminho.

— Sim, coronel.

Edmund puxou a corda e, após alguns segundos, Cuthbert desceu. Edmund fechou a porta deslizante e desceu na ponta dos pés até a cozinha, caminhando sobre o carpete para abafar o som de seus passos.

Na cozinha, ele encontrou Heike rolando massa e cantando uma música que tocava no rádio; a canção era cantada em inglês por uma mulher de voz rouca e sotaque estrangeiro, e Heike se encantava em imitar o rosnado baixo da cantora.

— *Guten Abend*, Fräulein Heike.

A empregada deu um gritinho com a entrada surpresa de Edmund, depois agiu como se tivesse sido flagrada escutando transmissões inimigas, desligando o rádio e limpando as mãos no avental.

— *Guten Abend*, Herr Edmund.

Edmund foi direto ao elevador. Levantou a portinhola, tirou o bilhete de sob Cuthbert e estendeu-o a Heike. Ela olhou e leu em voz alta:

— *Zucker?*

— *Bitte.*

Heike fingiu desaprovar, mas estava feliz por participar da brincadeira. Foi à despensa e voltou com três cubos de açúcar. Colocou-os em um prato e, entendendo o jogo, pôs o prato no elevador, perto do soldado de pano. Edmund deu as ordens a Cuthbert.

— Leve os suprimentos de volta à base, capitão.

— Sim, coronel.

Ele puxou a corda, fechou a porta, agradeceu a Heike e subiu as escadas correndo para saudar o herói de retorno. Quando chegou à escotilha do primeiro andar, deslizou a portinhola, mas a plataforma não estava lá. Puxou a corda novamente e esperou, porém nada se moveu. Puxou outra vez, e ainda sem sinal. Arriscou colocar a cabeça no poço e olhar para baixo. Não havia nada além de escuridão. Virando a cabeça e olhando para cima, viu que o fundo do elevador parara um andar acima, no apartamento dos Lubert. Talvez Herr Lubert tivesse interceptado o transporte e achado que o açúcar era para ele. Não importava, Edmund ficava feliz que o açúcar estivesse com os Lubert. Eles precisavam de calorias. Retirou a cabeça do poço, puxou a corda novamente e desta vez houve movimento: o elevador começou a descer. A corda vibrou, e a plataforma guinchou ao baixar. Quando apareceu e parou na abertura, Edmund viu imediatamente que havia algo errado: a cabeça de Cuthbert sumira. Ele tirou o tronco decapitado da plataforma e examinou-o. Lã branca e estofado amarelo saíam do vazio onde antes ficava a cabeça. Ela poderia ter se prendido no elevador — ele sempre parecera meio frouxo — e caído no túnel, mas a física daquilo não parecia correta. Só então Edmund notou que o açúcar no prato sumira.

* * *

Lewis se despiu lentamente, esperando um sinal de Rachael de que naquela noite eles poderiam fazer amor. Ficou de pé no quarto de vestir, só de calça, e começou a tirar a camisa, botão a botão. Parou para olhar algo no punho, fingindo que havia um fio de algodão solto ali e deixando passar os segundos para dar tempo a Rachael. Houve uma época em que aquela dança sutil não era necessária, quando ela provocava tanto quanto ele e perguntar era fácil; mas agora aquela coisa toda de repente exigia uma capacidade de

interpretar e compreender as nuances de um dialeto que Lewis não falava havia mais de um ano.

Ele tirou a camisa e ficou ali, despido da cintura para cima. Era raro que fizessem amor após terem vestido as roupas de dormir. Se ele se enfiasse depressa demais no pijama, ela consideraria uma deixa para encerrar os trabalhos da noite. A oportunidade tinha de ser aproveitada naquele instante de se despir, ou logo antes, quando um deles — normalmente ele — sugerisse que poderiam ter um momento. Isso tornava fazer amor no inverno uma luta ainda maior. Rachael sentia frio facilmente e, depois dos primeiros anos de casamento, não costumava deixar passar muito tempo entre roupas de dia e de noite; embora o quarto estivesse quente — de fato, a casa inteira era mantida a uma temperatura que disfarçava o frio exterior —, ele tinha de atacar antes que o ar entre eles esfriasse demais. Sua defesa da empregada rindo e depois a questão do status não definido de Lubert haviam aborrecido a mulher, mas ele estava determinado. Aquela seca tinha de acabar. Ele precisava fazer sua jogada.

Ela estava ao toucador apenas de camisola, segurando os cabelos atrás com uma das mãos e tirando a maquiagem com a outra. Lewis observou-a fazer as abluções de rotina, os braços nus e lisos, ombros pequenos o atormentando de tão adoráveis.

— Nós vamos... — começou, mas sua voz morreu.

Rachael abriu uma das pequenas gavetas da penteadeira e encontrara um colar de granadas interligadas que estalaram e rangeram enquanto ela os erguia à luz de cabeceira.

— Isso deve ter pertencido a... ela.

Colocou as pedras frias sobre o pescoço e depois pendurou-as na mão aberta, sentindo o peso.

— São bonitas.

— Querida? Não vamos fazer isso...? — disse ele, com mais determinação, mais força que de hábito.

Eles haviam jurado honrar o corpo um do outro? Ele estava preparado para apelar a isso caso ela o rejeitasse agora.

Rachael baixou o colar e jogou um disco de algodão sujo na cesta de papéis.

— Você tem uma coisa?

A expressão dela era neutra, não dando qualquer indício de desejo nem de desgosto. Mas era suficiente. Ele imediatamente se sentiu excitado. Zonzo de ansiedade, vasculhou suas coisas em busca dos preservativos-padrão dados juntamente com cigarros a todos os militares na Alemanha. Cuidando de todos os apetites e vícios do soldado.

Lewis viu Rachael se levantar e deslizar para debaixo dos lençóis de camisola. Ainda nenhum sinal de excitação ou mesmo ansiedade nos movimentos dela, mas ele não ligava. Arrancou um preservativo da tira de seis unidades e caminhou na direção da cama, sua ereção já pressionando a calça. Sentou-se de costas para ela, esperando que a mulher não tivesse percebido, e arrancou as meias, tentando se acalmar.

Rachael se inclinou para o lado dele da cama e pegou a cigarrreira de prata.

— Pensava em mim quando fumava? — perguntou.

— Sessenta vezes por dia.

— Não precisa dizer isso.

— É verdade. Eu contei. Ficamos separados trinta e dois mil cigarros — confessou ele.

— E quando pensava em mim, pensava no quê?

— Principalmente? — perguntou, depois dando à esposa a resposta sincera. — Neste momento.

Rachael o olhou surpresa.

— Já está pronto?

Ele rasgou com os dentes a embalagem metálica e tirou a camisinha, colocando-a sobre o travesseiro enquanto tirava a calça e a roupa de baixo. Rachael devolveu a cigarrreira e sentou-se para tirar a camisola por sobre a cabeça e os ombros. Mesmo aquele movimento banal entrevisto foi extraordinário para ele. Deslizou para debaixo do lençol, ainda se escondendo, vulnerável e inseguro. Ela

se deitou de lado, virada para ele, a cabeça apoiada no cotovelo. Assim que estavam nus, toda a segurança e confiança passaram dele para ela. Era como se tivesse sido rebaixado de coronel a soldado raso, enquanto ela era promovida a marechal.

Rachael pegou a camisinha.

— Coloco para você?

Lewis não conseguiu responder. Anuiu, mas, quando ela se esticou na sua direção sob o lençol, ele interceptou a mão da esposa com as dele e puxou-a para um beijo. Queria desacelerar as coisas, precisava desacelerar as coisas. Estava adiantado demais. Eles se beijaram, mas os lábios dela permaneceram franzidos, fechados. Ela se distanciou para continuar com sua tarefa, afastando o lençol a fim de poder envolvê-lo. Lewis deitou-se de costas para deixá-la prosseguir, tentando se concentrar no teto acima com sua cornija ondulada, qualquer coisa para evitar gozar rápido demais, mas mesmo os movimentos mecânicos do primeiro toque frio dela foram demais para resistir, e ele ejaculou, dando um engasgo de prazer, alívio e desespero de uma só vez.

— Ah! Cedo demais. Desculpe.

— Está tudo bem — disse Rachael.

— Desculpe — repetiu.

— Você saltou em Fratton.

— Mal deixei Waterloo.

A aparente falta de decepção de Rachael se somou à própria decepção de Lewis. Estava chateado consigo mesmo. Sua disciplina e sua paciência inatas o haviam abandonado quando ele mais precisava. E a menção a Fratton (a última estação antes de Portsmouth) apenas o fez lembrar de uma época em que o desejo deles sempre fora mais forte que o bom senso.

Ele alcançou a toalha de mão a seu lado e limpou-se.

— Faz muito tempo. Não estou acostumado a...

— Está tudo bem — disse Rachael, e tocou seu rosto, relaxando o cenho.

— Eu...

- Shhh. Totalmente compreensível.
- E quanto a você? — perguntou.
- Estou bem.
- Tem certeza?
- Sim. Estou bem. Mas com frio.

Então ela se sentou, pegou a camisola sob o travesseiro e começou a se vestir. Lewis se sentou e colocou os pés no chão, seu desapontamento já esmaecendo. Mesmo aquela satisfação truncada era melhor que nenhuma. O alívio romperia a irritação reprimida, intestinal, que sentira nas semanas anteriores. No momento em que estava de pijama sob as cobertas com as luzes apagadas, sua mente já retornara à zona onde se sentia mais seguro e eficiente: as necessidades menos complicadas de mil alemães sem rosto e a reabilitação de um país.

* * *

Muito tempo após Lewis ter adormecido, Rachael estava deitada, como sempre no lado esquerdo, escutando os próprios batimentos cardíacos. Olhava para o volume cintilante do colar de granada ao lado da cama, refletindo a luz da cortina entreaberta. Ela decidira devolvê-lo a Lubert assim que possível, embora aquilo dissesse respeito tanto à curiosidade quanto à propriedade. O fato era que desejava saber mais sobre a mulher que um dia o usara. O colar deflagrara em sua mente uma sequência de cenas cintilantes estreladas por Frau Lubert. E embora essa Frau imaginada fosse graciosa e elegante em cada vinheta, seu rosto permanecia impreciso e genérico, não mais que uma colagem de elegância cosmopolita. Rachael queria dar um rosto à imagem. Quase precisava ter um retrato em mente, de modo a descartá-lo. Talvez Lubert resolvesse a situação mostrando-lhe uma fotografia. Algo. Sob o disfarce de ser amigável e justa, ela conseguiria resolver a questão que a atormentava desde sua chegada à casa.

* * *

— E então, onde você mora?

Eles estavam na fila para o caminhão, tendo chegado ao fim de um longo turno retirando o entulho de uma escola demolida em St. Pauli. Frieda trabalhara arduamente e mantivera a cabeça baixa o dia todo. Graças a Albert, o que começara parecendo ser humilhante e punitivo se tornara algo por que ansiar, algo até mesmo prazeroso.

— Em Elbchaussee, perto do Jenischpark.

— Uma das casas grandes?

Ela confirmou com um aceno de cabeça, sem saber se isso era bom ou ruim.

— Então você é de família rica?

Frieda deu de ombros.

— Não mais.

— Mas ainda mora na sua casa?

Ela fez outro gesto positivo com a cabeça, constrangida com aquela linha de perguntas; temendo ter de explicar suas circunstâncias atuais.

— Não moro longe de você — informou ele.

— Onde? — perguntou ela, aliviada por seu status social não tê-lo afastado.

— Mostrarei caso queira.

Os catadores de entulho na caçamba do caminhão eram todos hamburgueses de classe média e trabalhadores migrantes que vinham do leste. As mulheres, cabelos presos em turbantes apertados e vestindo os sobretudos grandes demais de maridos mortos, lembravam peixeiras de Landungsbrücken. Também cheiravam igualmente mal. Os homens eram numericamente discretos e, à exceção de Albert, de meia-idade. Todos eles, qualquer que fosse o status anterior, agarravam os vales de comida que recebiam como pagamento do trabalho do dia, os quais haviam se tornado o único objeto de sua ambição.

Frieda se sentou ao lado de Albert, suas pernas se tocando, ambos escutando o coro de queixas ao redor. O gemido no dia era liderado por um homem de aparência efeminada que desejava que todos soubessem sua verdadeira profissão.

— É impossível ficar aquecido fazendo este trabalho. Primeiro ficamos com calor e suados, e depois o suor esfria e fica grudento.

— Pelo menos estamos sendo pagos — retrucou uma mulher.

— Sou dentista. Tenho uma profissão. Não fui feito para este tipo de trabalho.

— O que há de tão especial em arrancar dentes? — devolveu a dama. — Magda aqui é esposa de um general. E eu era locutora de rádio na sala de concertos.

O dentista, cujo rosto estava pálido de poeira e desapontamento, tinha disposição para reclamar, mas não para argumentar. Argumentar demandava energia.

— Só estou dizendo, apenas isso — murmurou, as palavras murchando.

Então, um grande homem careca, seu cabelo e sua barba por fazer equivalendo-se, enfiou a mão no bolso e tirou um punhado de pirulitos, os doces coloridos no palito que haviam chegado com os britânicos. Ele os exibiu como um buquê de tulipas.

— Não é bom para a dentadura, hein, Steytler? Mas é bom para seu hálito de rato e para enganar a fome. Você pode fazer um destes durar uma hora.

Ele o colocou na boca e demonstrou estar adorando.

— Então divida — disse a esposa do general, falando com a autoridade de uma mulher acostumada a conseguir o que quer.

— Por um preço — retrucou o prussiano arrogante.

Magda balançou a cabeça e disse:

— Você não se envergonha?

— Tenho uma família para alimentar. Estes vales não são suficientes. Não tenho sequer dinheiro para luz. Sempre que coloco dinheiro no aparelho é dinheiro que poderia estar gastando com comida.

— Melhor estar no escuro que com fome — disse a antiga locutora de rádio.

— Você não passa fome se estiver preparado para roubar um pouco aqui e ali. Até mesmo o bispo de Colônia está dizendo que não há problema em roubar carvão caso precise para se manter vivo. É o décimo primeiro mandamento.

— Eles estão nos obrigando a agir como criminosos — disse o dentista.

— Na verdade, já acham que somos criminosos.

— Não sou um criminoso. E minha consciência está limpa — continuou o dentista.

— Bem. Estamos todos juntos nisso — disse o prussiano. — Eles não podem prender nós todos.

— Guarde sua *mea culpa* para si mesmo — retrucou o dentista. — Não sou culpado de nada além de cumprir minhas obrigações. Dentes e cáries são iguais, não importa de quem é a boca. Devo cumprir o juramento de Hipócrates.

Todos riram disso.

Frieda queria passar um sabão no sujeito e estava prestes a falar quando Albert colocou a mão em seu braço novamente, do modo como fizera quando ela cantara a canção da Liga das Moças na frente dos soldados ingleses que fumavam e brincavam. Lançou um olhar conspiratório na direção dela. *Eles não valem a pena*, parecia dizer. E ela sentiu a doce excitação de uma pequena aliança se formando entre eles.

— Aquela marca... no seu braço. É marca de nascença?

— Não aqui — respondeu ele, lançando um olhar de proibido.

Sem avisar, ele se levantou e bateu duas vezes na lateral do caminhão com a palma da mão pedindo para descer. O motorista parou, e Albert e Frieda saltaram na aldeia de Blankenese, a poucos quilômetros da Villa Lubert, exatamente onde Elbchaussee voltava para o interior desde o grande rio. O sol estava se pondo na direção da cidade de Stade, do outro lado, dando à terra um brilho selvagem.

— Não caminhe comigo — disse Albert, levantando a gola do paletó para esconder o rosto. — Fique pelo menos vinte passos atrás.

— Qual a distância?

Albert partiu sem responder; ele se movia em um ritmo tal que Frieda começou a achar que queria despistá-la; ela continuava a ter de correr para não perdê-lo de vista.

A antiga aldeia pesqueira de Blankenese era a única naquela área plana a ter uma colina íngreme, ao redor da qual velhos chalés e algumas vilas novas se agrupavam, à moda medieval. Frieda costumava ir lá com a mãe antes da guerra para observar os navios subindo e descendo o Elba desde uma taverna flutuante que tocava os hinos nacionais de todo navio cargueiro estrangeiro que entrava em Hamburgo. Naquele dia, o rio estava sem barcos, a não ser por um pesado cruzador da Marinha britânica; nuvens cinza-escuras cheias de neve surgiam, prontas para vestir na aldeia roupas de contos de fadas.

Albert subiu a colina com Frieda logo atrás; ela ficou pensando em qual seria a casa. Em determinado momento, ele saiu da estrada e passou pelo portão do jardim de uma Strohdachhaus. Albert subiu a rampa até a porta da frente do chalé de teto de palha, olhando à esquerda e à direita antes de ir para a entrada lateral e olhar pelas janelas de vidro fosco. Enquanto subia a rampa de paralelepípedos, Frieda pensou em João e Maria perdidos na floresta, deparando-se com a casa feita de doces. Misturando os contos de fadas, ela escalou Albert como o príncipe que a desperta de um longo sono e a resgata de um pai que, felizmente, acaba por se revelar não ser seu pai.

— Há quanto tempo mora aqui? — perguntou enquanto o seguia para dentro.

— Não muito — respondeu.

O chalé estava cheio de tapetes, colchões e cobertas. Albert levou um pesado tapete oriental até uma poltrona e sentou-se para tirar as botas.

— Pertence a um médico militar. Major Scheibli. Ele está preso em um campo de pessoas desalojadas, esperando o certificado de liberação.

Frieda viu uma fotografia do médico sentado no *sidecar* de uma motocicleta em algum lugar no deserto, óculos de proteção sujos de poeira sobre os olhos, cruz vermelha no capacete. Levava a Cruz de Ferro no pescoço.

— Você conhece um herói de guerra? — perguntou Frieda, pegando a fotografia para olhar melhor.

— Não o conheço. Só estou pegando sua propriedade emprestada por pouco tempo. Se os britânicos podem, por que não podemos?

— Talvez eles o coloquem na cadeia. Se ele é um herói.

— Assim que os britânicos descobrirem que lutou com Rommel o soltarão. De qualquer forma, tenho de continuar me deslocando. Muitas pessoas já me viram entrar e sair. Já achei outra casa. Mais perto de você. Em Elbchaussee.

— Então seremos vizinhos — disse Frieda.

Albert confirmou com um gesto de cabeça.

— Então... O que sua família fazia para ser tão rica?

— Meu pai é arquiteto... A família de minha mãe era ligada aos estaleiros.

Os olhos de Albert se iluminaram.

— Blohm e Voss?

Ela confirmou.

— Eles não se importam de você ficar andando por aí?

— Minha mãe está morta. E... não ligo para o que meu pai pensa.

— Ele não estaria procurando por você?

— Ele trabalha na fábrica da Zeiss durante o dia. Posso ir e vir como quiser.

Albert tirou a primeira bota, depois a segunda. Levantou-se, foi à área da cozinha e começou a procurar combustível para o fogão. O depósito de carvão estava vazio, e não havia madeira no cesto. Olhou em volta, e seus olhos se fixaram em um banco de três

pernas esculpido à mão no canto. Foi até lá e o fez em pedaços com três golpes fortes no piso de pedra.

— Estava esperando para queimar isto.

Enfiou os cacos no fogão e acendeu o fogo. Depois encheu uma grande frigideira com água e colocou-a para ferver.

— Como ainda está vivendo em sua casa? Achei que os ingleses haviam pegado as melhores.

Frieda brincou com as unhas e começou a explicar, com crescente animação e animosidade, como eles acabaram partilhando a casa com a família inglesa; a estranha decisão do coronel de deixá-los ficar, quando poderia — deveria — tê-los expulsado; a esposa do coronel que falava sozinha e tinha a mão trêmula; e seu filho, que brincava com sua casa de bonecas e levava um soldado de pano para toda parte. Enquanto descrevia a situação, Frieda podia ver o corpo de Albert ficar tenso e seu interesse aumentar.

— O que o coronel inglês faz?

— É o governador de Pinneberg. Não sei o que ele faz. Quase nunca está em casa — respondeu Frieda. — É vergonhoso. Ele dirige o mesmo tipo de carro no qual o Führer era conduzido — acrescentou para impressioná-lo, mas Albert parecia pensativo, interessado naquela informação.

— Ele é o governador? — perguntou novamente, circulando pelo cômodo.

Ela anuiu, ainda sem saber se ele estava satisfeito ou chocado.

— Isso é bom. Isso é muito bom.

Frieda sentiu um brilho interno cálido. A humilhação da requisição de repente soava como tendo sentido. Albert a fizera sentir que tinha muito mais a oferecer. Ele se virou para a panela e testou a água com o dedo. Depois se despiu até o short. Não havia nada em excesso em seus movimentos ou em seu físico. Aos olhos de Frieda, ele era perfeito. Até sua cicatriz do 88.

— Você ainda não me contou o que é isso — comentou ela.

Ele tocou a cicatriz e olhou para a menina.

— É uma marca dada ao movimento de resistência. Aqueles que ainda não aceitaram a derrota. Aqui.

Ele esticou o braço para que ela tocasse. Ela traçou o primeiro oito, depois o segundo com o dedo, sentindo as saliências do tecido cicatrizado.

— Como você conseguiu isso?

Albert foi até uma cômoda e tirou da gaveta um maço de cigarros.

— Com isto.

Ele acendeu um e, após dar uma tragada profunda, ofereceu-o a Frieda. Ela pegou o cigarro, colocando-o desajeitadamente no meio da boca e tragou. Imediatamente cuspiu e tossiu, e Albert deu uma inesperada gargalhada entrecortada e aguda — o riso de um garoto, e não de um homem.

— Foi muito! Vá devagar. Assim.

Ele pegou o cigarro de volta e mostrou como fazer.

— Só um pouco — disse, dando uma tragada rápida e devolvendo-o a Frieda.

Ela pegou e segurou o cigarro por um momento, olhando para ele. Em vez de dar outra tragada, sustentou-o como um mágico prestes a fazer um truque. Certa de que tinha sua atenção, virou o cigarro com a brasa apontada para a palma da outra mão, que estendia, diante do cigarro. Então começou a mover o cigarro na direção da mão, como se para apagá-lo na palma.

Albert impediu a tentativa e pegou o cigarro de volta.

— Isso é desperdiçar um bom cigarro.

Frieda sentiu lágrimas nos olhos. Em um momento, ela era sua respeitável dama alemã; no seguinte, uma garotinha idiota.

Albert mostrou as costas das mãos a ela.

— Está vendo isto?

Frieda olhou, insegura quanto ao movimento seguinte dele.

— O que você vê?

Foi na direção dela, de modo a que pudesse ver a pele, os dedos e as unhas. Ela ficou em silêncio, com medo de dar uma resposta

imatura. Se queria deixá-lo contente, era melhor ficar calada. Atrás de portas fechadas, fora de vista, Albert deixava de ser um jovem atento e cuidadoso para se tornar algo mais vigoroso. Algo que ficava guardado e contido nele começava a vaziar.

— Vê as unhas?

As unhas dele, como as delas, ainda estavam pretas da escavação do dia. Ele raspou poeira de sob a unha do dedo médio com o polegar e ergueu para que ela visse: partículas de cinza e poeira aglutinadas.

— A poeira de nossa cidade. As cinzas de nosso povo. Olhe. Aqui — disse, erguendo as partículas. — Os restos de uma jovem alemã. Está vendo?

Ele raspou os “restos de uma jovem alemã” para a palma da mão, levou a palma à boca e lambeu a poeira, misturando-a à saliva e engolindo. Pegou um pouco mais de poeira e ergueu na palma da mão, para que Frieda lambesse.

— As cinzas de crianças alemãs inocentes que nunca saberão o que sabemos nem verão o que vemos.

Frieda segurou a mão e lambeu as “cinzas de crianças alemãs inocentes”. Albert esticou as mãos e segurou Frieda pelos pulsos. Puxou as mãos dela para si e abriu-as. Correu um dedo desde a palma, sobre a pele branca e macia do lado interno do braço até a dobra do cotovelo e de volta.

— Você não pode ajudar a Alemanha caso se fira — disse ele. — Morando onde mora, pode ser muito útil... à causa. Precisamos de coisas que possamos vender no mercado negro: cigarros, remédios, joias, roupas. Qualquer coisa de valor que possamos vender. Pode ajudar?

Ela confirmou com um gesto de cabeça.

— Quem é “nós”?

— A resistência. Você logo os conhecerá.

— Há muitos de vocês?

Ele de repente ergueu o queixo de Frieda e a beijou, enfiando a língua em sua boca, para que ela pudesse sentir o gosto acre do

entulho de seu dia de trabalho. Ela havia sido beijada e tocada antes — na cabana de madeira abafada do acampamento de verão onde a Liga das Moças e a Juventude Hitlerista eram estimuladas a partilhar alojamentos para explorar e buscar “encanto integral na existência” —, mas aquilo era diferente. O jovem que enfiara os dedos nela na época era um garoto, e vários dos amigos dele haviam insistido em ver enquanto ela ficava deitada lá, sem sentir nada. Comparado com ele, Albert era um homem.

— Você precisa descobrir algumas coisas para mim sobre o coronel. Se ele é o governador, saberá de coisas.

Ela confirmou novamente.

Depois daquele beijo, ela iria até a zona russa, caso ele pedisse.

Ele a puxou mais para perto.

— Mas você não pode contar a ninguém sobre mim. Entende? — perguntou, e o aperto era quase doloroso, e sua expressão a assustou.

— Sim.

— Eu não existo. Diga!

— Você não... existe.

Ele então relaxou o aperto e sorriu.

— Bom.

Ele foi até o casaco pendurado no encosto da cadeira e tirou do bolso o que parecia ser um tubo de pastilhas. Pegou uma e engoliu com um copo de água. Caminhou pelo cômodo, depois se acomodou na beirada da poltrona, as pernas sacudindo-se com uma energia nervosa. Parecia ter perdido toda a compostura.

— Por que está tomando remédios?

— Isso me ajuda a ficar acordado.

Albert de repente pareceu assustado e com cicatrizes. Inicialmente Frieda não queria acreditar nisso: não combinava com a ideia que tinha dele, fazia com que parecesse menos homem; mas também fazia com que sentisse algo mais. Ela esticou a mão para tocar o rosto dele e relaxar seu cenho do modo como sua mãe costumava fazer com ela quando não conseguia dormir por causa do

assovio dos bombardeiros e do medo de morrer dormindo em uma terrível conflagração. Ela perguntava: “O que acontece se eu estiver no meio de um sonho quando morrer?” E a mãe sempre dizia: “Eles não a machucarão.” E ela se viu repetindo a mesma coisa enquanto acariciava o rosto dele.

— Eles não o machucarão.

Albert inicialmente recuou, sem saber como receber o carinho, como uma criatura que nunca havia sido tocada daquele modo. Ele a deixou fazer uma vez, depois outra, a seguir se afastou, murmurando algo sobre lavar a poeira. O que quer que o perturbasse não podia ser aplacado pelo toque.

* * *

Enquanto os Morgan estavam sentados diante da lareira do salão jogando *cribbage*, Herr Lubert apareceu na escada; alguns passos atrás, uma Frieda constrangida e relutante.

— Por favor, desculpem esta interrupção — disse Lubert.

Seu rosto estava sério.

Lewis se levantou.

— Herr Lubert. Estávamos agora mesmo conversando... estávamos dizendo, não estávamos, querida?, que vocês poderiam se juntar a nós alguma noite para um jogo e talvez assistir a um filme. Está tudo bem?

Lubert anuiu e esperou por Frieda. Ela ficou um passo atrás dele, fora de sua visão periférica, obrigando-o a se virar para ela.

— Nós viemos... Frieda veio... se desculpar.

Rachael fixou os olhos na garota: estava olhando para o chão, um braço esticado ao lado do corpo, o outro cruzado à frente dela, os dedos coçando a pele nervosamente.

— Pelo quê? — perguntou Lewis.

— Por isto — disse Lubert, estendendo a cabeça de Cuthbert.

— O senhor a encontrou! — disse Edmund.

— Frieda? — chamou Lubert, recuando um passo e dando espaço à filha.

— *Es tut mir leid* — disse Frieda, as palavras quase inaudíveis.

— Em inglês! — interrompeu Lubert, seus modos ainda desajeitados e forçados.

— Desculpe-me — disse Frieda.

O som de Frieda falando inglês — e falando bem — foi uma surpresa para Rachael.

— Obrigada por dizer isso — agradeceu Rachael.

— E a Edmund — pressionou Lubert.

— Desculpe-me — falou Frieda, olhando para Edmund.

— Está tudo bem — disse ele. — Na verdade, não importa.

— Com todo respeito, importa, Edmund — discordou Herr Lubert, estendendo a cabeça de Cuthbert. — Isto é seu.

— *Er gehört mir!* — gritou Frieda, virando-se e deixando o lugar, subindo a escada três degraus de cada vez.

Lubert gritou para ela.

— *Komm sofort zurück!* Frieda!

Por um instante, pareceu que iria persegui-la.

— Herr Lubert — interveio Rachael. — Por favor. Ela... já fez o bastante. Seu pedido de desculpas foi aceito.

— Ah! — suspirou Lubert, esticando os braços em um gesto de desespero. — Minha filha está... cheia de fúria e raiva. Eu... peço desculpas.

— Herr Lubert. Eu... nós... todos apreciamos e aceitamos as desculpas de Frieda — ofereceu Lewis. — Deve ser mais difícil para ela do que para qualquer um.

— Todos esses problemas... — começou Lubert. — Talvez devêssemos ir embora... e morar com minha cunhada em Kiel.

— Isso não é necessário — disse Rachael com firmeza. — Por que não me dá isso? — Ela estendeu a mão, e Lubert deu a ela a cabeça arrancada. — Posso consertar facilmente.

Lubert fez uma mesura para Rachael.

— Obrigado — agradeceu, batendo os calcanhares para o coronel, sem realmente pretender. — Coronel. — Então se virou para Edmund. — Lamento por isso. Prometo que nada assim voltará a acontecer.

— Gosta do meu cabelo? Seja sincera.

— Sim.

— Não acha que pareço um poodle?

— Não, combina com você.

— Hum. O que isso quer dizer, Rachael Morgan? Isso soa como um elogio duvidoso. Acha que sou uma vaca paparicada e mimada? Não importa. Minha cabeleireira, Renate, disse que era a última moda. “Ze Katharine Hepburn”. Ela tem dentes horríveis e canta canções populares americanas com um sotaque ridículo, mas é um talento com grampos e rolinhos. Deveria dar uma chance a ela.

— Acha?

Susan Burnham fez uma pausa e lançou um olhar exageradamente exasperado para Rachael.

— Claro que sim. Olhe bem para você: é um jardim malcuidado. Querida, você não está se valorizando. Não se esqueça de que temos muitas concorrentes. São duas mulheres alemãs para cada homem nesta cidade. Precisamos proteger nossos maridinhos deles mesmos. Manter os olhos deles... no lugar certo!

Com isso a sra. Burnham bateu uma continência sensual, e Rachael ouviu o som raro do próprio riso, o cacarejar de feiticeira que não parecia ter saído dela e que Lewis sempre dissera ser uma das razões pelas quais se apaixonara.

Rachael riu muito mais durante a viagem de carro de vinte minutos até o Instituto da Marinha, do Exército e da Força Aérea, no centro de Hamburgo. Estavam no banco de trás do carro de olhos de

inseto e forma de besouro da sra. Burnham, um dos novos “Volkswagen” que todos pareciam dirigir e que eram conhecidos como As Rodas da Ocupação. Era desconfortável como um banco de capela e barulhento como um biplano, e elas tinham de gritar para se ouvir acima do motor na mala, mas isso as fazia sorrir.

A saída era mais uma expedição do que um passeio para compras. Susan Burnham brincava com tudo, desde o carro (“Uma coisinha estranha invertida, parece uma joaninha, mas gosto bastante”) até detalhes conjugais íntimos (“Temos sido como coelhos desde que cheguei aqui”), quase descrevendo o próprio ato sexual.

— Não sei o que é, mas há algo no ar daqui. Você não sente? Simplesmente parece diferente, como se tivéssemos permissão de relaxar. É tudo bastante libertador.

Apesar da evidente vulgaridade da sra. Burnham, Rachael ficava feliz de dar a ela o benefício da dúvida. Se ela era despudorada, também tinha um grande coração; se era indecente, era honesta e só dizia o que os outros já estavam pensando; e, embora pudesse ser uma alpinista social, parecia igualmente pronta a abrir mão disso. E nunca perdia uma piada.

— E vocês dois? Compensando o tempo perdido?

Rachael deu uma olhada para o motorista — um jovem não muito mais velho do que Michael, e com a cabeleira penteada da mesma maneira que seu filho mais velho usava. As orelhas dele deviam estar queimando sob a beirada de seu quepe de motorneiro.

— Não se preocupe com Erich. Ele não entende nada. Não é mesmo, Erich?

— *Bitte*, Frau Burnham?

— Nada. Continue.

A sra. Burnham começou a pintar os lábios, usando como espelho o retrovisor do motorista, inclinando-se para o meio, por sobre Rachael, seu colo farto pressionado enquanto ela se contorcia para se ver. No mesmo espelho, Erich olhava e desviava os olhos, as mãos inquietas no volante.

- Então? Como tem sido?
- Nada a relatar.
- Vamos lá, Rachael Morgan. Não vai bastar. Tia Susan precisa saber.
- Realmente...
- Nada?
- Não mesmo. O que está achando de toda a coisa da equipe?
- Ah, não, não, não, não. Você não vai fugir de mim tão facilmente. Isso não é bom, Rachael. Você perdeu o desejo?

Rachael simplesmente não tinha o costume de falar de sua vida sexual; nem o dr. Mayfield, com suas ideias modernas sobre neuroses, manias e libidos, tentara isso; ela sempre achara que sexo, como religião, não deveria ser discutido com qualquer um, nem mesmo com a pessoa com quem se fazia.

- Qual é o problema exatamente?

Rachael balançou a cabeça, tentando encontrar uma resposta. Tudo o que conseguia ver era o teto do quarto com sua cornija sutil, as luminárias de asa de cisne e Lewis rasgando a embalagem de preservativo com os dentes.

- Para ser sincera, não temos nos visto muito. Ele está trabalhando...

- Muito. Sim, sim. Mas todos não estão? Você precisa assumir o controle. Não pode simplesmente esperar pelo momento certo.

Rachael sentiu um incômodo na garganta.

- Susan... eu preferia não discutir isso.
- É claro. É constrangedor quando o que deveria ser natural e bom se torna tão difícil e desajeitado. Mas é importante. Tão importante quanto qualquer trabalho que nossos maridinhos possam estar fazendo. E no mínimo os ajuda a ter um melhor desempenho.

- Isso deveria ser uma questão particular.

- Discordo. Deveríamos conversar sobre isso mais do que fazemos. Um casamento com uma vida sexual saudável afeta mais pessoas do que você imaginaria. Guerras inteiras poderiam ter sido evitadas se as pessoas dedicassem à vida sexual tanto tempo

quanto dedicam a tentar conquistar o mundo. Estou convencida disso. Aquele homenzinho repulsivo, Hitler, deveria ter arrumado uma esposa de verdade em vez daquela secretária rameira. Stalin se relacionava com putas. Mussolini tinha um monte de amantes, mas sabe? No final, a guerra foi vencida por homens casados que desfrutavam de uma vida sexual regular... Tenho certeza!

A teoria da sra. Burnham fez Rachael sorrir, mas também provocou uma sequência de imagens peculiares e indesejadas: Hitler de pijama, Stalin nos braços de uma prostituta caucasiana carnuda e Mussolini e a mulher enforcados, inchados, espancados e pendurados em uma árvore...

— Daqui a pouco você me culpará por começar uma guerra!

— Enquanto formos amigas, continuarei a perguntar. E a investigar e a meter o nariz. É meu dever. Keith me diz que eles se encontrarão com aquele socialista esfarrapado semana que vem. Shaw? Imagino que Lewis estará lá.

— Ele mencionou que teria alguns dias agitados pela frente. Mas ele me conta muito pouco sobre o trabalho. Prefere deixar isso fora de casa.

— Já avaliou a intérprete dele?

— Deveria?

— Insisti para que Keith escolhesse a mais feia que pudesse encontrar e, por Deus, ela é um completo horror. Certifique-se de convidar a de Lewis para um chá logo e dê uma boa conferida. Se for minimamente atraente, faça com que seja demitida.

A ideia de que outra mulher pudesse assediar Lewis era curiosamente reconfortante, pois, se Rachael tinha certeza de algo, era de que ele nunca fraquejaria.

— Você precisa ter o controle das coisas. Eu nunca deixaria Keith me enrolar com uma frase como "Tive alguns dias agitados". O que há de tão agitado neles que você não possa me contar? Insista na informação. Não fique satisfeita até conseguir alguma. E, sim, eu me preocupo em saber o que está acontecendo e no final, consigo. Keith aprendeu a maioria de suas técnicas de interrogatório comigo, sabe?

— Ele gosta do trabalho?
— Dizem que é muito bom no que faz. Tem paciência. Acho que é importante. Eu daria uma péssima interrogadora.

— Você conta tudo a ele?

— Tudo que ele precisa saber — disse a sra. Burnham, piscando, fechando o batom, estalando os lábios e voltando para o seu lado do carro. — Não se preocupe. Seus segredos estão seguros. Keith é inútil no que diz respeito a arrancar coisas de mim.

Isso não tranquilizava Rachael. Ela não partilhara nada importante, ainda assim sentia que se mostrara demais — revelara demais de Lewis — e deixara coisas abertas a todo tipo de julgamento.

— Não temos segredos. Estamos bem. Ficaremos bem.

E com isso Susan Burnham olhou para Rachael do modo como um adulto olha para uma criança que acabou de anunciar que voará até a Lua e depois voltará.

* * *

A Loja das Forças Armadas Britânicas — ou NAAFI — funcionava em um elegante prédio intacto de dois andares perto de Alster. Para chegar lá, o carro passou pela Ópera, com seu auditório bombardeado, e pelo cinema Astra, que exibia Laurence Olivier em *Henry V* em inglês à tarde e Laurence Olivier em *Heinrich V* em alemão à noite. Havia até dois cartazes lado a lado para provar.

— Uma hora, Erich — disse a sra. Burnham enquanto eles paravam diante da loja. — *Zurück in einer Stunde*.

Na rua, mulheres alemãs tinham cartazes pendurados nos pescoços. No início, Rachael achou que eram manifestantes, mas ao se aproximar viu que cada cartaz tinha a fotografia de um homem — marido, filho ou irmão —, uma pequena biografia, um endereço de contato e um apelo por qualquer informação sobre a pessoa desaparecida. Rachael foi atraída pelo rosto do homem no cartaz da primeira mulher. Seu nome era Robert Schloss, e ele tinha sido

pagador. Vestia o bibico nada ameaçador de um ordenança e óculos. Algo na curvatura de seu queixo e em sua expressão franca lembrava Michael. Rachael de repente quis saber tudo sobre Herr Schloss. O endereço de contato era...

— *Bitte?* — disse a mulher, esperançosa. — *Haben Sie ihn gesehen?*

Rachael ergueu os olhos do cartaz para o rosto da mulher. Seu chapéu elegante estava preso na cabeça com uma echarpe amarrada sob o queixo, a aba curvada para baixo de modo a dar a forma de uma touca: fazia com que parecesse uma pastora. Havia uma expectativa desesperada e caricata nela, como se Rachael pudesse realmente ter informações sobre seu marido desaparecido e tivesse ido ali especialmente para lhe dar a boa notícia.

— *Haben Sie ihn gesehen?* — repetiu a mulher.

Rachael sentiu a mão da sra. Burnham em seu cotovelo.

— Claro que não! *Lassen Sie sie in Ruhe!* — disse a sra. Burnham, mandando embora a dama ansiosa e depois murmurando para Rachael enquanto a levava para além do que normalmente seria a entrada principal do prédio, até uma porta na rua lateral. — Lembre-se de que elas estão atrás dos nossos homens.

A não ser que você soubesse do que se tratava, nunca pensaria em passar pela porta. A vitrine da frente da loja havia sido escurecida, para que nada do que estava à venda pudesse ser visto.

— Não querem que os alemães vejam o que há do lado de dentro para que não se sintam mais privados do que estão — explicou a sra. Burnham. — Na verdade, acho que isso torna as coisas piores.

Rachael concordava. No mínimo, a opacidade provocava o passante. Esconder o que havia do lado de dentro se tornava menos um véu discreto do que um reconhecimento de que os bens ali estavam fora do alcance da maioria das pessoas que passava na frente e que havia — apesar do esforço da Comissão de Controle em afirmar o contrário — uma economia dupla em ação na zona: uma para os nativos; outra para os ocupantes.

— Quer saber o que realmente acho? — continuou a sra. Burnham. — Acho que a CCA quer que os alemães pensem que somos mais ricos do que realmente somos. É uma questão de honra que o país ocupante ainda seja considerado rico e poderoso.

Uma vez dentro da loja, essa visão cínica parecia mais verdadeira. Não era o constrangimento britânico por sua riqueza que levava ao escurecimento das vitrines, era a vergonha por sua carência. Se os alemães pudessem ver todos os produtos em exibição, teriam ficado surpresos de descobrir como eram escassos, e provavelmente ficariam alarmados, uma vez que o país que comandava o deles mal podia preparar uma refeição substancial para si mesmo.

— A única coisa que torna as compras aqui suportáveis é saber que tenho mais opções que minha irmã em East Sheen. Eles agora estão racionando pão na Inglaterra. Acredita nisso? Pão! Não fizeram isso nem mesmo durante a guerra.

Havia gim, claro. Paredes inteiras: Gordon's, London Dry, Booth's. As marcas conhecidas eram presentes e certas, sua produção aparentemente não tendo sido afetada pelos problemas sofridos pelos fabricantes de outros produtos, o que era tranquilizador. Produtos essenciais poderiam ser escassos, mas os estimulantes e anestésicos testados e aprovados pelo império continuavam a fluir como petróleo de um reservatório profundo. Não havia falha. O gim, como todo funcionário público, general e governador sabia, podia dar sofisticação aos piores postos e animar os espíritos dos mais desalentados funcionários da Grã-Bretanha. Sua fabricação e distribuição eram prioridade nacional.

Foi para a parede de gim que a sra. Burnham marchou primeiro.

— Keith reclama que sem tônica tem gosto de parafina, mas mendigos não têm escolha. Deus sabe se um dia veremos tônica novamente. Enquanto tivermos vermute, porém, poderemos tomá-lo com gim. Enquanto tivermos angostura, teremos gim rosado e, claro, se tivermos suco de laranja, teremos gim com laranja: gim, suco e uma gota de água! Ninguém nunca reclama. Com essas misturas sobreviveremos até aquelas adoráveis tônicas

reaparecerem. Até esse dia feliz, teremos de ser criativos. Veja como é barato. Quatro xelins a garrafa! Eles claramente querem que fiquemos bêbados e socializemos o máximo possível. Bem, façamos a vontade deles. Ademais, acho que é um bom momento para a esposa do governador elaborar o primeiro evento social.

E, com isso, a sra. Burnham agarrou quatro garrafas pelo gargalo e colocou-as na bolsa.

As pessoas que cuidavam da NAAFI não se preocupavam em expor bem os produtos. A comida e a bebida estavam simplesmente jogadas em fileiras ou deixadas em caixas, agrupadas sem qualquer esforço de arrumação. Rachael achou a falta de fingimento estranhamente calmante. Ela de fato nunca gostara de fazer compras e achava aquela uma forma menos perturbadora de realizar a tarefa. Ter corredores inteiros vendendo um produto simplificava as coisas. Havia algo quase futurista naquilo. Ter de pagar por cada produto com os vales das Forças Armadas ou as falsas “moedas” octogonais que eram destacadas de um papelão aumentava a sensação de que era tudo de faz de conta.

Ao redor dela, mulheres britânicas — eram quase apenas mulheres — faziam compras com uma histeria mal disfarçada. Várias estavam vestidas como se fossem ao teatro. Rachael fizera um esforço para o passeio, escolhera um conjunto de lã ligeiramente mais elegante do que o necessário e, a um observador externo, fundia-se naturalmente ao grupo de lã e nylon e à atmosfera pesada de perfume e talco, mas ainda se sentia fora de lugar, e não era apenas o deslocamento, ou mesmo “a fragmentação do eu” como o dr. Mayfield diagnosticara. Fazer compras sempre fora desagradável.

— Pronta para o segundo andar?

A sra. Burnham levou Rachael ao elevador que transportava as pessoas entre Comida e Bebida no primeiro andar e Roupas e Brinquedos no segundo. Era um elevador aberto, que permitia que as pessoas entrassem e saíssem livremente. Rachael, que nunca estivera em uma coisa daquelas antes, hesitou ao se aproximar, com medo de ficar presa em uma terra de ninguém, entre o elevador que

subia e o que descia. Ela se posicionou ao lado de um garotinho que parecia empolgado com a excitação de fazer compras com a mãe e passava as rodas de um carro de brinquedo da Dinky na palma da mão.

— Que belo carro — comentou. — Onde conseguiu?

— No andar de cima. É um Lagonda Tourer — disse o garoto, erguendo orgulhosamente a miniatura para que Rachael visse. — E hoje eu vou comprar o Auto Union Grand Prix. Eles têm todos os novos aqui.

Rachael não pensara em Edmund nenhuma vez naquela manhã, mas pensou nele naquele momento, em casa, tendo aulas com o esquelético e levemente intimidador Herr Koenig, e censurou-se. Ela ficara negligente e distraída e, embora algum mecanismo de justificativa tentasse convencê-la de que o espaço e a liberdade que dava a Edmund compensavam qualquer carência de afeto e atenção que o filho pudesse estar sentindo, ela o deixara solto demais e, se não tivesse cuidado, poderia perdê-lo. Com uma urgência súbita, foi ao segundo andar, comprou um Lagonda e quase correu de volta para o carro que a esperava.

— Cuidado com o gelo! — alertou a sra. Burnham, antes de encaminhá-la dos fundos do carro para a frente. — A outra ponta! O motor fica na mala.

Rachael deu a Erich o saco de papel pesado cheio de gim, uísque e cigarros, mas ficou com o presente que comprara para Edmund.

— Quer parar no Carlisle Club? Tomar um café? Pegar um exemplar da *Woman's Own*?

— Na verdade, Susan, eu gostaria de voltar... para casa — disse Rachael, surpreendendo-se com a escolha da palavra.

— Certo. Então vamos ver esse seu palácio.

Quando passavam pela estação ferroviária Dammtor, viram novamente as mulheres com cartazes, reunidas de tal modo que formavam um funil. Centenas de homens em roupas pesadas, vindos de vários cantos do país, seguiam por ele. As cabeças das mulheres balançavam, esticavam-se e espiavam enquanto tentavam ver se

seus homens desaparecidos flutuavam no rio de refugiados que fluía dos trens. Rachael viu um homem correr e abraçar uma das mulheres. Ele caiu de joelhos e beijou a foto pendurada no pescoço dela, depois se levantou e ergueu-a no ar, segurando-a pelos quadris e pelas coxas, rodopiando com ela várias vezes.

— Olhar à frente!

Mas se a sra. Burnham achara que flagrara Rachael se entregando a uma simpatia antipatriótica, estava enganada. Aquilo não era paixão; era inveja. Inveja do casal rodopiando. Se Lewis tivesse desaparecido, ela teria feito um cartaz e ficado de pé do lado de fora de estações de trem no frio congelante esperando que aparecesse? Não estava muito certa disso.

* * *

— *Ich heisse Edmund. Ich bin englisch.*

— *Engländer* — corrigiu gentilmente o Esqueleto.

— *Engländer. Ich heisse Edmund. Ich bin Engländer.*

— Seu sotaque está excelente.

O Esqueleto estremeceu e tentou disfarçar os tremores esfregando as mãos e juntando-as com força como se fosse rezar. Edmund não foi enganado, mas, por solidariedade e respeito, fingiu não notar, assim como fingira não sentir o cheiro de laca e cera de Herr Koenig. Apesar de a sala ser tão quente quanto qualquer aposento na casa — em Hamburgo, e provavelmente em toda a zona britânica —, Koenig permanecia de casaco durante a aula inteira, como se tentando estocar o calor para mais tarde ou derreter algum profundo gelo glacial dentro dele. Lançou um olhar cobiçoso para a fatia de bolo e o copo de leite que Heike levara. A empregada normalmente servia o lanche depois da aula, mas naquele dia levara antes e deixara-o ali na mesinha de canto, e isso estivera atraindo Koenig durante toda a manhã.

— Gostaria de seu bolo agora? — perguntou Edmund? — *Kuchen?*

— Por Deus, sim — murmurou Koenig em alemão, e depois, de maneira audível, em inglês. — Obrigado.

Edmund se levantou da escrivaninha, pegou o prato de bolo e o copo de leite e colocou-os diante do tutor. Herr Koenig agarrou o copo e esvaziou seu conteúdo de maneira rápida, porém cuidadosa. Pousou e lambeu o bigode de leite, passando a língua discretamente. Depois comeu o bolo, usando as duas mãos, como um rato caprichoso, e então enfiou o indicador no copo para molhar a ponta do dedo antes de apertá-lo sobre os restos no prato, juntando todas as migalhas, como limalha de ferro em um ímã, em um último bocado. Enfim, o prato de Herr Koenig parecia brilhante e limpo, como se lambido por um cachorro.

O pai de Edmund dissera que Koenig era o antigo diretor de uma escola em Kiel e um homem de excelentes habilidades variadas — um verdadeiro polímata —, por isso Edmund ficara surpreso com as roupas gastas e a má condição física de seu tutor. Parecia velho e inferior demais para ser um diretor; havia pouco em sua aparência que sugerisse autoridade ou erudição. Mas, após algumas horas em sua companhia, Edmund começou a apreciar a recomendação do pai. Herr Koenig se revelou tão hábil na matemática quanto era informado sobre história e literatura inglesa. E também era tão cuidadoso quanto uma criatura da floresta. Assim como não havia gordura em seu corpo, não havia nada supérfluo em seu discurso; tudo que dizia parecia filtrado, livre de impurezas, antes de ser enunciado. Isso e o indício de um passado mais respeitável lhe conferiam uma dignidade discreta.

— Vamos olhar o atlas.

Olhar o atlas marcava o fim da sessão e permitia a Koenig dar a Edmund uma aula resumida de história e geografia em alemão. Edmund pegou seu velho atlas Cassell e o abriu no mapa do mundo. Koenig pediu que Edmund dissesse o nome da cor dos países que apontava, começando por colocar o dedo no Canadá.

— *Rosa*.

Estados Unidos da América.

— *Grün.*

Brasil.

— Ahn... *Gelb?*

— Bom.

Índia.

— *Rosa.*

Ceilão.

— *Rosa.*

Austrália.

— *Rosa.*

— *Warum sind sie rosa?* — perguntou Koenig.

— É porque todos fazem parte do império britânico?

— Bom. Você aprende depressa.

— Meu pai diz que o império britânico encolherá agora, por causa da guerra. Diz que não temos mais nenhum dinheiro e que os Estados Unidos e a União Soviética são atualmente as nações mais poderosas.

— Haverá muitas mudanças no atlas. Não será tão rosa quanto este.

Edmund ficou pensando no que Herr Koenig realmente achava dos britânicos e de seu império. Estaria sendo educado ao apontar para seu grande alcance e comando? Poderia ter sido acaso, mas o dedo de Koenig ignorara um Japão marrom, uma Itália amarela e, de modo mais evidente, uma Alemanha azul que, mesmo com as fronteiras recuadas e ajustadas aos termos de Versalhes, ficava ali no centro do palco, um eixo poderoso no coração da Europa. Era surpreendente que apenas um punhado dos países do mundo — Tanganica, Togo, Namíbia — fossem pintados do mesmo azul.

— Hitler sentia inveja de nosso império?

O efeito da pergunta em Koenig foi instantâneo: ele enrijeceu, empertigou-se e estalou a cartilagem tensa em seu pescoço, a mente fazendo um cálculo rápido.

— Não estou autorizado a falar sobre essas coisas — disse.

Edmund entendeu em parte.

— Tudo bem. Minha mãe não está aqui.

Koenig permaneceu em silêncio, nada contente.

— É por que está esperando para ser libertado?

— Você quer dizer “liberado” — corrigiu Koenig. — Os alemães não gostam de falar sobre aqueles dias.

— Mas o senhor era diretor de escola. Ficar bem, certo? Eles lhe darão seu certificado branco?

— Espero que sim.

— Terá um *Persilschein*?

— Conhece essa palavra?

— Aprendi com meu amigo.

— Amigo alemão?

Edmund confirmou com um gesto de cabeça.

— Ele diz que tudo o que os alemães querem é ter um *Persilschein*.

— Sim. Ser como roupa lavada. Sem nenhuma sujeira.

— Algumas pessoas estão comprando no mercado negro. Um certificado custa quatrocentos cigarros.

— Você está muito bem informado sobre essas questões, Edmund.

— Será que eu poderia conseguir um para o senhor?

Herr Koenig ergueu as mãos.

— *Nein*. Eu devo passar pelos... canais certos, como todos os outros.

Claro. Koenig era diretor de escola, e diretores de escola têm de seguir as regras.

— E então será diretor de escola novamente?

Pela primeira vez, Herr Koenig ficou melancólico. Olhou para o atlas e para o grande país *grün* do outro lado da água azul.

— Meu irmão me convidou para ir aos Estados Unidos. Ele emigrou para lá depois da Grande Guerra. Inventou uma máquina que ordenha vacas mais depressa que qualquer outra e agora dirige um Buick e mora em uma casa com lago. Em Wisconsin. Wisconsin é quase tão grande quanto a Alemanha. Ele diz que tudo é maior nos

Estados Unidos. As vacas. As refeições. Os carros. Seu Buick tem chifres de touro no capô.

Edmund estava pronto para fazer a viagem ele mesmo.

— Então o senhor irá?

— É tarde demais para mim agora.

— Por quê?

— Farei sessenta em alguns anos.

Para Edmund todos os adultos acima de quarenta anos caíam indistintamente em uma categoria. Ele não conseguia ver a sutil diferença entre as expectativas e ambições de alguém ainda capaz de quarenta e um anos e alguém de cinquenta e nove anos à beira da decadência, as mudanças de vitalidade e de nível de energia, o surgimento de doenças que limitam e moldam a vida de uma pessoa. Koenig tinha a oportunidade de ir para os Estados Unidos. Por que a idade seria um empecilho?

— Mas o senhor terá a mesma idade caso fique na Alemanha.

Koenig sorriu, mantendo a boca fechada, mas fazendo pequenos assovios de riso pelas narinas.

— É por ser caro demais?

— Todas essas perguntas. Parece o *Fragebogen*. Não. Meu irmão pagaria minha passagem.

— Então... o senhor poderia ir?

Edmund estava desfrutando indiretamente da empolgação de imaginar seu tutor a caminho dos Estados Unidos e da ideia de desempenhar algum papel em enviar Koenig através do Atlântico para uma nova vida. Mas o tutor parecia ter chegado ao fim da explicação que lhe era confortável. Mudou de posição na cadeira, empertigando-se e demonstrando um pouco mais de autoridade.

— É... complicado — concluiu Koenig fechando o atlas e, com isso, impossibilitando maiores explorações.

Edmund sabia que suas perguntas teriam de parar. Assim que um adulto usava essa palavra não havia como avançar.

O relógio de carrilhão soou indicando meio-dia e disfarçou o momento desconfortável.

— Está na hora — anunciou Herr Koenig, aliviado. — Amanhã estudaremos população e recursos. Poderemos trabalhar seus números grandes.

— Obrigado, senhor. Gostarei disso.

Herr Koenig normalmente saía pela passagem lateral, mas a neve formara um monte ali, e Richard ainda não dera a volta para abrir uma clareira. Na ausência de adultos, Edmund levou Herr Koenig à porta da frente, onde seu tutor passou algum tempo amarrando o chapéu à cabeça com seu cachecol com a mesma meticulosidade que demonstrara com o bolo. Uma rajada de ar frio penetrou através da porta aberta, espalhando minúsculos cristais de gelo pelo corredor. Koenig orientou Edmund a fechar a porta atrás dele rapidamente para manter o precioso calor do lado de dentro; mas algum instinto fez Edmund mantê-la entreaberta. O vento era tal que teria de batê-la às costas de Koenig para fechá-la, e não queria fazer isso. Assim, manteve-a aberta e, apoiando-se para compensar a força do vento, viu seu tutor partir. Koenig caminhou depressa, como um homem sobre o gelo, tentando não parar para não escorregar: uma mancha acinzentada que diminuía em um mundo *Persilschein* branco-neve.

Edmund subiu as escadas correndo até o quarto dos pais para procurar cigarros. Enquanto revistava os paletós do pai, encontrou a cigarreira de prata. Estava vazia — o pai ainda não havia transferido o conteúdo do maço para a cigarreira —, mas Edmund foi imediatamente distraído pelas duas fotografias presas atrás do elástico. A primeira era de sua mãe, sentada em um banco em Pembrokeshire, onde ele e Michael haviam tentado conter o mar com uma represa de areia; a segunda, enfiada atrás, era um instantâneo amassado de Michael em seu jardim em Amersham. Foi um choque ver o irmão morto tão vivo daquele modo, vestindo seu pulôver de críquete tricotado, dando um sorrisinho engraçado, como se partilhasse uma piada com o fotógrafo, que naquele caso deveria ser a mãe deles. Edmund tinha uma imagem vívida do velório, sua mãe limpando muco da bochecha no jardim em Narberth, o pai

preocupado demais com todos os outros para cuidar das próprias emoções e já prestes a retornar à guerra, e ele mesmo tentando impedir que as lágrimas que se acumulavam em seus olhos corressem pelas bochechas porque não queria que os primos vissem aquilo. Edmund sentiu o mesmo vazio dentro dele, como se a água fosse retirada de sua barriga, passando pelo peito até a parte de trás do nariz, e pressionasse seus olhos. Mas não era por Michael. Era por ele mesmo. Não havia foto dele na cigarreira do pai. *Por que* ele não tinha uma? Talvez houvesse uma em sua carteira. Talvez o pai não precisasse de uma foto dele porque estava vivo. Ou Edmund precisaria ter uma morte dramática para ter seu retrato naquela galeria íntima? Edmund se imaginou morrendo de várias formas heroicas e belas — em um incêndio, em uma guerra, em uma tempestade de neve — enquanto sua mãe martelava as notas em *stacatto* de “Erlkönig” ao fundo; depois seu pai procurando em uma caixa de sapatos, escolhendo um instantâneo para se lembrar do pobre Edmund, em seguida cortando a fotografia para caber na cigarreira de prata.

Edmund fechou a cigarreira e recolocou-a no bolso do paletó, sentindo o cheiro de carne e musgo do pai. Ele amava o pai de uma forma simples; também amava a mãe, mas seus sentimentos por ela eram um labirinto quando comparados à trilha reta de seu afeto pelo pai. De certa forma, era mais fácil amar uma pessoa que não estava ali.

O modo como a cigarreira deslizou para o bolso forrado — o peso dela — era perfeito, e ele repetiu o movimento várias vezes. Depois, retomando sua busca por fumo, vasculhou o *nécessaire* do pai. Cheirava a sabonete de alcafrão e eucalipto. Dentro havia um pente de casco de tartaruga, uma flanela molhada e a medalha da Ordem de Serviços Distintos. Edmund ergueu da bolsa a cruz de esmalte branco com beirada de ouro e examinou o objeto. O que estava fazendo ali? Certamente era uma espécie de sacrilégio jogar uma medalha em um recipiente tão pouco louvável. Deveria estar em uma caixa forrada de veludo ou, melhor ainda, permanentemente

presa no sobretudo do pai, do modo como os soldados russos usavam as deles — mesmo quando iam para a batalha. A data em que a medalha fora concedida — maio de 1945 — estava gravada na parte de trás, e uma bolha do sabão grudara e manchara a fita vermelha e azul. Edmund tirou o sabão e colocou a medalha sobre o próprio peito. Estava prestes a se condecorar por seu ato heroico quando um grito penetrante vindo do andar de baixo fez com que corresse para se esconder.

* * *

A sra. Burnham se movia pela casa como um vento quente e agitado, causando redemoinhos e ondas na atmosfera, mudando a temperatura. Rachael, lamentando ter libertado força tão poderosa, seguiu atrás dela, rezando para que Herr Lubert não voltasse cedo para casa.

— Vamos começar aqui — iniciou ela, requisitando o lugar para suas próprias fantasias. — Vamos espanar a neve e nos aquecer junto ao fogo. Vamos tomar alguns gins rosados. Ou talvez vinho de Reno quente. Os Thompson se atrasarão. Eles são atrasados por natureza; é uma coisa elegante. Sugiro que marque com eles mais cedo. Fofocaremos sobre isso e aquilo. E, claro, todos estarão fazendo ruídos educados pela casa enquanto tentam desesperadamente esconder a inveja. Depois seguiremos para... — disse ela, sabendo instintivamente para onde ir em seguida e passando pelas portas duplas. — Bom Deus. É uma sala da bilhar completa! Veja esses quadros. Imagino que não sejam seus. O que é isso?

Ela olhou para a pintura como se fosse mordê-la.

— Arte moderna. Eu não entendo. Sabe, Keith tem olho bom para isso. Então. Depois. Seguindo... aqui... — continuou, passando pelas portas da sala de jantar, que já estavam abertas. — ...e para a... É mais assim. Embora eu ache que reduzi demais a lista de convidados. Podemos ter pelo menos quantos, dezesseis, ao redor

desta mesa? Talvez devesse chamar o general e sua esposa? Eles gostam de grandiosidade. Então. O jantar será servido. Cinco pratos? Por favor, nada de salsicha. Tem gosto de pobreza e pubs. Seja como for. Todos teremos a inevitável discussão sobre o estado de coisas em casa. Alguém irá mencionar os russos. Blá-blá-blá. Alguém irá mencionar a falta de combustível. Blá-blá-blá. Mais ou menos na hora do pudim, e eu trarei a sobremesa, estaremos todos sentindo os efeitos do gim, ou do que estivermos bebendo. Keith estará um pouco avermelhado por causa da bebida. Discutirá com alguém e será hora dos homens... Não! Talvez possamos subverter as coisas e deixá-los ficar aqui enquanto nós nos retiramos...

Ela abriu a porta de moldura arqueada e passou para a sala mais adorável da casa, tão adorável que não conseguiu elogiá-la.

— Hum. Sim. Servirá. Um piano. Excelente. Estaremos barulhentos o bastante para cantar um pouco de Gilbert e S. Deixaremos Diana se esgoelar e todos fingiremos que tem uma voz impressionante. Você canta, imagino. E toca? Bom. Talvez charadas — disse, e fez uma pausa para olhar pela janela principal na direção dos portões. — Aquela é a filha?

Frieda estava subindo a rampa de modo determinado. Na neve, e com os cabelos trançados, ela parecia uma criança de um conto dos Grimm, vulnerável à bruxa e ao lobo.

— Voltou para casa cedo hoje.

— Você tem de fazer algo em relação às tranças. Deveria mandar Renate trabalhar na menina.

Enquanto Rachael observava Frieda, sentiu uma pontada de remorso por não ter notado antes. Prometeu a si mesma oferecer a ela uma sessão quando a cabeleireira viesse novamente.

A sra. Burnham estreitou os olhos para um último instantâneo, depois virou-se novamente para a sala de modo a terminar a excursão.

— De qualquer forma, suponho que será possível tomar a saideira aqui... ou, não... Ah. De volta — disse, passando novamente pela segunda porta que levava à lareira no saguão de entrada e

concluindo o circuito com um floreio. — Ta-dã! De volta para onde começamos. Agora, *este é* o lugar para bebericarmos. Veremos as últimas brasas do fogo queimando e então... Carruagens às três. Esqueci alguma coisa?

— Você estabeleceu um parâmetro muito alto, Susan.

— Esse foi o ensaio geral. A coisa para valer será muito melhor.

— Não estou certa se posso fazer algo tão... eficiente.

— Que besteira. Você é uma garota esperta. E tem empregados.

Rachael anuiu, grata por eles não terem participado daquela visita agitada.

— Embora você tenha dito que está tendo problemas.

— Sinto dificuldade em delegar.

— Você precisa ser firme. Mostre a eles que está acostumada a lidar com empregados. Eles perceberão caso não esteja, e então ficarão ressentidos.

— Acho que já estão.

A porta da cozinha estava aberta, e elas podiam escutar os sons metálicos abaixo. Rachael a fechou.

— Especialmente a cozinheira — acrescentou.

— Melhor mostrar a eles quem manda. Melhor para todos.

Susan Burnham continuou a absorver e a catalogar a sala com os olhos.

— E a família? Como está tudo funcionando? Onde afinal eles comem?

— Eles têm uma cozinha no andar de cima. Há um elevador.

— Há alguma mistura?

— Na verdade, não. Ed derrubou algumas barreiras.

— Eu as manteria erguidas, se fosse você.

Rachael já decidira não mencionar o incidente com Cuthbert; Susan Burnham de algum modo transformaria aquilo em um assassinato de verdade; em uma semana, o distrito inteiro saberia.

— Ah, olhe — disse a sra. Burnham, atraída por um espaço acima da lareira. — Vejo que o tiraram.

Rachael olhou para o ponto que a sra. Burnham encarava: um retângulo em forma de retrato no papel de parede não desbotado, marca de um quadro ausente.

— Tiraram quem?

— O Führer. É onde eles o teriam pendurado. As casas alemãs estão cheias desses espaços na parede. É que a maioria foi suficientemente inteligente para cobri-los. Não fique chocada. Todos eles tinham. Keith os chama de “a mancha que não pode ser removida”.

Rachael olhou para a mancha e imaginou-a bem o bastante. Por que não percebera antes?

— Acho que até mesmo Keith relevaria alguns traços obscuros para morar em um lugar como este.

— Não acho que Herr Lubert tivesse tido algo a ver com o partido nazista. Pelo que posso avaliar.

— Bem, claro. Todos alegam isso — disse a sra. Burnham, olhando para a casa e estendendo as mãos para provar sua tese. — Acha que tudo isso vem de graça? Uma rica e poderosa família alemã teria de ter algo a ver com o regime.

Rachael teve a sensação de que aquelas avaliações não eram somente da sra. Burnham; que ela já discutira a questão com o marido.

— Estou certa de que ficaram fora disso.

— Ah, vamos lá, Rachael. Pode ser cristão pensar o melhor das pessoas, mas não podemos ser ingênuas nesse aspecto.

Rachael não suspeitara de Herr Lubert nesse sentido. Afinal, concordar com a sra. Burnham faria com que ela parecesse idiota, Lewis, um tolo imprudente e sua posição na vila, insustentável.

— Eles não podem ser todos culpados, Susan — argumentou ela, citando o marido. — Realmente não acho que ele estivesse envolvido.

— Minha querida, todos estiveram envolvidos. A questão é apenas determinar o quanto.

— Inglês bom. Inglês cristão bom. Eu gosto do estilo de vida inglês. Gosto do rei e da rainha de Vindsor. Gosto da democracia. Aprendi sobre o Domínio da Nova Zelândia. Quero morar no Domínio. Você me ajuda a ir, inglês?

— Dê o fora, seu pequeno cretino.

— Inglês bom. Eu conheço Londres. Vocês têm o rio Ritz. Estação de energia Batter-zee!

— Escute só ele! Circulando. Vai. *Schnell!*

— Você *sprechensiedeutsche* bom, inglês.

— *Schnell!*

— Não russos. Não Stalin. Quero estilo de vida inglês.

— Você deveria estar na escola. *Schule?*

— Sem *Schule*. Sem *Haus*. Sem *Mutti*. Uns cigars, inglês. Por favor. Tem para mim? Minha *Mutti ist* morta.

— A minha também. Agora suma. Pare de perturbar.

— Ah... *Ich glaube ich werde... ohnmächtig.*

— Arg! Pare com isso! Não faça isso!

Ozi desmaiou na frente do guarda, o corpo caindo sobre o colchão de neve recente e fazendo um rangido enquanto pousava. Caído ali em seu casaco de pele, ele parecia uma raposa abatida. O soldado que guardava a entrada do quartel-general militar britânico permaneceu em seu posto, tentando parecer decidido, os olhos voltados para a frente, ignorando o garoto. Mas uma mulher que empurrava um carrinho de bebê cheio de batatas parou bem na

frente do garoto caído na calçada diante dela. Olhou para o guarda imóvel, indicando o garoto com um gesto de queixo.

— *Schämen dich, Soldat!* — disse, lançando um olhar devastador.

Outros civis alemães começaram a esticar os pescoços. Não querendo criar um espetáculo, o guarda apoiou o rifle no posto de sentinela, curvou-se sobre Ozi — mais se agachando do que se ajoelhando, a fim de manter os joelhos secos — e colocou-o sentado, puxando-o pela parte de trás do colarinho do casaco.

— Vamos lá, menino. Acorde — falou, dando tapinhas nas bochechas do garoto com as luvas geladas. — Olhe só para você. Que porra está vestindo? Parece um veado.

Ozi fingiu tremer os cílios e recitou seu delírio fingido bem ensaiado:

— Sr. Attlee. *Danke*. Rei Jorge. *Danke*. Guarda inglês. *Danke*. Cigars. Cigars para Ozi. Cigars para pão. Ingleses cristãos. Dão cigars.

O soldado tirou um maço de cigarros do bolso do peito e fez uma cena para tirar alguns para o garoto.

— Aqui está, menino — disse, oferecendo a ele não um, não dois, mas três cigarros.

Contente por ter feito seu gesto de relações-públicas, o guarda se levantou, meio que esperando aplausos, mas quando olhou ao redor viu que não havia ninguém ali para testemunhar seu gesto.

— Agora suma daqui, seu pequeno cretino.

Em troca de seu enlouquecido elogio à cultura inglesa, Ozi recebeu três cigarros e quatro novas palavras para seu repertório já cheio de xingamentos ingleses.

— Suma. Daqui. Pequeno. Cretino.

Ele repetiu a frase, espanando-se e seguindo animado pela Ballindamm na direção de Alster, segurando com firmeza os frutos da caridade duramente conquistados. Pelos seus altos padrões de pedir e roubar, aquela era uma carga fraca. Ele passara o dia todo catando comida e suprimentos em lojas e hotéis requisitados pelos ingleses que cercavam as lagoas de Alster, repetindo inutilmente sua

rotina de louvar a cultura inglesa e desmaiar. As mulheres inglesas que faziam compras nas lojas da NAAFI pareciam imunes a seus elogios a cabelos e chapéus, enquanto as latas normalmente generosas atrás do Atlantic Hotel haviam sido trancadas. Quando ele suplicara por restos nas escadas do Victory Club — “Ei, ianque, o que está fazendo aqui? Leve-me para a América, ianque” — havia sido expulso por um americano. “Some!”

Ozi ficou pensando se suas roupas poderiam estar afastando os ingleses. Naquele dia, ele vestia traje completo: chapéu de aviador de couro forrado, casaco de pele de mulher da alta sociedade, com roupão de seda por cima e botas de montaria três números maiores que o dele. Pegara o casaco na feira semanal do Exército da Salvação. Talvez estivesse bem-vestido demais para despertar simpatias, mas naquele frio ele não podia se permitir vestir menos com o peito do jeito que estava.

Ozi colocou os cigarros no estojo. Três cigarros por um dia de trabalho. Ele poderia conseguir um pão em troca deles, mas isso não seria suficiente para aplacar Berti, que estava mais exigente naqueles dias: já não se contentava apenas com cigarros ou remédios, queria papéis e passes: coisas difíceis de se achar, além de caras. Ozi teria de encontrar Herr Hokker no Centro de Informações e negociar seu relógio para conseguir o que Berti queria.

A maior parte do que Ozi sabia da cultura britânica havia aprendido em suas visitas ao belo Centro de Informações, construído ao lado da Rathaus, no coração da cidade. Mais cedo naquele verão, o Bürgermeister o abrira com um grande discurso sobre amizade e aprendizado. “Die Brücke” — a ponte — havia sido construída, dissera o Bürgermeister, “para ensinar aos visitantes alemães sobre as principais instituições e realizações britânicas”. Tinha uma grande sala de leitura, uma galeria de exposições, uma sala de exibição de filmes e uma biblioteca que fazia empréstimos. O centro estava sempre lotado. Os alemães pareciam famintos por qualquer informação sobre o mundo exterior além da própria

experiência e tinham curiosidade em relação ao estilo de vida britânico. Mas, embora fosse verdade que estavam felizes por aprender sobre os rios britânicos ou os direitos das mulheres, o que realmente queriam era algum lugar quente onde se sentar e um local onde arranjar um ou dois vales. Qualquer alemão sensato sabia: *die Brücken* eram lugares para trocar tanto bens quanto cultura.

Ozi enfiou a mão no bolso macio de seu casaco de pele e conferiu o relógio. Era um Holdermann und Sohn, mas ficaria contente em se livrar dele. Ele o tirara do bolso de um desalojado morto que estava caído em uma escadaria em Altona. Não parecia certo que o relógio continuasse a tiquetaquear depois que o tique-taque do próprio homem parara; como unhas crescendo muito depois de a alma ter voado, era algo desleal. Ele também adiantava vinte minutos a cada hora. O marcador de dias lhe dizia que era terça-feira, quando era segunda; naquele ritmo, seria 1950 antes que o mês terminasse.

O centro estava abafado com o calor de corpos apertados. Ozi ficou tonto por um momento, sentindo a mudança de temperatura. Era difícil ver as peças na sala de exposições, em função da pressão de pessoas buscando as vantagens de jornais grátis e calor. Um cartaz do recém-criado Frauencub anglo-germânico anunciava uma palestra sobre "Uma jornada do Cairo a Jerusalém a ser feita por uma sra. T. Harry" e uma visita em breve do grande poeta inglês T.S. Eliot, "que faria uma palestra em alemão e inglês sobre a unidade da cultura europeia". Ozi parou para olhar a fotografia do poeta de queixo rígido, sem saber se era homem ou mulher. Ao lado desse, outro cartaz anunciava um filme chamado "Britain Can Make It" e uma exibição de slides sobre o povo pachto da fronteira anglo-afegã.

Hokker estava sentado em seu lugar habitual, lendo os jornais ingleses, que eram mantidos em pastas de couro e presos por correntes para que as pessoas não os roubassem. Hokker passava a maioria dos dias ali. Não precisava sair se o mundo ia até ele. Ele era o canal para mais carregamentos ilegais que qualquer outro agente do mercado negro em Hamburgo. Todos os riachos, córregos

e regatos sujos fluíam para Hokker e por intermédio dele. Se você queria algo, Hokker podia conseguir — desde que você pudesse pagar.

Ozi abriu caminho pela multidão para chegar até ele. Com casaco e chapéu homburg pretos, parecia um papa-defuntos. Estava com a cabeça enfiada em um jornal, acompanhando a linha impressa com o dedo. O chapéu estava na escrivaninha a seu lado, um punhado de neve derretendo nas abas.

— Hallo, Herr Hokker! O que está acontecendo hoje na terra dos ingleses?

Hokker não ergueu os olhos. Estava bastante concentrado, os lábios se movendo enquanto ele lia para si mesmo em inglês.

— Ozi Leitman. As coisas não estão tão boas na terra dos ingleses.

— Não? O que há?

— Inglês não gosta de pagar por essa ocupação. Inglês pergunta: por que os alemães deveriam comer quando nós mesmos não temos comida?

Herr Hokker gostava de exibir seu inglês, bem como sua capacidade de traduzi-lo. Antes de fazer um negócio, Ozi sempre tentava fazer com que lesse algo; normalmente abatia alguns cigarros do preço do que desejava.

— Este inverno não está ajudando — disse Hokker.

— Otto diz que vai durar mil anos — arriscou Ozi. — É uma punição por todas as coisas que fizemos. Não haverá flores de cerejeira em Stade. Nada de maçãs no pomar. Nenhum sol nas cortinas. Nada de nadar nu no Alster. Apenas mil anos de gelo e neve. O que acha, Herr Hokker?

— Parece isso mesmo. Todos os rios da Alemanha estão congelados. Até mesmo o Reno.

Hokker lambeu o dedo de forma grandiosa e virou as páginas do jornal.

— Somos famosos. Veja aqui. Estamos na página sete do jornal *Daily Mirror* da Inglaterra: uma foto de Hamburgo.

Ozi ficou atônito. Ali, no meio do jornal inglês, estava a área residencial arrasada de Hammerbrook onde ele havia morado. Onde ele vira janelas derreterem, ruas ferverem e as roupas de uma mulher serem arrancadas do corpo por um vento térmico invisível. Ele podia ouvir novamente o som daquele vento — como se fosse alguém tocando todas as notas de um órgão de igreja ao mesmo tempo. Podia ver os flocos de neve vermelhos das cinzas que caíam, os umbrais queimados como os anéis de fogo pelos quais leões de circo saltam. Sorbenstrasse. Mittelkanal. Pessoas presas no asfalto derretido. Os cabelos de Mutti em chamas! Cérebros escorrendo por narizes e de têmporas partidas. Corpos como manequins de alfaiate, encolhidos à metade do tamanho. “*Bombenbrandschrumpffleisch*” era como chamavam. “Corpos encolhidos pelo fogo”.

— Mutti...

— Você está bem, garoto?

Ozi fechou e abriu os olhos para fazer as imagens desaparecerem. Olhou mais uma vez para a foto de seu velho bairro arrasado. Superposto a ele, o desenho de um novo conjunto habitacional.

— Vão refazer para nós? — perguntou.

— Isso é para inglês morar. Vão tirar todo mundo para construir. A manchete diz: “£160 milhões por ano. Para ensinar os alemães a nos desprezar.”

— O que é isso? — perguntou Ozi, apontando para um cartum.

Mostrava um casal britânico diante de uma casa arruinada, com o homem dizendo: “Vamos nos mudar para a Alemanha. Ouvi dizer que eles têm belas e grandes casas lá.”

— O que o homem está dizendo?

— Estão fazendo uma piada. Estão comentando que está melhor na Alemanha do que na Inglaterra.

— Inglês é maluco. Faz piada sobre tudo.

— Pois é. O que quer hoje, Ozi Leitman?

Ozi colocou o relógio sobre o *Daily Mirror* e, como um mágico, Hokker o fez desaparecer sob seu chapéu.

— O que quer por ele?

— Você não vai olhar?
— Já olhei. É um bom relógio. Bela fabricação alemã.
— Preciso de mais remédio e um passe de motorista de caminhão.

Hokker olhou para Ozi.

— Você me pede coisas difíceis.

Ele levantou o chapéu e olhou para o relógio. Pegou e levou-o ao ouvido. Se não escutasse por muito tempo, não veria diferença.

— Pertenceu ao meu pai — disse Ozi.

Hokker olhou cético para o garoto.

— Nenhum homem de Hammerbrook teria um relógio como este.

— Pode me conseguir o passe?

Hokker tirou algo dos dentes e examinou. Parecia gordura de bacon. Recolocou o pedacinho na boca, distraído.

— O relógio não tem valor para mim. Ninguém quer contar o tempo hoje em dia. O tempo é irrelevante nesta hora zero. Tudo está congelado. Não há tempo para o tempo.

— Ele vale alguma coisa.

Hokker enfiou a mão no casaco e colocou uma tira de três cupons de comida sobre o jornal.

Ozi fez que não com a cabeça. O dia inteiro ingleses lhe negaram coisas, e agora Hokker tentava fazer o mesmo.

— Dez.

Hokker riu e tirou o chapéu de cima do relógio, deixando Ozi livre para pegar o objeto de volta.

— Três ou nada.

Ozi olhou os vales. Um para pão, um para leite e ovos e um para margarina. Teria de lidar com Berti, arrumar outra desculpa, mas em sua cabeça ele já estava preparando o desjejum que teria no dia seguinte.

Hokker deslizou os três vales na direção do menino.

— Pegue. Você não pode comer um relógio.

* * *

Lewis se barbeou diante do espelho, tentando não acordar Rachael, usando a unha para tirar os restos de barba da lâmina, em vez de batê-la na pia. Todos os banheiros da casa haviam sido feitos de placas de mármore ocre e dourado, e ele não conseguia se acostumar: sempre que se barbeava se sentia como um oficial do Exército Indiano permitindo-se a grandiosidade de um nababo. Nem mesmo a ideia da própria benevolência ao consentir que os nativos mantivessem a propriedade o livrava da sensação de ser apenas mais um aproveitador.

Acabou de fazer a barba, limpou o rosto com a toalha e se arrumou. A tira prateada de preservativos estava atrás do copo, mostrando que apenas um fora usado em três meses. Era um calendário lamentável. Lewis os deixara ali, com a vaga esperança de que Rachael os visse ao fazer o próprio toalete e quisesse de algum modo melhorar o índice. Era uma abordagem ridiculamente oblíqua do fazer amor, tão improvável de produzir resultados quanto injusta; mas ele perdera a confiança, a capacidade de ser direto com ela. (De fato, ao tentar se lembrar de momentos do passado nos quais demonstrara abertura a tais questões, ele só conseguia se lembrar do período de cortejo, quando destemidamente avisara a ela que seria a sra. Morgan antes do final do ano.) Lewis dissera a si mesmo que a falta de apetite por intimidade era, assim como as dores de cabeça e o dormir até tarde, apenas outro sintoma de seu quadro, que ele resumia eufemisticamente como “melancolia pós-guerra”, e que as coisas melhorariam com o tempo. Pelo menos era o que ele esperava; simplesmente estava cansado demais para imaginar qualquer outro tratamento.

Rachael estava adormecida, deitada de lado, fazendo suaves estalos secos com língua e lábios, o rosto se retorcendo, talvez sonhando. Dr. Mayfield sugerira que sono poderia ser ao mesmo tempo sintoma e cura de seu quadro, mas Lewis a teria preferido mais ativa. Se ele tinha uma filosofia, era esta: mantenha-se ocupado.

A boa notícia era que ela voltara a sair, tendo aceitado um convite para fazer outra viagem a Hamburgo com Susan Burnham. Lewis encontrara a esposa do oficial de Inteligência uma vez, no refeitório; apesar de ser uma intrometida, tinha bom humor e atuava em todos os tipos de programas culturais e sociais, e Lewis era grato por qualquer coisa que tirasse Rachael de casa.

Ele optou por vestir seu casaco da frente russa; era uma das poucas coisas que ofereciam a seu corpo sem gordura proteção contra a violência de um inverno que já estava batendo recordes. Houvera relatos de o Mar do Norte congelar em Cuxhaven e de pessoas cruzando o Báltico para fugir da zona russa. Olhou seu estoque de cigarros no gaveteiro; estaria compensando a falta de satisfação física fumando mais? A pilha parecia ter vários maços a menos. Ele pegou os habituais sessenta, lembrando a si mesmo de reduzir o consumo a vinte até o Natal — no mínimo para demonstrar solidariedade com relação às pessoas lá fora, para as quais cigarros eram equivalentes a pão. Olhou de novo para Rachael, pensou em beijá-la na testa, mas desistiu; em vez disso, esgueirou-se para fora do quarto, deixando-a com seus sonhos e permitindo-se desejar aparecer em um deles.

Mesmo na neve, o carro era tão estável e seguro quanto um cruzador de batalha singrando o oceano. Quando Schroeder se aposentou, por causa do reaparecimento de um velho ferimento de guerra, Lewis deveria ter encontrado um substituto, mas gostava muito de dirigir ele mesmo. O Mercedes se tornara um importante prazer diário; um claustro móvel quente no qual estava livre para refletir. Assim que se colocava atrás do volante, a agitação em seu pensamento desaparecia e ele se sentia seguro outra vez.

Do lado de fora, havia um consolo na vista: o céu havia clareado das nuvens cor de ardósia cheias de neve do dia anterior e estava azul e limpo como a túnica de uma enfermeira-chefe experiente. O sol baixo fazia tudo cintilar, ao passo que a espessura da neve era felpuda e tranquilizadora, além de tão branca e leve quanto um lençol de hospital. Era bonito, porém frustrante. Daria ao ministro

uma falsa impressão. Em um dia como aquele, um visitante que acabasse de chegar seria perdoado por achar que Hamburgo se recuperava de modo impressionante. A neve disfarçava o drama, lançando um cobertor unificador sobre tudo, dando a metal retorcido e aos tijolos quebrados uma nova cobertura de esperança. Era um dia ruim para uma visita que pretendia mostrar como era feia e cinzenta a vida em meio às ruínas alemãs.

Lewis cruzou as portas giratórias do Atlantic Hotel e passou pela recepção, onde uma pintura do duque de Wellington havia sido pendurada na parede atrás do *concierge*, transformando o prédio em um pequeno pedaço de Whitehall. O ministro mal saberia que saíra de casa.

Ursula estava de pé diante da grande lareira, aquecendo-se. Parecia elegante e discreta ao mesmo tempo em sua blusa de lã tricotada, saia com padronagem em espinha de peixe e sapatos pretos do tipo anabela. Penteara os cabelos do modo que convencionalmente era adequado para a intérprete da CCA — para trás e acima das orelhas —, mas se isso tinha o objetivo de piorar sua aparência, sentira o efeito contrário: as sobrancelhas lupinas, o pescoço esguio de antílope. Lewis se viu cumprimentando-a desajeitadamente.

— ...*Schön*.

Não era exatamente a palavra certa, mas ele começara a falar sem saber qual palavra usaria. "*Lieulich*" provavelmente era melhor, mas não era precisamente apropriado pedir que ela traduzisse e corrigisse seu próprio cumprimento.

— Obrigada.

— Desculpe o atraso... *Die Strassen sind eisig*. Está certo? *Eisig*?

— Sim. Gelada.

Desde que Edmund lhe fizera uma pergunta em um alemão claro e preciso, Lewis insistia em tentar falar o idioma com Ursula o máximo possível. A fluência do filho o deixava envergonhado.

— Não havia bondes hoje.

— *Eine schlechte Reise*?

— Tudo bem. Tenho um casaco quente e foi uma caminhada agradável. Aqui... sua programação do dia.

Ursula estendeu a Lewis um itinerário datilografado. Ele o examinou, vendo o título completo do ministro Shaw no alto.

— Vê algum erro?

— No... *Nein. Ist. Perfekt.* Mas é *Kensington*. Não *Kensingtown*.

— Ah! — disse Ursula, parecendo genuinamente aborrecida consigo mesma. Ela releu a palavra em voz alta — *Ken-zing-tonn*. Desculpe.

— Tudo bem. Um erro comum. Ninguém se importará. *Ist der Minister schon hier?*

— Está no salão.

— Vamos esperar que seja um dos nossos.

— Um dos nossos?

— Em oposição a "um dos deles". Quero dizer, vamos esperar que esteja do nosso lado. Um dos caras bons.

Ursula tocou no próprio queixo para indicar que havia algo no dele.

— Está com sangue.

Lewis tocou o ponto e sujou de sangue a ponta do dedo.

— Isso me ensinará a não tentar fazer a barba sem sabonete. Minha pobre tentativa de poupar recursos — disse, lambendo o dedo e selando o corte com a saliva. — Ainda sangra?

Ursula tirou um lenço do bolso do casaco e ergueu-o para secar o corte. Parou, esperando a permissão dele para continuar. Lewis projetou o queixo, esperando que nenhum general ou *Bürgermeister* passasse naquele exato instante.

— *Bitte.*

Ursula cuidou do corte como uma mãe e, embora o fizesse com uma objetividade simples, suas atenções fizeram Lewis corar. De perto, ela cheirava a lençóis frescos.

— Isso. Agora está pronto para encontrar o ministro de *Kensington* — falou, recuando um passo, sentindo seu constrangimento.

— Obrigado. *Auf in den Kampf!*

— *Auf in den Kampf* — disse ela, anuindo, e os dois foram na direção do salão principal, “rumo à batalha”.

* * *

Os homens estavam de pé, em grupos enfumaçados de dois e três, e o barulho de suas vozes era intenso. Era uma bela reunião: o general Surtees comparecera, juntamente com outros altos oficiais da CCA; o rotundo Bürgermeister estava presente, fumando seu enorme charuto cubano como um Churchill alemão; e Vaughan Berry, o comissário, estava ali, parecendo tenso e respeitoso. Shaw era facilmente visto; um dos dois únicos homens sem uniforme, cercado por um atento grupo de solicitantes, cada qual ansioso para arrancar o que pudesse do parlamentar.

Lewis explicou rapidamente a Ursula quem era quem.

— O homem magro é o general Surtees. Meu chefe final. E o seu.

— Um dos nossos?

Lewis sorriu. Ela aprendia depressa. Fez que não com a cabeça.

— O homem de terno de banqueiro?

— Aquele é o comissário.

Vaughan Berry era o único outro homem na sala à paisana. Lewis tinha Berry muito em conta. Ele ficara famoso por se recusar a usar o uniforme azul-marinho da CCA, já que lhe fazia lembrar um vigia de ataque aéreo.

— Um dos nossos — disse Lewis.

— E o homem conversando com o ministro agora?

Lewis sentiu um arrepio. Era o major Burnham e, aparentemente, já estava no processo de submeter o parlamentar a seu *lobby*. Lewis estava chateado consigo mesmo por não chegar antes que Burnham tivesse a chance de contaminar os pensamentos do parlamentar. Shaw parecia alguém se esforçando para solucionar um enigma difícil: mão pensativa no queixo, cabeça inclinada de maneira simpática, como se tentando ouvir e lembrar-se de tudo o que era dito.

— Major Burnham. Inteligência.

— Um deles — disse Ursula, sem precisar perguntar.

Durante o desjejum, Lewis se viu sentado em frente a Burnham e a um americano de visita, o general Ryan Caine, que estava ali para ver como os britânicos estavam se saindo e para compartilhar um pouco da vida na zona americana. Caine tinha o cabelo cortado rente que mesmo os generais de três estrelas dos Estados Unidos pareciam preferir; fazia com que parecesse viril e jovem, enquanto as queimaduras de sol que manchavam sua pele sugeriam exposição a climas mais ensolarados e uma vida bem vivida. Ele transpirava a tranquilidade de um homem desfrutando de sua estadia na Alemanha e a discreta arrogância de alguém que visita seus primos mais pobres e esforçados.

— Não é hora de vocês suspenderem as leis de confraternização? Ouvi dizer que conversar com uma alemã já corresponde a um convite para a prostituição em sua zona.

— Acho que por ora os alemães preferem uma separação clara.

— Sabe, em Frankfurt, temos agora um serviço civil especial para casamentos entre militares americanos e civis alemães. É uma forma simples de se integrar à sociedade — disse Caine, todas as atenções voltadas para Ursula. — Caso um dia queira se transferir para uma zona mais amigável, Fräulein...

Ursula, Lewis ficou contente de ver, permaneceu elegantemente nada impressionada.

— A zona britânica tem muito mais problemas, general.

— Bem, você está aqui.

Um garçom trouxe os pratos do desjejum: ovos, salsichas, bacon, tomates grelhados, cogumelos, cebolas, morcela, fígado.

— Vocês podem estar falidos, mas é bom ver que não estão economizando na hospitalidade — disse Caine, ficando sério depois.

— Não acham que é hora de devolver o comando aos alemães? Precisamos agir rapidamente. Se não tivermos cuidado, eles começarão a achar que os soviéticos são uma perspectiva melhor. Precisamos colocar os negócios em prática. Dar a eles o capital

necessário. Dar a eles liderança. Dar a eles as ferramentas... Fala-se de um plano para dar a eles e à Europa ajuda massiva. Está sendo discutido em Washington enquanto conversamos. Precisamos de uma Alemanha forte.

— Mas antes precisamos de uma Alemanha limpa, general — ponderou Burnham.

Caine cortou um pedaço de fígado em dois e enfiou um pouco na boca.

— Bem, é claro — concordou. — Arrancar os cretinos primeiro. Perdão por minha linguagem, Fräulein.

Com um leve sorriso, Ursula indicou que estava mais entretida do que ofendida.

Lewis comera metade de um ovo e uma fatia de bacon, no entanto, a conversa estava revirando seu estômago, fazendo-o se encolher. Estava desesperado para dizer algo. Baixou os olhos para a mesa. De Billier conversava com o marechal Sholto, longe demais para ser ouvido. Mas Shaw, que estava sentado em frente a Ursula, escutava a discussão.

— Gostei do que disse mais cedo, major. “Não é possível erguer uma casa sobre alicerces podres.”

Lewis ficou desalentado. Ele ouvira as mesmas palavras dos lábios de Wilkins. E agora Burnham sustentava o telefone sem fio, sem dúvida tendo plantado isso durante sua conversa antes do desjejum. Dessa forma, o preconceito sem fundamento se transformava em opinião embasada e tornava-se política.

— Os alemães tiveram doze anos de ignorância e analfabetismo — explicou Burnham, estimulado pelo ministro. — Isso transformou pessoas em animais. Podemos começar o processo de reconstruir suas psiques quando tivermos restabelecido o primado da lei e reconstruído a infraestrutura básica, mas até então precisamos ser vigilantes. A gentileza é um luxo com o qual não podemos arcar.

Os cílios de Burnham piscaram para Lewis.

— Acredita que há um risco de insurgência? — perguntou Shaw, levando a conversa em uma direção que Lewis não desejava.

— O caos no terreno e a grande movimentação de pessoas deslocadas criam a cobertura perfeita para que os nazistas desapareçam e depois reapareçam, tendo se reinventado como “inocentes”.

— Você tem o questionário — sugeriu Caine.

— O questionário é útil, mas estamos precisando refiná-lo ligeiramente; temos de mergulhar um pouco mais fundo no passado das pessoas para extrair a verdade. Precisamos de mais pessoal para lidar com o trabalho atrasado. Porém, também necessitamos de melhores informações para encontrar os verdadeiros criminosos. Não é apenas um caso de ovelhas e bodes. Mas de bodes que são ovelhas e ovelhas que são lobos. Ou lobisomens.

A palavra prendeu a atenção de todos.

— Vocês os têm aqui? — perguntou Caine.

— Tivemos um comboio atacado por dois insurgentes semana passada. Viraram um caminhão carregado de gim.

— Eles sabem como atingi-los duramente — brincou Caine.

— Insurgentes? — perguntou Lewis. — Ou pessoas buscando comida?

— Os dois que prendemos pareciam bastante bem alimentados — retrucou Burnham. — Ambos pareciam convencidos de que Hitler estava vivo e bem e que ainda voltaria para nos esmagar. Quando eu disse que o Führer estava morto, um deles me pediu que provasse, dizendo que os russos nunca haviam apresentado um corpo.

— Mostre-me o corpo! — exclamou Caine. — Como se o Führer fosse o próprio Jesus Cristo!

— O valor dos lobisomens como propaganda supera em muito seus feitos, ministro — disse Lewis, determinado a acabar com o mito e levar a conversa de volta ao que importava.

Contudo, Burnham tinha todos onde os queria.

— Ambos tinham as tatuagens de 88 — continuou Burnham. — Queimadas nos antebraços.

— Oitenta e oito? — perguntou o ministro.

— É um código. A oitava letra do alfabeto?

Shaw contou.

— H. HH?

Burnham anuiu. Ele queria que Shaw dissesse.

— *Heil Hitler?*

Lewis sentiu uma necessidade urgente de interferir.

— Ridículo e absurdo. Você pode ver 88s pintados em muros e ruínas por toda a cidade. Isso simplesmente mostra que as coisas estão tão ruins que as pessoas estão preparadas para cogitar voltar àquilo.

— Talvez alguns alemães não tenham aprendido a lição? — sugeriu Caine.

— A justiça precisa ser vista como algo que está sendo feito — disse Shaw. — As pessoas em casa exigem isso.

— Certamente é melhor que a justiça seja feita do que simplesmente pareça estar sendo feita.

— O senhor não é político, coronel. Em meu mundo, percepção é nove décimos da verdade.

— Caçar alguns poucos fanáticos dificilmente é nossa prioridade — argumentou Lewis, sua moderação cedendo.

Estava consciente de que Ursula ficara calada enquanto os homens dissecavam seu país.

— Então, quais diria que são nossas prioridades? — perguntou Shaw.

Lewis se empertigou e espalmou as mãos na mesa.

— Não é possível apresentar a democracia a um povo faminto e fragmentado. Se alimentarmos as pessoas, as alojarmos, reunirmos entes queridos separados, criarmos oportunidades de trabalho, então não teremos nada a temer. Mas, neste momento, há milhões de alemães capazes que não podem trabalhar por causa desse processo de "limpeza". Famílias permanecem separadas. Milhares ainda estão em campos de confinamento.

— De fato — anuiu Shaw, pensativo.

Mas aquela litania de obrigações não era tão fascinante quanto as histórias de lobisomens.

— O senhor nutre verdadeira simpatia pelos nativos, coronel — observou o general Caine. — Por isso o chamam de Lawrence de Hamburgo?

Burnham devia ter vazado aquilo.

— Talvez pudesse contar ao ministro e ao general sobre o acerto especial em sua casa, coronel — sugeriu Burnham, voltando-se para Shaw e Caine em seguida. — O coronel Morgan é pioneiro em uma nova abordagem das relações anglo-germânicas.

Lewis sempre invejara a capacidade dos rapazes de Inteligência de se sentar com generais e ministros e dizer o que pensam sem recorrer à autoridade, mas Burnham estava testando demais a tendência igualitária de Lewis. E agora Burnham dirigia a conversa como queria.

Com relutância, Lewis se viu explicando à mesa como ele passara a dividir a casa com uma família alemã. Quando terminou, houve um longo silêncio acusatório. O que antes parecera um gesto humano passara a soar quase escandaloso.

— Bem, *isso* é confraternizar, coronel — disse Caine.

— Fico pensando. Isso não cria certo ressentimento? — perguntou Burnham em um tom absolutamente razoável. — Quero dizer, esses alemães não prefeririam estar com seus compatriotas? Nos campos?

As pessoas na mesa olharam para Lewis, esperando a resposta.

— Em alojamentos? Quase congelando até a morte?

Lewis tinha consciência de que estava subvertendo a versão oficial, mas Shaw precisava saber.

— Ouvi dizer que estão bastante confortáveis — disse Shaw. — Têm aquecimento. E comida. E isso é muito mais do que metade da Inglaterra desfruta neste momento.

— Acho que, tendo escolha, a maioria de nós permaneceria em nossas casas — retorquiu Lewis.

— Bem, vamos esperar que sua gentileza não se volte contra o senhor, coronel — alertou Shaw.

Lewis já falara demais e podia ver que o general De Billier estava agitado com sua crítica aos esforços britânicos na frente do ministro. Ele deixaria que o passeio mostrasse ao parlamentar como as coisas realmente eram nos campos.

* * *

Lubert estava sentado na sala de espera do Centro de Interrogatório Direto, que cheirava a leite azedo, tentando se lembrar de algo — algo além de ser alemão — que pudesse incriminá-lo aos olhos do Serviço de Inteligência britânico.

O centro havia sido instalado na velha escola de artes atrás da Binnenalster. Lubert fora lá pela última vez em 1937, com Claudia, para ver obras do artista Böcklin, um dos poucos artistas alemães decentes não definido como degenerado pelo regime. Hitler aparentemente comprara oito trabalhos dele. Lubert e Claudia tiveram depois uma grande discussão sobre o artista: ela gostou das claras mensagens morais de Böcklin; ele disse que era esse exatamente o problema. Ela chamara Lubert de “arrogante” e incapaz de ver a arte pelo que era, ele chegara ao ponto de chamá-la de populista; mas a briga não fora realmente sobre arte ou gostos, fora sobre o regime.

Lubert disse a si mesmo que não tinha nada a temer. Havia realizado seu ato de recordação pessoal — *Besinnung* —, o qual todos os alemães eram estimulados a fazer como parte do processo de reconhecimento de sua parcela de culpa nos grandes crimes que o país havia cometido. Ele não gostava da ideia de culpa coletiva, mas não era um daqueles homens de outrora, que culpavam os aliados pelos sofrimentos presentes da Alemanha; nem lamentava de modo algum os enforcamentos dos réus de Nuremberg. Ele preencheria seu *Fragebogen* — as cento e trinta e três perguntas que determinariam seu futuro profissional — mais facilmente do que

esperara. De fato, era difícil ver como pretendiam identificar os verdadeiros culpados por meio daquilo. Parecera educado demais, carecendo de malícia ou qualquer interrogatório mais profundo. Uma ou duas perguntas bizarras o fizeram rir, mas em geral ele o preencheria com confiança e consciência limpa. Até mesmo gostara do exercício de “recordar quem era”.

O nome de Lubert foi chamado, e ele seguiu para a sala de interrogatório. Ao se aproximar da porta, respirou fundo, lembrando a si mesmo de não ser combativo, permanecer humilde, manter aquilo de modo educado. O boato era que os britânicos não estavam encontrando alemães da “cor errada” em número suficiente e estavam sendo muito mais severos em seu interrogatório.

Os interrogadores estavam sentados atrás de uma escrivaninha de carvalho. Um deles fumava e fez um gesto para que Lubert se sentasse. O outro não ergueu os olhos, continuando a examinar a papelada diante dele, a qual Lubert podia ver — pela tinta verde e por sua própria terrível letra cursiva arredondada — ser seu questionário preenchido. O homem virou as páginas, para a frente, para trás, para a frente, depois para trás, como se intrigado com uma discrepância. Algo não batia, ou faltava. Se aquela longa pausa teatral era concebida para perturbar, funcionara. Lubert estava impaciente antes mesmo que começassem.

— Herr Lubert? — perguntou o primeiro homem.

— Sim.

— Sou o capitão Donnell, e este é o major Burnham, chefe de Inteligência. Vamos conduzir esta entrevista em inglês e alemão segundo nossas necessidades. Entendemos que fala inglês fluentemente.

— Sim.

O major ainda não olhara para Lubert e continuava intrigado com o questionário, ou melhor, com algumas das respostas de Lubert. Quando falou, sua voz era baixa e suave, seu alemão, imaculado.

— O senhor é um homem de sorte, Herr Lubert.

Lubert não o questionou. Esperou, sabendo que sua “sorte” estava prestes a ser revelada e explicada por aquele homem com cílios particularmente compridos.

— Sobreviveu intacto à guerra. Jovem demais para a primeira. Velho demais para a segunda. Ainda mora em sua casa. Tem seu patrimônio. Tem um senhorio generoso.

Lubert quis questionar a parte sobre patrimônio, mas manteve-se quieto.

Burnham ergueu a cabeça, e Lubert olhou para ele. Os olhos do homem realmente eram bonitos demais para um interrogador. Buscou solidariedade neles.

— Sou grato — respondeu, querendo equilibrar as coisas.

— Mesmo? — retrucou Burnham.

Baixou os olhos para o questionário e colocou-o na página que parecia ofendê-lo.

— Em função de algumas de suas respostas, noto certo tom de ingratidão. Até mesmo desdém.

Era uma crítica bastante verdadeira. Lubert nunca gostara de ter de responder a perguntas, especialmente oficiais. Isso lhe provocava alguma teimosia e revolta.

— Acho que havia uma pergunta sobre soldados de brinquedo. Ela... não me pareceu relevante.

— Muito cuidado e tempo foram investidos na elaboração destes questionários, Herr Lubert.

— Sim. Mas... não consegui ver a relevância dos soldados de brinquedo.

— Alguma vez brincou com soldados de brinquedo?

— Prenderão todos os homens que um dia brincaram com soldadinhos? — retrucou Lubert sem conseguir se conter.

— Herr Lubert, um tom depreciativo poderá colocá-lo em uma categoria na qual não gostaria de estar. Brincou com soldadinhos ou não?

— Sim. Eu era como qualquer menino normal.

— Bom. É tudo o que precisava saber — concluiu Burnham, marcando o espaço vazio. Depois moveu o dedo para uma pergunta posterior, o rosto se contorcendo em uma expressão de confusão. — E então houve essa... pergunta R.iii. O que quis dizer com esta resposta? Se é que posso chamá-la de resposta. Isso parece... um modo debochado de responder a uma pergunta séria.

Lubert sabia que Burnham era um homem inteligente. Tinha consciência de que Burnham sabia por que respondera à pergunta daquela forma: porque era uma pergunta ridícula. Na época, ele precisara ler novamente, achando que devia ter sido mal traduzida ou inserida especialmente para testá-lo. Decidira que era apenas uma pergunta sem sentido redigida por um funcionário que não pensava, em algum lugar em Whitehall ou Washington. E que não merecia uma resposta séria.

— Então?

— Quem quer que a tenha considerado uma boa pergunta... não pode ter falado sério. Nem ter alguma ideia de como foi para...

— É uma pergunta totalmente séria, Herr Lubert. “O bombardeio afetou sua saúde ou a de sua família?” Caso queira retomar um trabalho profissional pleno, precisamos estar certos de que não tem nenhum problema de saúde mental. Responder com pontos de exclamação não é exemplo de uma mente estável.

— Acho que o bombardeio afetou a saúde de minha esposa, major. Ela faleceu, assim como outras quarenta mil pessoas, em julho de 1943. O dia em que os britânicos destruíram esta cidade na tempestade de fogo.

Burnham não se abalou, mas pareceu contente por Lubert ter levantado a questão.

— Vamos falar sobre sua esposa. Para um arquiteto de residências, o senhor vive com algum esplendor. Tem uma coleção de arte registrada, incluindo obras de Léger, Nolde. Presumo que ela tivesse o dinheiro.

— Sim, ela era de uma família rica.

— E como a família dela adquiriu essa riqueza?

— Comércio.

— Comercializando o quê? E com quem?

— Tudo. Eles tinham alguns dos terminais de navios.

— Terminais usados para transferir armas nazistas?

— A partir de 1933 eles comercializavam o que lhes era ordenado.

Lubert poderia ter destacado como vários daqueles navios haviam navegado para a Inglaterra e a partir dela, mas o major deveria ter pleno conhecimento do fato.

— Então essa é uma coleção de arte paga pelo comércio nazista?

Como era simples aquela matemática: uma equação que sempre terminava com "igual a culpado". Os números e as frações que o levavam a isso não importavam.

Lubert negou com um gesto de cabeça.

— Hamburgo tinha seus próprios negócios, era tudo comercial. Não éramos filiados ao partido. Apenas o irmão de Claudia...

— Sim — disse Burnham, olhando para a página relevante. — Martin Fromm.

Lubert não quisera sequer escrever o nome do cunhado ou seu título: Gauleiter. Não havia espaço na página para as nuances de suas ambições partidárias e a consternação que sua filiação causara à família.

— Vamos a outra pergunta. Pergunta F.iii. "Você esperou uma vitória alemã?" O senhor escreveu... "Queria que a guerra terminasse logo."

— Claro. Todos queriam.

— Queria que a Alemanha vencesse?

— Eu era, e ainda sou, nacionalista, mas isso não faz de mim um nazista.

— Acho que isso é um sofisma. Em 1939, um nacionalista era um nazista.

— Eu não queria guerra alguma.

— Fale sobre sua filha.

O homem sabia como manter o terreno instável. Lubert se sentiu perdendo firmeza.

- O que tem minha filha?
- Bem, suponho que ela tenha sido afetada pelos bombardeios. Pela perda da mãe.
- Ela... ainda... sente raiva — respondeu, e pela primeira vez seu tom era defensivo e inseguro. — E... ela acha muito difícil dividir a casa com uma família britânica.
- Raiva? Da ocupação?
- Raiva pela perda da mãe.
- Ela era da Liga das Moças de Hitler.
- Lubert quase decidira não escrever sobre isso, mas era um fato.
- Era obrigatório... a partir de 1936.
- O senhor não a impediu?
- Nós, minha esposa e eu, tivemos... uma divergência quanto a isso. Eu era contra o ingresso dela... Mas, no final, não tínhamos escolha. Eu me sinto mal por isso. No entanto, uma recusa seria considerada traição. E isso teria sido pior para nós.
- Mas um homem de consciência preferiria a prisão ao mal, não?
- O senhor parece determinado a me considerar culpado de algo, major.
- Sua culpa é apenas uma questão de grau para mim, Herr Lubert. Meu trabalho é determinar sua cor, seu tom. Então me diga... Estou intrigado: como tem estômago para morar com seu antigo inimigo?
- Eles são educados conosco.
- Como sua filha se sente?
- Ela está... ressentida com isso.
- Como isso se manifesta?
- Ela... bem... ela não compreende quão... privilegiados somos por permanecer em nossa casa.
- E por que compreenderia? — retrucou Burnham. — Depois do que aconteceu com a mãe. O que ela está fazendo agora... com as escolas fechadas?
- Trabalhando nas turmas de entulho.

— Quando o senhor vê todo esse entulho, deve questionar se a arquitetura faz algum sentido, Herr Lubert. Tem certeza de que deseja retomar essa carreira?

— Não sou bom em outras coisas. Eu gostaria de estar — disse, tentando pensar na palavra — *envolvido* na reconstrução. Sou um péssimo operário de fábrica.

— Sente falta dos dias em que construía casas de verão para funcionários do partido?

É verdade que Lubert tivera um aumento de encomendas de vilas de verão na época, incluindo um “pequeno palácio” para Harold Armfeld, o fabricante de armas, mas trabalhos civis eram raros.

— Depois de 1933, houve poucas oportunidades. Não ajudou o fato de que o partido desprezava minha escola de arquitetura.

Burnham passou para outra página do *Fragebogen*.

— Sente falta do passado?

— Tudo do passado de que sinto falta é minha esposa, major.

— Não sente falta dos bons e velhos tempos?

— Não sei a que tempos se refere. Após 1933, a Alemanha se tornou uma prisão para a maioria de nós.

Burnham se recostou, abriu uma gaveta e sacou uma pilha de fotografias. Ele as jogou sobre a mesa e abriu-as como cartas de um baralho.

— Era uma prisão como esta?

Ele pegou uma fotografia de um prisioneiro judeu esquelético. Depois outra. E mais uma. O tempo todo procurando a exata reação no rosto do interrogado. Lubert vira aquelas fotos nos primeiros meses depois da guerra. Foram colocadas nos muros para que todos os alemães vissem. Ele as olhou, cansado, depois desviou os olhos.

— Quaisquer inconvenientes que possa ter sofrido, Herr Lubert, recomendo que nunca compare suas circunstâncias a isto.

Burnham pegou o questionário e foi para a última pergunta, na última página. Pergunta Y.

— Vejo que deixou em branco “Mais alguma observação?”. Há algo que queira dizer agora?

Lubert olhou para o major do modo mais contrito e educado que conseguiu e disse:

— Acho que não, major.

* * *

— Por que pendurou isto sem me perguntar?

— Costumava haver um retrato aqui. Deixou uma marca amarelada. Achei que poderia gostar...

— Bem, não gostei.

Rachael esperava no corredor, andando de um lado para outro. Falara a ele com um olhar firme e uma postura autoritária, como se treinada por uma governanta rígida a lidar com um pupilo desobediente. Lubert acabara de passar pela porta. Estava com fome, frio e raiva. Após a entrevista, fora trabalhar, apenas para descobrir que a fábrica havia sido fechada. Os britânicos alegavam que era por causa do clima, mas todos sabiam que isso fora feito para conter a crescente revolta que surgia ali. Seu colega de trabalho, Schorsch, estivera nos portões, distribuindo folhetos. Estavam planejando uma grande manifestação, encorajando todos os trabalhadores da zona britânica a fazer piquetes nas fábricas em protesto contra o desmonte delas. “Lembre-se de que lado está, Herr Lubert”, murmurara Schorsch ao lhe dar o folheto. Lubert estava farto de lhe dizerem o que fazer.

Ele olhou para o quadro que pedira a Richard para pendurar naquela manhã. Tivera alguma dificuldade em escolher, levando em conta as sensibilidades provincianas dos Morgan: nada muito anticonvencional, nada difícil demais. Inicialmente escolhera a adorável paisagem de Liebermann, mas ela não escondia a velha descoloração deixada pelo retrato. O “seminu feminino” de Von Carolsfeld, pensava ele, era perfeito: elegante e discreto, cobria a mancha e levantava a sala toda; era uma rara obra-prima, merecendo qualquer parede, em qualquer salão, de qualquer terra.

Apenas um filisteu poderia fazer objeções a ela; um filisteu ou, talvez, um pudico.

— Foi um dos grandes artistas alemães do século XIX.

— Não me interessa quem ele foi — disse Rachael, cruzando os braços, recusando-se a reconhecer a glória suave da dama atrás dela.

— Não gosta dele?

— Não é esse o ponto.

Lubert ficou pensando se seria a nudez. O quadro, talvez, estivesse à beira do erótico, mas era contido e delicado demais para ser ofensivo. De repente foi tomado por uma necessidade incontrolável de tornar aquele momento o mais difícil possível para Rachael, fazê-la corar e contorcer-se, colocá-la em seu lugar.

— Talvez prefira representações rurais. Uma cena de caçada? Ou talvez alguém vestido?

Ao falar isso, sentiu-se como um irmão mais velho desdenhoso, dando uma lição em uma irmã presunçosa. Empolgado, não ligou.

Rachael desviou os olhos, sentindo-se corar. A sra. Burnham estava certa: os alemães eram um bando de arrogantes, e ela permitira que aquele se colocasse acima de sua devida posição.

— Herr Lubert, eu realmente não estou gostando de seu tom...

Mas Lubert não conseguiu se conter.

— Gostaria de saber por que não gosta dele. É um quadro muito honesto. Não é... não conheço a palavra em inglês... *unschicklich*: apenas para chocar. Quero dizer, olhe para ela. É uma bela peça. Achei que apreciaria. Que era uma mulher de bom gosto — provocou, fazendo uma pausa dramática em seguida, antes de continuar. — Devo ter me enganado.

Isso pareceu acender o fogo.

— O que está insinuando? Claro que posso ver que é uma boa obra. Não aceito sua insinuação. O senhor não sabe nada sobre meus gostos ou minha vida.

— Isso é verdade — respondeu ele. No final de um dia longo e frustrante, aquilo parecia um jogo.

— O que poderia saber sobre minhas preferências? Ou meu gosto; o que eu penso ser boa arte? O senhor não sabe nada sobre mim ou de onde eu venho.

— Esse é o problema! — disse ele. Estava com uma disposição imprudente. — Como podemos começar a entender um ao outro quando ambos temos passados que não conhecemos?

— Mas é o seu passado que me perturba, Herr Lubert.

Isso veio em outro tom. Ela olhou para a pintura — ou melhor, para o espaço ocupado pelo novo retrato.

— Era um retrato “dele”, não era?

Lubert foi silenciado pelo desprezo e pela incredulidade que a pergunta despertou nele.

Rachael respirou com força pelas narinas e começou a confirmar com um gesto de cabeça.

— Era, não era? Um retrato do Führer — disse Rachael, evitando o nome medonho.

Lubert deu uma risada que soou mais frívola do que de fato sentia.

— Então? — perguntou ela, empurrando-o para as cordas, certa de que o pegara. — Era um retrato do Führer ou não era? Sei que a maioria de vocês tinha um. Só gostaria de saber.

Ele não acreditava na suspeita da mulher. Parecia tomada emprestada. Impensada.

Ela não conseguiu resistir a um último golpe.

— Estou desapontada com o senhor, Herr Lubert. Pensei que o senhor, de todas as pessoas, teria melhor gosto.

O rebelde nele queria não dizer nada. Mas a ignorância dela era provocante demais para que ele conseguisse resistir.

— Olhe ao redor, Frau Morgan. Dê uma olhada na mobília. Nos livros. Dê uma olhada... nas partituras na banquetta do piano. Música de Mendelssohn e Chopin, dois compositores banidos pelo partido; vasculhe a biblioteca. Encontrará obras de Hesse, Marx, Fallada, livros que deveriam ter sido queimados. E olhe para a arte. Eu faria uma visita guiada se achasse que você poderia estar interessada;

obras de arte banidas treze anos atrás. Arte degenerada. Mesmo esta xilogravura de Nolde — disse, apontando para a gravura simples de um barco de pesca na parede da primeira escadaria. — Toda ela antigermânica. Judaica bolchevique. Artistas impossibilitados de trabalhar ou vender porque não agradavam ao Führer.

Lubert começou a circular pelo salão, declamando diante da decoração.

— Sei que alguém tem de ser culpado. E deve ajudar ter alguém para culpar. Estou certo de que é conveniente para a senhora atribuir à culpa um rosto. Mas acha que eu daria lugar de honra para aquele homem... cujo raciocínio idiota levou estas obras a serem banidas e queimadas? Ele era um vândalo. Seu único... credo era destruir; não apenas arte, mas vidas, famílias, povos. Cidades, países; até Deus! Seu único legado é morte e ruínas.

Lubert parou de circular e tomou fôlego.

Rachael precisava se movimentar. Ela desviara os olhos do retrato ofensivo para a lareira. Começou a mexer na grelha com o atizador; sua mão tremia.

— Acho que já disse o bastante, Herr Lubert.

— Não. Não disse. — Na verdade, ele estava apenas começando. — Você está certa. Não sabemos nada um sobre o outro. Você não sabe nada sobre mim. Meu passado. Meu presente. Meu futuro. Sim, é verdade. Eu tenho esperanças de futuro. Sim, mesmo eu: um alemão!

Rachael colocou o atizador de novo no suporte. Cruzou os braços para disfarçar a mão trêmula.

— Você diz que fica perturbada com meu passado, mas na verdade acho que é perturbada pelo seu próprio. Sei pouco sobre ele. A não ser o que Edmund me contou. Mas pelo menos tentei imaginar. Ver abaixo da superfície.

— O que Edmund lhe contou?

— Contou sobre seu filho, Michael. Sobre seu... luto. Ele diz que você costumava ser mais feliz. Aparentemente contava muitas

piadas e cantava. Ele diz que eu teria gostado mais de você se a tivesse conhecido antes. Que não é muito parecida com o que era antes.

Lubert podia ver — pelos suspiros profundos de Rachael — que isso a ferira.

— E me solidarizo: com sua própria perda, sua distância de casa, com a dificuldade de morar aqui com seu antigo inimigo e um marido que pouco vê. Torna mais fácil acreditar que você é mais do que apenas uma mulher amarga cheia de preconceito. Você tem sua própria dor. Vejo isso em seus olhos e escuto quando você toca. Mas há outros como você. Acorde! Você não é a única.

Ele estava de pé bem na frente dela, firme agora.

— Já falou demais, Herr Lubert. Deve parar.

— O que irá fazer? Irá me colocar na rua? Não é disso que gostaria? Bem. Aqui está. Deixe-me facilitar para você.

Lubert de repente a tomou pelos ombros e beijou-a. Errou sua boca por pouco e foi grosseiro e rápido. Recuou, esperando o tapa, seu rosto ligeiramente projetado para a frente, o alvo oferecido.

— Aí está. Fiz isso — disse, não totalmente certo do que havia feito.

O tapa esperado não veio. Rachael se virou, tocando a lateral do lábio superior.

Ele não estava pensando direito. A adrenalina corria depressa demais. Tinha de sair antes que fizesse algo pior. Levantou as mãos e recuou.

— Vou sair — avisou. — Vou sair e fazer as malas. Estou certo de que é isso que deseja — anunciou, virando-se e indo na direção da escada.

— Não, Herr Lubert — disse ela, com uma calma inesperada. — Isso realmente não será necessário.

Lubert estava com uma das mãos no corrimão e um pé no degrau.

— Eu... não deveria ter feito a acusação que fiz. Eu o provoquei. Foi um mal-entendido. Vamos deixar como está.

Ele não olhou para ela, em vez disso, após uma longa pausa, deu um tapinha no corrimão para confirmar a trégua e continuou a subir para seus aposentos.

* * *

Edmund dirigiu seu novo Dinky pela estrada do tapete, entre a casa de bonecas e a fonte de seu suprimento de cigarros, e de volta. Ele captou os sons de palavras vindo de baixo — “esqueça”, “passado”, “retrato” — parcialmente consciente do tom perigoso empregado, mas concentrado demais em sua missão para ter noção do que estava sendo dito. Para uma empregada ou mãe que passasse, ele estaria fazendo o que qualquer garoto normal e saudável faria com seu novo carro de brinquedo, mas para Edmund era apenas um artifício disfarçando o jogo muito maior que estava jogando.

Ele ainda podia sentir o perfume da mãe no carro enquanto entrava no quarto. Ela fizera uma grande cena para dá-lo a ele: pedindo que se sentasse em seu colo, pegando seu rosto com as mãos e dando um beijo em sua testa antes de estender-lhe o presente. Disse que era um presente de Natal antecipado e acrescentou que Papai Noel não deixaria de trazer o que quer que fosse por isso. Pareceu muito ansiosa para agradá-lo, e isso o deixara um pouco desconfortável.

— Sei que não tenho demonstrado muito, mas só queria que soubesse... que eu amo você — dissera ela.

Ter isso expresso dessa forma pareceu deixar mais dúvidas do que certezas. Como a gravidade ou o oxigênio, Edmund sempre considerara aquilo como algo garantido.

Mas estava contente com o carro. Embora o modelo e a escala estivessem errados, o Lagonda agora era o elemento cenográfico de destaque em sua tentativa de reproduzir a Villa Lubert. Se aqueles fabricantes de carros Dinky pudessem fazer um Mercedes 540K, a reprodução seria completa. Ele tinha até mesmo um boneco do jardineiro Richard, diferenciado por uma pá de papelão feita em

casa. Enquanto Edmund estacionava o carro diante da casa de bonecas, fez o boneco Richard recolher as compras, enquanto o boneco Edmund pegava os cigarros de verdade. Conferindo e vendo que a boneca Mãe estava na sala da frente tocando piano, o boneco Lubert a observava, as bonecas Greta e Heike estavam na cozinha, a boneca Frieda, no sótão, e o boneco Pai, do outro lado do gramado de tapete, salvando a Alemanha; o boneco Edmund correu com os dois maços gigantes para o grande quarto central. Edmund olhou para a porta, buscando sons de aproximação. Certo de que ninguém vinha, empurrou os móveis para as laterais do quarto principal e ergueu a miniatura de tapete persa. Havia oito maços embaixo dele; com os novos, ele agora tinha os duzentos cigarros que Ozi pedira: a ração mensal de um soldado; uma fortuna para um órfão. Era hora de transportar, atravessando a tundra coberta de neve da campina, aquela carga para os Garotos Sem Mãe.

* * *

A neve na campina estava virgem, e Edmund se encantou ao deixar as primeiras marcas nela; deliciando-se com o som de suas botas afundando e com o fato de que suas galochas eram altas o bastante para deixar a neve de fora. À frente ele podia ver uma fogueira queimando, a fumaça negra marcando o ponto em que o céu tocava a terra, a nuvem cinza tão baixa que sangrava para o chão e matava o horizonte. Um vestígio negro de rio rompia o branco onipresente, mas a força avassaladora do frio dizimara sua largura, congelando-o das margens para o centro em dezenas de metros, deixando pequenos riachos aqui e ali nos arquipélagos de gelo. Em uma curva, agora totalmente coberta de gelo, um barco à vela fora apanhado no congelamento, sua proa empurrada para cima, a popa puxada para baixo, capturado em uma onda morta e gelada. A força do rio que continuava a correr empurrara para cima pedaços de gelo, que se projetavam em todas as direções: lembravam a Edmund as fotos dos estranhos campos de gelo que Scott cruzara

em sua viagem fatal. No meio do rio, onde a água ainda se movia, blocos de gelo flutuavam como carros fúnebres seguindo a corrente. Em um deles havia um bando de corvos. A natureza não pretendia que alguém sentisse pena de corvos, mas a visão daqueles pássaros comoveu Edmund. Como estava frio demais para voar, e eles estavam gordos por terem as penas estufadas, parecia que haviam aberto mão de seu apelo por carniça e resignado-se a viajar até o mar em seu barco de gelo.

Edmund se aproximou do acampamento, a sacola de papel pardo da NAAFI enfiada debaixo do braço, certo de que sua generosidade lhe garantiria respeito e promoção nos corações dos selvagens. Ozi e companhia estavam reunidos em torno de uma fogueira, mais perto das chamas do que parecia humanamente possível. Um dos garotos alimentava o fogo com pedaços de um galinheiro. Havia menos estruturas do que antes; o barracão de madeira sumira, assim como o estábulo; parecia que os selvagens haviam queimado metade de sua acomodação. Ozi estava sentado em sua maleta, como um velho que espera um trem muito atrasado; estava tão imóvel que parecia congelado em seu poleiro. Um dos garotos o despertou para vida.

— Inglês bom.

Ozi deu um pulo, bateu continência para alguém na fogueira e virou-se para Edmund, que se aproximava, contornando a fogueira, mas ainda na circunferência de seu calor, o rosto se abrindo em um sorriso selvagem, meio alucinado, meio empolgado.

— Ed-mund — disse ele, deliciando-se com o modo como falava.
— O que traz?

Edmund chegou ao limite da cova enlameada da fogueira. O calor havia feito a neve recuar e criado um círculo de relva marrom em um raio de um metro ao redor do fogo, no qual os selvagens estavam de pé sem se encolher, como se adaptados para suportar o calor intenso.

— O que traz? — perguntou Ozi novamente. — O que traz? O que traz? — repetiu, os dentes batendo depois de cada "traz".

— Cigarros.

Edmund deu a sacola a Ozi, tendo de se virar e proteger um dos lados do rosto do calor. A visão do contrabando transformou Ozi de criança ansiosa em perito experiente. Enfiou a mão na sacola e tirou um pacote de Player's, cheirou e verificou se o selo estava inteiro. Bom. Estavam tão frescos quanto ovos matinais. Um selo intacto lhe garantiria maior poder de barganha. Ozi ergueu o maço e anunciou:

— Player's. Cigarros fa-mosos.

O celofane começou a ficar marrom e retorcido por causa do calor.

— *Gut* cigarros — disse Edmund. — Player's.

— Cigarros bons da porra de inglês — falou Ozi.

Uma rodada de xingamentos de apreciação se seguiu enquanto ele circulava o maço. O garoto que Edmund derrubara tão facilmente no chão estava um pouco recuado, olhando com indiferença. Edmund usou esse momento de reconhecimento máximo para mostrar que não tinha rancor. Pegou um maço do saco nos braços de Ozi e estendeu para que seu antigo adversário o tomasse. O garoto resistiu por um segundo antes de avançar e pegá-lo com Edmund, sua necessidade superando o orgulho.

Da fogueira, vinha o cheiro de algo além de madeira queimando. Alguma coisa estava sendo preparada. Um animal estava sendo assado em um espeto. Era difícil ver exatamente o que era: cabeça e pés haviam sido retirados; parecia ser maior que um porco, mas menor e mais magro que uma vaca. O que quer que fosse cheirava bem. Ozi pegou Edmund pelo braço e levou-o até a coisa que chiava. Cortou uma tira do pernil magro do animal que assava e deu ao menino. A carne estava enegrecida e seca.

— *Was ist los?*

Houve risinhos, que Edmund interpretou como uma reação a seu alemão ruim.

— *Esel* — disse Ozi.

Edmund conhecia as palavras alemãs para porco, cachorro, vaca e leão, mas não reconhecia aquela. Talvez fosse outra palavra para

carne. Sem querer ofender o anfitrião, ele colocou o pedaço na boca e mastigou.

— Inglês gosta? — perguntou Ozi.

Edmund mastigou, todos os olhos esperando sua resposta. A carne era dura, com um sabor de algo que ele não conseguia identificar. Parecia carne, só que mais doce. Mas estava tão torrada que poderia ser qualquer coisa.

— *Ich liebe* — arriscou finalmente, sem saber se era o que queria dizer, mas porque parecia ser a resposta certa.

— *Inglês liebt Esel* — disse Ozi, e todos riram, aplaudiram e fizeram gestos de aprovação e, por alguma razão, zurraram como asnos.

Edmund sentiu ter passado por alguma iniciação. Então se lembrou de que tinha algo mais a partilhar. Enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um guardanapo amarrado de modo a formar uma espécie de bolsa. Edmund procurou um lugar onde colocá-lo. Ozi encaminhou-o a sua maleta, virando-a para criar uma mesa.

— *Muttis Haus* — falou.

Edmund colocou o lenço sobre a maleta enquanto os garotos se acotovelavam em volta. Desfez o nó e abriu o guardanapo para revelar uma montanha cintilante de cubos de açúcar. A visão produziu um suspiro imediato e coletivo, como se um truque de mágica tivesse sido feito. Incerto sobre se eles sabiam o que era açúcar, Edmund pegou um cubo do topo e segurou-o à luz. Seus grânulos cintilaram.

— Açúcar — disse.

Deu o cubo a Ozi, que o colocou direto na boca.

Ozi o manteve ali, sem mover a boca, antes de esmagá-lo com os dentes de trás. Então teve um esgar. Um fio de saliva vermelha escorreu pela lateral da boca. Ele enfiou a mão, sentiu algo e tirou o triângulo ensanguentado de um dente amarelo e podre. Fez uma careta para que todos vissem, depois olhou para o dente sujo de sangue em sua palma. Sua mão se fechou sobre ele e depois guardou-o no bolso. Edmund ficou pensando em o que ele poderia

fazer com aquilo. Não podia ser consertado, e nenhuma fada dos dentes visitaria a manjedoura fedorenta de Ozi. Se é que ainda visitava alguma criança alemã: elas certamente haviam sido muito rebaixadas na sua lista de merecedores — abaixo dos italianos e dos japoneses, bem no final da fila.

Ozi se curvou, pegou um pouco de neve e pressionou-a contra a gengiva que ainda sangrava. Alguém gritou:

— *Mann auf dem Fluss!*

Todos se viraram para olhar e, ali, aproximando-se deles pela curva do rio, havia um homem, àquela distância sem idade, mas ágil, magro e sem dúvida indo na direção deles, caminhando sobre a água congelada do Elba objetivamente, uma objetividade que parecia ser transmitida até eles e que transformou o grupo em um rebanho inquieto. Se não tinham certeza de quem era, todos pareciam saber quem desejavam que não fosse.

— *Tsss. Ist er es?*

— *Nein.*

— *Ich kann ihn nicht erkennen.*

O caminhante sobre o gelo continuou a avançar e, por um momento, o calor do fogo que distorcia o ar deu a impressão de que ele caminhava sobre a água.

Apenas Ozi pareceu não se impressionar.

— É Berti, seus idiotas.

Sigfried disse:

— Ele não vai ficar feliz. Quase não arrumamos nada — disse Sigfried.

A figura alcançou a margem e subiu, o andar mais empertigado e o passo se esticando ao passar do gelo para a neve; e quando cruzou a campina, todo de preto e cinza, o solitário brilho alaranjado de um cigarro sendo tragado surgiu no ar do inverno lavado e sem cor.

— É apenas Berti — repetiu Ozi. — Tenho o que ele quer.

Mas estava claro que, sob sua bravata, ele se preparava para algo.

Edmund se sentiu nauseado de apreensão. Queria voltar correndo através da campina para a segurança de casa, mas era tarde demais.

— Ed-mund!

Ozi enfiara a cabeça na maleta. Mal ergueu a tampa, escondendo o conteúdo. Tirou um chapéu de cossaco russo e jogou-o para Edmund, apontando para a cabeça.

— Não falar.

Edmund enfiou o chapéu e assumiu posição atrás do grupo; seus pés pareciam grossos e anestesiados em suas galochas; o chapéu cossaco cheirava a diesel e estava tão congelado e duro quanto um capacete.

De perto, aquele Berti não parecia ser muito assustador — não era muito mais velho que o resto dos garotos; não muito mais alto, sua estatura enganosa por causa do casaco exagerado —, mas, quando chegou à órbita da fogueira, os garotos haviam se amontoado em um bando trêmulo e silencioso. Edmund se sentiu sendo empurrado para trás na direção do fogo enquanto o bando recuava sem querer. Apenas Ozi, sustentando sua falsa indiferença, permaneceu separado. E Berti foi até Ozi, mal percebendo a presença dos demais. Perguntou algo a ele em voz baixa, não querendo que ninguém mais ouvisse. Ozi lhe deu um pedaço de papel, murmurou e falou enquanto ele era inspecionado. O jovem não pareceu satisfeito nem insatisfeito. Dobrou o papel cuidadosamente e guardou-o dentro do casaco.

— *Was hast du für mich?*

A pergunta levou Ozi a um repertório completo de dar de ombros, mãos suplicantes e acenos de cabeça, depois apontou por cima do ombro com o polegar para algum cúmplice imaginário que não o trairia. Na metade daquela encenação nada convincente — até mesmo Edmund achava que Ozi parecia um pequeno verme se retorcendo —, Berti o calou, agarrando seu rosto com uma das mãos. O movimento, sua violência e proximidade, lançaram adrenalina e medo no corpo de Edmund. Achou que vomitaria.

Livre do aperto e parecendo esquecer imediatamente a agressão, Ozi se transformou em *maître*, apontando para Berti o espeto, como se fosse uma mesa no melhor lugar de um restaurante. Berti se aproximou do animal. Estudou-o por algum tempo, depois se virou para Ozi e os demais. Parecia ainda mais raivoso.

— *Wir essen Esel während die Engländer Kuchen essen!*

Lá estava aquela palavra novamente. *Esel*. E algo sobre os britânicos comendo bolos.

Ozi tentou distrair Berti com o próximo truque, agitando algo que parecia um tubo de remédio. Era como um domador de leões estalando o chicote e mandando seu animal da cadeira para o círculo de fogo e para a escada, não dando ao leão tempo de se lembrar de sua essência leonina.

— Berti, *schau mal, was wir für dich haben! Pervitin!*

Berti pegou o tubo e tirou dois comprimidos. Ozi então bateu palmas para que os outros entregassem o que tinham nos bolsos. Otto tirou uma bandeja de coleta de igreja e colocou-a no chão. Os selvagens jogaram nela o que tinham, uma oferenda magra, porém eclética: remédio para doença venérea, preservativos, cubos de açúcar. Com relutância, Ozi acrescentou a maior parte da contribuição de Edmund.

Isso chamou a atenção de Berti.

— *Wo hast du den Zucker gefunden?*

Ninguém respondeu.

Ozi disse algo sobre hotéis, mas Berti não gostou. Ele agarrou Dietmar, prendeu-o em uma chave de braço e levou a ponta laranja de seu cigarro a menos de três centímetros de seus cílios. Dietmar gemeu enquanto o cigarro chamuscava seus cílios.

Edmund engoliu o ácido que subia pela garganta. Urina quente queimou sua coxa. Ele queria pedir a Berti que parasse, mas estava amedrontado demais para falar, embora soubesse que de algum modo era responsável pela tortura que era aplicada. O que seu pai faria?

— Pare! Por favor... Pare com isso.

As palavras em inglês acabaram imediatamente com o ataque. Berti soltou Dietmar, e o grupo abriu caminho entre Berti e Edmund.

— Ele é legal, Berti — disse Ozi. — Ele nos traz cigarros... E trouxe o açúcar. É um inglês bom.

Um fluxo completo de mijo quente inundou as calças de Edmund, escorreu por elas até as galochas. O calor foi momentaneamente reconfortante, mas suas pernas pareciam frouxas e fracas: não conseguiria ter corrido se quisesse. Pensou no pai novamente. Aquela não era a morte heroica que imaginara. Se o encontrassem, veriam a mancha amarela na neve. Ganhadores de medalhas não mijavam nas calças. Edmund Morgan: descanse em mijo.

Mas, por alguma razão, Berti não se moveu. Permaneceu onde estava, calculando algo. Conversou em voz baixa com Ozi, olhando de vez em quando para Edmund. Finalmente se virou para ele, desconfiado. Olhou para a bandeja e pegou um maço de Player's

— Traga cigars — falou em inglês. — Aqui. Toda semana.

— Sim...

— Ou eu farei isso — ameaçou, levando o cigarro até seu olho. — Em você.

Ozi se virou para Edmund.

— Inglês bom. Você traz cigars... aqui... amanhã *und*... — disse, fazendo um arco para a frente com a mão, como se indicando a passagem de uma semana — ...*und* na outra.

Edmund anuiu com veemência.

Berti então jogou seus cubos de açúcar no fogo. Eles pousaram na tela do galinheiro que queimava; Ozi deu um guincho e saltou sobre ela para apanhar, mas o calor era forte demais e, quase no mesmo movimento, pulou para trás e para fora, como um sapo, pousando no chão, as barras do casaco pegando fogo. Os outros riram de Ozi enquanto ele rolava na lama para apagar as chamas.

Berti pegou o resto das oferendas dos selvagens, apontou para Edmund e a seguir para a Villa Lubert. Edmund não precisava entender exatamente, podia sentir a intenção e começou a obedecer, recuando ante a opressão feroz dos olhos do homem,

suas pernas amedrontadas cedendo e tropeçando enquanto começava a correr.

* * *

Os abrigos metálicos Nissen de Hammerbrook tinham neve acumulada até o teto, e o brilho dourado das lamparinas a querosene em suas janelas dava a impressão de uma agradável aldeia satisfeita aguardando o fim de uma situação difícil.

— *Oh come, oh come, Emmanuel* — disse o ministro Shaw, reconhecendo a melodia enquanto Lewis o conduzia, subindo a rampa tomada de neve entre as cabanas na direção das pessoas no ponto de distribuição.

Como Lewis previra, a neve que caíra constantemente nos dois dias anteriores limpava quaisquer sinais de discórdia, mantendo as pessoas em casa e os manifestantes fora das ruas. Até o momento, tudo o que o ministro vira em sua excursão dera a impressão de uma situação difícil sendo brilhantemente administrada: mesmo os manifestantes na fábrica haviam baixado os cartazes, enquanto ali no acampamento, onde Lewis esperara apresentar a Shaw (e ao fotógrafo do jornal *Die Welt* que o acompanhava) imagens incontestáveis de sofrimento, a caridade estava em plena forma. A Cruz Vermelha, a Sociedade dos Quacres e o Exército da Salvação estavam presentes, suas bandas de música executando canções natalinas enquanto seus colegas distribuíam sopa e cestas de alimentos a filas de desalojados.

— Bom ver que o senhor os está mantendo alimentados, coronel.

— Vinte pessoas morreram de fome este mês, ministro. E vai ficar pior. Sem as cestas, essas pessoas morreriam de fome. A Alemanha não consegue se alimentar por conta própria.

— Mas há terras férteis por toda parte.

O fotógrafo estava tentando colocar Shaw em posição para o próximo disparo.

— Os russos têm o celeiro, mas não estão partilhando — retrucou Lewis, sabendo que Shaw só prestava atenção parcialmente. — Os suprimentos da cidade costumavam vir de fazendas que agora estão na zona russa, mas os russos não nos darão grãos até que desmontemos mais fábricas. Conseqüentemente, noventa por cento de toda a comida na zona britânica é importada. São dois milhões de toneladas de comida por dia, ministro. E os navios não estão conseguindo cruzar o gelo. Se desmontarmos as fábricas, os alemães não terão trabalho. Enquanto isso, muitos deles não podem nem mesmo trabalhar até terem sido liberados pelo processo de desnazificação. É um círculo vicioso.

Shaw anuiu, pensativo, mas Lewis sentiu que dera demais a ele: uma metralhadora giratória, em vez de um tiro na mosca. E agora o fotógrafo se adiantava.

— Ministro. Se eu pudesse colocá-lo em uma posição atrás do cavalete. Gostaria de fotografá-lo entregando uma cesta.

Para Leyland, o oficial supervisor do *Die Welt*, a orientação fora simples: colocar os britânicos sob uma luz favorável para o público alemão, estando ao lado dos alemães em seu sofrimento. Ele já tinha em estoque algumas imagens para salvar a reputação: Shaw instalado em uma carteira escolar ao lado de três garotas alemãs sorridentes, observando atentamente um livro de história que descrevia as Casas do Parlamento (“Crianças alemãs aprendem rudimentos de democracia”); Shaw de pé junto a uma estante de tipos no escritório do *Die Welt* (“Alemães novamente desfrutam dos benefícios da imprensa livre”). Mas “Ministro dá cestas de comida a alemães gratos” certamente seria a imagem do dia, fornecendo o sincretismo cultural de que todos precisavam: mostraria aos alemães que os britânicos eram compassivos e competentes; amenizaria as críticas feitas à CCA; e faria Shaw parecer um homem de ação. Shaw conhecia a rotina: faça uma pergunta, cumprimente alguém, pareça preocupado.

Shaw disse olá em alemão a uma mulher idosa e curvou-se de forma magnânima para dar o presente. A mulher o pegou com uma

careta e partiu sem dizer nada, nem um pouco comovida pela compaixão ensaiada do ministro. O fotógrafo clicou, mas onde estava a gratidão? Ele precisava captar a gratidão. Uma mulher com uma criança pequena apoiada no quadril foi então à mesa. O fotógrafo se aproximou. Shaw instintivamente abençoou a criancinha com a mão enluvada e deu a cesta de comida a ela, como uma espécie de Papai Noel à paisana. O fotógrafo se acorou, apontou e tirou a foto.

Um jovem desmazelado, que os seguia desde que haviam chegado, disse em voz alta a Shaw:

— *Gibt uns mehr zu essen, sonst werden wir Hitler nicht vergessen!*

Aquelas palavras haviam sido gritadas para Lewis antes: certa vez, por uma mulher que estava roubando carvão na estação de Dammtor, e outra, por um garoto no Goosemarket.

Leyland disse ao homem para ir embora, desculpando-se com Shaw pela grosseria do sujeito.

— Mas o que ele estava dizendo? — perguntou Shaw, enquanto olhava para Ursula.

— Ele disse: “Nos dê mais comida ou não nos esqueceremos de Hitler.”

Shaw pareceu mais entretido que ofendido. O desafio lhe dava a oportunidade de demonstrar algo.

— Pergunte a ele se realmente falava a sério — pediu a ela.

Ursula repassou a pergunta de Shaw ao homem, cuja resposta foi dada com firmeza e grande desprezo.

— Ele diz: “Estávamos melhor antes do que estamos agora. As coisas nunca foram tão ruins assim; nem mesmo nos últimos dias da guerra.”

O fotógrafo, um homem certamente preocupado com seu valioso emprego, disse ao encenqueiro para se conter. Mas Shaw parecia verdadeiramente interessado. Virou-se novamente para Ursula.

— Pergunte a ele se é grato por sua liberdade.

Em resposta, o homem apontou para o alojamento. Ursula traduziu de novo.

— “Isto parece liberdade? Estive em três campos desde o fim da guerra. Na Bélgica, em Colônia e agora aqui. Não vejo minha esposa há nove meses. Por quê? Porque lutei por meu país?”

— O que tornaria isso melhor? — perguntou Shaw.

O homem murmurou sua resposta em voz baixa.

Ursula reprimiu um sorriso e olhou para as costas das mãos.

— O que ele disse?

— Ele... só está com raiva — respondeu Ursula, tentando mais proteger o homem de si mesmo do que Shaw dos insultos. — É o estômago dele falando.

Shaw queria mostrar que era o homem durão das campanhas políticas.

— Ele é livre para falar. Não me incomode. Vamos lá. O que foi?

Ursula hesitou e olhou para Lewis, pedindo permissão.

— Acho importante que o ministro ouça o que ele disse — afirmou Lewis.

— Ele falou: “Parem de tratar todos nós como criminosos.” E então... “Voltem para a Inglaterra.”

— Suspeito de que foi mais forte que isso...

Lewis tentou não sorrir e fez um gesto de cabeça, indicando que Ursula traduzisse plenamente.

— Poderia ser traduzido aproximadamente como: “Vão se foder na Inglaterra.”

* * *

Lewis levou Ursula para casa, prestando pouca atenção na estrada, a cabeça cheia das coisas que pretendia dizer a Shaw.

— Obrigada — agradeceu ela.

— Pelo quê?

— Por tentar dizer a coisa difícil.

— Não cheguei nem perto. Não me fiz claro de modo algum. Tive uma oportunidade de fazer diferença. Agora ele voltará a Londres, e ninguém saberá quão extremamente grave é a situação aqui.

— Está sendo duro consigo mesmo.

— Sou um idiota. Perdi minha oportunidade.

— Você não pode fazer tudo.

Aquilo soou como uma reprimenda. À frente, um caminhão abandonado estava atravessado na estrada, a dianteira sobre a calçada, os rastros do acidente já cobertos por neve fresca. Quando passaram, Lewis viu uma figura sair correndo de dentro da cabine, agarrando algo. Fingiu não ver.

— Não precisa me levar até lá.

— Não quero que ande no meio disso.

— Mas não é seu caminho.

— Eu insisto.

O poderoso aquecedor do carro lançava ar quente sobre as pernas de Lewis, e o calor começou a subir e envolver seu peito; as pontas dos dedos começaram a coçar quando a circulação voltou. À medida que a temperatura subia, os cheiros de lã molhada, tabaco e o odor de linho de Ursula se misturaram na cabine.

— Qual foi o nome pelo qual o chamaram? Lawrence de Hamburgo? É um nome bom ou ruim?

— Depende de quem diz.

Fora Barker quem lhe dera aquele apelido, e na época Lewis não se opusera: remetia a uma secreta vaidade.

— Ele se refere a T. E. Lawrence. Lawrence da Arábia?

Ursula nunca ouvira falar desse Lawrence.

— Foi um tenente britânico desajustado. Alocado no Egito durante a Primeira Guerra Mundial. Tinha grande conhecimento e compreensão dos nativos, os beduínos. Escreveu um livro chamado *Os sete pilares da sabedoria*. É uma espécie de Bíblia para mim. Eu o levo a toda parte. Barker me chama de Lawrence de vez em quando. Alguém no escritório deve ter ouvido.

— Estou interessada em conhecer esse personagem.

— Ele estava sempre incomodando as autoridades. Defendendo os habitantes locais. O exército o considerava insolente. Eles o odiavam por preferir os nativos aos seus compatriotas. Eu lhe emprestarei meu exemplar. Está autografado. Encontrei Lawrence rapidamente certa vez. Em uma reunião das Forças Armadas.

— Como ele era?

— Parecia querer estar em outro lugar.

— Então você prefere os nativos?

— É uma crítica bastante comum. Até minha esposa diz isso.

O barulho no carro mudou de chapinhar para um esmagar abafado, e Lewis sentiu a diferença nas vibrações suavizadas do volante. A menção a Rachael o fez agarrar o volante com mais força.

— Acho muito corajoso da parte dela dividir a casa... com a família alemã. Não há muitas pessoas capazes de fazer isso.

Lewis sabia que isso era verdade, mas não pensava em Rachael como sendo corajosa.

— Ela está... estabelecida?

Estabelecer. Eis uma boa palavra.

— Acho que ela... está chegando lá. Ela não estava... não tem estado... muito bem. Está demorando muito tempo para superar a perda de nosso filho mais velho.

Lewis tinha informado a Ursula o fato objetivo da morte de Michael após ter descoberto o sofrimento dela. Parecera uma troca justa — um marido morto por um filho morto —, mas não se estendera. Nem pretendia fazê-lo.

— Para mim seria muito duro. Morar com meu antigo inimigo. Caso os culpasse pela morte de meu filho. E então ter um marido que agora se importa com o inimigo. Isso é difícil.

Ela compreendera tudo a partir de muito pouca informação. Como chegara a isso tão depressa?

— Sim. Mas... ela precisa... — Lewis fez uma pausa. Estava revelando demais.

— Precisa?

— Ela... eu havia esperado que com o tempo... ela pudesse seguir em frente.

— Por quê? O tempo não faz nada.

Lewis não tinha uma resposta para isso.

— A morte de um filho não tem cura — disse Ursula.

Lewis exalou longamente e com força suficiente para embaçar a face interna do para-brisa. Esticou a mão para limpar com a luva.

— Este clima está uma coisa — falou.

Ursula entendeu o código.

— Desculpe. Não é da minha conta.

— Não, não. Tudo bem.

Houve uma pausa.

— Vocês têm outro filho, certo?

— Sim.

— Como ele é?

Pensar em Edmund fez Lewis sorrir. Gostava do menino, queria entendê-lo melhor; mas a falta de conhecimento incomodava e frustrava sua capacidade de dizer isso.

— Ele é... um bom garoto...

O volante de repente foi arrancado de suas mãos, virando para a direita, depois esquerda, como se dirigido por um chofer fantasma bêbado. Quando Lewis recuperou a direção, o carro já estava derrapando de lado, iniciando um rodopio enganosamente calmo e elegante; em vez de lutar contra aquilo, ele deixou que flutuasse sobre a estrada e parasse onde quisesse. Em algum momento, ele se ouviu dizer "Segure-se!" e esticou um braço rígido sobre a cintura de Ursula, travando-o ali até o carro pousar suave e silenciosamente em uma vala funda. Embora o automóvel tivesse parado, o braço permaneceu sobre ela e, em um átimo de segundo, Lewis conteve seu instinto de retirá-lo.

— Não sei o que aconteceu aqui — disse. — Simplesmente... O volante simplesmente...

Seu braço continuava ali como uma barreira, não mais oferecendo proteção. Ele olhou para o braço, esperando para ver o que ela faria.

Ela colocou a mão esquerda em seu antebraço e ergueu-o.

— Desculpe. Isso foi...

— Tudo bem, coronel. Um erro comum.

O carro estava preso com firmeza na vala. Lewis decidiu que levaria Ursula para casa e depois iria para o Clube dos Oficiais na Jungfernstieg encontrar transporte para casa e mandar a equipe de engenheiros britânicos retirar o carro da terra quando pudessem. Estava desesperado por um cigarro. Mesmo que o estoque no apoio lateral do carro estivesse esgotado.

— Eu a levarei para casa a pé.

— Não precisa, coronel.

— Tudo bem.

Eles caminharam pela deserta Neuer Steinweg, na parte velha e intacta da cidade, o constrangimento que Lewis sentira por sua imprudência fazendo com que andasse um pouco rápido demais.

Rachael sempre o provocava por sua inocência no que dizia respeito ao sexo oposto. Era sua melhor defesa quando estava longe de casa: sua simples fidelidade sempre permitira que sobrevivesse a situações que outros achavam tentadoras demais. Traições sexuais eram bastante comuns entre seus colegas militares, e costumava-se fechar os olhos para os casos frequentes. Contudo, ele nunca fora atormentado pela tentação que consumia e algumas vezes destruía homens totalmente racionais. Uma vez pensara em se haveria algo de errado com ele em relação a isso. Houvera aquela noite em Bremen, quando seu então segundo em comando, Blackmore, acusara-o de ser um "monge impotente". Eram as primeiras semanas de paz, e as celebrações haviam se tornado orgiásticas, com pelotões inteiros de homens juntando-se com garotas alemãs. Ele tivera de impedir o capitão recém-casado de desistir de tudo por uma garçonete. "Você é a porra de um monge impotente, Morgan. Um monge impotente", provocara, enquanto Lewis esperava junto à porta que seu segundo em comando se vestisse. "Quero dizer, olhe para ela! Como você pode resistir? Você não quer?" A garota estava deitada com uma perna sobre o lençol, exausta e dormindo pesado.

Era bem branca, macia e convidativa, mas não, ele não queria. E não era, como Blackmore o acusara, por anemia ou excesso de autocontrole. Ele realmente só tinha olhos para sua esposa. Mas agora, vendo Ursula dar saltos de antílope enquanto tentava não cair nos trechos de neve mais funda, ficou pensando em se poderia confiar naquela proteção. Ele notara algumas coisas nela — pequenos movimentos, pequenos olhares — que nunca pensara em notar em alguém além de Rachael; observações claras, precisas, detalhistas. Era como ter recebido óculos que revelavam uma miopia de longa data. O que Rachael veria agora caso estivesse observando desde um recanto? Veria um oficial britânico fazendo a coisa decente ou um marido dando os primeiros passos inseguros na direção de um caso? Ele sabia o que Blackmore pensaria — de fato, metade dos homens no quartel-general —, mas o que *e/e* estava pensando? Ele realmente só estava acompanhando sua intérprete até em casa ou sua cavalheiresca insistência era um disfarce para intenções nada cavalheirescas? Aquele frio estava deixando sua mente idiota e seus sentidos, grosseiros.

Chegaram a uma casa de seis andares, em frente à antiga residência de um comerciante. Ursula começou a procurar as chaves na bolsa.

— É o apartamento de minha tia.

Claro. Ela morava com uma tia. Por isso tentara chegar a Hamburgo após fugir dos russos.

— Eu o convidaria para um café, mas minha tia é uma fofoqueira.

— Está... tudo perfeitamente bem. Eu não esperaria isso.

— Obrigada por me acompanhar até em casa. Eu o verei amanhã no escritório. Caso o clima permita.

— Sim. Caso o clima permita.

* * *

Rachael estava deitada na cama, repassando seguidamente sua discussão com Lubert, uma palavra avidamente lembrada após a

outra, exatamente até o momento em que ele a beijara. Apesar do choque do beijo, ela não se sentiu afrontada pelo gesto. Houvera algo quase encantador: o modo como ele perdera por pouco seus lábios, a expectativa juvenil do tapa no rosto. Ficara surpresa com a rapidez com que pedira uma trégua, mas certamente não tivera paz desde então. Queria perguntar por que dissera certas coisas sobre ela: seu passado, sua perda, seu casamento. Ele descrevera sua situação com alguma precisão, e isso a enervara: era a sensação, que inicialmente não reconhecera, de ser compreendida.

“Teria gostado mais de você caso a conhecesse então... Você não é exatamente como era antes.” “Não exatamente como era antes.” Lewis dissera isso a ela diversas vezes desde a morte de Michael, e Edmund devia ter ouvido do pai. Lewis não falara como uma crítica — na verdade, estava tentando encorajá-la —, mas havia implícito naquilo um desejo, uma esperança, de que ela voltasse a ser a pessoa que ele costumava achar mais fácil amar. Ser a pessoa que fora antes da bomba, o “antigo eu” que não pensava se era realmente “ela mesma”, se era “feliz” ou se queria fazer amor. Mas Rachael não podia voltar. Aquela inocência se perdera. A bomba a desmontara, e ela não conseguia saber como poderia voltar a ser aquela pessoa. E se Lewis não conseguia ver isso, então nunca poderia ajudá-la. Quando lhe perguntara “O que você amava em mim antes, Lew?”, ele simplesmente dissera: “Apenas amo, Rach. Não consigo explicar”. Para um dia se curar, ela precisava de alguém que explicasse aquilo.

Esticou o braço para o vazio a seu lado. Estava frio, vazio e, embora ela tivesse se acostumado a ter a cama toda para si, o corpo quente de Lewis deveria estar ali. Em vez disso, sua mão, tateando, encontrou o pijama dele dobrado sob o travesseiro, o que confirmava sua ausência. Sentiu o tecido de lã e algodão e o cadarço de amarrar. Durante todo o primeiro ano de casamento, eles tinham ido para a cama nus, mesmo no inverno. Não havia então barreiras entre eles, e nenhuma vergonha. Claro que tinham a energia dos jovens, além da confiança e da liberdade de passados imaculados,

mas ao longo dos anos houvera um recobrir gradual, e foram colocadas cada vez mais camadas. E desde que vestira as duras roupas de luto da morte de Michael, ficara pensando em se um dia seria capaz de retirá-las.

Ela se sentou. Havia uma claridade em algum lugar da casa, iluminando uma faixa do piso sob a abertura da cortina. Acendeu a luz de cabeceira. Sentiu uma grande vontade de preparar um leite quente: um hábito que desenvolvera durante a guerra, quando Lewis estava longe.

Escutou a noite. Silenciosa, a não ser pelos aquecedores, que estalavam e batiam. Acabou se levantando da cama e foi olhar pela cortina. A luz estava acesa no andar de baixo. Talvez Lewis tivesse voltado e estivesse se servindo de um último drinque. Calçou os chinelos, colocou o robe e foi olhar.

Uma única brasa laranja brilhava na lareira da sala. Olhou para o retrato polêmico da dama nua e ficou envergonhada por se permitir ser boneco de ventríloquo do espírito controlador da sra. Burnham. À sua própria maneira, Rachael apreciava a pintura: era refinada — bonita e inofensiva — e feita toda ela de toques levíssimos. Talvez devesse pedir a Herr Lubert para contar a história do quadro. E depois pediria que contasse a história *dele*.

A luz da sala de estar estava acesa, e ela entrou esperando encontrar Lewis acalentando um uísque, reclinado na Mies van der Rohe. Mas a sala estava vazia.

Foi até a janela debruçada sobre o gramado dos fundos, que descia suavemente na direção do rio. Algumas luzes do outro lado do rio tremeluziam, e a neve caía sem parar. Rachael olhou para o Elba, que não podia ver, mas sabia estar ali, fluindo para uma Inglaterra que ela achava cada vez mais difícil imaginar.

Então algo se moveu pelo gramado. Era do tamanho de um cervo ou um cachorro muito grande, mas baixo e comprido demais para ser qualquer um dos dois, e tinha uma cauda curva, grossa e longa como um braço. Apagou a luz para ver melhor, e ali, caminhando indiferente sobre o gramado coberto de neve, estava um grande

gato escuro — não cachorro ou cervo, mas um gato —, corpulento o bastante para parecer um leopardo, ou mesmo uma leoa, lânguido e despreocupado. Não deveria estar ali, mas estava, e parecia muito à vontade, quase em seu hábitat natural.

— Espere — disse Rachael. — Volte.

Ela queria que o gato parasse — para ter certeza de que era a coisa que acreditava estar vendo. Queria que parasse e confirmasse sua visão; virasse e olhasse em seus olhos, lançasse alguma expressão cúmplice, significativa; mas o animal avançou sem olhar para trás e dissolveu-se na noite.

Lubert e Frieda tiveram um jantar de ovos quentes e pão de centeio coberto de margarina Petersen and Johannsen. Lubert ficou maravilhado com a capacidade do homem — de fato, a sua própria — de se adaptar a condições limitadas e refazer as expectativas de acordo com elas. Mesmo no último e desesperado ano da guerra, uma refeição como aquela teria sido considerada pobre; naquele momento, ele saboreou cada migalha. Até a viscosa margarina tinha um gosto bom.

— Frieda? Poderia me passar a margarina?

Frieda deslizou o recipiente de porcelana pela mesa e continuou a mergulhar o pão na extremidade fina do ovo quente, sentada curvada, a testa engordurada e uma ou duas espinhas despontando, as mãos e os cabelos trançados ainda sujos da poeira de entulho. Seus silêncios à mesa haviam se tornado tão normais que Lubert passara a ler — algo que Claudia iria deplorar e outro sinal de que a influência de sua falecida esposa estava desaparecendo. “Stefan. Vai se juntar a nós?”, perguntava ela no meio de uma refeição, à qual ele só estivera presente em corpo por estar tão entretido na leitura do jornal. “O mundo de homens brigões realmente é mais interessante que eu?”

O *Die Welt* estava aberto sobre a refeição, em uma reportagem a respeito do número de alemães vivendo em campos na zona britânica. Desde seu inconsequente beijo em Frau Morgan, Lubert meio que esperava o aviso de despejo. Embora Rachael o tivesse perdoado rápido, ele podia sentir as ramificações sendo tecidas nos

aposentos abaixo. Talvez fosse mais parecido com a filha do que gostava de admitir. Ambos eram teimosos e um pouco impulsivos. E, como Frieda, ele sentia pouco remorso por seus atos.

— Vi alguém tentando invadir a casa de Petersen outra noite — disse Lubert a Frieda, o pensamento em Claudia levando-o a fazer um esforço com a filha. — Eu ia impedi-lo, mas desisti, eles poderiam usá-la. É um escândalo ter todas essas casas vazias. Não faz sentido.

Frieda continuou a comer, sem olhar para o pai.

— Pobre Petersen — lamentou ele.

Passou mais margarina no pão. Se ter de comer na velha cozinha adaptada de Greta era um rebaixamento, pensar em seu vizinho preso em um alojamento Nissen colocava as coisas em outra perspectiva. O magnata da margarina um dia tivera um Rolls-Royce, um cavalo de corrida e um enorme veleiro que usava para subir e descer o Elba, como um arremedo de Von Spee. Sua mansão fora a primeira casa de Elbchaussee a ser requisitada, juntamente com o barco, os carros, o cavalo e o orgulho; ele não apenas sofrera a humilhação de ser reinstalado nos alojamentos de Hamm como também, nove meses após ser requisitada, sua propriedade permanecia vazia, os britânicos não tendo conseguido ou não tendo se lembrado de ocupá-la.

— Como estão as coisas nas turmas de entulho?

— O trabalho é duro.

— Sua mãe ficaria orgulhosa de você.

— Esqueceu? Ela está morta.

— Não esqueci, Freddie. Como poderia esquecer? Sei que procurei por ela todos aqueles meses, quando não conseguia aceitar. Agora aceitei.

Ele só conseguia chegar a esse ponto em suas tentativas de se aproximar da filha antes de acertar a rocha. E aquele era o terreno que ele não conseguia perfurar, o alicerce duro de toda a sua raiva. Uma batida na porta o poupou de mais escavações inúteis.

— Entre — disse Lubert, esperando Heike.

Era Rachael. Lubert se levantou, mais por súbito um nervosismo do que por educação. Certamente era a hora. Pelo que sabia, era a primeira vez que Rachael havia subido até seus aposentos. Talvez o coronel esperasse lá embaixo para falar com ele. Conversariam sobre o clima e, então, ele o desafiaria para um duelo.

— Frau Morgan.

Rachael observou rapidamente — de maneira respeitosa — o ambiente ao redor, a cozinha humilde, comparando a metragem quadrada com a sua.

— Encontrei isto... em uma gaveta — disse ela. — Achei que deveria devolver. — E estendeu o colar de granada de Claudia.

Lubert o pegou e, enquanto sentia o peso do colar e ouvia os estalos do cristal, teve um clarão de lembrança. Ele o comprara para Claudia na época do cortejo e ficara nervoso que não fosse páreo para as joias que ela herdara. O evidente encanto de Claudia ao vê-lo eliminou seu pânico e confirmou o que havia esperado, que ela realmente não ligava para riqueza.

— Obrigado, Frau Morgan. Frieda, você deve ficar com isso — falou, passando o colar para a filha.

Ela o pegou, enfiando no bolso do jaleco sem uma palavra.

Então Rachael falou diretamente a Frieda:

— Também fiquei pensando se você, Frieda, gostaria de fazer os cabelos. Teremos... eu terei uma cabeleireira vindo à casa amanhã.

Rachael olhou para Lubert, pedindo a tradução.

— Freddie — disse ele em alemão. — Frau Morgan está muito gentilmente lhe oferecendo fazer os cabelos. Gostaria?

— O que há de errado com meus cabelos?

— Nada. Mas... acho que poderia ser uma coisa boa... para uma jovem. Isso é... uma oferta gentil.

Rachael pareceu consciente do desconforto de Frieda.

— Só se você quiser... — disse, então se virando para Lubert. — Ela não precisa me responder agora. Renate virá amanhã. Caso queira, ela estará aqui à tarde.

Rachael parecia muito diferente naquele dia, pensou Lubert. Sua carapaça dura caíra.

— Obrigado. Frieda?

— *Danke*.

Foi murmurado, mas ainda assim foi um agradecimento.

* * *

O Esqueleto estava atrasado. Poderia ser o clima, contudo, isso nunca detivera Herr Koenig antes. Devia ser o peito fraco dele — a suscetibilidade pulmonar que, disse, o impedira de ingressar na Wehrmacht —, embora ele parecesse bem nas semanas anteriores: menos cadavérico do que antes e com algum rosado na face; não mais o homem envelhecido que Edmund conhecera. O bolo com leite que Heike levava e as barras de chocolate que Edmund empurrava para ele o haviam transformado. Começara a tirar o casaco durante as aulas. Até mesmo falara sobre suas esperanças.

Edmund observou a entrada com a atenção de uma sentinela, esperando que a figura escura rompesse o cenário branco. Estava impaciente pela chegada de seu tutor. Aquela era sua última aula antes do Natal, e Edmund daria a Koenig um presente surpresa antecipado: os quatrocentos cigarros que permitiriam a ele conseguir um *Persilschein*, e assim liberá-lo para começar uma vida nova em Wisconsin ao lado do irmão e de seu Buick com chifres de touro. Após inicialmente recusar a oferta de ajuda de Edmund, Herr Koenig mudara de ideia, dizendo que se o “Robin Hood de Hamburgo” pudesse ajudá-lo a chegar aos Estados Unidos ele ficaria muito grato (desde que não contasse isso a ninguém). A bajulação de ser comparado ao maior herói ladrão da Inglaterra levava Edmund a ser um pouco mais ousado em seus desvios: pegar cigarros para os selvagens havia se provado muito fácil; e ele precisara de apenas duas missões para conseguir o que queria para o tutor. Os quatrocentos — contrabandeados para baixo na bolsa de

médico que usava para os brinquedos — estavam aos pés da cadeira desocupada de Koenig.

Heike entrou com uma fatia de bolo e um copo de leite — e Herr Koenig ainda não havia chegado.

— Olá, Edmund.

— Olá, Heike.

À medida que o alemão de Edmund melhorava, os dois haviam começado a conversar com uma confiança sedutora, adotando um cumprimento derivado do tropeço linguístico original de Edmund.

— Como está hoje?

— Hoje eu estou muito bem.

— Você é uma garota deliciosa.

— E você é um garoto delicioso.

Ela colocou a bandeja na mesa de café.

— Onde está Herr Koenig?

Edmund deu de ombros.

Heike foi até a cortina para olhar pela janela, os pés passando perigosamente perto do presente de Edmund que transformaria a vida de seu tutor. A moça fez uma pequena representação de Koenig, erguendo as mãos em forma de garras, retorcendo a boca e o nariz para criar uma aparência de roedor.

— Talvez... ele ainda esteja no subterrâneo!

A empregada era engraçada em qualquer língua, e Edmund deu um risinho, apesar de se sentir levemente desleal para com o tutor. Heike examinou a sala, o olhar pousando no livro de Edmund.

— O que é isso?

Edmund olhou para a tradução alemã ilustrada de *As viagens de Gulliver* que Lubert lhe emprestara e que Koenig fizera com que lesse em voz alta. Mostrou a ela sua ilustração colorida preferida: Gulliver preso no chão pelos liliputianos.

Heike olhou para a imagem com espanto.

— Leia um pouco para mim — ordenou.

Edmund abriu o livro em uma página qualquer e leu em um alemão confiante e fluente:

— Isso me fez refletir sobre as peles impecáveis de nossas damas inglesas, que parecem tão bonitas para nós apenas porque são de nosso próprio tamanho e seus defeitos não podem ser vistos por uma lente de aumento, que nos faria descobrir pela experiência que as peles mais lisas e brancas parecem grossas e ásperas, e de cor feia.

— As damas inglesas têm a melhor pele — disse Heike. — Veja sua mãe. Ela tem uma pele bonita.

Edmund anuiu, embora nunca tivesse motivo para achar a pele de sua mãe bonita ou comparado suficientemente mulheres inglesas e alemãs para saber.

Heike começou a olhar para a própria pele no espelho sobre a lareira, virando o maxilar para um lado e para outro, fazendo as faces corar com tapinhas, procurando falhas.

— Eu recebo muitos elogios dos cavalheiros pela minha pele. Alguns dizem que é como pêssego. Acha que ela é como um pêssego, Edmund?

Edmund não tinha certeza do significado da palavra “pêssego”, mas compreendeu bastante bem quando Heike fez a mímica de comer uma fruta.

— Gosta da minha pele?

Edmund deu de ombros.

— Garoto inglês rude — disse ela. — Acha que não tenho admiradores?

Edmund também não compreendeu aquela palavra: “admiradores”. Mas Heike continuou, fazendo mais confidências íntimas.

— Meu Josef foi para a Frente Oriental. Nunca voltou. Talvez eu tenha de encontrar um inglês. Acho que deveria me casar com um inglês. O que acha, Edmund?

Ela o estava pedindo em casamento? Ele deu de ombros novamente.

Heike ergueu um dedo de alerta fingido:

— Não toque no bolo de Herr Koenig! — disse, fazendo outra cara de roedor e saindo da sala.

Edmund olhou para a fatia de bolo e o copo de leite, mas eles não lhe provocaram desejo. Apenas o deixaram triste. Sempre que chegava a hora de Herr Koenig beber seu leite e comer seu bolo, Edmund fazia questão de desviar os olhos ou ler seu livro. Isso era em parte por respeito — parecia um momento particular que não deveria absolutamente ser observado —, mas também porque achava a rotina de seu tutor, com os ruídos de mastigar e sugar, a reunião das migalhas, a lambida nos lábios com leite tão repugnantes quanto esfregar um pulôver de lã grossa em uma parede pintada.

O relógio tiquetaqueou, e o tique-taque se transformou em um incômodo “Koe-nig, Koe-nig, Koe-nig”. Após alguns minutos, Edmund pousou o livro e foi à janela.

— Koe-nig, Koe-nig, Koe-nig... onde está você?

Ainda nenhum sinal dele, mas enquanto Edmund olhava para os portões o Mercedes do pai apareceu, subindo a rampa como um navio negro dividindo o gelo flutuante do mar Antártico. Seu pai nunca vinha para casa de dia. De fato, partindo antes do café da manhã e voltando depois do pôr do sol, ele poderia muito bem ser noturno. O que estava fazendo em casa tão cedo? Talvez tivesse apanhado Herr Koenig na estrada?

No entanto, apenas seu pai saltou do carro, curvando-se e inclinando-se para pegar do lado de dentro sua maleta e uma pasta. Então fez algo um tanto estranho: em vez de subir diretamente os degraus para a porta, ficou ali olhando para a casa, como se pesando alguma questão importante. Suspirou muito fundo e passou pela porta da frente, os calcanhares de seu sapato com placas de metal soando cada vez mais alto ao se aproximar do escritório. Edmund olhou para o saco com o butim, mas era tarde demais para escondê-lo. Seu pai já estava de pé no umbral.

— Olá, Ed.

— Olá, pai.

Seu pai deu um sorriso que não conseguiu chegar aos olhos. Fechou a porta atrás de si e sentou-se na cadeira de Herr Koenig. Inclinou-se na direção do filho, acendeu um cigarro e soprou a fumaça. Seus movimentos eram precisos e únicos, mas tão praticados que pareciam sem esforço. Edmund notou tudo: o modo como mordia o lábio superior logo depois de exalar e coçava as costas da mão, sem segurar o cigarro com o polegar. Seu pai era um animal agradável de se observar e mais fácil de se imitar do que sua mãe, que era mais complexa e camaleônica. Mas naquele dia, o pai parecia mais sério que de hábito. Será que suspeitava de algo? Seu pai raramente demonstrara raiva dele; suas longas ausências e o fato de que quase toda a disciplina na vida de Edmund fora dada pela mãe significavam que Edmund não conseguia se lembrar de uma única oportunidade em que o pai lhe passara um sermão. Apesar disso, estava certo de que havia uma bronca indo em sua direção.

— Você está bem? — perguntou o pai.

Edmund confirmou com um aceno de cabeça.

— Bom. Isso é bom.

O pai não parecia aborrecido; porém, tinha a expressão de alguém com algo muito difícil a dizer. Edmund de repente se lembrou de quando se sentara com ele para “uma conversinha” depois da morte de Michael. Um diálogo que fora algo como: “Você está bem?” Anuência. “Bom. Isso é bom. Bem. Se você quiser... se precisar conversar sobre... qualquer coisa... avise.”

Um dar de ombros. Uma anuência. E foi tudo.

Seu pai agora parecia quase do mesmo jeito.

— Temo que Herr Koenig não venha hoje — disse Lewis. — Ele não voltará mais. Está com problemas.

— Foi minha culpa... — soltou Edmund.

— O que foi?

— Eu disse a ele para ir para os Estados Unidos.

O pai pareceu confuso.

— Eu... estava tentando ajudá-lo. A começar uma vida nova.

Os quatrocentos cigarros estavam criando uma culpa de proporções avassaladoras que parecia capaz de abrir caminho pelo saco ou deixá-lo transparente. O pai acompanhou os olhos de Edmund.

— Há algo no saco? Para Herr Koenig?

Edmund confirmou com um gesto de cabeça.

Lewis se inclinou para a frente, o cigarro no meio da boca, os olhos apertados por causa da fumaça, e o abriu.

— Mamãe disse que o senhor estava tentando fumar menos. Achei que não precisaria de todos.

Lewis estudou a pilhagem.

— Estava pensando onde tinham ido parar.

— Ele precisava de quatrocentos para conseguir um *Persilschein*.

— Quatrocentos?

— São quatrocentos por um *Persilschein*. Duzentos por um passe de viagem. Quinhentos por uma bicicleta.

— Como você sabe de tudo isso, Ed? — perguntou o pai, parecendo achar graça; quase impressionado.

— Por causa de... meus amigos. Os do outro lado da campina. Os Garotos Sem Mãe.

— Você também tem... "ajudado" eles?

A vergonha fez Edmund se curvar e baixar a voz. Seu "sim" foi quase inaudível. Com seu pagamento regular para Ozi, ele já devia ter repassado dezenas de maços nos dois últimos meses.

— Eu só estava fazendo o que o senhor tem feito.

Lewis apagou o cigarro no cinzeiro de ônix da mesa.

— Dar é bom. Mas roubar não é, Ed. Mesmo que tenha tentado ajudar as pessoas, essa não é a melhor forma. Você deveria ter me pedido.

Edmund anuiu; sentiu o peso triste do desapontamento do pai. Passou a unha de um polegar para cima e para baixo na parte de trás da unha do outro polegar, contendo suas emoções. Não podia olhar para o pai ou choraria. Ele não devia chorar.

— De qualquer modo, foi bom não tê-los dado a Herr Koenig. Ele não era o que parecia. Não era diretor de escola. Trabalhava para a Polícia Especial nazista.

— Mas ele não podia lutar. Tinha o peito fraco. Eu podia ouvir o chiado. Durante as aulas. Ele não gostava de Hitler. Nem falava sobre ele.

— Não.

— Mas... eu não entendo. Tem certeza? Ele não parecia uma pessoa ruim.

— Nem sempre é possível julgar um livro pela capa, Ed. Algumas vezes... o mal dentro de alguém... está enterrado bem fundo.

Edmund sentiu o peito dar uma cambalhota. Quaisquer que fossem os crimes hediondos que seu tutor tivesse cometido, ele ficava triste com a ideia de não vê-lo novamente, ou de ele nunca conseguir aquela vida nova em Wisconsin. Isso era ainda pior do que ter sido enganado.

— O que acontecerá com ele?

O pai coçou os pelos escuros nas costas da mão.

— Provavelmente irá para a prisão.

O bolo e o leite pareciam desoladores. Koenig nunca mais tomaria aquele leite ou comeria aquele bolo. Edmund começou a brincar com a unha na capa de *As viagens de Gulliver*.

— Então, você é da extremidade grande ou da extremidade pequena? — perguntou o pai.

Edmund deu de ombros. Sabia que o pai estava se referindo à guerra travada no livro entre pessoas que comiam os ovos quentes a partir da extremidade espessa e os que os comiam a partir da fina, mas não conseguiu responder com leveza.

— Estava pensando que poderíamos conseguir que Herr Lubert o ajudasse com as aulas... Pelo menos até encontrarmos um tutor substituto.

Edmund estava tentando se lembrar de todos os momentos que passara com Koenig, tentando descobrir as pistas que deixara

escapar, de modo a poder reavaliá-lo à luz dessa medonha revelação.

— Ele apenas não parecia uma pessoa ruim — repetiu.

— Eu também achava que era um homem bom. Acreditei na palavra dele. Estava errado. Mas isso não significa que você não deva confiar nas pessoas. Algumas vezes é preciso confiar nas pessoas más e ajudá-las. Mesmo que elas traiam essa confiança.

— Lamento ter pegado os cigarros.

Seu pai aceitou as desculpas com um aceno de cabeça.

— O que vai fazer com eles? — perguntou Edmund.

— Bem, eu poderia fumá-los.

Edmund olhou feio para o saco e perguntou:

— Posso dá-los... aos meus amigos? Precisam deles para trocar por comida.

— Eles podem conseguir comida no campo. Onde seus amigos moram?

— Não estou certo. Parecem andar por aí.

— Órfãos?

Edmund confirmou com a cabeça.

— Há quantos deles? — perguntou o pai, parecendo mais curioso do que chateado.

— Seis ou sete, acho.

O pai olhou para o saco por uma eternidade. Sacudiu a perna novamente, do modo como fazia quando estava pensando em algo, depois a empurrou sobre o piso na direção de Edmund.

— Garanta que eles não gastem tudo de uma vez.

* * *

Rachael estava escrevendo o último marcador de lugar à mesa quando Lewis entrou na sala de jantar. Ela escreveu o nome — Major Burnham — em sua cursiva leve, depois dobrou o cartão e colocou-o no assento ao lado do seu.

— O que acha? — perguntou a ele.

— Adorável — disse Lewis. — Fica bem em você.

— Estava falando da mesa, mas obrigada — disse, tocando os cachos. — Dei muito trabalho a Renate. Depois de mim, coloquei-a para fazer o de Heike. E depois o de Frieda. Embora Frieda tenha demandado alguma persuasão.

— Herr Lubert deve ter ficado agradecido.

— Sim.

— Todas essas coisas ajudam. Estou certo de que Frieda irá se lembrar desse gesto.

Rachael ficara comovida de ver Renate colocar as mãos nos ombros de Frieda, usando palavras gentis para distraí-la antes de desfazer as tranças apertadas e soltar seus cabelos, penteando-os até a base das costas da menina. “Ora, ora. O que temos aqui? Como Veronica Lake”, dissera.

— Pronto — anunciou Rachael, afastando-se da mesa.

Lewis observou. A mesa estava posta para oito e havia de tudo nela: o serviço de jantar Wedgwood verde-sálvia, cortesia das Forças Armadas; os candelabros de prata que haviam pertencido a sua própria mãe (a única prataria da família); jogos americanos retratando marcos famosos de Londres; e o cristal de chumbo de Lubert fazendo, sem esforço, tudo ao redor brilhar. Quais brindes haviam sido feitos com aquelas taças? Quantos rostos esperançosos refrataram em suas superfícies? Era encorajador que Rachael tivesse revivido seu velho hábito de fazer marcações individuais com cartões brancos, desenhando um diferente motivo floral sob o nome de cada convidada e espadas ou rifles cruzados para os homens.

— Está esplêndido — elogiou ele, reprimindo o pensamento de que havia pessoas quase passando fome a poucos quilômetros dali.

Ademais, aquele jantar tinha sido em parte ideia dele; fora seu desafio a Rachael, e ela se pusera à altura. Com uma tarefa a cumprir ela voltara à vida, e Lewis sentiu uma antiga excitação ao observá-la.

— Susan insiste em se sentar ao seu lado, então, por simetria, eu me sentarei ao lado do major Burnham. Colocarei a sra. Eliot no

meio, ao lado do capitão Thompson, em frente ao major. Acha que eles ficarão bem?

— Como casas em chamas.

— Você não vai começar uma discussão com ele, vai, Lewis?

Susan disse que vocês mal se olham.

— Eu me comportarei da melhor maneira.

— Vocês podem conversar sobre tudo: críquete, clima, até política. Apenas não conversem sobre trabalho. Não desobedeça. Por favor, Lew? Por mim?

Havia algo novo nela: desde aquela tempestade de neve, ela assumira o papel de senhora da casa. Os empregados a obedeciam, e tudo era melhor. Ela fora para um café da manhã com “A tripulação”, como as damas que haviam se conhecido no SS *Empire Halladale* chamavam a si mesmas. E o afeto voltara à moda.

— Está certo? Não parece certo.

Rachael começara a colocar os cartões com nomes nos pratos laterais, mas parara na metade da mesa.

— Nomes nos pratos ou nos jogos americanos?

— Ninguém vai reparar.

— É exatamente o tipo de coisa que a esposa do governador deveria saber. Celia terá algo a dizer. Como foi que ela implicou comigo no... café da manhã? Ah, sim: eu disse “Perdão?”. Ela falou: “É ‘O quê?’. Não ‘Perdão.’” — comentou Rachael, imitando a retumbante bufada da sra. Thompson. — E então algo sobre servir verduras no jantar. “Não são verduras”, ela disse. “São vegetais, minha querida.”

Rachael foi voltando, transferindo cada cartão do prato lateral para o jogo americano. Lewis passou o próprio cartão do prato para o jogo, notando que ela lhe dera seu preferido, aquele que mostrava as tropas no Mall. Olhou para seu cartão feito à mão, com rifles cruzados adoravelmente desenhados.

— Você me deu armas.

— Preferia uma flor?

A pergunta provocante e o olhar semicerrado que a acompanhou foram inesperadamente sedutores.

— Isso. Agora. O que acha? De verdade?

— Acho — começou, desta vez procurando uma palavra melhor que “esplêndido” — que está deslumbrante.

Ele tocou o ombro dela e ficou surpreso de receber um aperto nas mãos. Ele nunca decifraria totalmente uma mulher como Rachael, mas não precisava de um cientista de Bletchey Park para quebrar aquele código.

— Vamos?

— Temos de ser rápidos.

— E quanto a Ed?

— Eu o mandei para Coventry.

— Para quê?

— Ele tem ficado fora até tarde, brincando com alguns garotos locais. Está tudo bem. Tivemos uma conversinha. Dormir cedo por uma semana.

Heike entrou na sala e fez uma mesura, olhando para o chão, consciente de ter interrompido um momento íntimo.

— *Bitte*. Telefone, Herr Morgan.

— Obrigado, Heike — disse Lewis, e esperou a empregada sair.

— Quem será? — perguntou Rachael.

Lewis suspirou. Ele sabia que o telefone, uma extensão da central militar, só recebia chamados de um lugar: seu quartel-general. E um tipo de chamado: urgente.

— Não vai atender?

Era como ser puxado em sentidos opostos por cavalos diferentes: o sólido cavalo de carga do dever e o inquieto árabe do desejo.

— Vá na frente. Subirei em um instante.

Minutos depois, ele encontrou Rachael de pé diante do espelho do banheiro só de calcinha, experimentando um colar sobre os seios nus.

— Devia bater na porta — disse ela.

Ele fechou a porta, mas não a trancou.

— Algo ruim? — perguntou Rachael, olhando para o marido.
— Houve um motim na fábrica.
— Ah.
— Algumas pessoas foram baleadas.
— Mas... Lewis, você não pode ir agora. Os convidados estarão aqui em pouco mais de uma hora.
— Querida, lamento. Tentarei voltar antes... do fim da noite.
Ela largou o pesado colar na pia e cobriu os seios com o braço direito.
— Então vá. Vá e salve a Alemanha.
Ela disse isso com um velho cansaço, mais resignação do que raiva. E então, com o braço direito ainda cobrindo os seios, dispensou-o com um gesto e virou-se.

* * *

Rachael abriu a porta da frente usando o decotado vestido de noite azul-pavão com lantejoulas que nunca havia sido superado em qualquer uma das suas noites como convidada no período anterior à guerra. Os cabelos estavam presos para exibir pescoço e maxilar; seu colar de lápis-lazúli chamava atenção para seus outros pontos fortes. Ela se vestira para calar as vozes em sua cabeça e mostrar aos convidados que estava totalmente viva e era perfeitamente capaz de dar conta do recado sem o marido por perto. Tinha trinta e nove anos. Ainda não estava acabada.

Susan Burnham reconheceu a derrota antes mesmo de tirar o casaco.

— Rachael Morgan, você superou a todas nós! — disse ela, entregando um doce em uma pesada tigela de vidro lapidado. — Há xerez suficiente nisso para outra festa. E não me deixe esquecer a tigela depois.

— Você parece... saída de Tolstoi — disse a sra. Eliot.

— Acredito que seja um elogio, Pamela. Você também está adorável. As duas estão.

Enquanto os convidados davam os casacos a Richard, Rachael anunciou despreocupadamente:

— Houve alguma crise. Lewis pede desculpas a todos e espera estar de volta para a sobremesa. Ou se deve dizer “pudim”, Celia?

— Sempre “pudim”. “Sobremesa” é para outras categorias — disse a sra. Thompson, tão segura de seu papel como Ministra da Etiqueta que não percebeu a provocação.

Rachael estava determinada a não permitir que a ausência de Lewis fosse debatida por mais tempo do que o necessário. Concedeu aos convidados uma única rodada de reações — “Que pena”; “Que decepção”, “Coitado” — e então os conduziu à lareira, onde Heike esperava com as bebidas. No momento em que os Eliot, os Thompson e os Burnham tomavam seus gins rosados e brindavam à reunião da “Equipe Halladale”, Lewis já havia sido esquecido.

— Bem, aqui estamos nós novamente — disse Rachael, erguendo seu copo. — À tripulação.

— À tripulação — concordaram as mulheres.

— Engraçado como agora penso nisso com carinho — disse a sra. Eliot. — Na época me sentia muito enjoada.

— É bom que você não esteja naquele navio agora — falou o capitão Eliot. — O mar congelou.

— Oficialmente o dezembro mais frio já registrado — declarou o capitão Thompson. — Todos em Camberley dizem que não se lembram de um como este. Montes de neve de três metros em Kent. Vinte graus negativos em Devon.

— Pelo menos eles têm aquecimento. E comida — disse a sra. Eliot. Sempre a consciência atormentadora da tripulação, ela os levava de volta através do mar do Norte para a terra dura e cinzenta de Hamburgo. — Encontramos tinta congelada nos tinteiros da escola que estamos usando. E ontem vi um garoto revirando nosso lixo e tentando lamber uma lata vazia de arroz-doce. Vestia um robe e tinha sacos de papel nos pés. De dar pena.

A sra. Burnham suspirou.

— Pamela, podemos passar uma noite sem pensar no sofrimento do mundo?

— Estou certa de que você consegue lidar com isso, Susan — disse Rachael, lançando um olhar que significava *Eu vou dar o tom desta noite*, antes de naturalmente encorajar a sra. Eliot a continuar. — Como está indo aquele seu grupo, Pamela? O grupo de discussão?

A sra. Eliot encontrara um espaço natural para sua grande preocupação em um dos muitos grupos de mulheres aos quais Rachael conscientemente evitara se juntar: um grupo anglo-germânico criado pelo capelão do distrito, o coronel Hutton, em uma tentativa de estimular o debate livre entre os alemães.

— Ele se tornou muito popular. Embora eu suspeite de que muita gente apareça pelos biscoitos grátis e pelo aquecimento da sala. As pessoas ficam sentadas, inicialmente bastante rígidas, mas logo relaxam com a ajuda do chá. Tivemos algumas discussões maravilhosas... Até mesmo brigas. Travamos um debate fascinante sobre as diferenças entre o caráter inglês e o alemão. E semana passada o tema foi: "O lugar da mulher deve ser em casa?"

— Depende da casa — cortou Susan, sem tentar disfarçar sua evidente impaciência com toda aquela "indulgência humanitária".

Mas Rachael estava interessada. A sra. Eliot encontrara algo prático para fazer com sua determinação nervosa e parecia revigorada por isso.

— Continue.

— Elas não estão acostumadas a debater... ou discordar publicamente da maioria. Mas estão pegando o jeito. É mais difícil para as mais jovens. Elas se dão bem com os jogos. As discussões, porém, são um desafio. A maioria está desiludida e desconfiada e parece não ter esperança — disse, e Rachael pensou em Frieda. — O coronel Hutton está tentando lhes mostrar que têm um futuro. Que há algum sentido e objetivo na vida.

— Como comer, beber e não ficar de falatório sobre o sentido da vida! — provocou Susan.

Ela realmente estava em um clima combativo naquela noite.

— Ignore-a, Pamela — pediu Rachael antes de pegar o jarro de gim de Heike e virar-se para os homens. — Mais gim, cavalheiros?

Lewis era quase clarividente com relação ao momento correto de repor o drinque de alguém, e Rachael tivera uma preocupação especial em manter os copos cheios o tempo todo. Os capitães estavam bem, perdidos em conversas sobre os feitos de Edrich e Compton na temporada de críquete recém-terminada. O major, no entanto, permanecia de pé, ligeiramente afastado, girando o copo, que já estava quase vazio. Rachael foi até lá e encheu-o sem perguntar.

— É bom finalmente conhecê-lo, major. Susan fala muito sobre o senhor.

Na verdade, não era o homem que Rachael imaginara: o retrato que fizera dele, a partir dos relatos de Lewis e das histórias da sra. Burnham, era de um ideólogo frio e ambicioso, cuja determinação implacável de livrar a zona do vírus nazista o transformara em um chato sem humor; não esperara aquele homem tímido, quase inseguro, de olhar sombrio. Sua discricção exterior — poderia ser uma autodepreciação estudada — abalava sua reputação dura. Talvez Lewis não o tivesse entendido.

— Vejo que cobriu a mancha — disse Susan Burnham, cujos olhos pousaram, como certamente fariam, no novo quadro acima da lareira.

— Sim.

— Deve ser uma melhoria em relação ao que estava ali antes.

— Não era... o que pensamos.

— Você perguntou a ele?

— Ele ficou bastante... ofendido.

— E acreditou nele?

— Acreditei.

Rachael não queria permanecer ali; bateu palmas para chamar a atenção dos convidados.

— Podemos continuar?

A sra. Burnham estreitou os olhos.

— Sra. Morgan, está apresentando algo bastante novo esta noite.

Heike serviu o primeiro prato, uma sopa de cebola clara com um toque que fez com que todos elogiassem a cozinheira depois da terceira colherada. A conversa permaneceu leve à mesa até o prato principal chegar e Rachael decidir se dedicar ao major Burnham, que posicionara a seu lado. Se ficara silencioso e vago durante o bate-papo do grupo, pessoalmente ele era bem mais concentrado.

— Deve ser sério. Se Lewis não pôde esperar até de manhã.

Rachael não estava certa sobre o que devia saber ou dizer a respeito daquilo. Como a maioria das esposas de militares, estava tão acostumada a não discutir manobras e missões que era bastante natural ser vaga nas informações.

— Ele é muito preocupado com tudo que acontece em seu distrito — respondeu.

— Pelo nosso amanhã ele abre mão de seu hoje? — perguntou Burnham.

Era provocação das mais sutis, mas levou-a a uma própria:

— Ele certamente luta pela paz com tanto empenho quanto lutou a guerra.

— De certas formas a paz é mais complicada. É mais difícil identificar o inimigo.

— Lewis não gosta da palavra “inimigo”. Ele a baniu. Mas ele é mais rápido para perdoar do que eu.

— Talvez tenha menos a perdoar do que a senhora.

Lewis certa vez dissera que o perdão era a arma mais poderosa em seu arsenal. E embora Rachael achasse isso verdadeiro de alguma forma abstrata, Burnham expressara o que ela acreditava, embora não pudesse dizer: que era mais fácil para Lewis perdoar porque ele não experimentara a perda da mesma forma que ela. Tudo havia sido distante para ele; ela estivera lá. Citou a si mesma:

— Não estou certa de que seja possível medir isso.

Mas isso a estava levando exatamente na direção que desejava evitar.

— Susan me alertou que o senhor era um bom interrogador. Como está todo o processo de questionários? Estão eliminando os criminosos?

— É fácil demais dissimular. Por isso faço questão de entrevistar o maior número possível de pessoas. No final, nada substitui olhar alguém nos olhos.

— Como consegue dizer? Ao olhá-los nos olhos?

Burnham olhou nos olhos de Rachael. Seus próprios olhos — os cílios compridos e as íris amarelas, como as de um tigre — eram perturbadoramente bonitos.

— Aqueles que você acha que poderiam ser culpados por seu comportamento ou sua história com frequência não são. Interroguei esta semana um ex-coronel que estava tentando abrir um negócio. Pessoalmente, era um prussiano clássico: autoritário, beligerante, não arrependido. Odiava os sulistas. Costumava ter as coisas a seu modo. Mas desprezava totalmente Hitler e o Partido. Como muitos militares prussianos. Ele estava limpo. As pessoas que realmente quero entrevistar, preciso entrevistar, evitam totalmente o preenchimento dos formulários. Os peixes grandes costumam ter contatos ou recursos para não precisar trabalhar, então não se incomodam com os formulários.

— Apanhou muitos?

— Não o suficiente. Prendemos uns três mil.

— Parece muito.

— Não quando se leva em conta que um milhão de questionários foi preenchido.

— Com quantos mais ficará satisfeito?

Burnham colocou sua taça de cristal diante da chama da vela, refratando a luz.

— Não tem a ver com números, sra. Morgan.

Por um momento, Rachael sentiu o que alguém sendo interrogado devia sentir sob o escrutínio dele. O que quer que motivasse Burnham parecia ser mais profundo do que apenas fazer seu trabalho. Apesar do autocontrole, da separação entre emoção e

intelecto, havia algo demasiadamente ponderado nele. Rachael suspeitava de que a motivação não era tão racional quanto gostava de transmitir.

— O que o levou a escolher fazer interrogatórios?

Burnham pousou faca e garfo e limpou a boca com o guardanapo.

— Agora você é que está me interrogando, sra. Morgan.

Rachael riu.

— Desculpe-me. Apenas estou... intrigada sobre o que o levou a escolher seu tipo de trabalho.

Burnham serviu-se de uma taça de vinho. Era o reflexo de um homem acostumado a controlar o ritmo e a direção de uma conversa, e ele estava indicando o fim daquela.

— Este é um bom Reno — desconversou.

Rachael deixou aquilo de lado e, durante o prato principal, conversaram sobre os méritos da cozinha alemã em comparação com a inglesa, um tema rapidamente sequestrado pela sra. Thompson. Enquanto os pratos eram retirados por Heike, a sra. Eliot destacou que Lewis ainda não havia aparecido. Expressou esperança de que estivesse bem e propôs um brinde:

— Ao governador de Pinneberg.

Rachael se esquecera de que tinha informado a hora em que Lewis estaria de volta. Mencionara isso para protegê-lo e manter os convidados felizes, mas nem por um momento acreditou que ele realmente fosse aparecer. De fato, agora se dava conta de que a noite se passara sem que pensasse nele uma só vez. Sentiu certa libertação por ter precisado conduzir sozinha as coisas, e até mesmo acalentou o pensamento de que sua boa forma pudesse ser atribuída à ausência do marido. Será que estaria melhor sem ele? Quando ergueu a taça, sentiu estar brindando não a Lewis, mas a algum oficial sem rosto que nunca conhecera.

— E um brinde à anfitriã — acrescentou o capitão Eliot. — Eu diria que foi uma refeição de primeira categoria, sra. Morgan. A Rachael.

— A Rachael.

— Tudo obra da cozinheira, Greta.
— Então meus cumprimentos a ela.
— Garanto que chegarão até ela; embora se ela os “recebe” ou não é outra questão. Ela resiste muito às minhas tentativas de ser educada.

— Nossa cozinheira é medonha — confessou a sra. Burnham. — Cheia de ares e graças: “Mina Farter waz unt Nopleman!” Mas na verdade não estava inventando. Não acreditei em uma palavra disso até ela me mostrar suas joias. Meu Deus — disse a sra. Burnham, retirando o xale para mostrar o broche no peito. Tinha um topázio do tamanho de uma noz. — Trezentos cigarros e uma garrafa de Gilbey’s.

A sra. Thompson engasgou, aprovando.

— Por Deus. É muito elegante.

— Bem, Keith parou de fumar. Temos mais para gastar. E temos de fazer o que pudermos para ajudar. Acho que ela ficou encantada.

Rachael se encolheu diante da visão da pedra semipreciosa empenhada e à ideia de a cozinheira ter de vender uma herança. Havia algo despudorado demais em Susan Burnham naquela noite. Parecia irritada com algo: seria por não ser o sol no centro daquele pequeno sistema solar?

— “Nopleman” normalmente é um código para fabricante de armas, não? — perguntou o capitão Eliot, conferindo com o oficial de desnazificação.

Burnham bebericou o vinho.

— Se fosse assim tão simples, prenderíamos todos os “Von” da Alemanha.

— Como está o seu “Nopleman”, Rachael? — perguntou Susan. — Está se comportando?

Ela fez a pergunta alto o bastante para que todos ouvissem e Rachael tivesse de responder.

— Há momentos desconfortáveis, mas acho que está funcionando tão bem quanto seria de esperar.

— Fale sobre os momentos desconfortáveis.

— Na verdade são coisas banais — rebateu Rachael. — Quais pratos partilhar. Quem usa a porta lateral. Esse tipo de coisa.

— Não consigo imaginar como deve ser viver sob o mesmo teto — disse a sra. Thompson. — Como consegue? — perguntou, do modo como poderia perguntar sobre um paciente com uma doença terminal. — Eu acharia muito perturbador.

— Estamos lidando. Como você disse, Pamela: somos os sortudos — respondeu Rachael e, com um gesto do guardanapo, anunciou a fase seguinte da noite.

— Acho que é hora de cantarmos.

O grupo se reuniu ao redor do piano. O livro de canções natalinas já estava no apoio e, assumindo seu lugar, Rachael iniciou uma ruidosa interpretação de "I Saw Three Ships", antes de cantar marcando com os pés "God Rest Ye, Merry Gentlemen". O major Burnham toda vez marcava o verso "tidings of great joy", batendo na lateral do Bösendorfer com as palmas abertas, em um ritmo descoordenado, cantando alto fora do tempo. Sua embriaguez provavelmente não era tão evidente naquele grupo relativamente ébrio, mas Rachael ficou irritada: surgira nele rapidamente; o homem civilizado e sutil com quem debatera coisas durante o jantar se tornara grosseiro. Ela amenizou o clima com "In the Bleak Midwinter" e tentou acalmar as coisas com "Silent Night", que Burnham insistiu para que cantassem em alemão e estragou exagerando cinicamente na pronúncia das palavras com um efeito sarcástico.

— Que tal um pouco de Gilbert e Sullivan? — pediu o capitão Thompson. Ele encontrara as edições completas encadernadas em couro nos fundos do piano e abrira um volume em *Os piratas de Penzance*. — Eis aqui uma para o senhor, major.

Burnham pousou a taça e empertigou-se. Rachael podia notar seu hálito de vinho do Reno e sentiu aquela raiva reprimida ferver. Ele cantou no tom, agressivamente e sem inibição.

Eu sou o exemplo de um moderno general.

Tenho informação vegetal, animal e mineral.
Conheço os reis da Inglaterra e cito as lutas históricas.
De Maratona a Waterloo, em ordem categórica...

Rachael reduziu o tempo da música para que ele pudesse acompanhar, mas o ritmo acelerado da letra era demais. Após superar a primeira linha de cada quadra, ele seguia adiante até o fim com lá-lá-lás enquanto esmurrava com violência cada vez maior a tampa do piano. Na metade da última estrofe, o vaso na parte de trás do piano acabou caindo no chão por causa das vibrações.

— Oops! — disse Burnham.

Rachael parou de tocar e levantou-se para examinar os danos: o vaso se partira em quatro pedaços.

— Keith! — exclamou Susan.

— Desculpe-me — disse Burnham. — Tenho certeza de que pode ser consertado.

— Não é meu este vaso, major. É da casa.

— Ah. Ah, bem. Então está tudo certo!

Ele riu e, para alarme de Rachael, os outros também riram. Enquanto ela catava os pedaços, a porta se abriu. Por um momento, pensou que fosse Lewis. Mas era Herr Lubert.

Parecia que Lubert havia feito, ou estava prestes a fazer, algo chocante: sua testa tinha um corte fundo logo acima da sobrancelha, o sangue ainda brilhando, e seu corpo inteiro se movia com a respiração pesada. Ficou parado ali, olhando para eles como um profeta se metendo em uma orgia.

— Herr Lubert? — chamou Rachael, em parte revelando a identidade do homem aos convidados, em parte avaliando o próximo movimento dele. — Tudo bem? Está sangrando.

Lubert olhou para o vaso, depois para Burnham. Suas narinas tremiam; o subir e descer de seus ombros e peito faziam com que parecesse estar se preparando para levantar o piano e esmagar o major sob ele.

— Desculpe pelo vaso, meu velho — disse Burnham. — Estou certo de que com uma ajudinha Frau Morgan consegue remontá-lo...

Rachael virou na direção de Susan Burnham, ordenando com os olhos uma intervenção rápida.

— Venha, Keith — pediu Susan finalmente. — Já chega.

— O quê? Vamos cantar mais uma. Talvez Herr Lubert possa se juntar a nós.

E começou a esmurrar no ritmo da música ainda tocando em sua cabeça.

— Pediria que não golpeasse o piano assim — disse Lubert.

Ele então olhava para Burnham com uma ameaça não disfarçada, as mãos cerradas. Não parara de olhar para ele desde que entrara. Burnham estava suficientemente sóbrio para se sentir irritado e bater com mais força no piano, fazendo soar as cordas.

— Acho que irá descobrir que este piano foi requisitado, Herr Lubert. O que significa que é propriedade da Comissão de Controle. O que significa, de fato, que ele é meu.

Certa de que Lubert atacaria o major, Rachael se levantou, pousou os pedaços do vaso sobre o piano e colocou-se entre os dois. Falou direta e suavemente a Lubert.

— Acho que já foi suficiente para todos nós.

Lubert olhou para ela e relaxou os punhos. Olhou mais uma vez para Burnham. Depois se virou e saiu da sala, murmurando:

— *Sie ekeln mich an!*

— Rá! — gritou Burnham. — Ouviram isso? “Vocês me dão asco”! Ele disse que sente asco de nós. *Ele* sente asco de *nós*! — disse, e virou-se para Rachael, exigindo que arrancasse imediatamente um pedido de desculpas e aplicasse algum tipo de punição.

— Acho que ele estava se referindo a você, Keith — disse a sra. Burnham, e desta vez pegou o marido pelo braço e levou-o à saída antes que causasse mais danos. — Hora de dormir.

— Mas eu sou o exemplo de um general de divisão moderno... — protestou ele.

A noite terminara. Não era o fim que Rachael planejara — eles jogariam cartas e fariam charadas ao redor da lareira —, mas ela queria que todos partissem o mais depressa possível. No momento, só pensava em encontrar Lubert. Os convidados se retiraram educadamente, com uma mistura de cumprimentos, agradecimentos e pedidos de desculpas. Dez minutos depois, ela fechou a porta às costas de uma sra. Eliot perturbada, que esperava que tudo ficasse bem e Rachael pudesse ir ao grupo anglo-germânico e talvez também levasse Herr Lubert.

Rachael estava prestes a subir quando ouviu um gemido. Ali, sentado no braço da cadeira diante do fogo, inclinado para a frente com a cabeça entre as mãos, cobrindo os olhos, estava Herr Lubert, respirando pesado entre os dentes, produzindo um som como o da maré em uma praia pedregosa.

— Stefan?

Lubert abriu o olho bom — o outro havia se fechado — e olhou por entre os dedos. Podia ver os quadris de Rachael e as lantejoulas de seu vestido cintilando à luz do fogo.

— Você está bem? — perguntou ela.

Sentiu a mão dela em seu ombro e baixou a dele para mostrar o ferimento, erguendo os olhos para que a mulher pudesse examinar melhor. Ela se encolheu diante do corte.

— Como isso aconteceu?

Ele pensou: quase fui morto por uma placa que trazia a frase “Deixem a Alemanha viver!”, mas não conseguiu encontrar uma maneira de dizer isso e, de qualquer forma, falar doía, então apenas grunhiu.

— Deixe-me fazer algo a respeito — disse Rachael. — Volto em um instante.

Rachael subiu para pegar medicamentos, o vestido de lantejoulas fazendo um ruído metálico conforme ela andava.

Lubert apoiou os cotovelos nas coxas e a cabeça nas mãos novamente, sentindo o cheiro do ferimento nas palmas e o gosto de metal de seu sangue. Os acontecimentos da noite foram repassados

em uma espiral vertiginosa. Conseguia se lembrar dos cartazes de protesto: “Queremos trabalhar!” “Bevin, pare com a desmontagem!” “Deixem a Alemanha viver!” Ele era um manifestante relutante, forçado por seus colegas a participar. Tinha medo de colocar em risco sua liberação; e também odiava multidões. Por sua capacidade para a brutalidade, e a tendência a atos impensados, elas o deixavam nervoso e misantrópico. Contudo, aquela multidão era tranquilizadamente dilapidada e compacta, e ele tivera uma súbita convicção de que era melhor estar com seus irmãos e irmãs no frio do que na concessão confortável da sua própria casa. Eles haviam escutado o discurso inteligente de Schorsch, apelando à noção de justiça dos britânicos, ao mesmo tempo em que usava o senso de humor, mostrando aos alemães que não havia problema em rir e possivelmente insultar uma autoridade — algo que não fizeram com confiança durante anos. Até mesmo cantaram o hino alemão, mais estoicos do que desafiadores, e sem o zelo alucinado dos anos anteriores. Era o som de um povo encontrando sua voz. E então, de repente, uma buzina e um motor acelerando criaram uma dissonância quando um carro oficial britânico buscou chegar aos portões da fábrica. As pessoas tentaram se afastar. Um ou dois começaram a bater no teto do carro para enfatizar sua frustração. Então uma delas apoiou as mãos na lateral e empurrou o veículo, fazendo com que balançasse. Outras se juntaram, achando um bom esporte. Balançaram o carro com tanta força que as rodas saíram do chão. Lubert pôde ver o oficial do lado de dentro, a expressão passando de raiva a medo. Então, como se não percebessem a própria força, os jovens viraram o carro de lado, lançando o oficial de lado sobre o teto, deixando-o com o rosto espremido contra o vidro, como um peixinho dourado tentando respirar. Era quase cômico, no entanto, Lubert sentira que algo terrível estava prestes a acontecer. Então soaram tiros de rifle. O primeiro deixou todos em hesitação. O segundo os lançou em uma correria agitada, como carneiros mudando de direção em bloco, pastoreados por balas invisíveis. Lubert seguiu com a manada, sentindo ser carregado;

algo o atingiu na testa, mas ele continuou; durante alguns metros se moveu sem usar as pernas. E então viu centelhas e escutou um zumbido quando um joelho acertou sua têmpora. Estava de quatro e levou algum tempo para se dar conta de que os pontos vermelhos sobre branco eram seu próprio sangue caindo na neve.

Rachael retornou ao salão com curativos, bandagem e iodo.

— Deixe-me ver.

Ela se colocou na frente de Lubert e ergueu seu queixo gentilmente com o dedo para chegar ao corte.

— Deve ter entrado sujeira nele — disse, puxando a banqueta e sentando-se diante do vizinho. Encharcou o curativo de iodo, o material branco ficando amarelado, e avisou: — Isto vai doer.

Lubert se encolheu e estremeceu de dor.

— O que aconteceu?

Lubert conseguia ver, mas não explicar. Sua cabeça latejava muito.

— Eles... Agh!

— Está tudo bem.

Rachael manteve o curativo ali, com a mão por cima, jogando seu peso à frente para facilitar. Lubert gemeu por causa da dor e buscou consolo no braço dela. Ficaram naquela posição algum tempo e, apesar da dor — ou por causa dela —, ele segurou seu braço o maior tempo possível, e ela não se incomodou. Após algum tempo, Rachael tirou a gaze para olhar o corte.

— Parece limpo. Certo. Deixe-me colocar isto...

Soltou a bandagem e enrolou-a sobre um curativo novo, encharcado com mais iodo, girando ao redor dele para chegar até atrás da cabeça, sua barriga passando a centímetros do nariz de Lubert; concluiu o circuito e prendeu a bandagem com um alfinete de segurança.

— Pronto. Isso é bandeirantismo. Como está?

— Arde. Mas obrigado.

— Minhas desculpas pelo major. Ele estava bêbado.

— Obrigado por intervir. Teria sido um incidente internacional, creio.

O rosto dele estava a centímetros do dela. Rachael notou as linhas ao redor dos olhos e viu uma tristeza que não percebera em seus encontros anteriores. Imaginou beijá-lo e, nesse instante, soube que queria e que podia. Enquanto segurava o curativo com uma das mãos, acariciava o rosto dele com a outra, depois o beijou gentilmente nos lábios, a ação se sobrepondo à intenção como um palimpsesto. Manteve os lábios ali tempo suficiente para que seus hálitos se fundissem. Esperou que as armadilhas e cercas elétricas disparassem, aguardou os alarmes e holofotes, mas a repressão não surgiu. Ela entrou em um novo território sem ninguém detê-la. Foi fácil assim.

— Prefiro este beijo ao outro — disse Lubert.

Rachael olhou para baixo, novamente consciente de onde estava.

— Isto é... parte de um plano para que eu seja expulso da casa?
— perguntou ele.

— É... um agradecimento — respondeu Rachael.

— Pelo quê?

— Por me despertar.

Os holofotes da fábrica iluminavam um campo com neve remexida repleto de placas jogadas espalhadas como pombos mortos. O carro oficial virado havia sido isolado com fita como o epicentro da cena do crime. Alguns poucos policiais alemães estavam de pé no escuro, parecendo incertos sobre seu lugar em tudo aquilo. Examinando os restos do conflito, Lewis se sentiu esmagado por uma sensação de perder o pouco controle que tinha sobre as coisas.

O policial militar que dera a ordem de disparar — o major Montagu — contava a ele o que acontecera, mas o como e o porquê não mudariam o quê. Uma merda monumental havia ocorrido — e sob suas vistas.

— O oficial estava tentando chegar aos portões quando foi cercado por uma multidão raivosa. Eles começaram a atacar o carro. Disparamos tiros de alerta, mas continuaram a sacudir o carro até virá-lo. Felizmente não conseguiram pegá-lo com o carro de lado.

Montagu descrevera o incidente com distanciamento mecânico. Lewis esperou que terminasse o relatório, Montagu, no entanto, parou ali.

— E então você abriu fogo sobre civis desarmados — disse Lewis.

— Não tivemos escolha, senhor.

— Foram os mortos que não tiveram escolha, major. Três deles, porra!

Lewis contornou o carro até onde havia sangue na neve. Visto de lado, o Volkswagen parecia ainda mais com um inseto.

— Eles o teriam linchado caso deixássemos.

— Tem certeza disso?

— Sem dúvida, senhor. Eles haviam se tornado... uma multidão inconsciente naquele instante. Acreditamos que havia elementos subversivos na multidão — continuou. — Pessoas que só vieram para criar problemas. Possivelmente lobisomens, senhor.

— Ah, por Cristo. Prendeu algum deles?

Montagu bufou e murmurou sua resposta secamente:

— Estamos detendo meia dúzia para interrogatório.

— São crianças?

O policial militar havia sido duramente criticado pouco antes por prender mais de cem crianças flagradas roubando carvão. A imprensa soubera da história, mas os fatos — a idade das crianças — haviam sido mudados.

Lewis pegou uma das placas. Dizia: “Dê-nos as ferramentas e terminaremos o trabalho!” Ele a segurou para que Montagu lesse.

— Sabe quem eles estão citando?

Montagu estava começando a se incomodar com a avalanche de perguntas.

— O senhor teria feito o mesmo caso estivesse aqui.

Lewis jogou fora a placa.

— Oferecemos democracia a eles e depois os punimos por exercitá-la.

* * *

Barker levou Lewis para uma reunião de emergência com seu chefe, o general De Billier.

— O major estava certo — disse Lewis. — Eu deveria estar lá. Ou pelo menos deveria ter mandado um destacamento maior para apoiá-los.

— Era para ser uma manifestação pacífica, senhor. O sindicato nos garantiu isso. Os gorilas entraram em pânico. Não foi culpa sua — retrucou Barker.

— Sinto uma demissão a caminho.

— Duvido disso, senhor.

— Por que outro motivo eu seria chamado para uma reunião à meia-noite com De Billier?

— Ele provavelmente conseguiu um novo puro malte e quer sua opinião, senhor.

Lewis conseguiu sorrir. O general era um grande apreciador de uísque, conhecido por escolher homens com base em sua capacidade de distinguir um blended de um puro malte.

— Eles não podem mandá-lo embora — continuou Barker. — É uma das poucas pessoas que compreende o que estão fazendo aqui. Minha aposta é que têm outra coisa em mente.

— Estou longe de ser o homem indispensável que você acredita, Barker.

Se exteriormente Lewis rejeitou o elogio, por dentro ele o aceitou, guardando-o como um antídoto para sua crescente dúvida pessoal. No exército, o objetivo “Bom trabalho” era raro. Elogio, quando feito, normalmente era contrabalançado com insulto. Essa reticência a estimular ou elogiar não era apenas um mal militar, ele sentia que era uma coisa muito inglesa. Fruto de uma combinação de reserva e realismo que Lewis reconhecia nele mesmo, bem como de um medo de deixar alguém ficar grande demais para seu lugar: uma razão pela qual, como os ingleses gostavam de dizer, nunca sofreram com ditadores tão facilmente quanto seus vizinhos continentais.

— Eu quase concluí aquele registro, senhor — continuou Barker.

— Registro?

— O registro de desaparecidos. Aquele que o senhor pediu?

Lewis podia ouvir o som de louças quebrando: quantos outros pratos ele colocara para girar e se esquecera? Sua ideia de compilar uma lista dos “mortos sumidos” — os não encontrados nos bombardeios — e conferir com os nomes de todos aqueles que ainda estavam em um hospital, uma enfermaria, um convento ou uma casa de recuperação na região era uma das várias coisas que ele iniciara, mas que haviam ficado pelo caminho com a pressão de assuntos mais urgentes.

— Esqueci completamente. Espero que não tenha desperdiçado horas nisso.

— Ah, isso tomou conta da minha vida, senhor. Mas logo conseguirei começar a bater nomes com registros de pacientes. Mais algumas poucas semanas.

— Como está o outro, o relatório de bens?

— Está perturbando alguns oficiais. Eles não gostam disso. Acho que não serei promovido logo.

— Bom.

Lewis falava sério. Por um lado, ele precisava de Barker. Contudo, acreditava de verdade que muitas pessoas que chegavam ao topo perdiam a motivação que os havia levado até lá, vendo-se em papéis não adequados a suas habilidades, deixando seus talentos atrofiar. Melhor ficar “do lado errado da escrivaninha” sempre fora seu lema.

* * *

De Billier estava mais apoiado na escrivaninha do que sentado atrás dela quando Lewis entrou no escritório. O general foi rápido em lhe oferecer um assento, um uísque e um cigarro — não exatamente o preâmbulo para uma descompostura. A presença do comissário Berry sugeria que Barker poderia estar certo: eles tinham em mente outro plano que não tirá-lo do posto.

— Conheceu o comissário?

— Sim, senhor. Nós nos encontramos brevemente... na visita do ministro.

Lewis gostava de Berry: tinha um trabalho impossível e impopular, mas o executava com graça e dignidade.

Berry apertou a mão de Lewis calorosamente.

— Olá, novamente, coronel. O homem que partilha sua casa.

— Não minha casa, senhor, mas sim.

— Os conselheiros alemães falam muito bem do senhor.

— O que é exatamente o motivo pelo qual está aqui esta noite — disse De Billier, fazendo uma pausa para acender o cigarro de Lewis.

— Sua habilidade de ver o outro lado.

Lewis ocupou seu lugar, recordando que mesmo prisioneiros recebiam a oferta de um cigarro antes do fuzilamento. Com tanta bajulação, eles certamente tinham em mente alguma tarefa medonha para ele. De sua cadeira, Lewis podia ver a lua cheia através da janela atrás do general, com bastante clareza para enxergar sua superfície marcada. Talvez fossem mandá-lo para lá.

— Qualquer boa vontade que eu pudesse ter tido no banco está na fábrica Zeiss, senhor.

— O que aconteceu esta noite foi uma infelicidade, mas é parte de um problema muito maior — começou De Billier. — A desativação está nos causando verdadeira preocupação em toda a zona. Houve protestos em Colônia. Hanôver. Bremen. No Rur. Está fomentando uma enorme tensão, que o clima e a falta de comida exacerbam. Os alemães estão começando a nos odiar. Ainda acham que queremos transformar o país em uma fazenda gigantesca e que destruímos sua indústria naval para dar a liderança a Belfast e Clyde.

— Nós realmente explodimos um estaleiro de primeira categoria em plena operação.

— Blohm e Voss foi um erro. Sabemos disso agora. Mas objetivos e metas estão mudando rapidamente. Quase todo mês. Há um ano, nossa intenção era desmilitarizar. Depois, era desnazificar. A seguir, reduzir a capacidade industrial. E então simplesmente alimentar este maldito povo. Agora está claro para todos, com exceção de franceses e russos, que precisamos de uma Alemanha forte. A fusão de nossa zona com a dos americanos já foi acertada. Iremos nos tornar uma zona bipartida no ano-novo. E, talvez, quando os franceses tiverem uma noção melhor de seu lugar no universo, uma zona tripartida. O que fica claro é que os russos parecem cada vez menos propensos a devolver sua zona. E quanto mais demorarmos a desativar a indústria pesada da Alemanha, menos provável isso parecerá.

O general mal mencionara os acontecimentos trágicos da noite, e era evidente que não faria isso. No que lhe dizia respeito, era um

tremor local se comparado com os movimentos tectônicos ocorridos entre países. Lewis estava quase desapontado. A perspectiva de ser demitido que ele acalentara no caminho não havia sido de todo indesejada.

— Ainda temos uma chance de impedir um colapso total nas relações com a Rússia. O primeiro passo para evitar isso é honrar o Acordo de Potsdam sobre reparações. A menos que isso aconteça, eles irão reter o pão. A Comissão Interaliada de Reparações vai impor sanções que não poderemos suportar, a não ser que executemos a desativação imediatamente. Os americanos terão de pagar para alimentar milhões de pessoas, e essa Cortina de Ferro em que Churchill tem insistido se tornará uma realidade.

De Billier entregou uma pasta a Lewis. Ela dizia: "Relação de desativação. Locais categoria 1. Confidencial."

— Há quatro locais categoria 1 nesta região. Os russos estão enviando uma equipe da Comissão Interaliada de Reparações para garantir que sejam desativados. Precisamos que você seja nosso homem. E precisamos que comece imediatamente.

Lewis olhou para o documento e passou rapidamente o olho pelos locais.

— Helgoland?

Poderia muito bem ter sido a Lua.

— Eles colocarão toda a munição em um lugar e o explodirão. Precisamos de alguém de quem os alemães gostem e que possa comunicar esse imperativo, alguém cujas simpatias naturais se façam presentes. O senhor tem essa reputação, coronel. O prefeito fala muito bem do senhor.

Para alguém de fora, poderia ter soado como um elogio, mas Lewis sabia que era como eles faziam com que alguém saísse do caminho sem criar confusão. Eles não queriam que Lewis se queixasse a ministros e imprensa. Ele criticara seus esforços locais diante de Shaw. Precisava ser disciplinado — de um modo construtivo.

— Não é minha... área de especialização.

— Diz respeito a pessoas, coronel — disse De Billier. — O senhor é nosso homem de pessoas.

— Quer dizer que precisam de alguém que possa explodir coisas de uma forma sensível.

De Billier pigarreou com um rosnado impaciente. Havia gastado todos os seus argumentos, não tinha como oferecer aquilo de forma mais atraente.

— Coronel, eu desprezo os russos e detesto essas reparações. Mas se queremos evitar outra guerra, precisamos fazer isso. Antes do fim do inverno.

A sondagem se transformou em ordem.

— O senhor acompanhará Kutov e seus observadores. Haverá um observador francês e um americano viajando com vocês o tempo todo. Pelo que sei, sua intérprete fala russo. Se tudo der certo, não passará mais de algumas semanas fora. Seu homem pode cuidar das coisas em seu distrito até sua volta.

Durante toda a conversa, Lewis imaginara Rachael na sala com ele. Como aceitaria essa última missão? Seria essa a gota d'água?

— Espero até depois do Natal?

— Os russos já não festejam o Natal, coronel. Além do mais, será um momento perfeito para fazer isso — rebateu De Billier. — Enquanto estamos todos cantando canções natalinas, o senhor pode explodir as coisas sem ser ouvido.

O general não chegara ao outro lado daquela escrivaninha por ser sentimental. E mesmo quando Michael fora morto, Lewis não recebera a oferta — nem pedira — dos dias extras de licença por compaixão depois do funeral.

— Senhor, eu só tive alguns meses com minha família... E mesmo assim, quase não fiquei com eles. Isso criará uma pressão enorme sobre nós...

— Coronel, eu cuido de um país, não de uma agência de casamentos.

* * *

— Herr Morgan pediu para vê-lo na sala de estar, senhor.

— Ele parecia... com raiva?

Heike teve de pensar.

— Não. Creio que não, senhor.

Não. Claro que não. O coronel nunca sentia raiva. Mesmo se tivesse descoberto que a esposa beijara outro homem, ele provavelmente conversaria sobre o clima e depois lhe ofereceria seu carro.

— Obrigado, Heike. Já descerei.

Lubert baixou a caneta de desenho e fechou o tinteiro. Arrumou os cabelos com as mãos, mas mudou de ideia e agitou-os de volta ao estado natural.

Encontrou Lewis de pé junto ao piano, pensando e olhando para o outro lado do rio. Estava de uniforme completo, luvas e casaco, a caminho de algum lugar — novamente. Lewis ergueu metade da boca em um quase sorriso.

— Herr Lubert. Entre. Por favor. Sente-se.

Lubert entrou e sentou-se no banco da janela.

— Como está a cabeça? — perguntou Lewis, tocando a própria têmpora.

O ferimento de Lubert fazia com que sua testa parecesse um casco de tartaruga com muitas cores, mas estava curando.

— Tenho boa cicatrização.

— Parece que a noite anterior foi demais.

Lubert esperou que Lewis avançasse, depois ficou pensando em se o coronel esperava que ele dissesse algo primeiro. Aqueles ingleses sofriam de um tipo de constipação emocional. Talvez Lubert devesse facilitar, oferecendo o laxante de um pedido de desculpas. Dizer que não era culpa de Frau Morgan, mas dele; recebera um golpe na cabeça, não era ele mesmo e uma coisa levava à outra.

— Lamento pelo incidente.

Lewis olhou para ele, intrigado, e ergueu as mãos para detê-lo.

— O senhor não deve se desculpar, Herr Lubert. Estou constrangido. Pelo vaso. Por qualquer dano causado à propriedade.

E pelo comportamento de um determinado convidado daquela noite.

Lewis acariciou a parte de trás do Bösendorfer, um toque corretivo para as batidas truculentas que recebera das mãos de Burnham.

— Rachael me diz que o senhor se comportou com admirável contenção, considerando as circunstâncias.

Lubert começou a iniciar uma retirada de sua confissão precipitada.

— Bem... isso... não culpo ninguém. Foi apenas a animação. O vaso. Não importa. Eu nem gostava dele.

— Não, mas isso não é desculpa para o que aconteceu. Como o senhor mesmo disse, Herr Lubert, esta é sua propriedade.

— Sim.

O coronel estava novamente lançando um cobertor sobre tudo.

— E também lamento que tenha sido apanhado naquela confusão na Zeiss.

— Não me lembro muito daquilo. Eu estava ouvindo um discurso. Então começaram os tiros.

O rosto de Lewis murchou.

— O que aconteceu na fábrica foi indefensável. Exatamente quando achamos que estávamos fazendo algum progresso algo assim acontece. Alguém perde o equilíbrio ou entra em pânico, e tudo desmorona. Estamos em uma fase muito delicada da coisa toda. Tudo está pendurado por um fio muito fino. De qualquer forma, fico contente que esteja bem.

— O senhor tem um trabalho muito difícil, coronel. Não o invejo.

— Nem deveria. De todo modo, o motivo pelo qual queria lhe falar, além de me desculpar pela outra noite, era para pedir um favor. Precisamos encontrar um novo tutor para Edmund. Sei que não pode trabalhar na fábrica no momento. Então fiquei pensando em se estaria disposto a ensinar a Edmund, e a Rachael... ensinar a eles um pouco de alemão. Não conseguirei encontrar um substituto enquanto estiver fora. E essa será uma boa oportunidade de Rachael

compreender o idioma. Sei que ela está frustrada com essa carência... especialmente em relação aos empregados.

— Claro — concordou Lubert. — Está partindo?

— Por algumas semanas. Para Helgoland.

— Então... Não estará aqui no Natal?

— Infelizmente, os militares seguem sua própria liturgia, Herr Lubert. Apreciaria caso pudesse sustentar a fortaleza por mim. Eu o encorajo a se sentir mais à vontade do que talvez tenha se sentido. Sei que... as coisas não foram fáceis no início. Como talvez tenha percebido, Rachael... não era ela mesma quando chegou... Mas vejo sinais da velha Rachael retornando. Acho que ela quer socializar mais, talvez levar Frieda às compras. Companhia é bom para ela. Ficar só não lhe faz bem. Especialmente considerando-se a época do ano. E, volto a dizer, para que as coisas funcionem aqui, nossos povos precisam começar a confraternizar, conhecer um ao outro. Acho que o que estou tentando dizer, Herr Lubert, é: não se mantenha fechado. Por favor, sinta-se livre para estar mais à vontade.

— Obrigado, coronel.

Lubert gostava de Lewis. Respeitava sua generosidade. Era grato por ela. E admirava sua falta de arrogância. No entanto, achava difícil escutar aquilo sem pensar que era cego. Ou era totalmente ingênuo, ou que sua cabeça simplesmente estava em outro lugar. Como quer que fosse, as prioridades do homem eram totalmente equivocadas.

* * *

— Tenho péssimas notícias, Rach.

Rachael estava lendo mais um Agatha Christie e muito envolvida em sua trama deliciosa em um momento crucial de revelação da história. Quando baixou o livro, dois pensamentos concorrentes e inapropriados entraram em luta: imagino quem é o assassino; e

espero que Lewis não vá me dizer que Stefan está “sujo”, como Herr Koenig.

— O que é? — perguntou.

Lewis estava com sua expressão de dever. Ela já a vira antes — de forma mais marcante, após lhe anunciar que voltaria imediatamente à base tendo acabado de ir para casa para o funeral de Michael.

— Pediram que eu supervisione a desativação. Querem que comece amanhã. Isso significa que ficarei algumas semanas fora.

— Ah — disse ela.

— Eu sei. É a última gota — disse ele, não a compreendendo e procurando sua maleta no quarto de vestir.

Havia em algum lugar nela as trivialidades da esposa respeitosa; aquelas frases que esposas do exército precisam ter na ponta da língua sempre que uma licença era abreviada ou suspensa. Mas seu coração não estava nisso. E Lewis, sentia, não esperava que as recitasse.

— Isso é o exército, sra. Jones — ofereceu ela.

E Lewis olhou para a mulher e anuiu.

— Lamento, Rach.

Enquanto ele começou a procurar suas coisas, ela voltou os olhos para o livro. Realmente não queria ajudar Lewis a fazer as malas. Não desta vez. Poderia ser sua obrigação, mas estava farta delas. Queria apenas terminar o maldito parágrafo e descobrir quem era o assassino. Contudo, a visão da incompetência de Lewis era demais. Pousou o livro e ajudou-o a procurar meias no cesto de roupa limpa que Heike entregara naquela manhã.

— Quantas?

— Cinco ou seis bastarão.

Ela jogou as bolas de meia para ele uma a uma, e ele as agarrou como um jogador críquete e colocou cada uma das peças em sua bolsa com um movimento contínuo. Vendo a arrumação confusa, ela começou a reorganizar a bolsa.

— Isso é algum tipo de promoção? — perguntou.

— Acho que é uma punição por não ter andado na linha com o ministro. Aparentemente falei demais.

— Isso não parece coisa sua. Quem irá comandar o distrito?

— Barker. Disse a ele para aparecer. Trazer a correspondência. Você e Ed darão conta?

— O que você acha?

Ele anuiu. Pergunta tola.

— Quando eu voltar, pensei que... talvez... possamos dar uma saída. Nós dois. Quando as coisas esquentarem um pouco. Ir para Travemünde. Ou um daqueles balneários grandiosos do Báltico.

— É, isso seria bom.

— Mas... não será para agora.

— Não.

Lewis estava sem palavras; ela, porém, não as forneceria.

— Bem, melhor eu ir — anunciou.

Ele fechou a bolsa e virou-se para ela, a fim de dizer adeus. Querendo evitar qualquer culpa, ela lhe deu um beijo de despedida, na face, como se beijando um visitante de partida ou um conhecido de passagem.

A pasta de papel pardo, presa à barriga pelo elástico de sua meia-calça, cutucava as costelas de Frieda enquanto ela andava. Não estava totalmente certa do que continha — o material estava em inglês —, mas a palavra “Restrito”, a fita vermelha e as fotografias de várias instalações industriais e militares garantiram a ela que o que tirara da maleta do coronel era algo que impressionaria Albert. A ideia de entregá-la a ele a deixava tonta de orgulho.

O “R” circulado em preto da ordem de requisição pendia frouxamente da balaustrada do magnata da margarina. Frieda olhou à esquerda e à direita, procurando veículos e, quando teve certeza absoluta de que a área estava limpa, escalou o muro baixo até o ponto em que Albert colocara um trenó de madeira sobre os cacos de vidro que Petersen instalara para afastar ladrões. Mesmo com a neve, barbatanas irregulares se projetavam da cobertura branca. Antes da guerra, os dispositivos de segurança de Petersen haviam causado consternação entre os vizinhos. A mãe de Frieda, que considerava Peterson um alpinista social, dissera que nenhum ladrão de respeito roubaria qualquer coisa daquela casa de novo-rico: sua família ganhara dinheiro com rapidez e facilidade — primeiro com o sisal das colônias do leste da África, depois com a manteiga falsa —, e “quanto mais depressa se ganha o dinheiro, mais rapidamente ele some”. Frieda era jovem demais para compreender as sutis hierarquias de dinheiro velho e novo, mas agora, enquanto caminhava até a maior casa de Elbchaussee, viu que a profecia da

mãe se realizara. A enorme mansão em forma de cubo de Peterson estava triste, vazia e silenciosa.

Entrou na casa pela janela baixa da cozinha, como Albert a instruíra. Enquanto subia as escadas dos fundos até o térreo, pôde sentir o cheiro de madeira queimando e de cera de vela, além de ouvir as vozes constantes de garotos. Seguiu as vozes até a sala de estar nos fundos da casa, onde foi recebida por uma cena alucinada: uma sala iluminada por vela e decorada com objetos africanos — escudos, lanças, peles de animais e máscaras. Quatro garotos sentados escutavam um menino de pé em cima de uma mesa de bilhar segurando uma caixa cheia do que pareciam ser pegadores de cubos de açúcar; usava um chapéu de explorador e uma pele de zebra sobre os ombros e gritava como um peixeiro de St. Pauli.

— Recém-chegados de Dammtor! — gritou o garoto.

Sacudiu a caixa e tirou um pegador. A luz das velas lançava uma sombra grotesca sobre a parede atrás dele, fazendo do menino um anão gigantesco e transformando o pegador em um lagostim metálico.

— Para que serve? Nem mesmo temos açúcar — esganiçou-se um dos garotos.

— Olhe e aprenda, Otto. Para você eles podem ser pegadores de açúcar, mas para uma bela dama que precise manter assim...

O garoto pousou a caixa e, erguendo um pegador, começou a fazer a demonstração, fechando-os como pinças, arrancando os pelos da sobrancelha.

— Ou...

Ele abriu a boca e fingiu fazer uma extração, usando o pegador como boticão.

— Ou...

Usou o pegador para prender o nariz e imitou um flatulento.

— Ou...

Ele se curvou e fingiu pegar algo do chão.

— Ou...

Enfiou a mão no bolso e tirou um cigarro. Agarrou uma extremidade com o pegador, levou-o à boca e deu uma baforada como um dândi.

— As damas ficarão loucas por eles.

Os selvagens não pareceram impressionados; um garoto com uma lança liderava o coro de críticas.

— As pessoas não querem pegadores de açúcar. As pessoas querem batatas.

— Foi um desperdício de cigarros, Ozi.

— Você está fazendo maus negócios.

O garoto levantou as mãos.

— Fiquem sentados. Tenho algo muito especial. Graças ao garoto inglês. Algo muito especial.

Ele enfiou a mão sob a pele de zebra e tirou um tubo em forma de charuto. Frieda reconheceu o remédio que Albert tomava: Pervitin, a droga que os jovens soldados haviam recebido para mantê-los “ligados” nos últimos dias amargos da guerra.

— Um destes o deixa forte. Mantém você aquecido. E você nunca sente fome. Berti ficou com a caixa. Mas eu consegui um tubo para cada um de nós. — O garoto parou de falar e olhou para a porta. — Ei. Vejam quem é.

— Isso não é para crianças — disse Frieda, mantendo uma das mãos na porta para o caso de precisar correr.

O selvagem com a lança ergueu-a até o ombro, a vara fina balançando.

— Quem é você, mocinha?

O garoto de chapéu de explorador saltou da mesa de bilhar.

— Está tudo bem... é a garota de Berti.

O amigo baixou a lança.

— Como sabe quem eu sou? — perguntou Frieda ao garoto.

— Eu te vi.

— Viu onde?

— Eu te vi...

O garoto enfiou o indicador direito no círculo formado por seu indicador e seu polegar esquerdo. Para dentro, para fora; para dentro, para fora. Seus amigos deram risinhos de escárnio.

Frieda quis bater nele pela inconveniência. Como os vira? Teria sido na casa em Blankenese? Ou ali?

— Onde ele está?

— Está lá em cima com o amigo.

— Que amigo?

O garoto ergueu um tubo de Pervitin.

* * *

Albert estava no quarto principal, mas não na cama; dançava ao som de um disco tocando em um fonógrafo portátil; era uma daquelas canções americanas grosseiras que Heike escutava na Rádio Hamburgo: tambores da selva, instrumentos de metal guinchando e desordem. Ver Albert dançando aquilo a irritou. Estava despido até a cintura e movendo-se com membros frouxos, como uma marionete operada por um titereiro bêbado, pousando os pés aleatoriamente, como se esmagasse formigas no tapete. Estava tão concentrado na música que não notou a entrada de Frieda. Ela ficou constrangida de observá-lo; aquele jovem deslizando, pulando e sacudindo-se não era o Albert elegante, frio e controlado que ela conhecia: parecia temporariamente possuído.

— Albert? O que está fazendo?

Ele se virou, mas não pareceu assustado. Continuou a dançar ao som da música.

— Minha respeitável dama alemã...

Foi na sua direção com um movimento exageradamente furtivo, arrastando-se até ela no ritmo das batidas da música, estendendo a mão para que ela se juntasse a ele. Sua pele brilhava, e os olhos estavam ligeiramente arregalados e projetados demais para serem confiáveis.

Frieda puxou a pasta roubada de sob a saia e estendeu-a para ele.

— Tenho algo importante.

— Benny Goodman — disse ele, ainda dançando. — Benny Goodman. Dance!

Ele estendeu a mão para ela. Insistindo. Estava radiante e pegajoso. A cicatriz em forma de 88 em seu bíceps se retorcia. Ela queria agradá-lo, mas não podia dançar.

— Não posso — respondeu.

— Você pode... minha respeitável dama alemã.

Ele colocou uma das mãos no quadril dela e conduziu-a com a outra. Frieda apertou a pasta sobre o peito e moveu os pés de um lado para outro de modo desinteressado, sem conseguir relaxar. Aquela música modulada era anárquica demais, difícil demais de acompanhar. E ela precisava que Albert estivesse... Bem... Não assim! A cada giro e espasmo do corpo, ele parecia mais estranho.

— Não posso!

Albert recuou, ainda dançando, na direção do fonógrafo. Levantou a agulha do disco.

— Certo. Certo. Certo. A garota não vai dançar. Um soldado deveria saber quando se divertir. Então venha, minha amiga sensível. Mostre o que você tem.

Ela lhe estendeu a pasta. Ele parara a música, mas continuava a dançar a melodia em sua cabeça. Albert pegou a pasta e acariciou o objeto.

— Restrito... — leu. — Isso é bom.

Soltou o elástico e abriu a pasta. Passou um tempo lendo o texto, movendo os lábios enquanto traduzia. Após alguns segundos, começou a anuir de modo apreciativo.

— Onde conseguiu isso?

— Com o coronel.

Albert leu, cantarolando satisfeito.

— É bom? — perguntou Frieda.

Ele pousou a pasta e olhou para ela, agora com voracidade. Colocou as mãos quentes nos braços da garota. Ela podia ver a pulsação em seu pescoço, forte e rápida, e sentir a ereção pressionando-a. Lembrando-se do poder que ela tivera sobre ele antes, começou a soltar seu cinto. Cantarolou novamente e apertou o corpo contra o dela. Ergueu sua saia e ela desceu a roupa de baixo. Ela se apoiou na beira da cama. Ele emitiu sons de prazer ao empurrar-se para dentro dela, e isso a fez se sentir orgulhosa e poderosa outra vez. Começou a retribuir os ruídos para agradá-lo, depois se descobriu fazendo involuntariamente, tanto para si quanto para ele. Ele levou muito mais tempo para chegar ao fim daquela vez, o que lhe deu tempo para sentir novos prazeres. Quando terminou, ele continuou sobre ela, jogado e esmorecido. E então recuou, levantando as calças. Ela sentia como se pudesse ouvir tudo no quarto e tudo fora da casa.

— Você vai me marcar?

Ele riu e pegou outro Pervitin.

—Tudo bem.

Pegou um cigarro no maço na mesinha de cabeceira. Acendeu, deu uma tragada e foi na direção dela.

— Vai doer.

— Não ligo.

— Onde quer?

— Aqui. — E estendeu o antebraço branco-lírio, traçando um círculo na pele macia.

— Pode tomar um dos comprimidos; não vai sentir.

Ela balançou a cabeça.

— Quero sentir.

Ele agarrou o pulso dela com força e enfiou o cigarro no braço, segurando-o ali até que apagasse. Ela tentou não gritar, gemendo por entre dentes trincados. Ele reacendeu o cigarro e fez outro "O" acima da queimadura para completar o 8. Ela olhou para a nova cicatriz, já vermelha e em carne viva. O cheiro de pele queimada era extraordinário. Imaginou a mãe rapidamente, em chamas, o corpo

inteiro sendo marcado, depois fez um gesto com a cabeça, indicando que Albert continuasse. Ele tentou reacender o cigarro, mas o havia apertado com tanta força que o amassara, e ele não acendia. Acendeu outro e fez o "O" seguinte, as pontadas do primeiro 8 disfarçando a criação do segundo. No último "O", ela se viu emitindo um ruído de prazer não diferente dos barulhos que estavam fazendo minutos antes. Quando terminou, Frieda tomou o rosto de Albert nas mãos, do modo como imaginava que um adulto faria — pois era o que certamente era agora — e olhou-o nos olhos. As drogas faziam com que se apertassem e agitassem, e ela queria que eles se concentrassem nela. Segurou o rosto dele de novo e fez das mãos antolhos.

— Por que você toma essas drogas?

— Preciso estar alerta. Há muitas coisas em que pensar. Elas me ajudam em minhas missões.

— Você não me conta sobre suas missões. Ou seus planos.

— Tudo no momento certo...

— Você continua dizendo isso. Não confia em mim?

— Claro. Mas... é melhor que você não saiba. Você tem sido... útil.

Ela queria ser mais do que isso.

— Você fala sobre ser um soldado. Mas... não vejo você lutar. Eu o vejo dançar. E tomar essas drogas. Não está fazendo nada.

Albert ficou tenso, a cabeça se afastando dela.

— Não se preocupe, minha dama alemã. Sei o que estou fazendo.
— E sorriu para ela de um jeito paternal.

— Sabe? Você fala sobre um exército. Mas onde ele está? Tudo o que vejo são aqueles *Trümmerkinder*.

Albert olhou para ela, tentando focar o olhar.

— Minha respeitável dama alemã... você é como uma onda de bombardeio inglês. Como o *ratatata* do antiaéreo. Não se preocupe. Sei o que tenho de fazer. Já cuidei disso. Cuidei de tudo — disse, dando um tapinha na cabeça para mostrar onde cuidara de tudo. — E será grande.

* * *

Mickey Mouse estava no cruzamento, tendo apenas um guarda-chuva como proteção. Precisando de abrigo, ele bateu à porta da casa, fazendo a varanda desmoronar e revelar outra porta que estava aberta. O vento soprava a casa para a esquerda e para a direita, quase arrancando-a das fundações. Enquanto Mickey entrava na casa, a porta bateu atrás dele, trancando-o. Morcegos encheram a sala e um Mickey aterrorizado pulou dentro de uma panela antes de sair correndo da sala gritando "Mamãe!".

Todos na casa, exceto Greta, que recusara o convite de Rachael, estavam reunidos em torno do Ace Pathescope assistindo ao último filme de noite: *A casa assombrada de Mickey Mouse*. O projetor fora presente de Rachael para Lewis (lata e alumínio) pelo décimo aniversário de casamento, mas ela poderia muito bem ter dado ao filho, pois era quem extraía maior prazer e utilidade dele. E naquele momento Edmund estava no seu lugar: projetorista, vendedor de balas, diplomata, intérprete, circulando pirulitos e os biscoitos de gengibre e canela em baixo relevo *Spekulatius*, antecipando cada momento possivelmente engraçado do filme ("Este pedaço é bom; vocês vão gostar dele"), rindo e depois conferindo para garantir que os outros também riam. Sob o brilho hipnotizante daqueles filmetes bobos, a casa chegara a uma alegre unidade: Heike estava insegura antes de cair no riso; Richard ficara distraído com a mecânica de tudo aquilo, mas então começou a gargalhar com Popeye flexionando os músculos; o rosto impassível de Frieda se abriu em surpreendentes vincos com as proezas de Buster Keaton desafiando a morte, e seu riso, quando finalmente veio, era uma versão jovem daquele do pai.

Lubert se entregava às gargalhadas, um sofisticado desfrutando de prazeres simples. Rachael ficou pensando se de fato estava absorvido pelos filmes ou se fazia aquela cena exagerada em benefício dos outros. Estaria sentindo — como ela sentia — que tudo aquilo era um prelúdio de algo mais interessante? Quando o filme

encerrou em pontos e arranhados, seus olhos se encontraram, e ela fantasiou ter detectado a mesma expectativa nele.

— Fim! — anunciou Herr Lubert com um floreio, aplaudindo com vigor.

Edmund acendeu a luz principal, e todos piscaram na claridade repentina.

— Obrigado, Edmund. Há um futuro para você. Acho que um dia fará filmes. Frau Morgan, o que acha?

Edmund, que até então só pensara em ser soldado como o pai, fitou a mãe para ver se ela concordaria com uma escolha de carreira tão exótica.

— Acho que sim — disse Rachael, e Edmund cresceu com o endosso duplo.

Richard agradeceu a Edmund pelo espetáculo.

— O marinheiro Popeye — disse, e flexionou os bíceps, rindo consigo mesmo.

Heike estava sem fala com tudo aquilo, tocando o peito para indicar sua gratidão enquanto fazia pequenas medidas. Rachael teve certeza de ouvi-la dizer “Delicioso” a Edmund.

Frieda, cujos cabelos estavam presos novamente — embora agora em uma única trança —, permaneceu calada.

— Agradeça a Edmund e a Frau Morgan, Frieda.

— Obrigada — disse ela. Olhou para Rachael e tentou um sorriso. — Gostaria de ir para cama agora — comentou em inglês.

— Claro, Frieda — falou Rachael. — *Frohe Weihnachten*.

— Podemos ver Mickey mais uma vez, mãe? Por favor?

Edmund já estava rebobinando o negativo.

— Acho que é suficiente por ora, Ed. Quanto mais depressa for para cama, mais cedo poderá abrir seus presentes.

— Não vamos abri-los agora? Como eles fazem na Alemanha?

— Achei que faríamos as coisas do modo inglês — disse Lubert, piscando para ele.

Edmund lutou brevemente contra a ideia de adiar tal gratificação e transformá-la em recompensa futura, mas aceitou-a vindo de

Lubert.

— Tudo bem, então — concordou. Depois beijou a mãe. — Boa noite, mãe.

— Boa noite, querido.

Heike começara a recolher os pratos.

— Pode deixar, Heike — disse Rachael. — Sério. Eu faço isso.

Heike hesitou, buscando a orientação de Lubert.

— Tire a noite de folga, Heike — insistiu Lubert, assumindo sem esforço seu antigo papel de senhor da casa.

— Então boa noite — anunciou ela, curvando-se, corando e recuando.

Rachael e Lubert esperaram que todos desaparecessem escada acima para os quartos. Lubert fingiu inspecionar as lentes do Ace enquanto Rachael empilhava os pratos. Finalmente o rangido das tábuas de correr parou, e o estalo do fogo se tornou o único som na casa.

— Bem. Isso foi muito agradável — comentou Rachael. — Foi realmente adorável ver todos rindo daquele jeito.

— É o milagre de Mickey Mouse — respondeu Lubert. — Talvez ele possa trazer paz mundial a todos nós.

— Gostaria de uma saideira?

Lubert não estava certo do que aquilo significava.

— É como chamamos um último drinque antes de nos recolhermos — explicou. — Para ajudar a dormir.

— Com os britânicos, um drinque nunca é apenas um drinque.

— E então?

— *Bitte*.

Rachael serviu dois uísques, adicionando um pouco de água a cada um. Deu um a Herr Lubert e puxou um tamborete para se sentar diante do fogo, convidando-o a fazer o mesmo. Olharam as chamas em silêncio, lado a lado, a poucos centímetros de distância. O fogo era um verdadeiro cinema, e aquele era animado, cheio de tramas e subtramas intrigantes. Rachael fixou os olhos no carvão de cima, que começava a ficar laranja.

— Gosto do modo como vocês aproveitam mais a véspera de Natal aqui — comentou ela. — Sempre preferi o Advento ao Natal.

— É religiosa?

Rachael negou com um gesto de cabeça mais lenta do que decididamente.

— Sempre gostei dos adornos.

— Mas a coisa em si? Quando tudo é retirado?

— Acho que minha fé, da forma como era, foi arrancada de mim.

— Talvez não devamos falar dessas coisas.

— Não. Devemos, sim — disse Rachael, sentindo necessidade de expressar uma convicção mais profunda. — Raramente falamos das coisas que importam. Meio que as contornamos. Acho que é o espírito da época. Uma ressaca dos vitorianos. Ou ainda das muitas guerras. Não sei. Se o futuro pode ser qualquer coisa, gostaria que fosse um tempo no qual as pessoas se sentissem capazes de falar sobre o que importa.

O relógio bateu meia-noite.

— Feliz Natal — saudou ela.

— *Prost* — disse Lubert, erguendo o copo para brindar com o dela.

— *Prost*.

— A uma nova era na qual falaremos do que importa — sugeriu Lubert.

Mas a coisa que importava ainda não fora dita.

— E quanto a você? — perguntou Rachael, ainda não totalmente pronta para que aquilo fosse conversado. — Acredita?

Lubert ergueu o copo à luz do fogo, fazendo o uísque resplandecer e brilhar.

— Em um Deus que se torna uma criança? Isso é difícil — falou, inclinando o líquido no copo; o cristal refratando ouro. — É mais fácil acreditar em um homem forte do que em um Deus fraco.

A conversa ainda era uma dança, sem que nenhum dos dois guiasse. Rachael podia ver que o corte acima da sobrancelha de Lubert cicatrizara rápido.

— O coronel disse que estava indo para Helgoland — continuou Lubert. — A Ilha Sagrada. Para onde os santos costumavam ir.

— Então ele se sentirá em casa.

O comentário saíra antes que Rachael conseguisse se corrigir. Baixou os olhos para as chamas novamente. O único carvão no qual fixara o olhar havia feito brilhar os carvões ao lado.

— Quando o coronel me disse que estava partindo eu fiquei... contente — confessou Lubert.

Rachael girou o uísque com água no copo. Podia sentir as manobras sutis e sinuosas de seu coração.

— Eu também.

Linhas. Limites. Fronteiras. Ela já havia cruzado algumas, mas aquelas três palavras pareciam o maior salto até então.

Lubert tomou sua mão, a dele muito mais quente, e beijou-a com ternura. Rachael apertou e puxou a mão dele, conduzindo a boca do homem à dela, inclinando a cabeça para beijá-lo. Ele reagiu imediatamente e beijou-a com profundidade. Rachael ficou mais uma vez espantada com a intimidade rápida e fácil. Quando se separaram, Lubert tentou dizer algo, mas ela impediu as palavras com outro beijo. Se discutissem o que estava acontecendo, se ela fosse obrigada a pensar naquilo, poderia resistir. Quando se distanciaram uma segunda vez, tentou beijá-lo de novo; desta vez, no entanto, ele a evitou, levando a cabeça para trás, como um pássaro, deixando-a beijar o ar.

— Vou para meu quarto — avisou ele. — Espere até minha luz estar acesa; é possível ver pela janela principal. Deixarei a porta aberta.

A instrução fora tão precisa que ele devia ter pensado em tudo. Lubert se levantou, soltando a mão de Rachael, mantendo, porém, os olhos nela, levando um dedo aos lábios e depois sustentando-o esticado para indicar que estava indo e que seria um intervalo breve.

Rachael contou até sessenta, como uma menina brincando de esconde-esconde, fechando os olhos e escutando as tábuas rangendo. Esperou que as vozes — da razão, da noção, da

consciência — lhe dissessem para não ir até ele. Todavia, nenhuma voz emergiu; tudo o que conseguia ouvir era o pulsar de seu desejo. Agora seria necessário algo excepcional para detê-la — interferência cósmica, um terremoto, algo tão singular quanto um grande gato cruzando o gramado.

Ao chegar a sessenta, abriu os olhos e viu a luz projetada do quarto de Lubert pela janela principal. Ela partiu, subindo as escadas cuidadosamente, mantendo os pés no carpete e evitando as ruidosas beiradas de madeira expostas, atenta a rangidos, empregada enxerida, criança acordada. Além de engenhosidade e discrição, um adultério parecia exigir toda a ousadia e inventividade inocente de uma criança. Agora era isso? Adultério? Não parecia ser. Mas algum adúltero sentia isso? O que definia? Era um mero pensamento? Um beijo? Ou ela iria se transformar oficialmente em adúltera quando se entregasse por completo a Lubert?

Passou pela porta aberta de seu próprio quarto. Ao pé do segundo lance de escada, olhou para o quarto de Edmund. Pisou no primeiro degrau, atenta ao menor ruído. Tudo estava amplificado e desacelerado. Ela percebia novos detalhes: as cabeças esculpidas dos prendedores de tapete; um zumbido agudo em seus ouvidos; o ar mais quente no alto da casa. A porta para o quarto de Lubert se encontrava ligeiramente entreaberta, emitindo um triângulo de luz. Colocou um pé nele. Viu seu sapato, o mesmo sapato que a levara, sem culpas, a todos os aposentos para realizar atividades domésticas rotineiras; não parecia o sapato de uma adúltera. Abriu aquela porta, que misericordiosamente não rangia, e entrou no novo país.

Lubert estava de pé à janela, de costas para Rachael. Rachael fechou a porta e apoiou-se nela, mantendo as mãos na maçaneta e as perguntas do lado de fora. A maçaneta pressionava a base de suas costas. Lubert se virou, a expectativa do prazer — ou talvez seria apreensão? — distorcendo seus traços; por um momento, parecia que não estava certo, como se pudesse encerrar tudo. Então ele deu um único passo na sua direção e beijou-a, e enquanto se

beijavam, começaram a se despir. Nenhuma sensatez ao tirarem as roupas; ficaram nus em um balé desajeitado. Ela teve de levar as mãos atrás para baixar o zíper; ele rasgou a camisa quando a puxou às avessas e ela ficou presa nos punhos. Quando estavam nus, ele parecia querer parar para vê-la, mas ela o conduziu à cama.

Inicialmente, ela mal o notou, seu cheiro, seu gosto, a diferença; não queria sua particularidade e evitou olhar em seus olhos ou sequer abrir os próprios. Não queria ternura. Não queria gentileza. No auge, gritou o mais alto que podia, alto o bastante para abafar o êxtase dele. Alto o bastante para que ele a calasse com a mão sobre sua boca.

— Vão nos ouvir.

Ela não ligava.

Ficou deitada ali, inalando o cheiro do ato, sentindo a evidência dentro dela espalhando-se de seu centro e irradiando para as extremidades.

— Tudo bem? — perguntou ele.

— Sim — respondeu.

— Eu a imaginei assim. Feroz...

Não respondeu. Ficou deitada ali, de olhos abertos. Eles se deram as mãos, antebraços e coxas grudados uns nos outros. Ela se sentia muito receptiva aos detalhes do momento, a ele e ao quarto: uma marca de nascença do tamanho de uma moeda de seis pence na lateral do corpo dele, sua própria pulsação visível no subir e descer de sua barriga, os quadris ossudos dele, as pequenas veias azuis ao redor do peito. Nu, Lubert parecia mais comprido e esguio, e sua pele era de um branco pálido, vários tons mais clara que a dela.

As características simples do quarto improvisado começaram a surgir. Observou os móveis, apressadamente retirados dos quartos abaixo e estocados ali: a prancheta e os utensílios de desenho; livros empilhados no chão. E, apoiada sobre a parede, com o desenho voltado para dentro, uma grande pintura. Suas dimensões eram as mesmas que as da mancha no salão.

Lubert começou a acariciar seu ombro.

— É aquele retrato? — perguntou.

Lubert não respondeu.

— Stefan?

— Sim.

— Posso vê-lo agora?

A reticência dele apenas a deixou mais curiosa.

— Vá em frente — disse, finalmente.

Rachael colocou os pés no chão, pegando a colcha e enrolando-se nela, mais para se aquecer do que por vergonha. Ajoelhou-se no chão e virou a pintura. Soube, sem perguntar, quem era. Seu próprio retrato imaginado não fora muito diferente, e as semelhanças familiares eram evidentes demais para não ser.

— Claudia.

Lubert anuiu.

— Ela é impressionante. Vejo Frieda nela. Por que o tirou?

— Não a queria mais me observando. Rachael. Volte — pediu, dando um tapinha na cama, não querendo estender aquele assunto.

A curiosidade dela se sobrepôs ao desconforto dele.

— Por que não me disse quando o acusei? Que era ela?

Lubert pareceu em conflito.

— Porque... estava tentando esquecer. E porque, se tivesse lhe contado, poderia não tê-la beijado. E então você sentiria pena de mim. E acharia que eu ainda estava apaixonado por minha esposa.

— E está?

— Por favor. Vire isso.

— Mas está?

— Não posso estar apaixonado por uma lembrança. Quero mais que isso.

Rachael olhou para o retrato mais uma vez, depois virou-o de volta para a parede e retornou à cama de Lubert.

* * *

Lewis estava agachado atrás da parede de proteção com Ursula e os três delegados da Comissão Interaliada de Reparações, esperando a primeira explosão controlada de sua excursão de desmonte. O delegado russo, coronel Kutov, gritava algo, mas Lewis não conseguia ouvir uma só palavra. Tirou os tampões de ouvido e virou-se para Ursula.

— O que ele disse?

— Algo sobre mandar o trigo para sua zona.

Lewis recolocou os tampões.

— O desgraçado está se divertindo.

Ele refletiu sobre a lógica da equação: eles explodiam uma fábrica de sabão que empregava dois mil alemães, produzia algo de que todos precisavam e não tinha nenhum valor militar e, em troca, os russos davam pão aos alemães. Era como equilibrar a contabilidade do inferno.

O punhado de manifestantes reunidos junto aos portões da fábrica da Henkel Soap estava sendo contido facilmente por uma dúzia de policiais alemães de capacetes pretos. O general estava certo: o Natal era o momento ideal para o trabalho de demolição.

A agência calculara que a explosão seria ouvida entre cinquenta e oitenta quilômetros de distância. A detonação, quando se deu, ocorreu sem violência e com estranha beleza: a fumaça rolou simetricamente dos dois lados do prédio e, então, como um homem que cai de joelhos porém tenta manter a dignidade com as costas eretas, a estrutura inteira desmoronou no chão e desapareceu em uma nuvem de fumaça de entulho que se projetava em uma couve-flor de poeira que se irradiava, quase chegando à proteção, e envolvia os delegados. O baque da construção caindo seria sentido a alguma distância, confundido com um enorme trovão ou a passagem de um grande trem por perto. Talvez alguns pensassem que era a última onda fantasma de esquadrões perdidos indo terminar o que haviam começado.

A queda de uma alta chaminé foi o *coup de grâce*, depois do qual Kutov se levantou e aplaudiu a destruição como se fosse um

espetáculo particular de fogos de artifício. Ficara impressionado com razão, havia sido tecnicamente soberbo: os Engenheiros Reais estavam ficando muito bons naquelas explosões controladas. Jean Bolon, o membro francês da delegação, e o tenente-coronel Ziegel, o americano, também se puseram de pé e aplaudiram.

Enquanto Lewis observava a poeira dispersar, revelando a pilha de alvenaria e entulho abaixo, de repente viu Michael, preso sob as vigas, a lama e a argila da casa de Narberth. Embora Rachael tivesse descrito a cena, ele nunca se permitira visualizá-la plenamente, em vez disso, construiu um retrato com o qual podia conviver — um que consistia apenas de uma pilha arrumada de escombros, não diferente daquela diante dele naquele momento, e que nunca incluía o corpo do filho.

Kutov começou a gritar mais alguma coisa para os delegados, repetindo constantemente e apontando para o relógio.

— O que ele está dizendo agora? — perguntou Lewis.

— É meia-noite — respondeu Ursula. — Ele diz “Feliz Natal” em russo.

A delegação estava alojada em um pequeno hotel na estrada para Cuxhaven. Era uma hora da manhã quando chegaram, mas Kutov estava tratando a viagem como férias e não permitiria que fossem para a cama cedo. Os cinco foram ao bar brindar à operação bem-sucedida do dia e ao salvador da humanidade. O general ofereceu uma garrafa de vodca.

— A bebida que venceu a guerra — disse Kutov, erguendo a bebida pura. — Vocês, ingleses, têm o gim — falou, virando-se para Lewis.

— A bebida que nos ajudou a esquecer a guerra — respondeu Lewis.

— E o senhor, monsieur?

— Pastis — ofereceu Bolon. — A bebida para os que evitaram a guerra.

— Mas nós temos a bebida que conquistará a paz — sugeriu Ziegel. — Martíni: a maior de todas as invenções americanas. Não o

subestime. Eu dou conta de dois. Três, e estou debaixo da mesa. Quatro, e estou debaixo da anfitriã. Mas esta coisa; bem — disse, segurando o copo baixo de vodca. — Acho que nem noto.

— E quanto a vocês, Frau Paulus? — perguntou Kutov. — Que bebida seu país oferece?

Ursula observava as coisas em silêncio, e Lewis percebeu que ela estava com alguma reação alérgica ao russo.

— Eu diria cerveja, coronel. Mas vocês tomaram nosso lúpulo e nosso trigo.

Ursula encarou Kutov, sem dar qualquer indício de que aquilo fora uma brincadeira. Kutov encarou-a de volta, seus olhos brilhantes e ameaçadores. Ursula sustentou o olhar, fazendo com que ele baixasse os olhos. Então Kutov bateu na mesa e riu como um homem absolutamente incapaz de ser ofendido. Era corpulento, sem pescoço e forte. A mesa inteira balançou quando ele a golpeou.

— A senhora tem senso de humor, Frau Paulus. Gosto disso. E me lembrou de um jogo que costumávamos fazer no Exército Vermelho.

O jogo envolvia tentar não piscar o maior tempo possível enquanto alguém batia palmas diante de seus olhos. Kutov foi o responsável por bater palmas, eliminando Bolon após dez segundos; Ziegel, após trinta. Lewis quase sobreviveu a um minuto, mais por fadiga do que por habilidade; o jogo foi vencido facilmente por Ursula, que só perdeu após três minutos, quando Kutov de repente apelou gritando “Rá” para ela.

Kutov então cantou uma melancólica canção folclórica russa, e Lewis não conseguiu decidir se ele era uma alma sensível ou um horrendo sentimentalista. Lewis estava pronto para partir quando Ziegel sugeriu outro jogo.

— Quando matávamos tempo antes dos desembarques, costumávamos fazer esse jogo chamado “Se não fosse a guerra”. Isso nos ajudava a conhecer melhor os novos recrutas. Vocês conhecem? É fácil. Você só tem de dizer o que estaria fazendo neste momento caso não tivesse havido guerra. Coisas boas, coisas ruins,

não importa. Mas precisa ser verdade. Os outros podem interrompê-lo e desafiá-lo caso não acreditem ou queiram saber mais.

Kutov bateu de novo na mesa em sinal de aprovação.

— Excelente. Não conheço o jogo, mas já gosto muito dele!

Lewis captou o olhar de Ursula. Arregalou os olhos em medo fingido. Estava pronto para se recolher, no entanto, uma sensação de obrigação e alguma curiosidade o mantiveram em sua cadeira.

Ziegel continuou:

— Eu tenho a garrafa na minha frente para indicar que estou falando. Circulamos para a esquerda. Eu começo. Bom e simples. Certo. Se não fosse a guerra, eu... ainda estaria vendendo seguros de vida na Filadélfia. Se não fosse a guerra, nunca teria visto a Torre Eiffel. Se não fosse a guerra, provavelmente agora teria quatro filhos em vez de dois. Se não fosse a guerra, teria alguns quilos a mais. É isso. É o que falarei por ora. Você pode passar a garrafa quando quiser. Esteja a postos.

Ele passou a garrafa para Kutov.

Kutov a tomou na mão. Os dedos do russo eram grossos e cobertos de cortes. Acariciou a garrafa com a outra mão, e uma atmosfera solene tomou conta da sala.

— Se não fosse a guerra — começou com voz triste, fazendo a seguir uma pausa de vários segundos. Os outros se prepararam para uma história cheia de atrocidades; lembranças de como os russos tiveram o maior custo humano da guerra. — Se não fosse a guerra, esta noite eu estaria em Leningrado com minha esposa.

Outro silêncio. Ninguém sabia ao certo o que fazer com aquilo. Ele parecia abandonado, quase arrasado; suspirou histrionicamente por narinas latejantes.

— Sinto muito, Vasily — lamentou Ziegel, estendendo a mão para tocar as do bruto.

Kutov de repente brilhou. Um enorme sorriso conspiratório quebrou sua pose de seriedade.

— E todos os dias eu agradeço às estrelas não estar com aquela vaca!

O alívio tornou o riso mais alto.

— Então. Se não fosse a guerra... — disse Kutov, pensando um pouco mais. — Se não fosse a guerra, eu ainda estaria com esposa e três filhos: minha Masha, minha Sonya e meu Piotr. Seria um pai ruim, que grita o tempo todo. Estaria trabalhando no Departamento de Comunicações. Estaria pescando em buracos no gelo nos fins de semana. E, se não fosse a guerra, não teria desculpa.

Ele parou novamente.

— Desculpa? — perguntou Bolon.

Kutov bebeu a vodca de um gole só e voltou a encher o copo. Depois se levantou abruptamente.

— Se não fosse a guerra... — disse, erguendo a cabeça para revelar um peito forte; a barriga estava tomada por cicatrizes pretas. — Isto por roubar uma vaca. Um fazendeiro em Polzin.

— E onde está esse fazendeiro agora? — perguntou Bolon.

Kutov apontou para o chão.

— Mu! — disse Ziegel. — Boa história, coronel! Boa história.

Kutov então passou a garrafa para Bolon.

Lewis não conseguia definir o francês. Certamente não era soldado. Um funcionário público? Talvez um acadêmico?

— Se não fosse a guerra... eu não estaria desfrutando desta experiência internacional de camaradagem... — começou.

Kutov aprovou a escolha da palavra e exigiu quatro brindes e saudações de cada delegado.

— Camaradas!

— Se não fosse a guerra... — continuou Bolon —, eu não estaria aqui, claro, estaria ainda trabalhando em Beaune. Se não fosse a guerra, eu teria terminado meu doutorado. Se não fosse a guerra eu... ainda estaria com Angèle. Se não fosse a guerra, nunca teria conhecido minha esposa.

— O Senhor dá e o Senhor tira — disse Ziegel.

— O que aconteceu com essa garota, Angèle? — perguntou Kutov.

— Eu estava em Paris quando os alemães invadiram. Não consegui voltar a Beaune. Angèle era secretária do departamento. Não tinha nenhum lugar para ficar...

— Já entendemos, Jean... Já entendemos — disse Ziegel.

Ziegel era de longe o mais visivelmente bêbado, mas Lewis não ficava muito atrás; certamente cairia caso se movesse. Apesar disso, aceitou outra dose do russo. Estava se mostrando eficaz em conter a maré.

— E onde está essa Angèle agora? — quis saber Kutov.

— Ela foi presa. Meu professor a denunciou às autoridades alemãs. Era judia. Eu deixei a universidade depois disso. Mas... conheci minha esposa, Juliette. Então. *Comme ça...* é o bastante por ora.

Bolon passou a garrafa para Lewis.

— Coronel Morgan. Vejo histórias em você.

Ah, sim, Lewis estava cheio de histórias — sua vida tão marcada pelas consequências da guerra quanto qualquer um —, porém não estava pronto para contá-las. Não naquela mesa, nem em nenhuma outra. Não tinha estômago para comparar cicatrizes. Durante a hora anterior, ele estivera fumando praticamente em uma fuga, tentando se esconder atrás de uma cortina de fumaça.

— Coronel?

Ele passou a garrafa para Ursula.

— Lamento, me deu um branco. Sua chance, Fräulein.

— Você tem de dizer uma coisa, coronel. Qualquer coisa.

— Volte para mim — falou. — Agora você.

Ursula colocou a mão ao redor da garrafa.

— Se não fosse a guerra... eu ainda estaria casada — disse ela. — Poderia ter filhos. E teria gostado de ter quatro. Ainda estaria lecionando em Rügen. Não teria perdido um irmão para... o regime. Se não fosse a guerra, eu nunca teria caminhado sobre um mar congelado.

— Estava fugindo de nós? — interrompeu Kutov.

Ursula anuiu.

Ele riu.

— Você achou que esses ingleses a tratariam melhor!

Ursula olhou para o russo.

— Sim.

— Eles não tiveram de encarar o que nós encaramos — retrucou o homem.

Demorara até aquele momento, mas o orgulho daquele que sofrera mais finalmente vinha à tona.

— Há algumas coisas que a guerra não perdoa, coronel. O que quer que tenham encarado.

— Continue, srta. Paulus — pediu Ziegel.

— Se não fosse a guerra... eu não teria caminhado de Rügen a Hamburgo. E visto pelo caminho... quão cruel o homem pode ser. E quão... bondoso.

— Detalhes, Fräulein! Detalhes! — cobrou Kutov.

Ursula olhou feio para o russo. Ele a havia testado o dia inteiro. Parecia quase orgulhoso de conquistar sua indignação.

— Se não fosse a guerra, eu não teria visto a crueldade de soldados russos violentando uma senhora e depois espancando-a até a morte. Se não fosse a guerra, não teria visto a bondade de seu líder, convencendo seus homens a me poupar e me deixar partir.

Kutov imediatamente descartou isso com um gesto e completou:

— Considere-se sortuda.

Houve outra competição de encaradas entre Ursula e Kutov, a qual foi vencida por Kutov sorrindo para ela e dando uma gargalhada em seguida. Contudo, dessa vez, os outros não riram com ele. Lewis estava contente por ter recomendado Ursula para um posto em Londres e ela ter aceitado. Se ela e Kutov passassem um mês próximos assim, certamente haveria um incidente internacional.

Ziegel tentou avançar:

— Então, coronel, tem uma vantagem injusta sobre todos nós agora. Não sabemos nada sobre você.

Lewis tamborilou na mesa.

— Gostaria de me recolher. Começamos cedo.

— Vamos lá. Quão ruim pode ser, coronel? — insistiu Ziegel.

— Este não é meu tipo de jogo, cavalheiros.

Ursula estava agitada pela discussão com Kutov, e essa agitação se voltou para Lewis.

— O senhor escutou todos os outros. É justo que partilhe algo.

— Certo — concordou Ziegel, batendo na mesa. — Precisa colocar algo na mesa, coronel. Todos expusemos nossas almas. Jogo limpo.

Ursula pegou a garrafa e colocou-a diante de Lewis. Ele encarou o recipiente, mas não o pegou. Impaciente, Ursula tomou a garrafa de volta e pousou-a diante de si.

— Muito bem. Como sua intérprete, traduzirei para o senhor. Acho que sei o que o coronel está dizendo.

Ursula olhou para Lewis, e ele de repente quis tomar a garrafa das mãos da moça.

— Se não fosse a guerra, o coronel Morgan não estaria aqui para me oferecer um emprego. Eu não iria para Londres. Então, obrigada por isso. Se não fosse a guerra, o coronel Morgan poderia estar levando uma bela vida em algum lugar da Inglaterra ou de Gales. Não sei. Se não fosse a guerra, o coronel Morgan poderia ter passado mais tempo com a família. Se não fosse a guerra, ele não teria perdido um filho e depois tentado permanecer tão ocupado e trabalhando tanto para não precisar pensar nisso. Embora esteja lá. Em seu coração.

E, com isso, Ursula moveu a garrafa diante de Lewis para o centro da mesa.

Kutov aplaudiu. Ziegel balançou a cabeça em sinal de aprovação.

Lewis podia sentir algo crescendo dentro dele, em seu rosto e seu peito. Ele lutara muito para conter aquele fantasma, mas agora ele o pressionava, cobrando o que lhe era devido. As lágrimas estavam vindo, e ele teve de engolir para evitá-las. Levantou-se. A insensibilidade pastosa da vodca parecia ter se concentrado atrás de suas coxas, e ele se equilibrou. Colocou a mão sobre a de Ursula — muito de leve — e deu um tapinha.

— Boa tradução.

Ele se curvou para os homens.

— Vou me recolher. Cavalheiros. Frau Paulus. Boa noite.
Spokoynoy nochi. Bonne nuit. Gute Nacht.

Richard reduziu a velocidade para desembarcar Rachael diante dos portões dos Burnham. Ao fazê-lo, deixou o motor do Austin morrer, o solavanco obrigou-a a colocar uma das mãos sobre o painel.

— *Dieses englische Auto ist Scheiße!* — murmurou, depois ficou profundamente constrangido com a explosão. — *Entschuldigung.*

Mesmo sem suas aulas diárias, ela teria entendido muito bem essas palavras.

— Não se preocupe, Richard. É só o frio. Eu concordo, não é o melhor carro do mundo. Obrigada por me trazer. Na verdade, é muito mais perto do que pensei — falou, acompanhado de gestos de mão para compensar: dedos imitando pernas caminhando, mão indicando pequena distância e então um leve toque tranquilizador no braço dele.

— A senhora é uma boa dama — disse ele em inglês.

Enquanto subia a rampa dos Burnham, Rachael se sentiu ao mesmo tempo lisonjeada e desconfortável com o cumprimento de Richard. Ela não se sentia uma “boa dama”. Os acontecimentos ilícitos das semanas anteriores certamente a desqualificavam para tal elogio.

Se alguém podia ver além de tal alegação era Susan Burnham. O convite para um chá naquele momento parecia uma possível emboscada. Os sentimentos expostos de Rachael, sua situação, eram exatamente o tipo de carne com a qual Susan adorava se alimentar. Enquanto eles tomavam chá na impressionante sala da frente de Susan Burnham, Rachael decidiu oferecer uma diversão.

— Imagino que tenha ouvido falar sobre Herr Koenig? O tutor de Edmund?

— Sim. Keith contou. Polícia secreta. Espero que seja fuzilado. Rachael concordou com um gesto de cabeça.

— Vocês não verificaram o histórico dele?

— Sim. Mas obviamente não era o que ele nos contou — concluiu Rachael. — Ele preencheu seu formulário como todos os outros. Apenas evitou as categorias incriminadoras. Disse que havia sido diretor de escola em Kiel. Lewis o achou confiável.

— Como o pegaram?

— Alguém que o conhecia o denunciou.

— Bem. O processo de triagem de seu marido deixa muito a desejar.

Em vez de defender Lewis, Rachael levou a xícara de chá aos lábios e queimou-se. Soprou a superfície do chá, criando pequenas ondas, e estudou a xícara. Rachael tinha um fraco por louças. Ela conhecia porcelana, e aquele era um impressionante conjunto decorado no refinado padrão Zwiebelmuster. Ergueu a xícara e procurou embaixo dela a marca do fabricante, e lá estava o emblema azul de espadas cruzadas, indicando a cidade do Elba perto de Dresden que fabricava a melhor porcelana do mundo. Curioso que aquela xícara tivesse sido feita em uma cidade junto ao mesmo rio que corria a algumas centenas de metros dali. Em abril, Rachael e Lewis faziam vinte anos de casados; ele sempre dera presentes no material apropriado das bodas. Vinte anos era porcelana.

— Meissen — disse ela.

— Vem com a casa. O lugar está cheio dessas coisas.

A casa dos Burnham era mais grandiosa do que Susan revelara. Ela exagerara tanto a magnificência da Villa Lubert que Rachael a imaginara vivendo em circunstâncias muito menos salubres do que aquelas. Embora não tendo as dimensões da casa de Lubert, era perfeitamente esplendorosa a seu modo, e talvez também um pouco refinada demais, um pouco culta demais para gente como Susan

Burnham. Não que Rachael fosse dizer isso. Elas eram cucos incultos nos ninhos elegantes de outros pássaros.

— Eu os teria convidado para o Natal, mas não o celebramos com muita intensidade; Keith não suporta.

— Gentil de sua parte dizer isso. Tivemos um bastante bom.

— Seu maridinho está sempre fora. Acho que só o encontrei uma vez desde que estamos aqui.

— Acho que parte dele fica contente de sair.

Não era o que Rachael pretendia dizer, e Susan Burnham farejou sangue.

— Ele levou a intérprete com ele?

— Não disse. Imagino que sim.

— Keith comentou que a viu outro dia no almoço. Falou que Lewis tem “uma deusa como intérprete”. Meu maridinho costuma ser cego para essas coisas, então ela deve ser bonita. Você não verificou, verificou?

— Não.

— Isso não a deixa... só um bocadinho desconfiada? Ouviu falar do capitão Jackson?

Rachael não ouvira — nem queria ouvir — falar do capitão Jackson, mas Susan lhe contaria assim mesmo.

— Ele fugiu para a Suécia com a intérprete. Deixou três filhos. Não escreveu nem sequer um bilhete.

— Por que está me contando isso, Susan?

— Porque olho para vocês dois e fico pensando em como consegue. Eu me preocupo com você.

Rachael não estava certa de que acreditava naquilo. Era preocupação ou lascívia que movia sua amiga?

— E quanto a você? Como está Keith? Não o vejo desde... aquela noite.

— Meu Deus. Acho que ele nem se lembra — disse Susan, e riu. Mas a referência a isso a fez parar. — Ele é selvagem quando está bêbado. Temo que tenha ficado pior desde que viemos para cá.

— Ele parecia estar com muita raiva.

— É o trabalho. Keith está em uma missão. Ele não quer que eles se safem.

— Eles?

— Os nazistas.

— Não. Nenhum de nós quer.

— Bem. Ele foi profundamente afetado pelas fotos dos campos. Pediu transferência para o programa de desnazificação na semana em que as fotografias foram divulgadas. Ele se sentiu chamado a extirpar aquele mal.

O olhar de Rachael pousou em uma fila de arcas de chá junto à parede. Imaginou que tivessem acabado de chegar da Inglaterra.

— Ainda estão desempacotando?

— Estamos mandando coisas de volta.

— Mas você tem espaço suficiente...

— Estamos... você sabe... enviando algumas... coisinhas.

— Coisinhas?

— Ah, vamos lá, Rachael. Espólios de guerra. De qualquer modo, são todos bens roubados. Aquelas pinturas em sua casa: acha que Herr Lubert não tem sangue nas mãos?

Como eu fui idiota, pensou Rachael.

— Eu não... sonharia com isso.

— Para vocês não é problema.

— Por quê?

— Vocês vêm de casas boas. Têm heranças e antiguidades finas. Nós viemos do nada.

— Isso não é verdade. Nem Lewis, nem eu viemos de situações privilegiadas.

Uma empregada entrou com uma travessa de tortinhas.

— *Nein!* Por Deus! — disse Susan Burnham enquanto a mandava para o aparador. De repente ela estava muito atordoada.

Rachael começou a limpar a boca com o guardanapo. Queria sair daquela casa.

— Ele não a conquistou, certo? — perguntou Susan.

— Quem?

— Seu belo arquiteto.

Rachael não conseguiu deter o mecanismo que ligava sua consciência e o fluxo de sangue para o rosto.

— O que você... quer dizer?

— Vi como você saiu em defesa dele quando o vaso quebrou.

— Era a casa dele, Susan. Estávamos quebrando as coisas da casa... As coisas *dele!*

— Você sabe o que quero dizer.

— Não. Eu não sei o que você quer dizer.

— Quando você foi na direção dele, para impedi-lo de acertar Keith, o modo como se olharam...

— Susan! Por favor.

— Bem, tome cuidado. Eles não são como nós. São diferentes. Muito diferentes. Não que eu o culpe.

— Pelo quê?

— Por querer tirar vantagem.

— Por favor, Susan.

— Você é uma senhora atraente. E praticamente ignorada. Só estou dizendo isso porque a invejo.

— A mim?

— É tudo mais complicado — respondeu ela. A pele de repente estava ficando manchada ao redor dos olhos e do nariz, grandes marcas de emoção brotando. — Odeio estar aqui.

— Achei que gostasse.

— Eu demonstro coragem. Você fica boa nisso quando é casada com um bêbado — disse, dando um riso nervoso e frívolo para tentar amenizar, embora a palavra tivesse sido dita.

As Forças Armadas estavam cheias de alcoólicos, Rachael, porém, não contara o major Burnham como um deles.

— Não me dei conta de que era tão ruim.

Susan Burnham de repente colocou a mão sobre a de Rachael.

— Você não conta a ninguém? Por favor, não conte a ninguém.

— Não.

— E também sobre a outra coisa.

— Que outra coisa?

Susan Burnham olhou para as arcas cheias que esperavam serem embarcadas.

— Sobre a porcelana e o resto.

* * *

Edmund espalhou um baralho com a face para baixo sobre o chão de seu quarto enquanto Frieda ficava deitada a seu lado, o corpo esticado sobre o tapete, a saia subindo até as coxas. Estava examinando a costura no pescoço de Cuthbert. Desde a projeção de Natal, Frieda começara a ser mais amigável com ele, e Edmund tentara se dissociar do soldado de pano e de qualquer outra brincadeira que ela pudesse considerar juvenil. Nada de correr com carros Dinky sobre o patamar ou caçar feras imaginárias no jardim. Agora eram apenas filmes e cartas.

— O soldado inglês está melhor — disse Frieda, em um inglês muito melhor do que Edmund achava que ela possuía. — Ele é um soldado real?

— É um granadeiro.

Edmund queria continuar com o jogo da memória, mas Frieda passava um dedo sobre a costura de Cuthbert, para cima e para baixo da barretina, sorrindo sozinha. Talvez fosse oferecer uma confissão completa.

— Sua mãe o deixou melhor. Que o *stummen Diener*.

Edmund deu de ombros com desinteresse para mostrar que havia superado soldados e elevadores de pratos. Estava olhando para as pernas nuas dela e posicionara-se de modo a vê-las com mais facilidade. Ele se sentia atraído por Frieda de uma forma que desafiava o bom senso ou sua plena compreensão. À noite, quando achava difícil dormir, sua mente continuava a voltar à demonstração atlética dela, à calcinha branca funda na reentrância de suas coxas e ao cheiro cítrico de amônia de seu mijo no urinol. A partir desses

momentos, ele conseguia produzir toda uma sequência de novas fantasias.

Fingindo espalhar melhor as cartas no tapete, ele roçou a mão na pele dela e deixou-a ali. Ele já a tocara em suas deliciosas aventuras mentais. Mas fazer isso na vida real... Aqueles eram os jogos que queria praticar. Queria acariciar a pele dela ali, em um circuito acima do joelho, esfregá-la como se limpasse vapor de uma janela. Esse pensamento parecia se ligar a sua virilha, onde teve uma sensação crescente. Queria que sua mão continuasse a subir na direção da brancura impossível daquela calcinha até atingir o material. E então o quê? Ela apertaria as coxas, prendendo sua mão entre as pernas?

Frieda não deu sinal de que tivesse notado o toque. Pousou Cuthbert e voltou sua atenção para a casa de bonecas, ajoelhando-se e observando a disposição dos bonecos. Apontou para o pequeno boneco no quarto.

— Este é você. Esta — disse, apontando para a boneca ao piano — é Frau Morgan. Estes são meu pai e eu — continuou, indicando as bonecas no teto.

Edmund anuiu. Ele queria voltar para o outro jogo, mas Frieda parecia muito interessada em sua recriação. Trocou a boneca Frieda pela boneca que representava Rachael, colocando Frieda com Edmund no primeiro andar e a mãe de Edmund com Herr Lubert no teto. Depois colocou os adultos juntos no quarto principal. Pareceu se divertir com aquele arranjo. Edmund também riu, embora na verdade não estivesse certo se era engraçado. A visão do boneco Lubert e da boneca Mãe juntos no quarto lhe provocou uma sensação estranha.

— Onde está o pai de Edmund? — perguntou Frieda.

Edmund apontou para o carro em uma ilha de roupas junto ao cavalo de balanço.

— Helgoland.

Ela se levantou e foi até o cavalo, acariciando suas costas lustrosas, e colocou o pé sobre o carro. Ela o empurrou para a frente e para trás sobre o carpete.

— Você pode mandá-lo de volta — disse Edmund.
— Agora?
— Agora.
— Com o pé, Frieda empurrou o carro de volta sobre o tapete, com força suficiente para que batesse na lateral da casa de boneca e virasse de lado.

* * *

Rachael podia ver algo se movendo na floresta: figuras rastreando-os em paralelo, passando da proteção de uma árvore para outra. Enquanto olhava, desacelerou e puxou o braço de Lubert, forçando-o a olhar também.

— Acho que estamos sendo seguidos.

Lubert olhou para as árvores.

— *Trümmerkinder*.

As figuras pararam e espiaram detrás de uma árvore. Uma delas parecia carregar uma vara comprida que lembrava uma lança. Poderia ser da mesma idade de Edmund.

— Não se preocupe com eles. Apenas acham que somos refugiados ou amantes passeando pelo parque.

O termo "amante" pareceu leve demais para Rachael. Ela descobrira que ser amante exigia mais dissimulação e habilidade, mais conspiração e planejamento do que os escritores de ficção romântica gostavam de reconhecer. Eles haviam passado muitas noites diante do fogo, conversando profundamente, no entanto, a casa era toda ouvidos e olhos e, com os meses frios mantendo todos do lado de dentro, não havia lugar para intimidade fácil. Mesmo aquela breve escapada exigira que ela saísse de casa primeiro e ele a seguisse depois: ela para "tomar um pouco de ar", ele para "procurar madeira". Lewis estava fora havia quase dois meses e, ainda assim, aquela era a primeira vez que conseguiam encontrar tempo para ficar totalmente sozinhos desde a noite de Natal.

Enquanto caminhavam pelo Jenischpark, ela pensou que o inverno era a estação ideal para um caso. Muito mais fácil para que corpos furtivos conseguissem anonimato quando tudo estava coberto. A distância, todos pareciam iguais, e, naquele dia, tanto ela quanto Lubert estavam tão bem cobertos — ela de galochas e casaco preto de lã; Lubert com um gorro de esqui e carregando uma mochila com o combustível para a cabana do guarda florestal — que poderiam tranquilamente ter passado por dois desalojados seguindo para o campo mais próximo.

O parque ficava a apenas quinze minutos de caminhada da casa, mas parecia outro país. A neve estava intocada, a não ser por pegadas de cervo. Sincelos pendiam das arquitraves da grande casa no centro do parque. Enquanto andavam, Lubert contou a história do lugar.

— O paisagismo é de um homem chamado Casper Beck. Um homem talentoso. Embora uma figura um tanto trágica. Ele tentou encontrar uma linguagem universal em sua obra e fracassou. Caiu em desespero e tirou a própria vida.

Conforme se aproximavam da cabana do guarda florestal, ele explicou como as ligações familiares de Claudia haviam lhes dado licença para caçar no parque e acesso particular ao local. A cabana era uma tolice, uma simulação de cabana de toras ao estilo americano, debruçada sobre um lago que no verão era uma piscina particular. Com neve e cercada por pinheiros, lembrava perfeitamente um abrigo em uma fronteira solitária. Lubert pegou uma chave, espanou neve e gelo do cadeado e abriu-o.

Dentro, a cabana era mobiliada com cadeiras de madeira grossa e tapetes. Um apoio de arma e uma cabeça de cervo decoravam a parede acima da lareira, onde um forno fora colocado. Lubert tirou de sua sacola material para fazer fogo — uma arca de chá partida, um exemplar do *Die Welt* — e começou a acender. O piso estava coberto de insetos mortos e secos que estalavam e eram esmagados sob seus pés. Rachael os varreu por baixo da porta com o galho de um pinheiro e limpou o espaço diante da lareira, onde estendeu

todos os tapetes, a fim de fazer uma cama. Depois se sentou e observou Lubert cuidar do fogo. Ele esperou que a chama inicial morresse, depois acrescentou carvão, colocando cada um dos pedaços entre os ramos que queimavam. Então se juntou a ela na cama de tapetes e observaram o fogo fazer seu trabalho, sentados como escoteiros em um acampamento. Apesar do significado do que ela, do que eles estavam fazendo, Rachael não conseguia deixar de pensar que o caso ainda parecia uma brincadeira de criança.

A neve de suas roupas começou a virar vapor ao redor deles. Lubert tirou gorro e cachecol, e Rachael fez o mesmo. Ele então a beijou e, segurando a cabeça dela com uma das mãos, deitou-a de costas. Eles se beijaram por um longo tempo, então começaram a fazer amor, dessa vez mantendo a maioria das roupas. Não foi igual àquela primeira noite. A temperatura exigia pressa e movimentos desajeitados. Porém, apesar das roupas, Rachael se sentiu mais exposta do que quando se deitara nua com ele pela primeira vez. Estava consciente demais de si mesma naquela vez, e consciente demais da pressão do tempo e da vida. Depois ficaram deitados de costas, olhando para as teias de aranha nas vigas acima. Ela ficou pensando em quanto tempo poderiam manter a realidade do mundo afastada.

— Quando voltar a trabalhar, vou projetar cabanas ao estilo do Oeste americano — anunciou Lubert, levantando-se e começando a desenhar algo com o indicador no vidro embaçado. — Isto é tudo de que as pessoas realmente precisam.

— Quando conseguirá seu certificado?

— Logo. Embora aquele major pareça determinado a descobrir algo. Alguma coisa que prove que não estou limpo. Imagine se pudesse nos ver agora...

— Não — disse ela.

Nenhum deles estava limpo, contudo, a ideia de Burnham descobrir aquele caso fazia Rachael se sentir especialmente suja.

Lubert continuou a desenhar com o dedo no vidro da janela.

— Uma sala, mas com um jirau e uma varanda maior. Acho que é tudo de que precisamos.

Ela o observou com genuíno prazer. Estava no auge quando imaginava. O que ela inicialmente considerara insolência presunçosa era, na verdade, um entusiasmo simpático e criativo. A disposição de Lubert de conversar e levá-la a conversar sobre qualquer coisa — religião, casamento, arte, dor, perda e morte — era inesgotável. Pareciam ter partilhado mais naquelas poucas semanas do que ela o fizera em vinte anos com Lewis.

— Basta de vilas para milionários. Chega de encomendas para comerciantes hamburgueses bem alimentados e despreocupados querendo superar seus vizinhos. A partir de agora, desenharei prédios para o bem maior — disse. Ao terminar, recuou para que ela visse e perguntou: — Aí está. O que acha? Conseguiria morar nela?

Rachael olhou para o desenho no vapor na janela, uma estrutura inteira sugerida por algumas poucas linhas. Porém, na verdade, era uma impossibilidade bidimensional, fornecendo respostas para questões práticas crescentes — sobre Edmund. E Lewis.

— Acho que sim.

— Comigo? — perguntou, com intenção mais séria.

Um capacete de soldado inglês de repente apareceu na janela em meio à planta desenhada. Rachael se sentou, cobrindo-se. A figura bateu na janela e pressionou o rosto sobre o vidro. Era um rosto pobre. Um dos *Trümmerkinder*.

— *Weg!* — berrou Lubert, batendo no vidro.

O garoto fez um gesto obsceno com indicador e polegar e continuou a encará-los, sorrindo alegremente. Lubert foi até a porta e expulsou-o. Uma rajada de ar frio penetrou no calor abafado, e Rachael apertou mais o casaco. Levantou-se e foi até a janela olhar. Lubert o perseguira alguns metros e atirara uma bola de neve nele. O garoto desapareceu na floresta, gritando palavras que ela não conseguiu traduzir.

Lubert voltou, rindo.

— Moleque. Pelo menos perdeu o show.

Rachael abotoou o casaco, desconfortável com a ideia de sua intimidade ser um espetáculo.

— Certo — disse Lubert, espanando o gelo das mãos. — Hora do nosso piquenique.

Enfiou a mão na sacola e tirou um pedaço de queijo, um pote de picles, meio pão, um pote de porcelana com margarina e uma pequena garrafa de schnapps de pera. Lubert levava uma toalha de mesa xadrez e alguns talheres, além de duas taças de metal. Organizou tudo de forma precisa, como um homem que já fizera aquilo antes.

— Você vinha aqui com Claudia?

Um lampejo de aborrecimento passou por seus traços.

— Claro. Por quê?

— Desculpe. Ela... Apenas tenho curiosidade para saber como ela era, só isso.

— O que gostaria que eu dissesse? — Ele soava defensivo agora.

— Não sei. Apenas seja honesto.

Lubert suspirou. Aparentemente, aquela reminiscência não estava em seus planos.

— Ela era ativa. Impiedosa com qualquer estupidez. Elegante ao ponto de ser ofensiva. Boa em tirar o melhor das pessoas. Teimosa. Uma introvertida que era uma *socialite*. Leitora, mas não muito lida. Amante de música, mas sem ouvido musical. E uma pessoa melhor do que eu.

— Por que melhor?

— Ela teria demonstrado... mais autocontrole em uma situação como a minha.

— Isso a torna melhor do que eu?

— Não. Quero dizer que nunca teríamos partilhado a casa, para começar.

— Ainda sente falta dela, não? — perguntou, embora não fosse realmente uma pergunta.

— Durante algum tempo, quase até sua chegada, eu não conseguia pensar em muito mais. Depois da tempestade de fogo,

passei meses procurando por ela. Esqueci de tudo e todos. Especialmente de Frieda. Ela sofreu com isso. Acho que foi quando perdemos o contato. E ainda não o recuperei. Mas sua chegada... sua chegada mudou tudo. — Olhou para ela, querendo que aceitasse aquilo como verdade. — Mas agora vejo que você está pensando demais.

— Desculpe. Acho que foi aquele garoto estranho.

O menino com o rosto de gárgula que a assustara, estourando sua bolha idílica.

Lubert serviu um pouco de schnapps em uma taça e deu a ela.

— Você está pensando. Pensando sobre esta situação, sobre o que estamos fazendo.

Até aquele dia, ela não se permitira ver claramente o que estava fazendo, e aquilo apenas penetrara em sua visão periférica; apesar disso, fora o suficiente para que ele percebesse.

— Também tenho esses pensamentos — confessou Lubert. — Seu marido foi gentil. E confiou em mim. — Tomou a mão dela. — Mas o que temos é precioso, não? Nós nos entendemos. Você me fez sentir novamente. E acho que eu fiz o mesmo por você.

Ela se inclinou para a frente e beijou-o com ternura. Era mais fácil pensar naquelas coisas ali, naquela cabana. No presente.

— Eu quase sinto que tenho de me afastar para pensar. Longe da casa e de seus fantasmas. Algum lugar onde possamos conversar sem medo de sermos ouvidos ou vistos.

— Então eu a levarei a um lugar. Levarei à cidade mais bonita da Alemanha. Lübeck. A cidade onde nasci. Durante alguns dias. Podemos pegar o trem na Hauptbahnhof. Conheço um lugar em que podemos ficar. Um belo hotel. Heike e Greta podem cuidar das crianças. Podemos fazer isso, Rachael. Podemos ir amanhã, semana que vem.

Ela não podia imaginar tanto à frente. Fazer aquilo significava pensar em outras responsabilidades.

— Rachael?

— Sim. Sim. Mas não vamos conversar sobre isso ainda.

Ozi pagou a Hokker os mil cigarros e foi pegar a arma com um homem chamado Grün, que morava em um apartamento em Altona. Grün, que significa verde em alemão, tinha quase a cor do seu nome: tinha a palidez de uma xícara de chá barata e vestia um terno jaquetão e um chapéu como o de Hokker; tinha dois dentes de ouro que se esforçava para mostrar, achando tudo que Ozi dizia engraçado a ponto de exibi-los. A arma estava enrolada como um bebê em um cobertor sobre uma cama dobrável no canto da cabana fedorenta. Grün jogou o cobertor para trás, a fim de mostrar a Ozi o material.

— Mosin-Nagant 91/30 com mira Carl Zeiss 4x. Praticidade russa. Precisão alemã. E duas caixas de munição.

A arma era um objeto impressionante e de aparência honesta, e Ozi acariciou o cano frio até a boca, anuindo com conhecimento, fingindo ser um especialista em tais coisas.

— Parece boa o bastante — disse ele.

Grün riu do garoto.

— Claro que sim. É a arma que ganhou a guerra para a Rússia. Está com minha gorjeta?

Hokker dissera a Ozi que Grün tinha de receber uma gorjeta em ouro ou joias. Berti dera a Ozi um colar de granada, e ele o tirou do bolso e deu a Grün, que segurou a joia junto à lâmpada nua.

— Não são rubis. Mas servirá — disse, mordendo uma pedra. Satisfeito, o embolsou. Depois cobriu a arma e entregou-a a Ozi. — Então, para que é isso?

Ozi tinha instruções rígidas de Berti de dizer que a arma era para caçar.

— Vou acertar uns coelhos com ela. Também posso tentar em um daqueles corvos gordos que flutuam rio abaixo. Por que deixar os desgraçados vivos quando estamos todos com fome?

Grün olhou ceticamente para Ozi.

— Você não deveria estar na escola ou algo assim?

— Minha escola é uma pilha de tijolos. Mas eu vou às palestras dos ingleses. Pergunte alguma coisa sobre o estilo de vida britânico. O rei de Windsor. Eu sei.

— Sabe mesmo, não é?

Ozi levava sua maleta para o trabalho. Abriu e acomodou a arma na diagonal no compartimento de cima. Enfiou as duas caixas de munição no canto e fechou a maleta.

— Bem, espero que derrube uns belos faisões gordos com a arma. Parece que alguma carne não lhe faria mal.

Ozi pegou o bonde para o alto de Elbchaussee, depois caminhou ao longo da estrada até a casa de Petersen. Enquanto andava, começou a pensar para que realmente seria a arma, e quanto mais pensava nisso, mais pesada ficava a mala. A cada cem metros, ele precisava parar para trocar de mão e esfregar os fundos vincos vermelhos deixados pela alça. Berti estava bolando um plano para ferir o inglês. Ele não dissera o quê, mas que era algo grande. Ozi tentara explicar a ele que o inglês não era tão mal, porém, as ideias de Berti eram difíceis de mudar. Eram firmes como pedra. Não era o que a mãe deles tinha dito? Era o que acontecia quando você não conseguia esquecer um mal: você virava pedra. Berti não conseguia esquecer o que acontecera nos ataques aéreos, vendo seu amigo Gerhardt virado ao avesso. Não podia perdoar o inglês por aquilo ou pelo que acontecera à mãe deles, seus primos, tias, tios e todos os outros na grande tempestade de fogo. O remédio ajudara, mas ele ainda tinha pesadelos. E não estava dormindo o suficiente. Talvez o remédio mais forte o ajudasse.

Ozi pegou a maleta e continuou pela estrada, discutindo em voz alta.

— Eu podia jogar a arma no rio e dizer a Berti que fui perseguido por ingleses.

— *Berti vai descobrir.*

— Eu podia jogar fora e desaparecer de Hamburgo.

— *Ele iria atrás de você.*

— Eu podia avisar Edmund. Ir até o portão da casa quando ninguém estivesse olhando.

— *Perigoso demais. Se Berti ficar sabendo...*

— Quem pode impedi-lo?

— *Só há uma pessoa capaz de impedi-lo.*

— Quem?

— *Eu.*

— Ele não vai conseguir ouvir. A senhora sabe que sou o único que consigo lhe ouvir, Mutti.

— *Ele reconhecerá minha voz. Se ele me vir, pensará duas vezes... Deixe-me falar com ele.*

— Sim. Ele irá escutá-la. Para a senhora, ele ainda é só o pequeno Berti, que chorava à noite e nos fazia rir ao cantar músicas debaixo d'água. Berti, que escondia suas revistas em quadrinhos nas calças quando sabia que levaria uma surra. E que um dia teve um sorriso como o de Lew Ayres. Não vejo meu irmão sorrir há vários invernos, mas ele irá sorrir para a senhora, Mutti.

* * *

Ozi encontrou Berti cochilando em uma poltrona levada para diante do fogo na sala de jantar. A julgar pela posição do braço e pelo sorriso distante, ele acabara de injetar o novo remédio.

— Oi, Berti.

Albert não percebeu a entrada de Ozi, que preferia quando ele tomava o remédio antigo: pelo menos isso fazia com que se relacionasse com o mundo; o novo remédio o levava para longe.

— Ele não está pronto. Vamos fazer isso outra hora.

— *Tem de ser agora.*

— Mas olhe para ele. Está com aquele olhar dopado. Confie em mim, Mutti, a senhora não quer falar com ele quando está assim.

— *Tem de ser agora!*

Albert abriu um olho e empertigou-se.

— Está com ela?

— Estou, Berti. Tem a praticidade russa e a precisão alemã.

— Você disse que era para caçar.

— Disse que era para caçar, como você me pediu para fazer.

— Onde está?

Ozi abriu a maleta, levantou a arma enrolada em seu cobertor e colocou-a aos pés do irmão. Albert se inclinou para a frente na cadeira, a fim de olhar. As mãos tremiam, e o rosto brilhava. Abriu o cobertor, pegou a arma pela coronha e apoiou-a no ombro. Apontou o cano para a parede, para o teto e depois para Ozi.

Ele não falará agora que tem a arma, pensou Ozi.

— *Confie em mim.*

— Alguém viu você chegar? — perguntou Albert.

— Ele nem sequer me ouviu, Mutti. Como ouvirá a senhora?

— *Deixe que ele me veja.*

— Com quem você está tagarelando? — perguntou Albert.

— Ninguém.

— Sim. Está falando sozinho. Ainda está falando com a nossa mãe?

— Não.

— Estava. Ouvi você dizer o nome dela.

— *Deixe que ele me veja agora.*

Albert se levantou e foi até Ozi, ainda apontando a arma e ajustando o visor ao mesmo tempo.

— Ela quer falar com você, Berti. Diz que sabe que você é o mesmo garoto que costumava sorrir, rir e juntar todas as garrafas em Hammerbrook. Diz que sabe que você viu uma coisa ruim... mas

acha que esse plano de machucar o inglês é ruim. Deve ser um russo. Ou francês. Ou um desalojado idiota da Silésia.

— Ela diz, não diz?

— Sim. Venha, Berti — disse Ozi, gesticulando em direção à maleta. — Venha e veja.

Albert andou até lá.

— Debaixo da parte de cima.

Usando a arma, Albert levantou a divisória para revelar o que havia no compartimento inferior da mala.

Continha a cabeça e a caixa torácica de um corpo meio esquelético, meio fossilizado, o cadáver mumificado e encolhido de alguém apanhado em uma fase específica da tempestade de fogo, vestindo uma roupa de batizado rendada de menina, amarelada pelo tempo e por causa do confinamento. O crânio estava marrom-acinzentado e ainda possuía alguns tufo de cabelos pretos retorcidos e queimados. Estava encolhido como o troféu de um caçador de cabeças.

— *Bombenbrandschrumpffleisch?* — reagiu Albert. — Por que diabo você pegou isso?

— É Mutti. Olhe, Berti. É nossa *Mutti*. Eu a achei na frente da fábrica de café da Wendenstrasse. Três dias depois da grande bola de fogo. Tive de colocar essa roupa nela. Estava nua, e me senti mal. E um pouco dela se quebrou. E as bombas do inglês a deixaram pequena.

Albert olhou para a boneca esquelética.

— É só um cadáver.

— É ela. Olhe. Veja o que está ao redor do pescoço — disse Ozi, apontando para a corrente e a cruz de prata derretidas e disformes. — Ela queria ver você, Berti. E tenho certeza de que se a escutar falando... Você consegue ouvir. Sabe o que ela está dizendo? Eu posso ouvir. Ela está dizendo: "Baixe sua arma. Esqueça o mal!". Como ela costumava fazer. Você não consegue ouvir, Berti?

Albert olhou para o cadáver medonho, e sua boca começou a tremer de desgosto furioso.

— Você ouviu isso? — perguntou Ozi. — Ela realmente fala.

— Seu idiota maluco — disse Albert. — Sua maldita aberração maluca de miolos queimados!

Ele pegou Ozi pela lapela do smoking e puxou-o para perto, encarando-o.

— Você perdeu a cabeça. O calor derreteu seu cérebro. Ela está morta. Morta! Morta! Morta! Morta! Morta!

Ozi continuou a protestar:

— Mas você sabe que ela está certa.

— Não! Ela não está certa, porque está morta! Ela não sabe nada disto porque está morta. Ela não fala porque está morta. Acabada. Adeus. Morta!

— Mas ela diria... ela diria... isso.

— Não, não diria. Ela iria querer que eu fizesse. E Gerhardt iria querer que fizesse, e todos os meus amigos também iriam querer, e nossos primos. E nossas tias e nossos tios. Ela me escutaria... não você. Ela sempre me escutava. Eu era o preferido. Você era uma aberração. Nascido com a placenta!

— Ela disse que era sorte.

— Ela nem mesmo queria você! Eu a ouvi dizer isso ao pai. Você foi um erro. Você era o plano errado.

Albert o empurrou para longe da maleta-túmulo. Depois ergueu o cadáver — leve e frágil como uma gaiola de junco — da mala e levou-o até a lareira. Uma costela caiu no chão enquanto ele a erguia. Ozi se arrastou pelo chão e agarrou o osso, enfiando-o no cinto.

— O que você está fazendo, Berti? Não a quebre.

Albert ergueu o cadáver bem alto, depois o largou nas chamas. O tecido seco da roupa de batizado era como madeira de verão e queimou rapidamente. Ozi tentou interromper a pira, mas Albert empurrou-o para trás e manteve guarda sobre as chamas, observando até que os ossos desmoronassem e a mãe deles se transformasse em cinzas.

* * *

— Você ficará bem aqui... enquanto eu estiver em Kiel? Visitando os Buckman?

— Sim, mamãe. Já me perguntou isso três vezes esta manhã.

Rachael descobrira que um caso exigia um andaime de mentiras para se sustentar, até que — presumia — a estrutura estivesse sólida o bastante para se firmar sozinha. Todo dia parecia exigir que ela adicionasse outra tábuca à construção. Suas interações com Edmund testavam as fundações mais do que qualquer outra coisa.

— Não irei se você não quiser.

— Ficarei bem.

— Será bonzinho? Não vá longe demais. Faça o que Greta e Heike disserem, certo?

— Está bem.

Ela não resistiu a tocar o rosto dele, os adoráveis pelos macios em suas bochechas que um dia endureceriam e virariam barba.

— Tudo bem se mostrar os filmes a Frieda novamente? — perguntou. — Ela me disse que gosta mais de Buster Keaton.

— Claro. Fico contente por ela estar mais amistosa agora.

— Ela antes tinha inveja. Acho que é por não ter uma mãe.

Rachael ficou aliviada ao ouvir que Edmund ainda achava importante ter uma mãe.

— Mamãe, é verdade o que eles dizem? Que haverá outra guerra?

— Estou certa de que não haverá.

— Papai está tentando impedir que isso aconteça?

— Sim. De certa forma, sim.

— A senhora se incomoda de papai ficar tanto tempo longe?

Isso foi bastante inocente, mas Rachael teve de pensar no andaime.

— Sim. Muito — respondeu, e ao dizer não soou como uma completa mentira. — Por que me pergunta isso?

— A senhora não parece mais triste.

Rachael tinha certeza de que a assustadora perspicácia de Edmund não era simplesmente o dom comum a todas as crianças, mas um tipo de aberração resultado de suas próprias distrações e falhas, uma habilidade que ele adquirira rapidamente por precisar dela. Isso a fazia pensar se sua negligência havia sido uma vantagem para ele.

— Mãe?

— Sim?

— Acha que Herr Lubert está limpo?

— Sim. Estou certa disso.

— Não como Herr Koenig.

— Não. Não como Herr Koenig.

A campainha da frente tocou.

— Tudo bem se eu gostar muito de Herr Lubert?

— Claro. Melhor eu ir atender.

Rachael abriu a porta para um capitão querubínico que segurava uma caixa de pastas e um pacote com algumas cartas empilhadas em cima. Seu Volkswagen ainda estava ligado na rampa. Ela, na verdade, ainda não o conhecera, porém, pelas muitas descrições que Lewis dera de seu segundo em comando, adivinhara.

— Sra. Morgan?

— Sim.

— Capitão Barker — disse, estendendo a mão. — Interino de seu marido. Ou substituto, dependendo de com quem fala.

— Bom conhecê-lo. Lewis fala muito bem do senhor.

— Não falará quando vir o que fiz com seu departamento. De qualquer forma, ele pediu que retransmitisse sua mensagem.

O capitão estava animado demais para ser um portador de más notícias, mas uma descarga de adrenalina fez seu coração fibrilar enquanto ele lia uma tira de telegrama colocada no alto da pilha.

— Foi ditado da instalação naval real esta manhã. "Atrasado em Helgoland. Ponto. Logística determina ficar. Ponto. Espero voltar 1 março. Ponto."

Havia pouco ela teria dado um pulinho com a ternura codificada na data primeiro de março — dia de St. Davis, o dia em que Lewis sempre tentava lhe dar narcisos; agora tudo o que conseguia ouvir era o que estava nas entrelinhas. Pare o que está fazendo. Pare enquanto há tempo. Pare antes que seja tarde demais.

Lewis de volta em alguns dias? Ele estivera fora dois meses, mas para Rachael parecera muito mais. O telegrama era um rude retorno a uma cronologia mais real.

— Obrigada.

— Eu deveria ter trazido estes antes. Estavam se acumulando no escritório. Dois meses de atraso, mas antes tarde que nunca...

Barker passou as cartas e o pacote de papel pardo, endereçado a Edmund. Era da irmã de Lewis, Kate, e, a julgar pela maciez e o peso, ela tricotara o suéter de críquete que prometera. Pensar na cunhada trouxe consolo e pesar. Tinha especial afeto por ela.

— E isto é para o coronel olhar quando estiver de volta — disse, dando um tapinha na tampa da caixa e passando-a a ela.

— O que é?

— Apenas outro projeto brilhante que ele iniciou. Não quero que se perca.

Ele se adiantou para ajudá-la a recolocar o pacote no alto.

— Devo carregá-lo para a senhora?

— Não. Obrigada. Eu dou conta.

Rachael ficou pensando se Barker podia ver através da aparência de esposa-modelo do coronel — serena, leal, com um breve interesse pelo trabalho do marido — para dentro do redemoinho interno.

— Lamento não ter vindo antes. Não há paz para os condenados. Imagino que esteja tudo bem aqui. A senhora parece estar dando conta.

— Estamos... todos dando um jeito. Como estão as coisas... no departamento?

— Brincadeiras à parte, realmente não me incomodaria de seu marido voltar antes que toda a maldita coisa desmorone. Ele é um

daquelas engrenagens fundamentais que você só nota quando é retirada.

O elogio era duro de ser ouvido, mas as palavras cálidas de Barker deram a ela um inesperado arrepio de orgulho.

— Seja como for, estou indo — disse Barker.

Enquanto ele descia os degraus até o carro, ergueu a mão para louvar o céu.

— Sol, finalmente!

Rachael o viu partir, sentindo calor na pele. O vento soprava de oeste, em vez de leste, levantando a cobertura cinza sob a qual haviam passado semanas, deixando o céu azul.

Ela entrou, levando as correspondências para o escritório. Colocou a caixa na escrivaninha de Lewis e abriu duas cartas: dois cartões de Natal — um da mãe de Lewis e um da irmã. O cartão da sogra era tipicamente curto e objetivo — Lewis herdara da mãe o desgosto por adornos. O cartão da irmã — mostrando um tordo no galho de uma árvore, as luzes amarelas doentias de uma aldeia idílica brilhando nas encostas — era reconhecidamente de mau-gosto.

Um bilhete rabiscado do lado de dentro dizia:

Caríssima Rach, nas garras do mais terrível inverno. Alan e eu ficamos presos em um hotel Trust Houses em Ross-on-Wye por quatro semanas! Não sei se esta carta um dia chegará a você. Muitas queixas aqui sobre o estado das coisas. Austeridade é a palavra. Ouvi dizer que a vida aí é grandiosa. Verdade que tem empregados? Temos uma ânsia agonizante por sol. O hotel serve refeições desalentadoras produzidas com um tipo de triunfo desanimador que corresponde a um ódio à humanidade e às necessidades da humanidade! De qualquer modo, um muito atrasado Feliz Natal e Próspero Ano-novo para todos. Pelo menos o clima é bom para tricotar. Espero que caiba! Amor, K. e A.

Kate era a única outra pessoa no mundo que a chamava de Rach. Kate tinha enorme afeto pelo irmão, e isso lhe permitia conseguir atormentá-lo impiedosamente. Na primeira vez em que Rachael encontrara Kate, ela olhara para Lewis e dissera: “Esta é a primeira

vez que você traz para casa uma garota que não tem duas cabeças e escamas! O que aconteceu, Lew?"

Rachael olhou na caixa de pastas. O que Barker dissera? "Apenas outro projeto brilhante que ele iniciou." O cumprimento afetuoso do capitão parecia ser algo além de pura admiração profissional. Ela imaginara ou Barker tentara dizer algo a ela — algo que Lewis era modesto demais para fazer: que seu marido era subestimado?

Rachael levantou a tampa da caixa de pastas. O documento era intitulado "Registro de desaparecidos. Asilos e hospitais. Kreis Pinneberg". Havia um bilhete escrito à mão preso no alto da página: "Ver pasta de paciente, página 27. Alguma relação? Talvez nada. Barker".

Ela tirou o documento, que tinha centenas de páginas, da caixa de arquivos e foi à página vinte e sete.

Era uma ficha de paciente. A folha datilografada tinha uma fotografia presa às anotações. Uma imagem granulada de uma mulher em cadeira de rodas em um jardim murado no verão, olhando ligeiramente para a câmera, posando como se para uma revista em vez de um instantâneo médico. Embora a mulher fosse mais magra e desmazelada, cabelos desgrehados, Rachael a reconheceu imediatamente como Claudia. A Claudia do retrato retirado da parede: sobrancelhas pesadas, inteligência determinada. Ela leu as anotações:

Admitida em setembro de 1944 após ter alta de um hospital de Buxtehude. Sofreu ferimentos de explosão primária. Paciente incapaz de andar por vários meses. Audição prejudicada. Começou a falar ano passado. Sofre de amnésia crônica, mas está fazendo progressos constantes. Paciente recorda alguns detalhes da vida. Diz que seu nome é Lubert. Diz ser casada. Ter uma filha. E que costumava morar junto a um rio.

Rachael repassou novamente os detalhes — para ter certeza, para ganhar tempo —, mas não conseguiu chegar ao final da página, e não precisava. Fora marcada em sua mente de maneira fixa.

Enquanto olhava a fotografia, viu a si mesma tocando o rosto de Claudia.

— É você — disse.

E então desabou na cadeira e derramou lágrimas agridoces pelas senhoras da casa.

* * *

Rachael usava seu chapéu cobrindo o rosto e o colarinho do casaco alto para reduzir a possibilidade de ser reconhecida. Na estação, viu traços de rostos conhecidos em cada estranho que passava: o carregador poderia ser Richard — ou seu irmão gêmeo; enquanto o bilheteiro rotundo a fazia lembrar o capitão Barker.

— Duas passagens para Lübeck, por favor — disse em alemão enquanto mostrava o passaporte para comprovar que era livre para viajar. Seu alemão melhorara muito, mas não era bom o suficiente para impedir o inspetor de passar para o inglês.

— Para quem é a outra passagem?

— Um amigo.

— Seu amigo está aqui?

— Ainda não. Devo voltar quando ele chegar?

— Seu amigo é inglês?

— Alemão.

O inspetor de passagens olhou os papéis dela.

— Qual o objetivo de sua viagem? Negócios ou diversão?

— O objetivo...

— Sim. O objetivo?

— Diversão.

— Não há vagão para pessoal de ocupação neste trem. Terá de dividi-lo com alemães.

— Certo.

— Está tudo bem, senhorita?

— Sim... estou... gripada.

— Aqui. A passagem. Para seu amigo.

Rachael limpou o nariz, avançou e postou-se, como combinado, abaixo do relógio sem ponteiros. Colocou a valise entre os pés, apertando os tornozelos dos dois lados para escorá-la, mas após alguns minutos não parecia segura ali, então levantou-a, passou o braço pelas alças e prendeu-a contra a lateral do corpo.

Acendeu um cigarro. Pássaros entravam e saíam pelo teto sem vidro da estação. Fumar não a acalmou e, após duas tragadas, jogou o cigarro na plataforma. Um homem curvou-se para pegá-lo e ela se sentiu mal com seu desperdício, culpadamente dando a ele o resto do maço.

Um grupo de militares britânicos passou, e ela retomou o disfarce, apontando a aba do chapéu para o chão. Captou fragmentos de conversa enquanto passavam — algo sobre “Brighton ser maior que Travemünde”. Ela não tinha nenhuma ligação ou saudade especial por aquele balneário inglês específico, mas o nome ou a ideia dele fizeram com que sentisse saudade de casa.

Lubert apareceu no portão em arco e, mesmo a cinquenta metros, ela pôde notar sua excitação em vê-la. Segurava um jornal no alto, o braço como um periscópio guiando-o até ela por entre o mar de pessoas. Quando chegou, beijou-a sem inibição nos lábios.

— Stefan — disse, para detê-lo. — Sua passagem. Precisamos nos acomodar.

Todos em Hamburgo pareciam estar pegando o trem para Lübeck, muitos deles *Hamsterers*, com cestas e sacolas para qualquer comida que conseguissem catar no interior e guardar. A plataforma já tinha três ou quatro filas de pessoas aguardando e, quando o trem chegou, a multidão avançou como um único ser para tentar conseguir lugar; jovens sem passagens saltaram para os espaços entre vagões e foram empurrados de volta grosseiramente por guardas com apitos. O trem estava em péssimo estado: tinha buracos de bala nas laterais do vagão, e os bancos eram simples. Rachael se acomodou entre duas mulheres no banco duro, mantendo a valise sobre os joelhos em vez de colocá-la no bagageiro acima. Lubert pegou um assento à frente e fez com que

os passageiros se acomodassem para poder ficar perto. O vagão cheirava a substituto de fumo e odores corporais, e Lubert farejou, maliciosamente insinuando que as duas damas dos dois lados de Rachael eram a fonte.

Uma das mulheres se remexeu para mostrar insatisfação. Rachael fez um gesto com os olhos para mandá-lo parar. Ele se inclinou para ela.

— Uma pergunta para você. Pergunta 134 do *Fragebogen*: é certo se sentir tão feliz?

Ela teve de olhar pela janela do trem para não precisar responder.

O céu estava claro havia três dias, o sol podendo fazer seu trabalho: derreter a neve nos campos de uma paisagem sutilmente ondulada e de aparência antiga que poderia ser Sussex ou Kent em vez de Schleswig-Holstein. Viu um agricultor partindo o gelo com uma enxada em um reservatório. Em outro campo, uma parelha de cavalos puxava um arado que passara meses coberto de neve. Quando os famosos pináculos verdes de Lübeck surgiram, Lubert se levantou para ver melhor.

— A cidade onde eu nasci — disse, orgulhoso. — Veja os pináculos...

Rachael podia ver: pináculos de bronze esverdeados perfurando o céu.

— Falta o pináculo da Marienkirche — comentou. — Ainda assim: é a igreja mais adorável da Alemanha. Você logo verá.

Na estação, ele pegou sua valise e, enquanto caminhavam na direção dos antigos portões da cidade, ela tomou seu braço.

— Quer ir primeiro ao hotel ou prefere ver a cidade? — perguntou Lubert.

— Vamos aproveitar a luz ao máximo — respondeu Rachael.

Lubert era um guia turístico erudito e apaixonado, mostrando a casa em que nascera e onde seus pais tinham morado, do lado de fora dos portões da cidade.

— A periferia sofreu muito. A Força Aérea Real testou aqui as bombas que usou em Hamburgo. As velhas casas de madeira

queimaram facilmente.

Enquanto olhava, tornou-se mais sombrio. Lembranças de sua antiga vida retornaram.

— Meu grande amigo Kosse morava logo ali — falou, apontando para a casca de uma casa. — Era obcecado por filmes. Venderia a avó por um ingresso. Agora vou lhe mostrar meu prédio preferido em toda a Alemanha — disse Lubert, avançando, ansioso para partilhar com ela outra parte fundamental sua.

Passaram sob a Holstentor — a torre de entrada medieval da cidade —, cruzaram o canal e foram na direção da Marienkirche de tijolos vermelhos. Era uma estrutura grandiosa, mas contida, danificada por bombas e talvez mais impressionante por causa disso. Sua torre principal fora destruída por fogo, e o teto estava aberto às intempéries, o grande arco do transepto dividindo um teto de ar. Lubert entrou na nave e instantaneamente começou a reconstruí-la na cabeça, depois desenhando plantas com as mãos.

— Consegue ver como é adorável? Mesmo assim. Uma bela ruína. Talvez reconstruam a torre; em madeira.

Rachael foi atraída pelos dois sinos quebrados que haviam caído da torre e repousavam sobre o piso de pedra rachado e marcado da capela sul. A área fora lacrada e os sinos deixados ali como um memorial ou, talvez, um pedido de desculpa dos britânicos. Que visão eram: o peso silencioso de uma queda de noventa metros, depois a badalada poderosa ao se partir coroa, cabeça e cintura, e a quebra do anel sonoro. Os dois sinos permaneciam ali, lado a lado. Havia suportado uma queda tremenda, mas de alguma forma continuavam juntos.

Lubert entendeu errado suas lágrimas.

— Você está comovida. E com justiça. É impressionante. Impressionante.

Ele colocou a mão em seu cotovelo para conduzi-la à frente.

— Há muito mais para ver. As ruas em que brinquei quando criança; minha antiga escola, a melhor loja de marzipã do mundo.

A excursão personalizada continuou, e quanto mais Lubert partilhava suas lembranças, mais consciente de si mesma Rachael ficava. Quando se casara com Lewis, o padre dissera que duas biografias haviam se tornado uma história. A história deles teria acabado? Apesar de tudo que havia conspirado, continuava a, e ainda poderia conspirar para acabar com isso, ela não queria que fosse assim.

No hotel Alter Speicher, Lubert os registrou como "sr. e sra. Weiss", na expectativa de seu Persilschein ser concedido logo. O quarto era modesto e decorado de forma simples. Uma imagem piegas de uma montanha rural na Baviera estava pendurada sobre a cama.

— A pintura é ruim — disse ele. — Mas adequada para o quarto.

Rachael tirou o chapéu e sacudiu os cabelos, colocando o disfarce na mesa junto à janela. Do lado de fora, o sol ainda era visível e sanguíneo. Lubert se juntou a ela na janela e estudou seu rosto enquanto ela observava a vista. Traçou a linha de seu maxilar com dois dedos.

— Agora você me conhece um pouco melhor.

Ele a beijou, mas ela interrompeu, pressionou a face sobre o casaco dele e abraçou-o, menos como amante, mais como uma irmã faria. Segurou-o assim e tentou encontrar as palavras com as quais começar.

— Este longo inverno está chegando ao fim — disse ela.

— Agora você vai falar sobre o clima? — Ele ergueu seu queixo com o dedo para tentar ler seus pensamentos. — O que é esse código? No que está pensando? Neste exato instante?

— Estou pensando que estou contente por você, Stefan. Estou contente por você... por você ter um futuro.

Ele tentou beijá-la novamente, mas ela se afastou. Precisava que ele descesse das alturas do dia. Ela tomou sua mão e olhou as linhas na palma. Viu um mapa de estradas, bifurcações e cruzamentos, encerramentos abruptos e finais esmaecendo.

— Acho que seu futuro será bom, Stefan. Você tem planos. Bons planos. Reconstruir sua vida. Sua cidade. Deve realizá-los.

Uma ruga surgiu na testa dele.

Ela foi até a valise, abriu-a e retirou a caixa de pastas que estava sob sua única muda de roupas. Ela nunca fizera uma mala tão mal em toda a sua vida. Esquecera-se da bolsa de maquiagem e colocara um livro que certamente não leria.

Abriu na página relevante e segurou-a para que Lubert a visse.

Lubert pegou e olhou o retrato de Claudia. Encarou por tanto tempo sem trair qualquer emoção, que Rachael de repente duvidou da veracidade da fotografia. Ele continuou de pé ali, sem se mover, por um longo tempo. Então sua cabeça se moveu de um lado para outro, muito lentamente, e seus traços formaram uma expressão de dolorosa incompreensão. Tirou a foto do clipe e segurou-a à distância do braço, olhos desconfiados. Tentou devolvê-la a Rachael.

— Isso é um truque — sentenciou. — Eu procurei por ela. Durante meses. Está morta.

Rachael se recusou a pegar a fotografia.

— Stefan. É ela...

Lubert olhou novamente, ainda balançando a cabeça, tentando afastar a verdade. Finalmente, tocou o perfil do rosto de Claudia. Ainda não olhara para os fatos objetivos, dos quais ela tomara conhecimento em uma espiada, contidos nas anotações.

— Stefan. Leia. Leia as anotações. Ela está no Asilo Franciscano de Buxtehude. Voltou a falar. Perdeu a memória, mas está fazendo progressos consistentes. Stefan... progressos consistentes.

Ele ainda estava chocado demais para ler, então ela continuou:

— “Diz que seu nome é Lubert”. Seu nome, Stefan. Ela se lembra do seu nome. A paciente diz que costumava morar junto a um rio. É ela. Sua esposa. Está viva.

Ele olhou para ela.

— Mas... estávamos começando algo — disse, já começando a usar o pretérito.

— Você me despertou, Stefan. Você me acordou para algo que eu havia esquecido. Mas... — começou, fazendo a seguir uma pausa, sem querer aumentar o sofrimento dele, mas precisando dizer a verdade. Colocou as mãos sobre as dele, que ainda seguravam a fotografia. — Foi a perda que nos aproximou. E você reencontrou o que havia perdido.

E com isso, Lubert começou a chorar, e Rachael segurou sua mão enquanto ele se curvava e se encolhia.

Lewis acordou com o rosto sobre a moldura da janela do carona, sua baba molhando o vidro. Barker dirigia o Mercedes, olhando para ele com divertida preocupação.

— Tudo bem, senhor?

— Sonho ruim — explicou, limpando a boca e empertigando-se.

— Eu falei alguma coisa?

— Gritou algumas vezes.

— Espero não ter revelado nenhum segredo de Estado.

— O senhor chamou o nome de sua esposa.

Após ter sido apanhado por Barker no quartel-general, Lewis fora embalado pelo movimento do carro. Em seu sonho, a Villa Lubert estava diante dele, em uma estação do ano em que ainda não a vira: gramado verdejante e tudo florido — os canteiros cheios de narcisos. Mas havia algo vívido demais na cena, algo sobrenatural no modo como os narcisos dominavam a imagem.

— Quanto tempo passei apagado?

— Dez minutos.

Lewis esfregou o rosto e estapeou as bochechas.

— Pareceram horas.

Durante a guerra, um cochilo como aquele o teria revigorado e permitido suportar várias noites sem sono, mas ele estava completamente esgotado no momento. Em Helgoland, começara a experimentar uma exasperação que não sentira antes. Inicialmente atribuíra isso à traiçoeira umidade do ar e ao tédio causado por sua missão sem sentido: supervisionar preparativos para a maior

explosão não nuclear da história. Mas piorara após deixar a ilha. Só conseguia descrever como uma dor na medula, da mesma forma que Rachael se queixara após a morte de Michael.

— Tudo em ordem?

— Basicamente como estava antes, senhor.

— Então, ruim para cacete.

— Terrível para cacete — corrigiu Barker, dando um risinho.

Lewis teria gostado da companhia de Barker em Helgoland. Depois que Ursula partira para Londres e Kutov, Ziegel e Bolon tinham visto o que queriam, os dias haviam se arrastado.

— A CCA está relaxando sobre a confraternização. Os *Fragebogen* estão sendo revisados agora que os rapazes de Inteligência estão voltando sua atenção para o lado oriental. A grande novidade é o pacote de ajuda que os americanos estão sugerindo. Nem consigo me lembrar do número, de tão grande que ele é. Os russos não estão gostando. Parece que estamos nos encaminhando para duas Alemanhas. E o senhor ainda não me contou o que o general queria.

Lewis ainda estava tentando entender as implicações do que o general queria.

— Oferecer um trabalho para mim.

— Veja só. O senhor recebe mais reconhecimento por destruir coisas do que por consertá-las. Berlim?

— Berlim.

Barker pareceu um pouco triste.

— Inferno. A próxima linha de frente. O senhor aceitou?

— Com duas condições. Que eles não me peçam para dividir uma casa com um russo, um francês e um americano.

— Nenhum risco. Está tudo no chão lá — disse Barker, brincando, mas sem conseguir esconder o desapontamento com a perspectiva de Lewis partir. — Qual a outra condição?

— Você ir comigo.

Barker espiou Lewis.

— Inferno.

— Não precisa responder agora. Talvez em cinco minutos.

— Inferno.

Lewis notou no banco de trás uma pilha substancial de papelada “pendente” que Barker levava para que ele revisasse.

— Mais arquivos para que eu perca?

— Lamento. Há um relatório sobre exportação ilegal de bens valiosos que o senhor precisa ver com bastante urgência. Alguns nomes conhecidos. É... uma leitura ruim. De qualquer forma, algo para olhar enquanto estiver na banheira.

Um banho era exatamente o que Lewis desejava. Em alguns minutos, ele estaria em casa: o Mercedes já estava passando pelas construções elegantes da Klopstockstrasse. Deu tapinhas nas bochechas para recuperar a cor e conferiu os cabelos no espelho. Em sua própria avaliação, ele parecia péssimo. Seus cabelos estavam mais compridos do que o permitido pelos regulamentos, e ele não se barbeava havia vários dias. Mesmo uma mínima falta de sono lhe dava olheiras. Ele nunca se preocupara realmente com sua aparência — achava o nariz um pouco comprido, o rosto magro demais — e sempre ficara surpreso quando Rachael o elogiava. Embora nunca tivesse precisado de sua aprovação, pegou-se desejando-a ao olhar para o rosto fatigado no espelho.

O carro entrou na Elbchaussee e, à esquerda, Lewis pôde ver o rio pelos espaços entre as árvores. O Elba passara cem dias congelado — um recorde que diziam que nunca seria igualado —, mas alguma água podia ser vista correndo; o gelo começava a derreter.

— O senhor deve estar lamentando ver Frau Paulus partir.

— Whitehall perguntou se eu conhecia um intérprete interessado em trabalhar em Londres. Eu a recomendei.

— Que pena. Não acho que as garotas de Berlim estarão à altura.

Lewis podia ver crocos e galantos na base de um grupo de árvores.

— Eles têm narcisos na Alemanha?

— Nunca vi.

— Pare se vir.

Uma rachadura apareceu no para-brisa e espalhou-se pelo vidro como uma teia. Lewis presumiu que alguma areia ou pedra atingira-o; só quando o carro começou a girar na rua, ele percebeu Barker caído, a cabeça jogada para trás, um limpo buraco carmim logo acima da sobancelha. Lewis pegou o volante e levantou a perna de Barker do acelerador, depois puxou o freio de mão; o carro sacudiu quando o motor parou, raspando em um plátano e parando meio fora da estrada.

Sangue e tecido estavam jogados sobre o banco traseiro e a janela logo atrás de Barker. Antes mesmo de sentir a pulsação no pescoço, Lewis sabia que ele estava morto. O coronel se encolheu no banco e pegou a arma no porta-luvas. Conferiu a munição e viu o sangue nas mãos, carmim, brilhante e quente. O para-brisa ficara branco, então olhou para a estrada pela janela lateral. Atrás dele, Elbchaussee se curvava e saía de vista; à frente, seguia em linha reta, árvores dos dois lados, antes de virar à direita, afastando-se do rio. O tiro devia ter vindo de uma das grandes casas na margem. Ele viu alguém, a algumas centenas de metros, cruzar a rua, correndo na direção do rio.

Lewis saltou do carro, tirou o casaco, jogando-o dentro do veículo, e partiu em perseguição. Correu muito, a adrenalina disfarçando sua fadiga e a falta de preparo, até chegar à curva suave que se afastava da estrada. Desceu a linha natural da terra até o rio, para onde o sujeito ainda seguia. A figura chegou à margem do rio e começou a cruzar o Elba congelado até uma de suas pernas penetrar no gelo e ele retornar à margem e seguir, buscando um trecho mais sólido. Ao encontrar, voltou a tentar cruzar o rio, olhando para trás e, talvez pela primeira vez, vendo Lewis ir atrás dele. A figura acelerou o passo e começou a escorregar no gelo. Pelo corpo magro e os movimentos ágeis, Lewis podia ver que era um jovem. Não muito mais que um garoto: dezessete, talvez, não mais que isso.

Lewis reduzira para uma caminhada acelerada. Uma pontada de dor incomodava seu ombro, e ele podia sentir o coração na

garganta. Quando chegou à margem, o jovem estava cerca de cem metros rio adentro. Lewis se curvou, apoiando as mãos nos joelhos, ofegante. Ele já verificara a munição da arma, mas conferiu novamente. Ainda seis balas. Ainda seis chances de matar quem matara Barker.

O jovem parara de caminhar sobre o rio e olhava inseguro para a superfície à frente, testando-a com a bota. O gelo cedeu outra vez, e ele saltou para trás. Então veio o som de mais gelo se partindo no meio do rio, como uma porta velha rangendo. Lewis observou enquanto o jovem buscava outra travessia. Outro trecho de gelo se partiu à frente dele. Não havia como avançar.

Lewis podia sentir o suor esfriando em sua pele. Ele se sentiu fora do corpo e sentou-se no tronco de uma árvore caída. O jovem não ia a lugar algum e parecia não ter uma arma. Lewis esperou para ver o que faria. Estava caminhando sobre o gelo, cheio de uma energia inquieta. Então começou a gritar em alemão.

— *Guten Morgen, Morgan!* — gritou, rindo de sua brincadeira e repetindo-a diversas vezes, até Lewis compreender a implicação do que dizia.

Como sabia seu nome?

— *Estou aqui!*

O jovem esticou os braços, oferecendo um alvo maior. Parara no limite do alcance da arma. Dali, Lewis poderia ser capaz de acertá-lo, porém, se realmente quisesse garantir, poderia avançar sobre um píer de gelo sólido, que se projetava no rio, e atirar nele. Contudo, ficou onde estava, a respiração voltando ao normal. Tinha a sensação de ser espectador de um acontecimento esportivo de inverno.

— Vamos lá, coronel!

Lewis não queria atirar nele. Mas queria que o sujeito morresse.

— Aquela bala era para você, coronel. Mas não importa. Um amigo seu é um inimigo meu.

Houve outro estalo, desta vez do gelo sobre o qual o jovem estava.

— O gelo está se partindo. É hora de você deixar a Alemanha! Esta é minha terra! E este é meu rio! Este é meu céu!

O jovem andava de um lado para outro sobre a plataforma, falando de maneira incoerente. Era uma apresentação e tanto. Cheia de risos e gestos maníacos, a voz retornando à infância em sua excitação. Mas, quanto mais ele tagarelava, mais o silêncio de Lewis parecia aborrecê-lo e frustrá-lo. Lewis pensou que podia ouvir o medo fazendo a voz do garoto falhar e continuou calado, deixando que o medo assumisse o controle. Parecia bom.

— Venha e me prenda.

Sons como pulsos de sonar vieram de diferentes pontos do rio. A água abaixo e o sol acima conspiravam para partir o gelo. Lewis fechou os olhos só por um instante. O sol deixou imagens em sua retina. Piscou para apagá-las. O jovem virou um contorno por alguns segundos, depois começou a pular no gelo enquanto a plataforma abaixo se fragmentava em uma dúzia de superfícies, então saltou para a maior que identificou, um bloco de gelo que tinha aproximadamente o tamanho de uma porta, e pousou com os braços abertos para se equilibrar. O bloco não suportou o peso e arremessou-o na água gelada, as mãos dele agarrando o ar antes de mergulhar. Gritou com o choque da água gelada e tentou agarrar o bloco, mas não conseguiu se segurar. Ele se debateu durante alguns segundos, depois nadou rumo à beirada do pequeno iceberg seguinte. Fez uma tentativa de subir no pequeno bloco, mas ele continuava a virar. Tentou subir várias vezes. Depois da terceira tentativa, desistiu e simplesmente ficou flutuando ali, na água escura.

— *Ei! Socorro!* — gritou, sem se vangloriar, apenas com medo. — Use um galho. Árvore!

E a última palavra — “árvore” — foi em inglês.

Mesmo dali, Lewis escutou o tremor nas palavras. Observou, sentindo uma tristeza vaga por sua própria falta de preocupação com o rapaz.

— Por favor... coronel!

Em menos de um minuto, o tom mudara de desprezo desafiador para pânico e súplica.

— Árvore! — exclamou novamente em inglês.

O jovem boiara para até vinte e cinco metros do píer. Se Lewis quisesse salvá-lo, teria de pegar o galho imediatamente. Mas estava paralisado por uma antiga justificativa; uma justificativa que durante toda a vida se esforçara muito para refutar. Olho por olho. Um garoto por outro. Era como o mundo realmente ainda funcionava.

Quase sem fôlego, as palavras do jovem saíam uma de cada vez.

— Frieda! Você. Conhece. Frieda!

O nome foi identificado lentamente.

— Frieda... Respeitável... Dama... Alemã.

Lewis observou e contou os segundos. Logo estaria acabado. O jovem havia se deslocado na água por mais tempo do que parecia possível naquele frio e começara a se mover muito devagar com a corrente para o meio do grande rio. Lewis ouviu engasgos impotentes. O jovem deu um último grito choroso — a palavra soou como “Mutti” —, depois afundou.

Lewis ficou observando a superfície da água. Olhou para o rio e escutou a ruidosa formação de ondas, o grande movimento de degelo enquanto se libertava de sua ocupação gelada. Podia sentir algo dentro de si se rompendo. Continuou a observar o horizonte, sentindo a própria desintegração. Ele era como o vidro partido pelo tiro no para-brisa. Se simplesmente conseguisse voltar para casa antes que alguém o tocasse, poderia evitar seu total estilhaçamento.

* * *

A dor no ombro de Lewis se intensificou. Era a pontada que sempre sentia depois de correr muito, exacerbada pela idade e pelos muitos cigarros. Ele o esfregou e girou o braço para soltá-lo, no entanto, a pontada continuou. Quase lá, disse a si mesmo. Quase lá.

Ele conseguira até então. Mesmo quando examinando o corpo sem espírito de Barker e os capilares rompidos em seus olhos;

enquanto dava seu depoimento aos policiais militares que encontrara na cena ao retornar. De algum modo, ele parara de ligar aquela casca caída ao Barker de que gostara tanto. Mas naquele momento, chegando aos portões da Villa Lubert, já não estava certo de o que exatamente tentava manter unido.

Ele deixara a casa dois meses antes, puro branco e imagem perfeita, mas a transição repentina de inverno para primavera criara feias manchas calvas de grama na neve, uma sujeira de marrons, cinza e negros entre o branco. Entrou pela porta lateral, contente por não haver ninguém ali para recebê-lo. Tirou o casaco e esfregou o rosto, confuso quanto ao que fazer a seguir: queria se sentar, queria uma xícara de chá, queria fumar, queria uma bebida, queria ver Edmund e Rachael —, mas não ainda. Ele se serviu de uísque e virou a bebida de um gole só, para deixar a queimação do álcool despertá-lo um pouco. Serviu-se de outro, depois subiu as escadas.

Edmund estava em seu quarto, de pé diante da penteadeira, admirando-se no espelho. Vestia um suéter de críquete como o de Michael, a não ser pela tira turquesa do “V” no pescoço. Mesmo em dois meses, seu único filho crescera. Lewis quis abraçá-lo.

— Ed.

— Pai.

Edmund sorriu, mas pareceu constrangido por ter sido flagrado se admirando.

— É um belo pulôver.

— Ganhei da tia Kate. Ela mesma o tricotou.

Lewis percebeu que estava usando a porta para se apoiar. Apenas subir as escadas fizera suas pernas doerem. Ele nunca havia desmaiado, mas se perguntava se a sensação etérea que experimentava em seus braços seria um prenúncio disso.

— Mamãe não está aqui?

— Acho que ela volta de Kiel hoje.

— Ela foi visitar os Buckman?

— Foi.

— As coisas estão bem?

— Estão. Tudo certo.

Seu filho olhava para ele um pouco alarmado.

— Você está bem, pai? Você se cortou?

— Eu tive... um acidente... Não se preocupe.

Lewis olhou para o sangue nas mãos. Parecia pior do que pensara. Ele precisava se sentar logo. Naquele instante.

— Então você tomou conta do forte para mim? — perguntou, sentando-se na poltrona.

— Sim.

— E os Lubert estão bem?

— Sim. Mas Herr Lubert não está aqui... Acho que foi embora. Para algum lugar. Algo a ver com a liberação dele. Não tenho certeza.

— Então... você está aqui sozinho?

Edmund anuiu.

— Eu... lamento ter ficado tanto tempo longe. Perdi o Natal de novo.

— Tudo bem. Explodiu muitas coisas?

— Algumas fábricas. Docas de submarinos. A maior explosão ainda vai acontecer. Estão colocando toda a munição que a Alemanha tinha depois da guerra em um lugar para depois mandar tudo pelos ares. Será sentido até mesmo em Londres. Talvez até a tia Kate sinta em Berkshire.

Lewis tirou a cigareira do bolso do paletó. Era o primeiro do dia, e a primeira tragada fez sua cabeça girar.

— Foi mamãe quem lhe deu a cigareira?

— Foi.

Lewis passou o objeto a Edmund, que abriu a cigareira e olhou para a fotografia do irmão. Michael usava seu suéter de críquete.

— Por que não tem uma foto minha? — perguntou Edmund objetivamente.

Lewis não estava certo sobre se sabia o motivo, mas se sentiu prestes a mentir para fazer parecer melhor.

— É porque Michael morreu? — perguntou Edmund, socorrendo-o. — E o senhor precisava se lembrar dele?

— Sim... É isso. Eu não precisava de uma foto sua, Ed. Em vez disso, tenho você.

Edmund pareceu aceitar a explicação.

Lewis começou a ver que as roupas no chão não haviam sido jogadas, que formavam uma topografia intencional. Acompanhou o bulevar de meias entre a casa de bonecas e a ilha de pulôver e viu o carro Lagonda no meio da estrada.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou.

Edmund pareceu envergonhado.

— Era só uma brincadeira idiota — respondeu.

— Parece divertido — disse Lewis.

— O carro deveria ser seu Mercedes. Mas a Dinky não faz um de verdade, então é só um Lagonda. E ali é Helgoland — disse Edmund, apontando para o monte de pulôveres e camisas, com um solitário soldado de lata de pé, no alto.

— Sou eu ali em cima?

Edmund confirmou.

Lewis olhou novamente para a casa de bonecas. Podia ver os dois bonecos crianças no quarto e os bonecos adultos masculino e feminino apoiados no piano do térreo.

— Então ali são mamãe e Herr Lubert... tocando piano?

— Não coloquei os bonecos assim. Foi Frieda... Ela os trocou — disse Edmund, corando e parecendo aborrecido consigo mesmo apenas por mencionar o fato.

Lewis olhou para Rachael e Lubert em miniatura e anuiu.

— Parece uma casa feliz — falou. — Parece que todos estão se dando bem. O que é o principal.

* * *

Estava escuro quando Rachael chegou à casa. Havia três luzes visíveis — na sala de estar, no quarto de Frieda no andar de cima e

no seu próprio. Rachael tinha a sensação de que a casa estreitava os olhos para ela. O crepúsculo transformava a grade da varanda em um sorriso desgostoso. O Mercedes de Lewis não estava na rampa, mas a ideia de vê-lo novamente a deixava ansiosa.

Heike a recebeu no salão, a empregada se curvando e pegando a valise. Estava ainda mais agitada que de hábito, olhando com nervosismo na direção da sala de estar. Rachael teve a impressão de ouvir alguém tocar a abertura *staccato* de uma só nota de "Erlkönig".

— Está tudo bem, Heike?

— O coronel... — disse ela. E outra vez olhou para a sala de estar. Rachael entregou o casaco à empregada.

— Edmund está bem?

— Sim. Está na cama.

Rachael foi à sala de estar e encontrou Lewis sobre o teclado, curvado, um braço sustentando a testa. Não ergueu os olhos quando ela entrou, apenas continuou a martelar e a tentar, sem sucesso, tocar o arpejo que se seguia.

— Lewis?

Ele não olhou, insistindo na nota.

— Lew? Por que está tocando isso?

Lewis parou de tocar, porém manteve a testa apoiada no braço. Estava pálido, e Rachael notou que havia sangue nas mangas do paletó.

— Essa primeira é fácil — disse. — Mas depois, a seguinte... Não sei como você faz.

O primeiro pensamento de Rachael foi que de algum modo ele sabia — de tudo. Foi na direção dele.

— Lew...

Ela se acomodou ao lado dele no banco duplo. A partitura de "Warum?" estava no apoio. O nariz de Lewis escorria. Queria levantar a cabeça dele, ver o que havia nos olhos do marido, mas ele mantinha o rosto apontando para os marfins, o catarro pingando nas teclas.

— O que aconteceu? Alguma coisa aconteceu...

Lewis limpou o nariz na manga, e Rachael viu o sangue seco nas costas da mão. Tomou as mãos dele nas suas; estavam geladas.

— Suas mãos. Você tem sangue...

— O sangue não é meu...

— O sangue é de quem? Lew? Está me assustando.

— De Barker... Ele insistiu em dirigir... Não devia ter deixado... A bala era para mim.

— Que bala?

— O jovem eu deixei morrer.

— Deixou quem morrer? Que jovem?

— O jovem que atirou em Barker. O jovem... que disse conhecer Frieda...

Rachael não conseguia acompanhar os saltos.

— Não vi o perigo. Mas estava ali. Bem debaixo dos meus olhos. Bem na minha casa.

Rachael virou o rosto dele para si, forçando-o a encará-la. Aquele Lewis cru e abalado era perturbador e hipnotizante para ela.

— Eu o persegui... Poderia tê-lo salvado... Mas eu o deixei morrer... Quis que morresse... Não só por Barker... mas por Michael... por tudo.

Lewis estendeu as mãos, o sangue de Barker formando uma constelação vermelho-amarronzada na parte de trás delas.

— Escolhi o caminho errado, Rach. Coloquei minhas cores no mastro errado. Burnham estava certo... Se você confiar em todo mundo, alguém terá de pagar.

Rachael tomou o rosto dele nas mãos.

— Não diga isso...

— Mas você sabe que é verdade. Diga... Rach. Diga. Eu confiei demais?

Olhou nos olhos dela.

— Sim... — respondeu Rachael, correndo os dedos para cima pela lateral do rosto dele, acariciando seus cabelos. — Mas... preciso que você... confie novamente... preciso disso, Lew...

Ela o beijou na testa, mantendo lábios e nariz sobre sua pele, inalando-o.

— Sinto muito.

— Eu que deveria sentir muito. E sinto. Lamento.

— Somos um par lamentável — disse ele.

Rachael levou a cabeça de Lewis ao peito.

— Descanse.

Lewis pousou a cabeça ali, e ela o segurou, embalando-o, devagar. Raras vezes vira Lewis chorar. Ele certa vez dissera que ela chorava por ambos. Enquanto o embalava, ele emitia um gemido baixo, porém contínuo; não era um som que ela achava que ele tivesse, mas um que reconhecia: o som de alguém chorando pelo filho.

* * *

Lewis não conseguia se levantar da cama, contudo, também não conseguia dormir. Choque e exaustão o paralisaram; naquele momento, o descontentamento consigo mesmo e uma espécie de desespero prazeroso mantinham-no acordado. Podia sentir simpatia pelo dito segundo o qual tanto os preguiçosos quanto os diligentes encontram a morte, então por que se incomodar? Conseguiria estando deitado ali ou se estivesse na correria. De fato, considerando seus esforços recentes, era razoável pensar que seria melhor para o mundo caso nunca mais se levantasse. Reunir coisas e pessoas exigia um grau de disposição e paciência que ele não tinha mais, além de um sistema de crenças do qual mais dispunha. Era muito mais fácil derrubar do que construir: uma cidade erguida ao longo de milênios podia ser arrasada em um dia; a vida de um homem, encerrada em um segundo. Nos anos por vir, Edmund e os filhos dele saberiam os nomes de aviões, tanques, batalhas e invasões e lembrariam-se facilmente das atrocidades da época, dos nomes daqueles que as haviam cometido. Mas algum deles seria

capaz de recordar o nome de um único reparador de fissuras ou consertador de paredes quebradas?

Lewis ficou deitado ali, permitindo-se o solipsismo. Parecia quase satisfatório. Talvez tivesse perdido sua vocação. Deveria ter sido poeta ou filósofo, ou talvez um niilista.

Podia sentir cheiro de sabão. Ergueu a mão e viu que Rachael limpou o sangue de seus dedos. Também tirara suas botas e abriu os botões de sua camisa. Em algum momento, devia ter afastado as cortinas. Partículas de poeira dançavam à luz que penetrava. Ele devia ter dormido, pois não se lembrava de nenhuma dessas coisas acontecendo. Podia se lembrar de Rachael segurando-o ao piano, acariciando seu rosto, estudando-o como a um tesouro reencontrado. O que de repente o tornara tão atraente e precioso? Teria sido seu risco de morte? Ela dissera ter cometido um terrível equívoco. Contara que a esposa de Herr Lubert fora encontrada. E então, sem usar um código ou mesmo o amortecedor de um carinho, dissera que o amava, uma frase que não usava levianamente; de fato, não a usara desde... não conseguia recordar.

A porta se abriu, e Edmund entrou no quarto com uma bandeja de café da manhã — um ovo quente em um suporte de prata. Uma fatia de pão cortada em tiras e uma xícara de chá em um pires. Moveu-se em um compasso lento pelo quarto, concentrado em seu esforço de não derramar uma só gota. Lewis se sentou e levantou as pernas na base da cama, deixando que Edmund pousasse a bandeja. A base de suas costas doía, e os tendões do joelho estavam enrijecidos pela perseguição.

— Mãe disse para acordá-lo ao meio-dia. Para lembrar que tem de ir ao quartel-general.

— É meio-dia? Caramba.

Edmund observou, esperando.

— Não vai comer seu ovo? Eu que fiz. Greta me ensinou.

Lewis levou a faca à extremidade fina do ovo, lembrou-se e virou-o para deixar a extremidade gorda para cima.

— Mamãe também gosta da extremidade grande. Todos gostamos da grande.

Lewis partiu a tampa e mergulhou a cabeça da tira de pão na gema, que estava mole.

— Perfeito. Exatamente como eu gosto.

— Herr Lubert gosta do lado pequeno. E Frieda também. Fico pensando se a sra. Lubert tem o mesmo gosto.

— Vamos descobrir isso logo.

Lewis usou suas tiras de pão para absorver a gema, depois pegou a colher para a clara.

— Pai? Pensar algo ruim é o mesmo que realmente fazer?

A pergunta parecia exigir uma daquelas respostas que precisavam ser certas.

— Depende. Você precisa me dar um exemplo.

— Bem, quando o senhor quase foi morto ontem eu pensei... eu fiquei contente... pelo capitão Barker ter morrido em vez do senhor. Embora isso seja triste.

Lewis colocou a bandeja de lado e chamou Edmund mais para perto. O menino se adiantou, Lewis tomou o rosto oval e triste do filho nas mãos e o beijou, errando a testa e acertando a base do nariz quando Edmund se encolheu um pouco de constrangimento.

— Isso é ruim?

— Não é ruim, Ed. Só é ruim que... você seja colocado em uma posição de ter de pensar tal coisa.

— Você tem pensamentos ruins?

— Sim. Tenho pensamentos ruins. Já tive vários deles hoje.

— Quão ruins?

— Bem, pensei em não me levantar. Porque não faria qualquer diferença caso me levantasse. Não queria mais ajudar as pessoas. Comecei a pensar que isso não me levaria, ou a ninguém, a lugar algum. Não queria ajudar a Alemanha. Ou os britânicos. Ou Herr Lubert. Ou Frieda. Ou mamãe. Ou você. Ou a mim mesmo. Queria desistir. Você acha que isso é ruim?

Edmund pareceu inseguro.

- Não é o que vai fazer, é?
- Talvez por alguns minutos.
- Não combina com você.
- Não.
- Sabia que Frieda foi presa?
- Não sabia.
- Sabe o que vão fazer com ela?
- O que acha que vão fazer?

Edmund pensou.

- Se eles souberem que a mãe dela está viva... poderão soltá-la.

O serviço de Inteligência gostaria de um garoto como aquele, pensou Lewis. Pouparia a eles meses e montanhas de papéis. Quis beijar Edmund novamente, abraçá-lo do modo como costumava fazer quando ele era pequeno. Mas dois beijos por dia pareciam um pouco demais.

- Decidiu o que vai fazer? — perguntou Edmund.

- Acho que sim. Mas primeiro você terá de me dar a mão.

Lewis estendeu a mão. Edmund tomou-a entre as suas e colocou o pai de pé.

Ela estava sentada em uma poltrona, bordando. Tinha um novo tufo de branco nos cabelos; o rosto estava mais cheio, porém, justo por isso, melhor. Parecia calma — mais calma do que Lubert um dia se lembrava de ela ter estado —, e parecia tão sã quanto a irmã a descrevera: a expressão alerta e pensativa, os olhos piscando rapidamente e aquele sorriso leve, embora familiar.

A irmã encarregada aceitara seu pedido de “vê-la antes de ela me ver” e estava com ele enquanto observava Claudia pela janelinha na antessala.

— Ela borda o dia inteiro — disse a irmã. — Tem produzido muito. Temos muitos bordados para emoldurar e pendurar aqui nas enfermarias. Quando não está costurando, escreve: lembrando-se.

— Ela sempre teve uma mente afiada — comentou Lubert, mais para si mesmo do que para a irmã. — Tem suas faculdades?

— Ela conhece sua mente, mesmo que algumas partes ainda estejam em processo de recuperação. É uma mulher muito inteligente. Perspicaz. Criativa. Rápida.

Como costumavam discutir, pensou Lubert. Como ele costumava perder!

— Ela se lembra de algumas coisas?

— Tem fragmentos de memórias; alguns muito detalhados; mas depois os perde. No entanto, está sendo construído um quadro. Pedaco a pedaco. E quando consegue um pedaco, isso pode levá-la a descobrir outro. Nos últimos meses, tem havido grandes

progressos. Nós a encorajamos a colocar coisas no papel. Está fazendo isso agora: lembrando-se.

Claudia pousou o bordado no colo e pegou um bloco e lápis da mesa junto à cadeira.

— Isso tem acontecido cada vez mais. Está escrevendo algo todo dia. Fazendo desenhos também.

Claudia escreveu depressa, sem parar.

Lubert ficou pensando no que ela estava escrevendo. Do que estava se lembrando? Seria ele parte disso? Será que se lembraria dele? Do melhor dele? Ou do pior? Poderia lidar com o que lembrasse?

— Ela se lembra do que lhe aconteceu? A noite da tempestade de fogo?

— Não falou sobre isso. Nem escreveu a respeito. Mas acredito que ainda não esteja pronta para lembrar. Até agora ela se lembra de coisas boas; qualquer coisa envolvendo relacionamentos. Família. Amigos. Casa. Isso é comum nesses casos. A mente recorda o que a alma pode suportar. Tudo no tempo de Deus.

Ele a invejou: recomeçar construindo apenas sobre terreno bom. Havia certa pureza nisso. Ela parecia contente. Talvez devesse deixá-la nesse estado. Com o papel em branco. Com essa *Stunde Null* da alma. Por que contaminar as coisas com suas complicações confusas?

— Não sou a mesma pessoa. Não... não honrei a memória dela.

A irmã estudou o rosto de Lubert. Ele queria desviar os olhos da benevolência dela, sentia-se tão pouco merecedor, contudo, sua gentileza arrancou mais confissões.

— Achei que ela havia partido. Tentei recomeçar. Com outra pessoa. Alguém que julguei amar.

Ela tomou as mãos de Lubert, nada perturbada por aquela confissão.

— O senhor ainda ama sua esposa, Herr Lubert. Comece por isso — disse, apertando as mãos dele, transmitindo suas certezas. — Venha. Quero lhe mostrar algo. Venha.

Ela o conduziu a uma mesa onde haviam sido colocados três bordados concluídos. Um era abstrato, zigue-zagues e temas florais; o segundo, um alfabeto escolar em ponto-cruz; o terceiro era figurativo.

— Quando pudermos, iremos emoldurar — explicou, pegando a seguir o bordado figurativo e colocando o tecido sobre as mãos abertas de Lubert.

— Foi o primeiro que ela fez.

O bordado retratava uma casa com colunatas, uma comprida rampa ladeada por árvores, um jardim levando a um rio com barco a vela. Havia três figuras de pé diante da casa: um homem em trajes tradicionais alemães, segurando uma régua-tê, uma mulher de chapéu e saia antiquada e uma menina de cabelos trançados entre eles.

— Ela disse ser uma cópia de um quadro que fizera antes. Não estava certa se era sua casa ou sua família. Só conseguiu nos dizer que o navio era um símbolo de esperança. Mas o senhor reconhece...

Lubert nunca prestara muita atenção no original — e perdera o direito de comentar após ridicularizar Claudia impiedosamente por seu “passatempo folclórico” —, mas o reconhecia. Era uma reprodução exata do bordado naquele momento pendurado no novo quarto de Frieda.

— Essa casa é sua?

Lubert confirmou com um gesto de cabeça.

— E este homem é o senhor?

— Sim.

— E a garota? Sua filha?

— Frieda.

— E sua esposa.

Ele confirmou de novo.

— Falta alguma coisa?

Ele negou com um aceno de cabeça.

— Não. Está... tudo aí.

* * *

— Sente-se, coronel.

Lewis ocupou a única cadeira do outro lado da escrivaninha de Donnell e Burnham. Ainda estava quente do ocupante anterior. Os dois homens estavam de pé e pareciam precisar esticar as pernas e respirar ar fresco depois do longo interrogatório do dia. Naquela equipe de interrogatório, o papel de Donnell claramente era fazer o preâmbulo e executar as gentilezas; o de Burnham, observar e esperar.

— Lamentamos por Barker — disse Donnell. — Obviamente estamos fazendo todo o possível para encontrar o assassino. Temos algumas pistas. Prendemos alguns revolucionários, incluindo Frieda Lubert.

— Vocês a entrevistaram?

— Começamos — respondeu Donnell. — Embora tivéssemos de suspender a sessão. Ela se queixou de cólicas. O médico está com ela agora.

Eles deviam tê-la humilhado, pensou Lewis. Burnham tinha seus instrumentos de tortura espalhados sobre a mesa: as fotografias de atrocidades nazistas — campos, linchamentos, experiências. Lewis podia ver uma das fotografias: uma garota, nua e aterrorizada, da idade de Frieda, olhando para um agressor que não aparecia e cuja invisibilidade tornava a foto ainda mais medonha.

— Nós a encontramos em uma das casas requisitadas em Elbchaussee. Os insurgentes a usavam como uma espécie de base de operações.

— Vocês a consideram culpada? — perguntou Lewis.

— Culpada? — retrucou Donnell.

— De tudo isto — disse Lewis, fazendo um gesto de cabeça para a colagem grotesca.

Burnham encarou como uma deixa.

— O senhor acha rudimentar, coronel, mas ainda é um teste muito simples e eficaz: há aqueles que não conseguem nem pousar

a vista; os que olham depois desviam o rosto; os que olham e se detêm. Alguns olham e choram. Alguns olham e gostam. Alguns até olham e riem. E há muitas nuances de reação entre cada uma. O senhor, notei, olhou e desviou os olhos rapidamente, uma reação que sugere um compreensível cansaço com o tema, mas talvez uma falta de vontade em confrontar o mal exposto; ou uma tendência a fingir que não está ali.

Burnham apresentou isso em tom neutro, como se fosse um dado empírico. O capitão Donnell, que presumivelmente ouvira tudo aquilo antes, fez um gesto obediente de cabeça.

— E qual foi a reação de Fräulein Lubert? — perguntou Lewis, pegando sua cigarreira.

Estava mais nervoso do que devia, um pouco temeroso do futuro confronto.

— Não olhou para elas. Insistiu em me encarar.

— Quem piscou primeiro?

— Como é?

— Não se preocupe. Então, acham que ela está ligada a tudo isto?

— Sabemos que está — afirmou Donnell. — Aqui. Isso foi encontrado na casa.

Donnell pegou o arquivo de desativação que Lewis achou ter perdido e deslizou-o na mesa.

— Foi encontrado juntamente com várias provas incriminadoras — comentou Donnell, conferindo suas anotações. — Era uma pequena farmácia. Cartões de racionamento, goma de mascar, penicilina, quinino, sacarina, sal, fósforos, pedras de isqueiro, preservativos. Eles tinham de tudo. Até mesmo uma maleta cheia de pegadores de açúcar.

Lewis olhou para a pasta, mas não a tocou. Abriu a cigarreira, tirou um cigarro e acendeu-o.

— E isso prova o quê?

— Ela confessou ter roubado a pasta — explicou Burnham. — Mas muito mais.

O estilo de Burnham era interessante. Como alguém jogando cartas, a rigidez de sua expressão se intensificava com sua certeza da vantagem.

— Frieda Lubert integrava um grupo liderado por seu pretense assassino. A julgar pelo modo como falou dele, eram íntimos. Alega não saber nada sobre o plano para assassiná-lo, mas isso parece improvável. O nome dele é Albert Leitman — disse Donnell, entregando uma fotografia a Lewis. — Ela a levava na bolsa quando a prendemos. No final da guerra, ele estava com a bateria antiaérea Alster em Schwanenwik.

Lewis olhou para a fotografia e sentiu-se miserável. Albert vestia o uniforme de artilheiro antiaéreo, cabelo alisado com brilhantina, sorrindo com orgulho no alto de uma plataforma de disparo. Um jovem bonito e orgulhoso pronto para defender seu país.

— Foi a única fotografia que provocou uma reação emocional em Fräulein Lubert — acrescentou Donnell.

— Vejo que o reconhece, coronel — observou Burnham. — Conhece este homem?

— Ele me parece mais um menino — retrucou Lewis.

— Homem ou menino, ele matou seu segundo em comando. E acreditamos que ele e sua gangue sejam responsáveis pelos sequestros de caminhões e roubos de propriedade da CCA. O grupo corresponde ao perfil de outros grupos insurgentes inspirados pelos lobisomens na região.

— Como é esse perfil, major? Subnutridos? Órfãos? Menores de dezesseis anos? Ela é apenas uma menina rancorosa. Foi manipulada por alguém mais poderoso que ela, alguém também com rancor.

— A história de um país inteiro: “Fomos manipulados, excelência!” — brincou Donnell.

— Ela demonstra uma impressionante falta de gratidão para com alguém que transpareceu tanta gentileza — disse Burnham. — Ela nos culpa por destruir seu país, sua cidade, sua mãe. Roubar sua casa. Ela reclamou de tudo, até de sua esposa.

— Rachael fez um grande esforço para ser amigável.

— Um pouco amigável demais, segundo a garota. Vejamos — disse Burnham, buscando suas anotações do interrogatório. — “Frau Morgan tentou roubar meu pai.”

Lewis manteve os olhos em Burnham, esperando para ver se o major sabia algo mais do que ele mesmo.

— Obviamente está com raiva e delirante e suas opiniões não devem ser levadas a sério — continuou Burnham. — Mas parece que o senhor não conseguiu conquistá-la, coronel.

— Ela tem quinze anos.

— O senhor e eu sabemos que a idade dela não é justificativa. A marca no braço é suficiente para que eu a fuzile — falou, olhando novamente suas anotações. — “Não posso lhes dizer onde ele está. Mesmo se me mantivessem aqui por mil anos, eu não poderia dizer!” Percebeu como os fanáticos sempre pensam em grupos de mil anos?

O coração de Lewis estava acelerado de ansiedade.

— Devo supor por seu silêncio, coronel, que não tem interesse na captura de Leitman? Em vê-lo ser levado à justiça?

— Diga-me, major, caso o capturasse, qual seria sua sentença?

— A lei o sentenciaria à morte.

— Quero dizer, isso o *satisfaria*?

— Quando apanhado, ele será executado.

— Albert Leitman já foi executado.

A superfície serena de Burnham finalmente foi perturbada: uma testa franzida; um estranho olhar de esguelha para Donnell; um suspiro cansado.

— Eu o persegui até o Elba. Ele tentou atravessar, mas o gelo começou a se partir. Ele caiu. Eu o vi morrer.

— Atirou nele?

— Ele se afogou.

Donnell parou de rabiscar.

— Vamos esclarecer isso, coronel: o senhor o viu morrer? Tem certeza disso? Existe alguma chance de ele ter escapado ou nadado para o outro lado?

— Eu o deixei morrer. Não vou me esquecer disso.

— O senhor se esqueceu quando relatou o incidente à polícia.

— Eu estava... em choque — rebateu Lewis, achando a reação de Burnham a isso, um sobressalto de contentamento, estranhamente tranquilizadora. Continuou: — Lembro que o senhor uma vez disse algo sobre querer reconstruir a psique deste povo brutalizado, major. Não foi o que disse? O discurso para Shaw? “Doze anos de ignorância e analfabetismo os transformaram em animais.”

Burnham não respondeu. Simulou uma espécie de tédio, no qual Lewis não acreditou.

— Suponho que ainda esteja comprometido com isso.

— No caso de Fräulein Lubert, não haverá tempo.

— Há tempo.

— Não seja ridículo, coronel — protestou Donnell. — Ela ajudou o assassino. Temos provas.

— Vocês irão fuzilá-la por roubar um arquivo? Vejam, gostaria de propor um acordo. Caso a liberem, eu reconstruirei sua psique em um dia. — Lewis não esperou uma resposta. — Tenho aqui dois relatórios que preciso apresentar a Billier. Barker estava trabalhando em ambos. Dizem respeito a coisas distintas, mas estão relacionados. O primeiro é um registro de pacientes desaparecidos em todos os hospitais e asilos que ainda não regressaram a suas famílias. É um trabalho substancial, pelo qual só tenho o crédito de ter iniciado. No entanto, tal trabalho levou à descoberta de que a esposa de Herr Lubert está viva e em um asilo franciscano em Buxtehude. Uma informação que, estou certo, vocês não iriam querer esconder de uma garota que acredita que a mãe está morta e que começou a agir motivada por essa crença. Gostaria de mostrar isso a Frieda e, então, levá-la para ver a mãe.

— Tudo isso é muito interessante — disse Burnham. — Mas não muda o fato de que Fräulein Lubert é cúmplice de um crime, coronel.

Era hora de mostrar a mão completa.

— O outro relatório tem um interesse mais direto.

Lewis tirou de sua maleta uma pasta azul e empurrou-a sobre a mesa. Burnham olhou para o título: "Exportação não autorizada de bens de valor de propriedades alemãs." Abriu o relatório, sem revelar sua verdadeira reação. Começou a examinar as páginas importantes devidamente destacadas por Barker. Lewis ficara chocado com as quantidades. Os Burnham não haviam desviado um volume discreto de bens; haviam saqueado uma enormidade. Ele esperou que Burnham dissesse algo.

O major manteve os olhos baixos enquanto fechava o relatório e, embora sua expressão revelasse pouco, Lewis sentiu o equilíbrio de poder passar para seu lado da escrivaninha. Após um longo silêncio, o major piscou. Depois olhou para Lewis. Foi um olhar curioso, de questionamento e espanto genuínos. Burnham ergueu o relatório na palma da mão, como se tentando adivinhar seu peso.

— Sua capacidade de... negligenciar... os erros dos outros não tem limites. O senhor realmente é... um mistério para mim coronel.

* * *

Quinze minutos depois, Lewis estava de pé do lado de fora da pesada porta gradeada da cela do centro de detenção, espiando Frieda pelo visor. Estava encolhida em um banco, os joelhos colados no peito. Não parecia ferida, mas estava completamente arrasada; mais uma garota de quinze anos do que uma rebelde mortal. O médico a examinara e dissera não ter encontrado sintomas de subnutrição, edema, tuberculose ou qualquer dos males que afetavam seus compatriotas. Mas as cólicas ele podia explicar.

— Não há nada com que se preocupar, senhor, embora os pais dela possam pensar diferente — falou. — Ela está grávida.

Quando Lewis entrou na cela, Frieda estremeceu e encolheu-se. Para tranquilizá-la, ele se manteve junto à porta e estendeu a mão. Frieda recuou para a parede e abraçou com mais força os joelhos. Sua aparência desafiadora e seu ar de ressentimento sumiram para revelar um âmago de simples temor animal.

— Eu não sabia... Não sabia o que ele estava planejando.
— Está tudo bem. Venha.
— Para onde?
— Para casa.
— Por quê?
— Por quê? Bem, porque é onde você deveria estar.
— Não é mais minha casa.
— É melhor que isso.
— Mas aquele homem disse que eu iria para a prisão.
— Meu carro está estacionado na Ballindamm. Vou esperar você do lado de fora.

Lewis deixou Frieda olhando para a porta aberta. Disse ao guarda para deixar a garota sair no seu ritmo e se foi. Nos degraus do centro de detenção, ele acendeu um cigarro e esperou, observando dois jovens lançarem um barco a vela nas águas descongeladas de Binnenalster. A Jungfernstieg estava agitada com pedestres, todos indo para algum lugar, deslocando-se objetivamente. Cem vidas tomando decisões, cometendo erros, fazendo barganhas, acordos, promessas, tendo encontros amorosos.

Um cigarro depois, Frieda apareceu na entrada. Parou a alguns metros dele. Lewis apagou a guimba com o calcanhar, indicou a ela para onde estava indo e saiu. Caminhou alguns metros à frente, certificando-se de que ela o seguia, mas deixando que mantivesse distância, fazendo o jogo de fingir que não estavam juntos para que ela não se sentisse ainda mais envergonhada do que estava.

No final da Jungfernstieg havia uma loja de madeira novinha pintada de branco com teto de ferro corrugado, que vendia doces e jornais. Lewis parou e comprou um saco de balas de hortelã para a viagem e um exemplar do *Die Welt*. A capa mostrava uma fotografia aérea de Helgoland com a legenda: "Ilha se prepara para grande explosão." Passou os olhos pelo primeiro parágrafo: "Restos da máquina de guerra nazista serão destruídos em uma poderosa detonação."

Frieda parara alguns metros atrás. Lewis segurou os doces, sabendo que ela recusaria se oferecidos publicamente. Um grande comboio de caminhões levando entulho subiu a rua, serpenteando. Poeira e terra arremessadas fizeram estalidos no piso. Eles esperaram que os caminhões passassem e atravessaram até o Volkswagen marrom-lama de Lewis, que segurou a porta aberta para Frieda e deu-lhe os doces.

— Para você.

Ela os pegou e entrou.

Seguiram para o sul, depois leste, passando pelos enormes armazéns de HafenCity, seguindo as águas do Nordelbe até chegarem ao vazio que era Hammerbrook.

Frieda permaneceu em silêncio, encolhida e sem olhar para Lewis. Quando entraram na *autobahn* para Buxtehude, ela se empertigou.

— Este não é o caminho.

— Eu sei.

— Estamos indo na direção oposta. Minha casa é para lá.

— Eu sei — disse Lewis. — Mas estamos indo por um caminho diferente.

— Mas é a direção errada. Vai demorar mais.

— Confie em mim. É um caminho melhor.

A caminho do escritório de certificação, Lubert passou pela única parede remanescente do velho museu de arte — “Parede Alguém Viu” —, ainda abarrotada de pedidos, muitos superpostos a pedidos anteriores de informações sobre entes queridos desaparecidos. Fora acrescentada uma nova seção de fotografias, de crianças perdidas à procura dos pais. Um homem e uma mulher estavam debruçados sobre elas, olhando dolorosamente cada foto. Nos meses após A Catástrofe, quando as pessoas finalmente foram autorizadas a retornar à cidade, Lubert fora lá quase todos os dias. Embora na época fosse outono, algo estranho havia acontecido à vegetação: árvores e arbustos queimados nos ataques de verão de repente brotaram novamente e, completamente fora da estação, lilases e castanheiras floriram. A nova tolerância do solo submetido ao calor permitiu uma bizarra colonização das ruínas por plantas e flores: ranúnculos, morrião-dos-passarinhos, malva e epilóbio estavam por toda parte, crescendo das cinzas de entes queridos. Lubert se recusara a acreditar no relato de testemunha ocular da companheira de Claudia, Trudi, de que ela morrera no furacão de fogo, e insistira em somar um aviso à colagem de mil avisos similares. Aquela era a primeira vez que passava pelo muro sem precisar olhar.

— Espero que os encontrem — disse ao casal, depois caminhou para o escritório na base de Steindamn.

As esperanças de Lubert estavam então concentradas na concessão de sua liberação, para que pudesse voltar a trabalhar. Ele se esforçou bastante para conter as expectativas. Nem todos que

iam pegar um certificado saíam felizes; muitos eram mandados embora de mãos vazias e com avisos de retornar para novas perguntas, muitas vezes sem saber o motivo. No entanto, desde a volta de Claudia, ele começara a ter ideias, visões totalmente formadas de prédios se erguendo do entulho: uma nova Rathaus, uma ponte sobre o Elba, uma sala de concertos no porto. Eram ideias fantasiosas e cheias de ambição, provavelmente apenas os lamentos visuais de um arquiteto fracassado e frustrado, mas continuavam a surgir. Claudia lhe disse para deixar fluir seus velhos projetos. Lubert não olhara para eles desde antes da guerra, e seu caráter juvenil o levou, ao mesmo tempo, a sorrir e fazer caretas. O idealismo e a arrogância de seus dias de estudante — era como ler uma velha carta de amor. Ele encontrou o projeto para sua “Casa sem história”, a aldeia operária com jardins e canais, fontes e espaços de recreação. O nome era uma vaidade juvenil: quem um dia projetara, quanto mais construía, uma casa sem referência ao passado? O professor Kramer, seu orientador no instituto, descartara seus planos como ideologicamente contaminados e burgueses demais. Lubert era muito imaturo para discutir com alguém tão sofisticado, mas, naquele momento, vinte anos depois, pensou ter visto nos projetos algo que parecia de uma relevância urgente.

Havia duas pessoas na sala de espera: uma mulher roendo as unhas e um homem lendo um romance. Ocupou um espaço no banco em frente a eles e, enquanto ficava sentado ali, tentou descobrir quem conseguiria o certificado e quem não. Achou que a mulher, que continuava olhando para os pés de modo a garantir que estavam perfeitamente paralelos, era, apesar do nervosismo, um tom de cinza aceitável; enquanto o homem lendo o livro e virando as páginas com mãos enluvadas parecia calmo demais para ser inocente. Lubert podia facilmente imaginá-lo no uniforme imaculado da SS, polindo sua caveira todas as manhãs. Ele certamente estava disfarçando sua antiga vida. O que ele fazia na mesma sala que aquele homem?

— Há quanto tempo está esperando? — perguntou Lubert ao sujeito, buscando algum elemento biográfico que confirmasse suas suspeitas.

— Já esqueci.

O homem nem sequer levantou os olhos do livro.

— E quanto à senhora? — perguntou Lubert à mulher.

— É minha terceira vez aqui — disse, sem responder à pergunta.

— Continuo dizendo a eles o que já sabem. Não éramos casados. Nem mesmo amantes! Apenas fui ao teatro com ele algumas vezes. E agora querem me jogar em um campo de confinamento.

Lubert podia imaginar os detalhes sozinho: o homem deveria ser Alguém no partido, e ela fora sua acompanhante inocente. Uma história bastante comum.

— Acalme-se, mulher — disse o Caveira. — Quanto mais insistir, menos eles acreditarão. Poupe sua energia. Sustente sua história. Não tem nada a temer caso mantenha sua versão.

Ele voltou ao livro. Lubert não tinha dúvidas: aquele sujeito era preto como seus sapatos.

A espera se arrastou. Talvez fosse parte da trama: dar-lhes tempo suficiente para que os questionamentos surgissem; deixá-los sentados naquela sala fedorenta com outros sujos e esperar que começassem a acusar uns aos outros.

— Rosa Turnweg?

A mulher se aproximou rapidamente do balcão, que lembrava um caixa de banco, com uma janela e um buraco abaixo, pelo qual a notícia boa ou ruim era transmitida. Lubert tentou escutar o que estavam dizendo, mas era difícil. Algo foi passado para ela pelo balcão.

— O que é isto? — perguntou a mulher. De repente deu um guincho, batendo a mão no balcão. — Não! Chega de entrevistas! Por Deus! Não há mais nada. Já lhes contei tudo que posso. Preciso desse certificado! Deixem-me viver minha vida!

Nenhum consolo veio do funcionário do outro lado do vidro. Apenas silêncio. Quando a mulher continuou a protestar, o guarda

de plantão se adiantou e conduziu-a para fora, antes que fizesse mais escândalo. Apesar da tripla rejeição, Lubert tinha certeza de que a mulher havia sido difamada.

Minutos depois, o funcionário oculto chamou Caveira.

— Herr Brück.

Certamente um nome do partido, se havia um. Herr Brück parecia muito confiante. O desgraçado terá um choque.

Caveira foi ao balcão. A mesma voz abafada veio de trás do vidro, e algo foi empurrado pelo buraco. Herr Brück olhou e ergueu. Era um certificado: um adorável certificado de branco absoluto.

Claudia estava certa: ele era impulsivo demais. Rápido demais para decidir. Era — como Kramer sempre lhe dissera — o que fazia dele ao mesmo tempo um bom e um péssimo arquiteto.

Lubert não imaginara ser recusado — acreditava em sua inocência e até em um nebuloso conceito de justiça britânica —, mas então surgiram dúvidas. Talvez tivessem descoberto algo de que ele nem sequer tinha consciência, ou houvessem estabelecido uma ligação com alguém na família em algum lugar, localizado um primo de Bormann, um tio de Himmler. Talvez tivessem descoberto seu adultério com Rachael.

— Stefan Lubert?

Mau começo. O funcionário britânico pronunciara seu nome ao estilo francês, com “T” mudo. Quando Lubert se levantou, as pernas formigavam. O funcionário atrás do vidro usava o uniforme azul-marinho da CCA e tinha um daqueles bigodinhos que o Führer transformara em sua assinatura. Lubert nunca gostara de bigode e secretamente achara o do Führer uma afetação tola. Era estranho que tantos militares britânicos ainda escolhessem aquele estilo. Será que não viam quem eles lembravam? E pensar que poderia ter sua liberdade negada por um sócia inglês de Hitler.

— Seu certificado.

Um cartão branco com os dizeres “Certificado de Liberação, Comissão de Controle da Alemanha” veio através do balcão. Lubert olhou para ele. Quase não tinha texto. Metade era tomada por um

selo da CCA e pela assinatura do funcionário de Inteligência. A assinatura era precisa e controlada, exceto pela volta extravagante da primeira letra do sobrenome. Burnham.

Lubert acariciou o certificado, cheirou-o e até levou-o ao peito, como se fosse uma carta de amor. Ele tinha um *Persilschein!* Quis beijar o sócio de Hitler, agitar o certificado no ar e contar a toda Hamburgo: “Estou limpo! Livre para trabalhar! Livre para viajar! Livre para viver!”

Lubert saiu do prédio. Respirou fundo e atravessou a rua, ficando bem no limite das ruínas. Steindamm marcava o limite externo do alcance da tempestade de fogo e, mesmo quatro anos depois, ainda era evidente: de um lado da rua, havia prédios de seis andares; do outro, uma área de ruínas se estendendo ao sul até Hammerbrook, como uma grande planície se deparando com penhascos nus irregulares. Era sem vida, a não ser por rouxinóis pretos procurando por comida na neve derretida e por ninhos no entulho.

Ele observou os pássaros e começou a imaginar: todo o entulho retirado e as fundações de novos prédios cavadas, as raízes de futuros prédios florescendo do chão; uma biblioteca com uma galeria aberta debruçada sobre um pátio, um hospital com colunata, uma escola com motivos decorativos e bossagem! Um novo cinema com o jirau que era sua assinatura para projeções externas. Ruas para carros. Caminhos para bicicletas. Calçadas para pessoas. Árvores plantadas em adoráveis bulevares. Marinas no lago. Trens em vias suspensas, correndo acima dos tetos das casas. Fontes jorrando água em padrões floridos. Parques e jardins para pensar, conversar, brincar, discutir e partilhar. Ele podia ver toda uma nova cidade crescendo da desolação. Uma bela cidade para crianças, pais e avós, amantes e curiosos, para os debilitados e os recuperados, os desaparecidos e os sentidos, os perdidos e os reencontrados.

Epílogo

Ozi e Ernst caminhavam pelas margens do Elba, tomando o caminho dos fundos para a casa do inglês bom.

— Por que você não o matou? — perguntou Ernst. — Teve uma chance.

Era verdade. Ozi tivera a Fera na mira, o dedo no gatilho do Mosin-Nagant, a coronha pressionando o ombro, do modo como Berti mostrara. Eles estavam andando como caçadores pelo parque, pés para fora, joelhos flexionados, querendo acertar um faisão, quando ali, bem na frente deles, encontraram uma pantera negra com a cabeça dentro da barriga de um cervo, os músculos do pescoço se retorcendo enquanto arrancava a carne dos ossos. Ozi podia ver os dentes como teclas de piano, o pelo negro como o casaco elegante de uma dama, os olhos como esmeraldas. “Vá em frente!”, Ernst sussurrara. “O que está esperando?” Ozi poderia tê-la derrubado ali mesmo, mas não conseguiu e, no momento de incerteza, o grande felino olhara para cima, piscara os olhos cor de esmeralda e desaparecera.

Ozi deu de ombros.

— Não sei. Não consigo explicar.

Enquanto caminhavam, Ozi espantava a esquadilha de moscas que cercava sua cabeça.

— Estamos condenados a mil anos de moscas. As pequenas desgraçadas tomaram completamente a cidade. Elas não são seletivas. Uma mosca poderia requisitar um belo cocô, então convidaria toda a família e os primos para ficar e chamaria de lar.

— Agora sinto falta da neve — lamentou Ernst. — Pelo menos disfarçava o fedor.

Eles chegaram à curva do rio, o ponto do cais de onde Ozi jogara as cinzas da mãe. Ficou pensando onde ela estaria. Não havia como dizer aonde um rio poderia levá-lo caso você permitisse. Poderia estar em Cuxhaven. Helgoland. Sylt. Desde que não tivesse ficado presa nos bancos de lama de Grünendeich, só para que aqueles corvos gordos desgraçados a comessem no café da manhã. Houvera um momento, quando o vento soprara as cinzas dela de volta sobre suas botas e sua boca, que pensou que deveria tê-las espalhado sobre as ruínas de Hammerbrook ou sobre os gramados do Jenischpark. Mas ele se lembrou do que ela sempre dissera: “Eu gostaria de morar junto ao rio.” Então esperou que o vento parasse e tirou-a da lata de bolo em um punhado e jogou as cinzas, e desta vez elas pousaram como flocos de neve nas águas do Elba e flutuaram rumo a oeste, para o mar.

Quando chegaram mais perto da casa, Ernst começou a ficar inquieto.

— Não tenho certeza se deveríamos estar fazendo isto. Acha que deveríamos estar fazendo isso?

— Edmund é nosso amigo. Ele sempre nos dava cigarros.

— A polícia pode ainda estar procurando por nós.

— Vamos nos mover por entre as árvores, furtivos como a própria Fera.

Subiram a partir do rio, cruzaram os jardins e atravessaram a rua, indo de uma árvore para outra, até estarem diante dos portões da casa. Subiram em uma árvore para ter uma visão melhor por sobre a cerca do jardim. Ozi usara o visor da mira do Mosin para examinar.

— Está vendo ele? — perguntou Ernst.

O velho carro do Führer não estava mais na rampa, e a bandeira inglesa não tremulava mais no mastro. Não havia sinal de Edmund, do coronel ou de sua esposa. Nenhum vestígio.

— Não consigo ver os ingleses.

— Talvez tenham voltado para casa — sugeriu Ernst. — Provavelmente estão sentados junto aos penhascos brancos de Vindsor, fazendo piadas sobre as bolas de Hitler.

Ozi sentiu uma enorme tristeza ao pensar nisso, e não só porque precisava de cigarros. Continuou a examinar casa e terreno, esperando ter um vislumbre de seu amigo — ou de algum dos ingleses bons.

Através de uma janela do primeiro andar da casa, Ozi notou algo se mover. Ajustou o visor e viu as pernas de um homem em uma escada. O pai da garota de Berti estava arrumando alguma coisa: um quadro na parede. Ozi observou aquilo por algum tempo, depois continuou a mapear: janela-parede-janela-jardim. Viu uma senhora sentada em uma cadeira virada para o rio. Estava trabalhando em algo com agulha e linha, mas não conseguia ver o quê.

— O que consegue ver agora?

— Há uma senhora. Mas não é a Mutti de Edmund. Nunca a vi antes. Parece bastante legal. Embora não seja Marlene D.

— Alguém está atravessando o jardim — disse Ernst. — Uma garota gorda.

Ozi tirou os olhos do visor e viu uma garota cruzar o jardim na direção da senhora na cadeira.

— É a garota de Berti — disse, voltando a olhar pelo visor. — Alguém colocou uma bola debaixo da saia dela.

— O quê?

Ozi baixou o visor.

— A garota de Berti vai ser Mutti — falou, passando a mira para Ernst e continuando a observar a cena a olho nu. Pensou no irmão. Ele deveria saber de algo assim.

— Agora está vindo um homem — comentou Ernst.

Ozi viu o pai da garota de Berti cruzar o jardim até as outras pessoas com uma bandeja de café e bolo. Pousou a bandeja na mesa do jardim e puxou uma cadeira ao lado da senhora. Disse algo a ela e tomou sua mão.

— Vamos voltar mais tarde? — perguntou Ernst. — Ozi? O que você quer fazer?

— Vamos observar mais um pouco — respondeu. — Só quero ver o que acontece.

Agradecimentos

A meu pai, por me contar como, em 1946, meu avô Walter Brook requisitou uma casa em Hamburgo para a família e realizou algo único ao permitir que os donos permanecessem na propriedade, fazendo com que uma família alemã e uma inglesa partilhassem uma casa por cinco anos, no ano seguinte ao fim da Segunda Guerra Mundial. Situação que foi minha inspiração para este romance.

A meu tio Colin Brook, que, com meu pai, forneceu detalhes históricos fundamentais, lembranças e elementos (além de fotografias) daquela época. Sem isso não seria possível criar minha própria imagem ou história.

À minha agente, Caroline Wood, que por anos me atormentou para que eu escrevesse a história, insistindo em que fosse um romance (além de um roteiro para cinema), e não parou de me perturbar até que desse a ela palavras suficientes para poder despertar o interesse de uma editora.

A Jack Arbuthnot, produtor cinematográfico da produtora Scott Free, que, após ouvir meu papo, encomendou um roteiro, algo que levou minha agente a me perturbar ainda mais para escrever o romance.

A meus editores, Will Hammond, da Penguin, e Diana Coglianese, da Knopf, por depositarem fé em um livro do qual só havia um sexto escrito e por depois me ajudarem a esculpir o bloco de massa que finalmente entreguei e a transformá-lo em algo que merecesse ser lido.

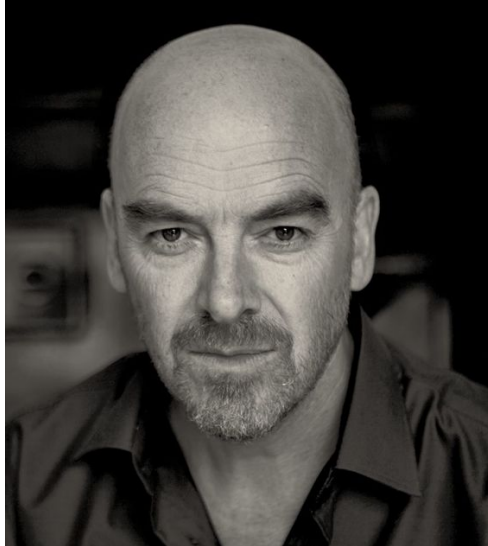
A vários amigos que, ao longo dos anos, me encorajaram a escrever outro romance quando eu não estava certo se iria, deveria ou conseguiria novamente. Vocês sabem quem são.

À minha esposa e editora-chefe, Nicola, que me aturou tentando escrever enquanto ensinava literatura realmente boa pelos últimos vinte anos.

Ao Autor de Todas as Coisas.

Sobre o autor

Nikki Gibbs



RHIDIAN BROOK é um premiado autor de ficção, roteiros para televisão e cinema. Seu primeiro romance, *The Testimony of Taliesin Jones*, recebeu diversos prêmios, incluindo o Somerset Maugham Award. Seus contos foram publicados em vários veículos, como *Paris Review*, *New Statesman*, *Time Out* e BBC Radio 4.

Títulos relacionados



A 25ª hora
Virgil Gheorghiu



No jardim das feras
Erik Larson



Os óculos de Heidegger
Thaisa Frank